



THERESA CHEUNG

Da mesma autora de *Como ver seus anjos*

EXISTE  
VIDA  
APÓS A  
MORTE

Depoimentos emocionantes sobre  
o que nos espera do outro lado

Benvirá

EXISTE  
VIDA  
APÓS A  
MORTE

THERESA CHEUNG

Da mesma autora de *Como ver seus anjos*

EXISTE  
VIDA  
APÓS A  
MORTE

Depoimentos emocionantes sobre o que nos espera do outro lado

Tradução  
Magda Lopes

Benvirá

Copyright © 2013 by Theresa Cheung

Título original: *The afterlife is real*

Gerente editorial: Rogério Eduardo Alves

Editora: Débora Guterman

Editores-assistentes: Johannes C. Bergmann, Luiza Del Monaco e Paula Carvalho

Edição de arte: Carlos Renato

Serviços editoriais: Luciana Oliveira

Estagiária: Lara Moreira Félix

Preparação: Silvia Mourão

Revisão: Fátima Couto e Laila Guilherme

Diagramação: Estúdio Plot

Capa adaptada do projeto original: Lizzie Gardiner/S&S Art Dept

Imagem de capa: © Andre Schuster/Corbis

Produção gráfica: Liliane Cristina Gomes

Impressão e acabamento: Gráfica Paym

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

C451 e

Cheung, Theresa

Existe vida após a morte: depoimentos emocionantes sobre o que nos espera do outro lado/Theresa

Cheung; tradução Magda Lopes. - 1. ed. - São Paulo: Benvirá, 2014.

280 p.; 21 cm.

Tradução de: The afterlife is real

ISBN 978-85-8240-111-8

1. Parapsicologia. I. Título.

14-08178 CDD: 130

CDU: 133

1ª edição, 2014

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Saraiva S/A Livrários Editores. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Benvirá, um selo da Editora Saraiva.

Rua Henrique Schaumann, 270 - 8ª andar

05413-010 - Pinheiros - São Paulo - SP  
[www.benvira.com.br](http://www.benvira.com.br)

## Orelhas

Uma brisa que balança a cortina quando todas as janelas estão fechadas, um forte perfume que de repente invade o ambiente, um objeto que muda de lugar da noite para o dia, uma pena branca que aparece sem explicação... Essas podem ser formas de um ente querido já falecido lhe dizer que está bem e sempre estará perto de você.

É cada vez mais frequente o testemunho de pessoas que afirmam ter visitado um outro mundo e encontrado seres espirituais enquanto estavam em coma ou passando por algum procedimento no qual corriam risco de morte. As pessoas que acordam depois de uma experiência extracorpórea costumam relatar que vivenciaram sensações de flutuar sobre o corpo ou de viajar por um túnel e são capazes de descrever cenas que realmente aconteceram enquanto estavam desacordadas.

Neste livro, Theresa Cheung compartilha seu conhecimento sobre o mundo espiritual e mostra que as respostas e a esperança estão sempre presentes, mesmo em meio à morte e às incertezas. A partir de depoimentos impressionantes de pessoas que tiveram contato com o além, seja através de visita de um parente ou amigo que não está mais entre nós, seja através de experiências de quase morte, Theresa responde aos questionamentos que invadem nossa mente em momentos de provação, independentemente de sermos ou não religiosos ou espiritualistas.

**Theresa Cheung** nasceu em uma família de médiuns e espiritualistas e há mais de vinte anos pesquisa fenômenos psíquicos. Jornalista, é autora de *best-sellers* como *An angel saved me*, *An angel spoke to me* e *An angel changed my life*. *Existe vida após a morte* é seu segundo livro lançado no Brasil; o primeiro, *Como ver seus anjos*, também foi publicado pela Benvirá. Conheça mais sobre a autora em [www.theresacheung.co.uk](http://www.theresacheung.co.uk).

## Contracapa

O que acontece quando morremos? Encontraremos novamente nossos parentes e amigos falecidos? Existe vida após a morte?

Essas e outras perguntas relacionadas ao mundo espiritual povoam a mente daqueles que perderam entes queridos. Para responder a esses questionamentos e mostrar que todos nós - médiuns ou não — podemos nos comunicar com o “outro lado”, a espiritualista Theresa Cheung reúne relatos de pessoas comuns que tiveram uma experiência de quase morte ou de contato com familiares e amigos que já não estão entre nós e viram a própria vida ser transformada.

## **Sumário**

Introdução - Apresentando o meu caso

1 - O que aconteceria se...?

2 - Relatos de testemunhas oculares

3 - Visões no leito de morte

4 - Visitações vindas do outro lado

5 - Telefonemas dos mortos

6 – Sinais

7 - O céu é real

Um convite

Agradecimentos

## Introdução

### Apresentando o meu caso

Às vezes em um tribunal é impossível provar um caso sem que haja uma sombra de dúvida. Pode haver evidências sugerindo o que é ou não verdade, mas talvez não haja provas suficientes para remover todas as incertezas, e, quando isso acontece, tanto o juiz como o júri precisam confiar nas declarações das testemunhas, em evidências circunstanciais e na intuição ao tomar uma decisão e adiar ou indeferir o processo. De maneira muito semelhante, para mim é impossível provar conclusivamente que o céu é um lugar real porque, quando se trata de questões espirituais, não pode haver prova absoluta e definitiva; mas o que *posso* fazer é oferecer algumas evidências terminantes e conclusivas. Então caberá a você avaliar atentamente essas evidências e decidir por si.

O objetivo deste livro é apresentar o que acredito serem provas convincentes da existência de vida após a morte. O primeiro capítulo define o contexto, explicando quem sou, de onde venho e por que achei que tinha de escrever este livro.

Neste momento introdutório, tudo o que peço é que você mantenha a mente aberta, como faria se fosse escolhido para participar de um júri.

No capítulo 2, começo a apresentar meu caso junto com uma série de testemunhos fornecidos por pessoas comuns que dizem saber com certeza que o céu existe porque elas realmente morreram e estiveram lá. Observaremos aqui o fantástico fenômeno das experiências de quase morte. O capítulo seguinte tratará do delicado tema das visões no leito de morte, quando a pessoa que está morrendo relata ver ou ouvir espíritos, ou quando a família, os amigos ou os cuidadores testemunham algo extraordinário ocorrendo próximo ao momento da morte.

O capítulo 4 é sobre entes queridos que já partiram e que nos visitam no decorrer de nossa vida cotidiana. Depois, no capítulo 5, descreverei os fenômenos de espíritos que se comunicam através de telefonemas e outras tecnologias. O capítulo 6 vai discutir alguns dos sinais e mensagens mais comumente enviados pelo outro lado e também abordará o tema de crianças que veem espíritos, assim como o de animais de estimação e a vida após a

morte.

O capítulo final tentará mostrar que a morte de um ente querido pode conduzir a um novo relacionamento com essa pessoa em espírito, assim como à retomada e ao fortalecimento da fé. Espero que esse capítulo abra uma janela e deixe entrar um raio de luz na escuridão do luto.

Os depoimentos que você vai ler enquanto apresento meu caso são surpreendentes, reconfortantes e fascinantes. No entanto, apesar de seu conteúdo amplamente variado, todos têm um elemento em comum: são baseados em fatos, não em fantasias. Como acontece com todos os livros que escrevo, sou profundamente grata àqueles que me deram permissão para compartilhar suas experiências e sua integridade. Alguns enviaram suas próprias versões de suas experiências, mas na maioria dos casos escrevi suas histórias com base no que me foi relatado ou enviado, e, quando solicitado, nomes e detalhes pessoais foram modificados para proteger sua identidade.

Todos os que contribuíram me emocionaram profundamente com sua verdade e honestidade e me pediram que incluísse aqui sua história, não visando uma promoção pessoal, mas porque queriam mostrar aos outros que o céu é real, ainda que nem sempre possamos vê-lo, senti-lo ou acreditar nele.

Então, se você está pronto para ler as evidências e tirar de uma vez por todas suas próprias conclusões sobre a existência de vida após a morte, vamos começar.

## 1. O que aconteceria se...?

*O que aconteceria se você dormisse? E o que aconteceria se, durante o sono, você sonhasse? E se, em seu sonho, você fosse até o céu e lá colhesse uma bela flor? E se, quando acordasse, tivesse a flor em sua mão? E então?*

Samuel Taylor Coleridge

As duas últimas décadas da minha vida foram dedicadas a difundir que a vida após a morte existe. Não lamento um único segundo desses anos todos e, embora tenham ocorrido muitos pontos de crise e momentos de grande medo e dúvidas ao longo do caminho, no fundo sempre acreditei na existência do céu. Acredito que os entes queridos nos observam do outro lado. Eles podem nos enviar mensagens e usar sinais sutis para nos tranquilizar e nos guiar. Também acredito que esta vida muito certamente não termina com a nossa existência física. Nós continuamos. Na verdade não morremos, porque o cerne real da nossa existência é espiritual, não físico.

Minhas primeiras lembranças de criar um vínculo intenso e poderoso com a vida após a morte ocorreram cerca de quarenta anos atrás, com recordações de minha tia-avó Rose, uma mulher notável, de fala suave e brilhantes olhos azuis. Eu era ainda muito pequena — provavelmente tinha 6 ou 7 anos - quando comecei a ir às suas demonstrações semanais. Na época eu gostava de ir porque isso significava que poderia ir para a cama mais tarde do que o habitual, mas também gostava das reuniões porque era fascinante sentar no fundo da sala e observar os adultos. Eles geralmente ficavam zanzando pela sala, parecendo distantes, sérios e formais, e então minha tia-avó começava a falar, e eu os via se transformar brevemente em pessoas que me davam uma sensação agradável e das quais eu poderia gostar. Sua expressão se tornava mais suave. Eles começavam a conversar uns com os outros, a sorrir ou até mesmo a chorar, e toda essa espontaneidade os fazia parecer mais bondosos, menos duros. Também me lembro claramente de que, quando os adultos entravam na sala no início da sessão, nunca pareciam me notar, mas, quando a sessão terminava e eles se preparavam para se retirar, de repente tomavam conhecimento de minha presença. Eu me tornava importante. Eles sorriam ou piscavam para mim, ou até se aproximavam e conversavam comigo. Eu era alguém que merecia receber atenção, e isso me proporcionava uma sensação

maravilhosa.

Infelizmente, não consigo me lembrar muito bem do que minha tia-avó dizia nas reuniões. Foi o impacto de suas palavras sobre quem frequentava as reuniões que me marcou mais. Entretanto, há algumas lembranças fortes - ou eu deveria dizer instantâneos luminosos? — que perduraram e ficaram permanentemente gravadas em meu coração e em minha mente. Naquela época elas não tinham nenhum sentido para mim e me faziam pensar que ser adulto era algo muito complicado; mas agora, revendo o passado com a ajuda de minhas próprias experiências de vida, consigo entender plenamente por que certo senhor caiu no choro quando Rose lhe disse que seu pai em espírito estava orgulhoso dele, ou por que uma moça sorriu e chorou quando lhe foi dito que o seu bebê agora estava dormindo em paz no céu.

Rose não era a única médium em minha família. Minha avó e minha mãe também nasceram com esse dom, e, enquanto eu crescia, era normal conversar sobre perceber, sentir e se comunicar com espíritos. Claro que houve momentos de desconforto — como na ocasião em que minha mãe falou para um dos meus professores que sua falecida mãe sabia que ele era *gay* e que queria que ele soubesse que ela aceitava aquele fato —, mas houve muito mais momentos maravilhosos.

Então, quando você leva em conta que nasci em uma família de espiritualistas, provavelmente não é nenhuma surpresa eu não ter dúvidas sobre a existência da vida após a morte. Na verdade, talvez você diga que sou tendenciosa e subjetiva em minhas crenças. Concordo inteiramente com você nesse aspecto, mas só porque acredito que continuamos a viver após a morte não quer dizer que você também tenha de acreditar. Meu objetivo não é convencê-lo de que o outro lado existe, mas simplesmente apresentar as evidências que reuni durante os mais de 25 anos em que venho escrevendo e pesquisando sobre o mundo psíquico para que você possa decidir por si mesmo. Considero essas evidências bastante convincentes, mas na verdade não importa o que eu penso ou em que acredito. O que importa mesmo é o que *você* pensa.

No entanto, como este capítulo inicial é em grande parte sobre minhas próprias experiências com a vida após a morte, trazendo as evidências que eu mesma posso apresentar, será útil neste momento você saber que, apesar de ter sido criada em uma família de espiritualistas, demorei quase quatro longas décadas para realmente fazer contato pessoal com o mundo dos espíritos e receber provas de que há vida após a morte.

Adoraria dizer que fui uma daquelas crianças que conseguiam ver pessoas mortas, como o menino daquele fabuloso filme de 1999 com Bruce Willis, *O sexto sentido*, mas não fui. Posso ter assistido a reuniões espirituais e observado minha tia-avó e minha mãe fazer contato com o mundo dos espíritos e transmitir mensagens emocionantes para uma audiência ansiosa, mas eu mesma não conseguia ver, ouvir nem sentir nada. Nunca sequer sonhei com espíritos. Na verdade, fui uma criança completamente normal - se é que isso existe. Havia muitas evidências de histórias contadas por pessoas que eu amava e em quem confiava, mas nenhuma comprovação vinda de mim mesma. Entretanto, a bem da verdade, essas evidências eram mais do que suficientes para mim. Eu não conseguia ver, sentir ou ouvir os espíritos e, por isso, simplesmente aceitava que não possuía o “dom”, mas isso não era importante para mim. Eu aceitava que o céu resolvera não se comunicar diretamente comigo, mas isso não alterava a minha crença na vida após a morte. Ainda acredito que o mundo dos espíritos está todo à minha volta. Afinal, desde muito cedo me foi ensinado que a verdadeira fé consiste em acreditar sem necessidade de provas. Então, em minha mente, eu não precisava de comprovação. Achava que simplesmente sabia. Inconscientemente, posso até ter me sentido um pouco aliviada por não conseguir fazer contato direto, pois, embora o mundo dos espíritos me fascinasse profunda e intensamente e fosse a força que dirigia a minha vida, uma parte de mim temia e não tinha nenhuma certeza se eu conseguiria lidar com ele. Como muitas pessoas atraídas para o lado espiritual das coisas, eu me conformei com o papel de crente e observadora. Não iria vivenciar diretamente aquele mundo, mas isso não me incomodava.

Sem que eu pudesse imaginar, quando cheguei aos 33 anos meu núcleo de confiança e aceitação seria profundamente abalado. Nada jamais voltaria a ser igual. Já contei essa história muitas vezes, mas torno a revivê-la cada vez que a relato e percebo que há algo novo que me inspira e me guia. O fato aconteceu há muitos anos, porém sempre parece recente e inédito, como uma realidade constante e um ponto de referência para toda a minha vida, antes e depois. Os eventos profundamente espirituais são com frequência difíceis de descrever em palavras, porque não há neste mundo um vocabulário que possa falar do que essencialmente não é daqui, mas me esforcei ao máximo para lhe transmitir os detalhes essenciais. Espero que eles cheguem até você.

Sou eu

Perto do final da década de 1990, quando estava morando e trabalhando nos Estados Unidos, fiquei a poucos segundos da morte. Estava atrasada para um compromisso e conduzia meu carro em direção a um cruzamento com tráfego intenso, tentando virar à esquerda. Sentia-me frustrada porque estava presa atrás de dois caminhões de entrega amarelos, imensos e sujos, que andavam muito devagar. Para aumentar minha aflição, vi que ambos pretendiam também virar à esquerda e, portanto, eu iria continuar atrás deles, andando a passo de tartaruga. Foi naquele momento que ouvi claramente a voz da minha mãe me dizendo para eu virar à direita. A voz veio de dentro da minha cabeça, mas soou como uma voz real. Minha mãe falecera havia muitos anos. A voz era tão firme e clara que foi impossível ignorá-la, e, contrariando toda lógica — pois virar à direita me levaria para longe do local aonde eu precisava ir —, virei à direita. Mal sabia naquele momento que, se tivesse virado à esquerda, como realmente pretendia, teria certamente morrido em um acidente envolvendo um cão sem dono, um caminhão e vários carros. O acidente matou três pessoas, uma das quais teria sido eu, pois quem faleceu ali foi o motorista do carro que estava bem atrás de mim no cruzamento.

Naquele momento, é claro, eu não tinha nenhuma ideia da colisão iminente, e minha decisão irracional de virar à direita me confundiu e depois me deixou furiosa, porque aquilo significava que eu teria de dar uma longa volta para chegar ao meu destino. Para piorar as coisas, como não consegui chegar lá a tempo, terminei perdendo um compromisso importante. Mais tarde, porém, quando voltava para casa, minha confusão e minha raiva se transformaram em choque e horror quando o trânsito se tornou muito mais lento e pouco a pouco fui me aproximando da cena de um terrível acidente. Naquele entroncamento, o caminhão que estava à minha frente tinha guinado para fora da pista. Vários carros — era difícil dizer quantos, em meio ao caos — haviam batido no caminhão e uns nos outros. O carro que estava atrás dele — que teria sido o meu — estava totalmente irreconhecível, e os outros dois que vinham a seguir estavam destruídos.

Há quatro anos eu ansiava por algum sinal ou contato de minha mãe, mas sempre achei que isso ocorreria em circunstâncias belas e edificantes - não nesse cenário de tragédia e horror. É claro que a minha primeira reação foi um sentimento de júbilo. Dizendo-me para virar à direita, a voz da minha mãe tinha salvado a minha vida. Eu jamais havia esperado receber esse tipo

de prova de que existe vida após a morte, mas ali estava ela. No entanto, naquela noite, quando vi na TV as imagens do acidente, aquele sentimento de júbilo pouco a pouco se transformou em um misto de dúvida, perplexidade e culpa. Aparentemente, um vira-lata atravessara a rua correndo, passando entre o primeiro e o segundo caminhão. O motorista do segundo caminhão enterrou o pé no freio, e isso causou o acidente. O motorista e o cão não ficaram feridos, mas duas pessoas ainda não identificadas que estavam no carro atrás dele e uma no outro carro morreram.

Foi quando soube que três pessoas haviam morrido - e uma delas poderia ter sido eu — que passei a desconfiar da minha experiência. Comecei a alimentar dúvidas razoáveis, e elas dominaram meus pensamentos. Será que eu realmente tinha ouvido a voz da minha mãe ou estava apenas me lembrando das muitas vezes em que ela me dissera para confiar em meu coração para escolher o caminho certo a seguir? Seria somente uma lembrança vívida? Ou, como a motorista impulsiva que eu era, simplesmente me cansara de ficar presa atrás de dois caminhões vagarosos que eu não conseguia ultrapassar?

Então me vieram à mente as vozes do desespero e da confusão diante da aparente gratuidade do acidente. Um vira-lata havia corrido para a rua e causara muito sofrimento. O cão não sabia o que estava fazendo. O motorista do caminhão causara o acidente, mas não de propósito. Sua reação para salvar a vida do animal era compreensível. Ele provavelmente era um homem decente e bondoso que ouviu seu coração, não sua cabeça. Isso era crime? Ele pode não ter morrido no acidente, mas uma parte dele teria de conviver pelo resto da vida com a lembrança de que fora responsável pela morte de três pessoas inocentes. E o que dizer dessas pessoas? O que haviam feito para serem protagonistas dessa tragédia? Não tinham feito nada de errado; simplesmente estavam no lugar errado no momento errado, sem culpa nenhuma por isso. Não havia nenhum padrão ou propósito mais elevado nesse caso. O incidente todo — como é tão frequente em tragédias e acidentes — poderia ter sido evitado e parecia totalmente sem sentido, aleatório e injusto. Sempre pensei isso sobre os acidentes, mas mais ainda nesse momento em que sabia que uma das vítimas, num piscar de olhos, poderia ter sido eu.

Enquanto assistia aos noticiários naquela noite — embora a identidade das vítimas ainda não tivesse sido revelada — pensei em seus entes queridos, e minha cabeça e meu coração pesaram com o sofrimento e a intensidade de

sua tristeza e sua perda. Eu não conseguia parar de chorar e pensar: por que tiveram de morrer de uma maneira tão absurda?

Não conseguia parar de me perguntar por que foram elas e não eu. Havia um torvelinho de emoções dentro de mim: alegria por ainda estar viva, dor pelas pessoas que haviam morrido no meu lugar, raiva pela falta de sentido daquele acidente, mas, acima de tudo, culpa — culpa por ainda estar viva quando três pessoas estavam mortas.

Emocionalmente exausta, fui para a cama e dormi um sono leve, acordando nas primeiras horas da manhã. Estava coberta de suor, e meus travesseiros estavam no chão. Minhas roupas de cama haviam sido chutadas para longe. Lágrimas de dor e confusão começaram a escorrer de novo. Pensava naquelas três pessoas e imaginava onde estariam. Será que estariam bem? Sim, eu sempre acreditei na vida após a morte, mas será que acreditava nisso *agora*? A espada afiada e implacável da dúvida estava cortando meu coração em pedaços e dilacerando uma vida inteira de convicções. Talvez os ateus estivessem certos e tudo o que existe nesta vida não fazia sentido, eram apenas combinações aleatórias de nada. Talvez quando morrêssemos a morte *fosse* o fim e nossos corpos voltassem a se tornar parte da Terra, não do céu.

Nunca me sentira tão vazia, oca e só em toda a minha vida. Meus olhos estavam pesados e inchados, e meu corpo doía. Contemplar a possibilidade de viver o resto da vida sem a espiritualidade que me havia inspirado e sustentado até esse momento era pavoroso e exaustivo, tanto física como emocionalmente. Cheguei ao fundo do poço. Não acreditava mais. Não confiava que aquele acidente houvesse acontecido por uma razão. Não podia aceitar que existisse algum propósito mais elevado. Com a cabeça tomada por pensamentos de vazio e escuridão, mais uma vez caí em um sono inquieto e doloroso.

Não tenho certeza se foi um raio de sol ou uma voz que me acordou, mas, quando abri os olhos, vi e ouvi ambos ao mesmo tempo. A voz era tão real que me sentei e acendi a luz. Olhei em volta da cama, mas não havia ninguém ali. Então ouvi de novo a mesma voz. Agarrei as roupas de cama e as enrolei em torno do corpo. Talvez estivesse ficando louca. Afinal, ouvir vozes não é o primeiro sinal de loucura? Tinha ouvido vozes duas vezes em um dia: primeiro a da minha mãe, e agora essa. Entretanto, embora fosse possível explicar a voz de minha mãe como algo dentro da minha cabeça, essa agora era impossível de racionalizar ou explicar, pois não era da minha mãe, nem minha. Também não vinha de dentro da minha cabeça, mas era como se

alguém estivesse realmente no quarto. Era a voz melodiosa de uma mulher jovem, e tenho certeza de ter detectado um leve sotaque britânico, mas também parecia a voz de uma americana. De início, não entendi o que a voz estava dizendo. Sabia apenas que falava comigo, em toda a minha volta e dentro de mim, e então consegui discernir tenuemente o que ela dizia: “Sou eu. A Jane”. Daí ela prosseguiu, dizendo que eu não tinha nada a temer. Disse que estava tudo bem, tanto com ela como com seu marido, e que tudo ficaria bem comigo também. Tudo iria terminar bem.

Então a voz parou. Eu a chamei, mas já tinha ido. Dei um tapa em meu rosto — e doeu. Eu estava acordada. A voz havia sido real. Saí da cama e andei pelo quarto. Por alguma estranha razão, abri armários e janelas buscando uma explicação. Não sei bem o que estava procurando. Totalmente desperta agora, desci a escada e liguei a televisão, esperando que isso pudesse me acalmar os nervos. Não tinha ideia de que horas eram e fiquei chocada ao ver que eram quase 9 horas da manhã de sábado. Fiquei sentada ali durante algum tempo, olhando entorpecida para as imagens na TV e então uma onda opressiva de cansaço e desgaste me tomou. Devia ser por causa da insônia da noite anterior, e não lutei contra aquela sensação. Fiquei deitada no sofá e cochilei.

Era quase hora do almoço quando acordei, e o que vi na televisão, assim que abri os olhos, era agora aquela familiar e fantasmagórica imagem da minha quase morte, anunciada no noticiário local. Foi como esfregar sal em uma ferida aberta ou golpear um ferimento com um martelo. Não conseguia encará-la e procurei o controle remoto para desligar a TV, porém não consegui encontrá-lo; por isso levantei para desligá-la manualmente. Enquanto tateava o caminho até o aparelho foi impossível não ouvir o que estava sendo dito, e o que ouvi foi o maior choque que recebi na vida.

As vítimas do acidente tinham sido agora formalmente identificadas: um funcionário dos correios aposentado chamado Sam e um casal britânico recém-casado, residente na Flórida, Jane e Harry. No mesmo instante eu soube sem sombra de dúvida que a voz que ouvira de manhã era de Jane, a mulher que morrera no acidente. Realmente acredito tê-la ouvido falar comigo com um característico sotaque britânico-americano. Ela me disse que tudo ficaria bem. Como isso era possível?

E difícil minimizar o impacto que isso me causou. Era algo fora deste mundo. Devo ter ficado de pé ao lado da televisão por uns vinte minutos, imobilizada pelo choque e por uma sensação de assombro. O que havia

acontecido comigo era algo que minha mente racional jamais seria capaz de explicar.

Apesar de todo o medo, dúvida e incerteza, nada conseguiria mudar o que havia acontecido. Tinha sido real, e para sempre. Eu me senti intensamente privilegiada e reverente ao saber que Jane em espírito havia dedicado seu tempo para me visitar e me tranquilizar. Não conhecia nenhuma Jane, e não havia outra explicação para o nome me haver sido revelado dessa maneira. Sem que eu tivesse pedido, ainda assim me havia sido dada uma prova da existência da vida após a morte.

Ouvir vozes é frequentemente considerado o primeiro sinal de loucura, e, no início, fiquei muito apreensiva em discutir ou compartilhar a minha história com outras pessoas, mas quero logo esclarecer uma coisa: não sou louca. Posso ter minhas excentricidades e às vezes parecer um pouco sonhadora e preocupada, porém não sou mais louca do que qualquer outra pessoa. Nunca quis nem ansiei por esse tipo de experiência, e nada parecido com isso jamais tornou a acontecer, contudo aquilo aconteceu. Realmente aconteceu.

Ouvi aquela voz por apenas poucos instantes, entretanto foi o suficiente para transformar o resto da minha vida. Uma sensação de paz e conforto me envolveu, uma sensação que eu nunca havia tido antes, mas que de certa forma era um pouco familiar. A única coisa que posso dizer é que se parecia com um banho morno depois de um dia difícil ou com tomar um chocolate quente em uma fria noite de inverno. Levantei-me, preparei algo para beber, e a sensação de paz e conforto de saber que tudo ficaria bem continuou a me envolver como um cobertor. E, quando comecei a cuidar da minha rotina diária, uma sensação de responsabilidade, propósito, decisão e direção também começou a me envolver. Daquele dia em diante, eu passaria a viver de um modo que deixaria orgulhosas as pessoas que tinham morrido em meu lugar naquele acidente.

Ainda não tinha nenhuma ideia de por que minha vida fora milagrosamente poupada naquele dia e por que Jane tivera de morrer em meu lugar, mas no fundo eu sabia que ela e as outras vítimas estavam bem. Estavam na fase seguinte de sua jornada ou destino espiritual. E, embora de início eu tenha ficado muito nervosa e insegura quanto a compartilhar minha experiência com outras pessoas por medo do ridículo, à medida que os anos foram passando uma nova resolução e uma nova paixão começaram a crescer dentro de mim, e decidi contar a minha história - a minha prova pessoal de

que existe vida após a morte - para o máximo de pessoas que quisessem ouvir o que tenho a dizer. Por isso escrevi este e todos os meus outros livros sobre paranormalidade. Primeiro, comecei escrevendo obras de referência e enciclopédias sobre o mundo espiritual; então, em 2007, finalmente saí da minha concha e publiquei a primeira de várias coleções de histórias sobre anjos e experiências espirituais. No entanto, este livro difere das publicações anteriores, pois trata exclusivamente de experiências com a vida após a morte.

## Fazendo contato

Agora, minha paixão por difundir que existe vida após a morte continua tão intensa quanto naquele dia esclarecedor. Este livro acompanha os vários outros que escrevi sobre o mundo espiritual, e cada um deles transmite a mesma mensagem: somos seres espirituais tendo uma experiência humana, e não seres humanos tendo uma experiência espiritual. O fato de vários desses livros terem vendido milhares de cópias mostra que não estou sozinha. Há muitas pessoas, além de você, que acreditam no mundo dos espíritos ou ficam fascinadas ou atraídas pela ideia de uma vida após a morte. Na verdade, se os levantamentos e as pesquisas recentes estiverem corretos, há uma incrível massa de 60% de indivíduos acreditando na existência de vida após a morte.

Talvez você tenha sua própria prova de vida após a morte e esteja lendo este livro porque ele lhe dá uma sensação de reconhecimento. Ou talvez queira acreditar, mas não tem certeza, porque isso nunca lhe aconteceu ou porque você nunca teve nenhum sinal nem fez nenhum contato. Se este for o caso, meu conselho é: não force. Em muitos momentos na minha vida tentei fazer contato e só fiquei desapontada. É bem melhor manter o coração e a mente abertos, e então um dia, provavelmente quando você menos esperar, poderá ouvir um espírito chamar seu nome. Você já pode ser um adulto maduro quando isso acontecer, como ocorreu comigo, ou muito mais jovem ou muito mais velho. Histórias de um primeiro contato têm-me sido enviadas por pais de bebês e crianças pequenas e também por pessoas de até 94 anos! E algumas dessas histórias pertencem àquela categoria comumente chamada *visões do leito de morte* (mais adiante vou falar sobre elas em detalhes).

O ponto que estou tentando destacar aqui é que algumas pessoas podem esperar a vida inteira para ver espíritos ou talvez nem sequer cheguem a vê-

los até o fim ou depois dele, mas, mesmo que esse seja o seu caso, na verdade não importa. Sim, fui afortunada por ter tido vislumbres da vida após a morte, e muitas histórias que você vai ler neste livro vão surpreendê-lo ou provocar arrepios na sua espinha. No entanto meu objetivo ao escrever nunca foi o sensacionalismo, mas sim tranquilizá-lo e reconfortá-lo, mostrando que você não está sozinho e que, mesmo que não tenha nenhuma prova pessoal, há uma quantidade mais do que suficiente de provas dadas por pessoas comuns que podem tranquilizá-lo, apoiá-lo e lhe dar esperança. Quero mostrar que não são experiências extraordinárias que podem trazer conforto ou mesmo despertar a crença na vida após a morte, e sim a fé no poder eterno e indestrutível do amor; e quero mostrar que, mesmo que você possa às vezes se sentir muito só, o mundo dos espíritos muito provavelmente já vem tentando entrar em contato de maneiras que talvez você ainda não tenha percebido ou reconhecido.

Os entes queridos que já partiram usam com frequência sinais sutis e coincidências quando tentam nos dizer que estão nos visitando, e às vezes esses sinais são tão pessoais e discretos que os desprezamos como coincidências sem significado ou pensamos que os estamos inventando. Repito que esse certamente foi o meu caso e, quanto mais velha vou ficando, mais sou capaz de olhar para o passado e, valendo-me das experiências pelas quais passei, enxergar conexões entre o mundo dos espíritos e a minha vida concreta que, na ocasião, não consegui perceber. Realmente espero que depois de ler este livro você comece a rever sua própria vida e a recordar e perceber por si mesmo esses sinais e conexões. Talvez nos meses ou anos depois da morte de um ente querido você tenha conhecido alguém ou algo mágico tenha acontecido que o fez se sentir mais forte e melhor. Talvez acorde uma manhã e o peso da saudade não pareça tão opressivo. Talvez um belo pôr do sol ou uma música o toquem de modo especial e a vida não lhe pareça mais tão vazia e escura. O que quer que o tenha animado, talvez quando olhar para trás você começa a pensar naquilo como se lhe tivesse sido enviado pelo céu.

Tendo lido ao longo dos anos centenas de histórias sobre a vida após a morte, não só aprendi que não há idade ou estágio na vida que seja mais ou menos provável para um contato com o mundo dos espíritos, como também aprendi que os espíritos se comunicam conosco de incontáveis maneiras e tudo o que precisamos fazer é começar a procurar por eles e acreditar neles quando se manifestarem. E não cair na armadilha de achar que é preciso ser

médium, paranormal, clarividente, espiritualista, angelical ou profundamente religioso para ver espíritos. A mídia com frequência gosta de dizer que sou “paranormal”, “espiritualista” ou uma assim chamada “especialista em anjos”, e na maior parte do tempo fico contente em cooperar com as revistas e os jornais que usam esses qualificativos porque são fáceis de entender e atraem a atenção do leitor. Mas, se você tiver lido meus livros, vai perceber que nunca declarei ser nada disso. Na verdade, às vezes me sinto desconfortável por ser rotulada dessa maneira, porque até hoje ainda não acredito possuir o que é em geral chamado de “dom”: a capacidade de ver e ouvir espíritos. Para mim, sou apenas uma mulher comum. Sim, tenho tido experiências sobrenaturais, porém elas têm simplesmente acontecido sem razão ou explicação, e não porque tentei fazer com que acontecessem. Não consigo prevêê-las ou controlá-las e parei de tentar fazê-lo. Correndo o risco de me repetir, não penso em mim como alguém “paranormal” ou algo assim, como não creio ter nenhuma habilidade especial ou peculiar. Penso em mim como um ser humano comum, com um coração e uma mente abertos à possibilidade de contato com o mundo dos espíritos. Na verdade, como este livro deixará claro, a única exigência para ver espíritos é ter um coração aberto e confiante. Demorei quase quatro décadas para entender essa verdade vital.

Uma coisa que aprendi com o passar dos anos é que, quanto mais eu me esforço, mais distante o mundo dos espíritos pareço estar e mais só eu me sinto. Aprendi que as inseguranças, os medos e as ideias preconcebidas sobre a vida após a morte impedem qualquer possibilidade de contato, e não quero que você cometa os erros que cometi. Então, se a única coisa que você tirar deste livro for abrir sua mente para o mundo dos espíritos que já vive dentro e em torno de você, esperando para se revelar quando você estiver pronto, minha missão terá sido cumprida. Como verá nas páginas que se seguem, o mundo dos espíritos pode se comunicar conosco de muitas maneiras visíveis e invisíveis. Sim, algumas pessoas podem ser abençoadas com a rara capacidade de realmente ver ou ouvir espíritos, e também há aqueles casos extremos de pessoas que de fato morreram e foram para o céu e voltaram à vida para contar sua história, mas é mais comum sentir um aroma, uma presença ou uma mudança na energia ou vivenciar a experiência de ter um sonho vívido e quase natural com um ente querido que já partiu. Mais comuns ainda são os sinais e as coincidências sutis e suaves que podem ser facilmente perdidos se seu coração e sua mente estiverem fechados — uma

pena branca, um arco-íris, uma borboleta, para citar apenas alguns.

Tenho tido outros encontros com o mundo dos espíritos - e se você quiser descobrir mais pode ler a esse respeito em alguns de meus outros livros —, mas a minha experiência naquela estrada permanece sendo para mim a mais monumental e convincente, e é por isso que decidi iniciar este livro com ela. E o meu próprio depoimento. É a melhor evidência que eu pessoalmente posso lhe oferecer da existência do céu, porque, quer acredite ou não em mim, eu sei que o que aconteceu comigo foi real.

Mas a vida após a morte realmente existe?

Essa é uma pergunta que todos nós nos fazemos. Quando chegar a nossa hora, estará tudo acabado? Existe vida após a morte? E, se existe, como é? A morte é precedida pelo céu ou pelo inferno? Nós nos tornamos fantasmas? Ou Platão estava certo e nosso corpo morre, mas nossa alma permanece?

Espero que as histórias que você vai ler nas próximas páginas no mínimo o levem a pensar que pode haver mais na vida do que os olhos podem ver. Nas palavras de Nietzsche, “até um pensamento, até uma possibilidade pode nos abalar e nos transformar”. E opção sua acreditar ou não — é sempre escolha sua. Tudo o que peço neste momento é que não feche sua mente e apenas comece a se perguntar: “E se...?”.

Quanto a experiências sobrenaturais, é encorajador que muitos cientistas hoje estejam começando a perguntar “E se...?” e a manter a mente aberta para a possibilidade de haver vida após a morte. Uma das coisas mais fascinantes que descobri ao realizar as pesquisas para este livro é que, ao contrário de negar a existência de vida após a morte, a ciência moderna está realmente optando por explorar e, em alguns casos, até abraçar essa possibilidade. Na vanguarda dessa pesquisa está a exploração do fascinante fenômeno conhecido como experiência de quase morte, que vou descrever no próximo capítulo. Estudando milhares de relatos detalhados de pessoas à beira da morte, um número crescente de cientistas e médicos se viu chegando à surpreendente conclusão de que as experiências de quase morte (ou EQMs) proporcionam evidências científicas tão poderosas que é razoável aceitar a existência de vida após a morte. E, à parte as EQMs e a busca de provas sólidas, a própria ciência também está descobrindo muitas coisas que não pode provar fisicamente, mas acredita serem verdade - como a matéria efêmera, o espaço curvo, o tempo líquido, para citar apenas algumas -, e não há razão pela qual a existência de vida após a morte deva ser encarada de modo diferente. Na verdade, segundo a perspectiva da ciência quântica, as

visitas do mundo dos espíritos são simplesmente coisas que os seres humanos ainda precisam entender melhor.

A ciência quântica e o testemunho de pesquisadores e médicos respeitados com relação às EQMs são evidências convincentes, porém estou bem consciente de que sempre haverá céticos que tentarão encontrar alternativas e explicações mais racionais para as histórias que parecem confirmar a existência de vida após a morte. Entretanto, para aqueles que acreditam, para aqueles que confiam no céu, nenhuma explicação jamais terá maior poder de transformar e inspirar sua vida do que a força da crença que eles têm. Mais uma vez, a crença está bem no centro da questão - e quem somos nós para questionar ou explicar o poder de uma crença para transformar vidas?

Beleza, mistério, cura e uma reverência mais profunda pelo mistério sagrado da existência caracterizam todas as histórias aqui apresentadas. Cada uma delas pode ser uma porta de entrada, uma passagem para outro entendimento da realidade. E, se você se permitir fluir com a leitura, sem julgamentos, pode se surpreender diante de sua própria capacidade de despertar sua alma e abraçar níveis de consciência espiritual que anteriormente desconhecia. Mas, não importa quanto este livro o afete, não tenho dúvida de que você será inspirado e energizado - como eu nunca deixo de ser - pelas histórias verdadeiras de pessoas que levam uma vida comum e captaram um vislumbre de algo surpreendente. E, quer você já tenha ou não visto espíritos e prefira acreditar ou não neles, tenho certeza de que ler sobre a vida de pessoas que foram transformadas será uma experiência realmente emocionante e edificante. Quanto a mim, trabalhar neste livro abriu meus olhos para novas possibilidades e renovou minha fé.

Sim, em minha opinião e, como veremos nas próximas páginas, na opinião de inúmeras outras pessoas de todos os tipos, a vida após a morte é real. Nossos entes queridos que já partiram estão lá esperando por nós. Eles nunca estão distantes e querem se comunicar conosco. Tudo o que precisamos fazer é ouvi-los. Tudo o que precisamos fazer é continuar nos perguntando:

“E se...?”.

E se... não morremos?

E se... existe vida após a morte?

E se... o céu for real?

## 2 Relatos de testemunhas oculares

*Acho que a morte é uma enorme aventura, um portal para uma nova vida, em que você tem mais poderes, alegrias mais profundas e horizontes maravilhosos.*

Dr. Leslie D. Weatherhead

É improvável que algum dia venhamos a ter provas científicas sólidas de que existe vida após a morte, mas temos algo que se aproxima muito disso: trata-se dos relatos de pessoas que tiveram morte constatada ou estiveram à beira da morte e voltaram para contar suas histórias. Esses viajantes que foram para fronteiras desconhecidas relatam vislumbres incríveis de um mundo além deste, um mundo cintilante de luz, magia e amor. Neste capítulo, gostaria que você conhecesse algumas dessas pessoas e deixasse que elas o conduzissem em uma jornada incrível até o outro lado.

Vamos começar com este breve mas impressionante testemunho que me foi enviado por Hailey. Agora enxergo as coisas com maior clareza

*Em 2005, quase morri na mesa de operação. Tive hemorragia, e meu médico depois me disse que todos acharam que haviam me perdido. Eu me lembro de flutuar acima do meu corpo e ver o pânico do cirurgião e de sua equipe enquanto tentavam salvar a minha vida. Eu mesma não senti nenhum pânico. Era como se estivesse observando uma novidade interessante. Eu não estava envolvida.*

*De repente, senti meus pés entrando em uma névoa cinzenta. Não sei por quê, mas me lembro de ver minhas pernas e meus pés descalços banhados em uma luz amarela que fluía para dentro dessa névoa. Enquanto estava na névoa revivi a minha vida. Não consigo explicar isso muito bem, mas me lembrei de tudo e, mais uma vez, senti aquela sensação de desligamento interessado. Eu não estava envolvida. Só observava. Então me vi num belo lugar. Era o lugar mais fantástico e deslumbrante que já titiha visto; parecia um jardim, mas era muito mais do que um jardim. Eu não sentia nada além de plenitude e felicidade. Minha mente estava parada. Eu ouvia música, mas era uma música que nunca tinha ouvido antes, e o cenário que me cercava*

*também não se parecia com nada que eu já tivesse visto — era totalmente vívido e belo. Cintilava como cristais e diamantes. Então tudo desapareceu, e a aproximação de que me lembro é de acordar me sentindo muito dolorida e cansada, na sala de recuperação.*

*Todos os que me conhecem vão lhe dizer que depois disso eu mudei. Eu sei que mudei. Parece piegas, mas me sinto como se de algum modo eu tivesse nascido de novo, recomeçado a minha vida. Sou mais compreensiva e atenciosa comigo mesma e com os outros. Vivo no presente. Não tenho medo de ser amorosa e espontânea. Agora enxergo as coisas com maior clareza.*

## Um esbarrão com a morte

O que Hailey vivenciou entra na categoria dos relatos conhecidos como experiências de quase morte. As EQMs são experiências espirituais que costumam ocorrer quando uma pessoa está clinicamente morta ou perigosamente próxima da morte. As expressões associadas a essa experiência, tais como “fui em direção à luz” ou “minha vida passou rapidamente diante dos meus olhos” entraram na nossa linguagem cotidiana e são originárias de décadas de pesquisas com experiências místicas que as pessoas têm quando estão à beira da morte.

Em seu clássico livro e *best-seller* de 1975, *Vida após a morte*, o especialista em EQMs dr. Raymond Moody foi o primeiro a cunhar o termo “experiência de quase morte”, embora no correr dos séculos tenham sido registrados relatos dessas experiências. Já no ano de 360 a.C., na *República*, de Platão, há a história de um soldado chamado Er, que teve uma EQM depois de ter sido abatido em combate, mas depois retornou ao seu corpo físico para contar aos outros sua notável experiência. Inicialmente, durante uma EQM, há uma sensação de paz e aceitação, seguida por uma luz brilhante. As pessoas podem se sentir como se de algum modo estivessem fora do corpo. Podem olhar para si de cima, em geral descrevendo os esforços de equipes médicas que tentam reanimá-las. Muitas se veem passando rapidamente por um túnel e enxergam uma luz no fim dele. Nesse túnel podem encontrar espíritos de entes queridos que já morreram. Podem também fazer uma recapitulação da vida quando a veem em *Flashback* e, em alguns casos, têm uma visão antecipada do próprio futuro.

Nesse ponto, muitos relatam ouvir uma voz dizendo que precisam retornar ao corpo porque ainda não chegou a sua hora. Ao retornar ao corpo e

à existência que conhecem, as pessoas que “morreram” descobrem que sua vida foi transformada. Elas nunca mais serão as mesmas e vivem cada dia como se fosse o último. Acreditam que o amor é a única coisa que importa, porque sabem, por experiência própria, que é a única coisa que levamos conosco.

Há muitas questões com respeito às EQMs, mas uma coisa é certa: elas existem. Há milhares de relatos de pessoas do mundo todo que acreditam ter tido vislumbres da vida após a morte, e algo que me surpreendeu muito quando comecei a pesquisar mais detalhadamente as EQMs foi o altíssimo número de pessoas que as têm relatado. De início, eu achava que essa experiência era extremamente rara e que teria uma enorme dificuldade em encontrar pessoas para entrevistar ou conversar comigo sobre o que aconteceu com elas. Não podia estar mais equivocada. No correr dos anos, as histórias foram chegando até mim, e eu na verdade não deveria ter me surpreendido porque, desde então, descobri que nos últimos anos várias pesquisas e levantamentos têm indicado que pelo menos uma em cada vinte pessoas pode ter passado por essa experiência. Esse é um índice muito alto!

E a razão de muitas dessas pessoas não terem falado abertamente antes sobre sua experiência é o medo do ridículo ou de serem rotuladas de “loucas” pelos médicos ou por seus entes queridos. Mas, felizmente, essa tendência está começando a se reverter à medida que aumenta a aceitação do fenômeno. Além disso, com o avanço dos equipamentos e das técnicas de ressuscitação, vale a pena indicar que muitas pessoas que vêm hoje a público talvez não tivessem sido capazes de fazê-lo há trinta ou quarenta anos, porque provavelmente teriam morrido. Então, em vez de algumas histórias isoladas, como teria sido o caso décadas atrás, agora temos milhares de relatos.

Não surpreende que tenham se levantado muitas dúvidas sobre a validade das EQMs, a principal das quais é o argumento de que essa experiência é simplesmente uma alucinação. Em outras palavras, é o produto do funcionamento de um cérebro que está morrendo ou sob o efeito de medicação. No entanto, por mais plausível que seja essa explicação, ela não consegue esclarecer por que, em todo o mundo e através de toda a história, milhares de homens, mulheres e crianças relatam sensações similares durante as EQMs, apesar das diferenças radicais entre as culturas e as crenças de todos eles. Como isso é possível? Certamente, se a experiência foi uma alucinação, cada pessoa não teria imaginado algo diferente? Por que há semelhanças tão fortes?

Embora as EQMs não sigam um padrão estabelecido e todos os que passaram por essa experiência relatem sensações diferentes, no correr dos anos em que venho estudando o fenômeno consegui localizar alguns pontos - seis, para ser precisa — que me parecem ser sensações que o definem. Algumas pessoas experimentam apenas algumas dessas sensações, enquanto outras têm todas elas; mas, mesmo que apenas uma delas seja relatada, essa ainda pode ser definida como uma experiência de quase morte.

A seguir, descrevo o que considero ser as seis sensações características de uma EQM, seguidas por relatos verdadeiros que me foram enviados por pessoas que acreditam ter experimentado essas sensações. Isso torna a leitura fascinante e constitui um testemunho convincente da existência de vida após a morte. Continue a ler e veja o que você acha!

## 1 - Experiências extracorpóreas

A primeira sensação é com frequência descrita como uma *experiência fora do corpo* ou EFC. Em muitos casos, quando a vida de uma pessoa está se esvaindo, ela se vê flutuando acima do seu corpo, olhando para ele do alto. De início, ela pode se sentir confusa e com medo, mas esses sentimentos em geral desaparecem e são substituídos por um entendimento completo da situação e pela ausência de medo e sofrimento. Surge então uma sensação de paz e harmonia.

Quando as pessoas têm uma EFC, elas com frequência dizem que, embora não estejam em seu corpo físico, têm algum tipo de corpo espiritual. É típico que mostrem dificuldade para descrever o que se passa, mas elas sentem que têm um corpo diferente. Nesse ponto pode haver também uma sensação de total consciência, liberdade e individualidade. Acho que a história de Anna, relatada a seguir, explica isso bem melhor do que eu.

### Olhando para baixo

*Quando eu estava com pouco mais de 20 anos, sofri um acidente de carro com colisão frontal. Lembro-me das luzes intensas do automóvel que se aproximava e da sensação de ser esmagada pelo impacto. De repente eu estava acima do carro destruído. Eu simplesmente pairava ali, no alto, enquanto as pessoas se reuniam à volta dele, gritando. Eu conseguia ver o pânico, mas eu mesma não tinha esse sentimento. Vi a equipe de resgate*

*chegar e me tirar com dificuldade de dentro do carro. A certa altura até parei muito perto do meu corpo e pude me ver tossir. Conseguia ver o suor escorrendo pelo rosto das pessoas da equipe de resgate. Eu as ouvia falar umas com as outras. Sabia seus nomes. Eles colocaram meu corpo em uma maca e fizeram tudo o que podiam para me reanimar. O estranho é que eu sabia que poderia ajudá-los voltando para o meu corpo, mas queria um pouquinho mais de tempo. Eu me sentia tão livre assim, desligada de mim.*

*Bom, uma semana antes do acidente eu havia rompido com meu namorado de cinco anos após o aborto do nosso filho, e estava extremamente deprimida. Eu odiava meu emprego e havia voltado a morar na casa dos meus pais. Em suma, minha vida estava uma droga, mas fora do meu corpo eu não me sentia mais perdida. Eu não era alguém com um relacionamento fracassado. Não era alguém que havia perdido uma criança. Não era alguém que odiava sua vida. Eu era apenas eu. Isso era maravilhoso. Eu me sentia como se pudesse voar tão alto quanto quisesse.*

*Uma parte de mim deve ter querido voltar, porque a próxima coisa de que me lembro é de estar na ambulância. Mais tarde um dos paramédicos me disse que, enquanto eu perdia e retomava a consciência, falei com todos eles chamando-os por seus nomes, embora não houvesse como eu saber disso naquele momento. Eu lhe contei o que havia visto após o acidente e como os tinha ouvido conversar uns com os outros enquanto estava inconsciente. Ele não ficou nem um pouco surpreso, como achei que ficaria, e comentou que em seu trabalho coisas incríveis como essa já haviam ocorrido antes.*

## 2 - O portal

A segunda sensação costuma envolver um portal, um corredor ou um túnel. As pessoas se sentem de algum modo impelidas a ir em direção a esse túnel, e é nesse ponto que há com frequência a primeira percepção ou sensação real de que essa experiência tem a ver com a morte. Isso em geral acontece durante uma EFC, quando a pessoa flutua sobre seu corpo físico na forma de espírito e não está totalmente consciente de estar à beira da morte. Uma vez dentro do portal, é típico que se veja flutuando em um espaço escuro ou enevoadado. Há a sensação de estar atravessando um corredor e seguindo na direção de uma luz intensa e brilhante. Em vez do túnel, algumas pessoas falam de uma escada ou da sensação de voar para um espaço ou um ponto

bem acima da Terra, onde flutuam com as estrelas e os planetas. Eis o que Simon me contou.

### A travessia

*Tive uma parada cardíaca quando estava na sala de recuperação e me vi flutuando em uma espécie de túnel. De início estava muito escuro e eu estava confuso e desorientado, mas depois vi aquela luz minúscula e me senti suavemente levado na direção dela. Percebi que queria muito ir naquela direção. Essa sensação me tomava por completo. Quanto mais próximo eu chegava da luz, mais me sentia aquecido, seguro, feliz e vivo — se isso faz sentido. Eu sabia que estava em um local de transição. Sabia que algo maravilhoso estava esperando por mim no fim daquele corredor. Fui me aproximando da luz, e o túnel já não estava escuro. Estava intensamente iluminado, e eu conseguia me ouvir rindo. Eu estava feliz, mas de algum modo sabia que não poderia ficar ali. Precisava voltar para a escuridão.*

### 3 - Reuniões

Depois de atravessar o túnel ou de viajar através do tempo e do espaço, as pessoas com frequência se diziam envolvidas por uma luz intensa e brilhante e que, dentro dessa luz, encontravam os espíritos dos entes queridos que já haviam morrido - ou seres de luz. Havia uma comunicação telepática e uma sensação de completa compreensão. Josh fala sobre essa sensação na história a seguir.

### Tempo perdido

*Quando “morri”, fui para um lugar brilhante e belo onde vi meu pai. Ele parecia muito vivo e falou comigo. Eu sabia que era o meu pai, embora ele tivesse morrido quando eu tinha apenas 1 ano. Minha mãe me criou da melhor maneira que pôde, mas uma parte de mim sempre senti que faltava alguma coisa na minha vida. Não ter conhecido meu pai me deixava um buraco no coração, porém depois de me encontrar com ele eu me senti inteiro e no mesmo instante percebi que estava de volta ao meu corpo. Sei que meu pai está próximo de mim e que, se eu precisar, ele estará ao meu*

*lado. Sei que parece loucura, e antes de ter essa experiência eu também não acreditaria, mas eu realmente me encontrei com meu pai. Ele me disse que sempre esteve comigo e tinha acompanhado o meu crescimento, mas que ainda não havia chegado o momento de eu me juntar a ele.*

Liz me enviou a próxima história.

## Campo de sonhos

*Tive uma experiência, cerca de quinze anos atrás. Fiz uma histerectomia e, depois disso, tive uma grave infecção de bexiga que me fez entrar em rigor mortis. Quando isso acontece, a temperatura sobe, você tem calafrios, e ela continua a subir, e você transpira profusamente. Fiquei fora de mim cerca de quinze minutos e, durante esse tempo, estive em um campo intensamente iluminado, onde os pais de minha mãe estavam sentados sobre uma manta fazendo um piquenique e tinham as mesmas coisas que costumávamos usar nos piqueniques que fazíamos quando eu era menina. Estavam conversando um com o outro, mas eu não conseguia ouvi-los, e em seguida percebi que tinham ido embora.*

*Quando acordei, pude ver as enfermeiras e os médicos conversando, mas não consegui ouvi-los durante alguns segundos. Jamais tive medo da morte, e isso me mostrou para que lindo lugar o espírito vai quando a pessoa morre. Isso foi interessante, pois meus avós ajudaram minha mãe a me criar quando ela se separou do meu pai no final da Segunda Guerra Mundial. Já li muitos dos seus livros e os repassei a amigos que estão lidando com o luto, e isso tem sido uma grande ajuda para eles.*

## 4 - Revisão de vida

Vamos passar agora para aquele que é, talvez, o tipo mais fascinante de todas as EQMs: a revisão de vida. Isso acontece quando o indivíduo consegue ver tudo o que aconteceu em sua vida. enxerga o impacto — positivo ou negativo - que cada palavra ou ação sua teve nas outras pessoas. Todos aqueles que vivenciam a experiência de revisão de vida chegam à conclusão infalível de que é só o amor que importa. Também passam a ter uma forte necessidade de autodesenvolvimento e autoconhecimento, como ilustra tão lindamente a próxima história, que me foi enviada por Claire.

## O conhecimento

*No dia em que “morri” tive uma experiência sensacional. Ela mudou a minha vida, ou será que devo dizer que ela salvou a minha vida? Fui submetida a uma operação bem-sucedida e estava me recuperando bem, mas então, alguns dias depois, comecei a me sentir fraca e zozna. Os médicos não conseguiam descobrir o que estava errado, e fiquei três dias em coma. Durante esse tempo, revivi toda a minha vida em outra dimensão. Realmente acredito que a revivi. Me vi chegando ao hospital e depois observei tudo o que disse, fiz e senti como se estivesse em um filme rebobinado. Senti como se houvessem passado setenta anos, mas só “fiquei fora” por três dias. E não somente vi e senti a minha vida: senti como minhas palavras, ações e até mesmo meus pensamentos haviam afetado as pessoas. Acho que tenho de agradecer por ter tido mais sentimentos de amor, alegria e gratidão do que de ódio, raiva e inveja. Não consigo imaginar o que essa experiência pode significar para alguém que não teve uma vida boa. Deve ser uma tortura. Para mim foi como uma iluminação. Não consigo me lembrar dos detalhes, mas quando acordei sabia, sem sombra de dúvida, que a única coisa de valor em minha vida era o amor, e tudo o mais não tinha a menor importância. Também voltei com um forte desejo de aprender.*

*Todos os que me conhecem não conseguem acreditar como eu mudei desde a minha cirurgia. Eu não costumava ler nem ter muito interesse por notícias ou pelo que acontecia no mundo, mas agora consigo estar a par de tudo. Pela primeira vez na vida desde meus tempos de escola estou aprendendo outro idioma, e faço muitas perguntas. Quero saber e entender. Quero crescer.*

## 5 - Eternidade

Muitas pessoas que tiveram uma experiência de quase morte relatam que percebem o tempo de uma maneira diferente do que acontece na vida cotidiana. Elas sentem que estão em um mundo espiritual eterno, no qual não há diferença entre alguns minutos e alguns séculos. Além disso, há também uma nova percepção do espaço e do deslocamento. Durante a EQM, elas se sentem como se pudessem simplesmente pensar em algo e aquilo apareceria

diante dos seus olhos, ou pensar em um lugar e ir até lá no mesmo momento, ou querer ver um ente querido e estar com essa pessoa imediatamente. Elas podem ver o que está acontecendo em outros locais, e, em minha opinião, esse pode ser um dos argumentos mais fortes a favor da realidade das EQMs. O mais incrível é que, quando essas pessoas recuperam a consciência, elas são capazes de descrever com precisão o que aconteceu em diferentes locais - o que foi dito, o que se passou e assim por diante -, quando fisicamente seria impossível para elas terem essa informação, pois estavam inconscientes naquele momento.

A história de Silvia é um exemplo esplêndido dessa capacidade extraordinária e inexplicável.

Estou observando

*Quero lhes falar do que aconteceu comigo onze anos atrás, durante o parto do meu terceiro filho. Perdi muito sangue, e a certa altura meu médico disse a todos que temia o pior. Morri durante seis minutos, antes de ser ressuscitada. Lembro-me de ouvir um som sibilante e depois me encontrar futuando acima do meu corpo. Vi os médicos fazendo todo o possível para me salvar. Não senti vontade de voltar ao meu corpo, mas senti pena dos médicos. Eu podia ver como eles se esforçavam e o quanto queriam me reanimar.*

*Em certo momento, uma das estudantes de medicina que observavam o parto se retirou da sala. Ela estava extremamente abalada. Senti-me atraída por ela e a segui. Ela se dirigiu ao banheiro e lavou o rosto. Uma enfermeira entrou depois dela e colocou um braço em torno do seu ombro. Ouvi a conversa das duas. A estudante de medicina estava transtornada. Era a primeira vez que observava um parto, e não podia suportar a ideia de que eu morresse. Isso era doloroso demais para ela, porque sua própria irmã havia morrido ao dar à luz, e uma das razões para ela querer se especializar em obstetrícia era tentar evitar que esse tipo de coisa acontecesse. Nessa altura eu me vi puxada de volta ao meu corpo na sala ao lado. Recuperei a consciência. Estava exausta e ansiosa para segurar meu novo bebê, mas me lembrava de tudo o que havia acontecido comigo.*

*Alguns dias mais tarde, pedi para falar com a estudante de medicina que estivera presente ao meu parto. Quando ela chegou, eu lhe disse o que tinha*

*visto e que ela provavelmente fora a razão de eu me sentir impelida a voltar para o meu corpo. Como você pode imaginar, ela ficou sem fala!*

## 6 - Sem vontade de voltar

E isto nos conduz à característica final e possivelmente a mais reveladora de todas aquelas associadas com as experiências de quase morte: a indisposição para voltar. Particularmente parecida com a sensação que você tem nos últimos dias daquelas férias perfeitas ou com o que muitos sentem na noite de domingo, antes do início de outra semana de trabalho, para muitas pessoas a EQM é tão relaxante e feliz que elas não ficam ansiosas para voltar à Terra. Gostaria de compartilhar isso com você nesta próxima história, enviada por Mick, porque ilustra muito bem essa sensação.

### Ainda não

*Mão me interprete mal. Sou incrivelmente grato por estar vivo e por nada deste mundo gostaria de deixar minha família e meus filhos. Mas quando “morri” realmente não queria voltar. Recordo-me de assistir a toda a ação quando a equipe de resgate se reuniu à minha volta. Eu havia sido atropelado por uma van, e todos achavam que eu estava morto. Meu corpo parecia um amontoado de carne ensanguentada. Estava horrível. Via todo aquele sangue e queria ficar o mais longe possível daquilo; eu me vi flutuando cada vez mais alto para longe do meu corpo. Estava planando, e isso era maravilhoso. Estava no alto, em meio às nuvens, e me aproximava do sol. Ele não me queimava, só me aquecia e relaxava.*

*Olhei para baixo, e era como se eu estivesse dentro de um avião. Tudo parecia minúsculo. Estava adorando me sentir tão leve, e meu todo corpo sorria. Então, de repente, senti meu corpo caindo em direção à Terra novamente. Resisti o máximo que pude porque, à medida que me aproximava, eu me sentia mais frio e mais pesado. Não queria voltar. Realmente não queria ver meu corpo de novo, mas, obviamente, ele ou ela lá em cima tinha outros planos para mim, pois do contrário eu não estaria escrevendo para lhe contar a minha experiência, não é?*

Gomo vimos, algumas pessoas vivenciam todas as seis características

descritas, enquanto outras podem vivenciar apenas uma. Mas, independentemente da natureza da experiência, para a grande maioria ela é realmente edificante. Em mais de 25 anos de estudo, não deparei com nenhum relato que expressasse uma intensa sensação de raiva, pânico, ódio ou violência. Além disso, em todos os casos, essa experiência transforma a vida das pessoas de uma maneira positiva e espiritualmente enriquecedora. Isso não quer dizer que alguém que teve uma experiência de quase morte de repente se torne otimista, altruísta e uma bênção de se ter por perto. Embora essas pessoas possam passar a viver de modo mais otimista, estou me referindo aqui ao fato de se sentirem abençoadas com a capacidade de enfrentar qualquer coisa que a vida lhes traga, uma capacidade que não tinham antes. Tornam-se mais capazes de lidar com crises e desafios. Sua perspectiva sobre a vida muda, e elas se sentem mais esclarecidas e compassivas em relação aos outros. A história de Lily narra a serenidade que ela descobriu dentro de si e à sua volta depois que “morreu”.

## Páginas

*Antes de quase morrer, eu era uma dessas pessoas que sempre se sentem incompletas. Era viciada em quase tudo: bebida, cigarro e relacionamentos ruins e destrutivos. Acordava de manhã imaginando como conseguiria meu próximo “barato”, e cada vez mais estava encontrando esse “barato” no álcool. Ironicamente, foi uma garrafa que quase me matou. Estava caminhando para casa com uma garrafa na mão quando tropecei e caí. Nisso, a garrafa se espatifou, e o vidro cortou profundamente minha barriga. Não consigo me lembrar de nada depois disso. Disseram-me que alguns bons samaritanos me encontraram caída na calçada e chamaram uma ambulância.*

*Fui levada às pressas para o hospital e costurada. Disseram-me que fiquei morta durante quase uma hora. Não consigo me lembrar de nada disso, mas consigo me lembrar de flutuar para dentro de uma grande bola de luz. Quando entrei nela, me vi num lugar que parecia uma imensa biblioteca. Havia livros por toda parte, e eu me sentia maravilhosamente bem ali. Era como se eu pertencesse àquele lugar. Um livro veio flutuando até mim, e dentro dele vi fotos das minhas filhas. Elas estavam chorando, e isso foi para mim a coisa mais dolorosa. Eu sabia que tinha de voltar. Precisava de uma*

*segunda chance para ser uma boa mãe.*

*Quando acordei, a única coisa em que pude pensar foi em minhas filhas, e até hoje isso não mudou. Meu primeiro pensamento quando acordo não é a bebida ou os cigarros: são minhas filhas. Há três anos não tomo um gole e sei que nunca mais tomará. Não preciso mais beber. Eu vi a luz.*

Depois de uma EQM, além de mudarem para melhor, muitas pessoas dizem não sentir mais medo da morte. Eu invejo isso porque, apesar da minha profunda crença na vida após a morte, ainda sinto muito medo de morrer. Não devia sentir, mas sinto. Quando acordo no meio da noite, ainda tenho momentos de grande ansiedade. Imagino que muitos de vocês que estão lendo isto também tenham seus momentos de medo, dúvida e pânico sobre a incerteza da morte. Pode haver muitos tipos diferentes de gatilho. Talvez você esteja assistindo a uma reportagem sobre um desastre natural. Talvez a morte de um ente querido ou de alguém que você conheça o coloque cara a cara com a sua mortalidade. Talvez você tenha passado por um terrível acidente quando ia do trabalho para casa. Ou talvez não haja nenhum fator desencadeante, apenas um repentino sentimento de horror, incerteza e medo. De uma hora para outra, a morte ou morrer não é algo abstrato ou distante nem uma coisa que acontece com outras pessoas, mas um fato sobre o qual você absolutamente não tem escolha.

O que você faz quando esses sentimentos de horror o assaltam? Tenta se distrair com uma atividade frenética ou tenta ignorar como está se sentindo? Posso lhe dizer o que faço e o que me ajuda. Abro meu arquivo de histórias enviadas por pessoas que tiveram uma EQM e leio uma delas. Histórias como esta que Joyce me mandou.

Morrer jovem

*Sei que somos mais do que nossos corpos. Sei disso porque acredito ter visto o céu. Quando eu tinha 12 anos caí de um cavalo, e os médicos lutaram muito para me reanimar. Parece estranho, mas “morrer” jovem foi a melhor coisa que poderia me acontecer, pois, na mesa de operação, tive uma visão. Flutuei acima do meu corpo durante algum tempo e de repente estava num campo brilhante, à margem de um lago, e meus avós maternos estavam ali comigo, assim como meu adorador cachorro Sandy, que morreu quando eu tinha 10 anos. Fiquei muito empolgada ao vê-los e queria lhes contar muitas*

*coisas, mas eles me disseram que não havia tempo, que eu teria de esperar. Também, me disseram que, embora me quisessem junto a eles, minha vida na Terra era preciosa, e eu precisava viver mais momentos antes de voltar ali. Nesse instante tudo desapareceu, e a próxima coisa de que consigo me lembrar é a voz de minha mãe, ao lado da minha cama.*

*Hoje tenho 80 anos e sei que não me resta mais muito tempo. Quando chegar o meu momento de “morrer velha”, sei que não tenho nada a temer, mas até lá vou fazer o que fiz durante toda a minha vida e seguir o conselho que me deram no céu. Vou viver plenamente cada momento. Vou dizer à minha família e aos meus amigos quanto os amo, vou ajudar os outros e ser bondosa o máximo que puder. Morrer jovem me ensinou que todo momento é um dom, e não pretendo desperdiçar um segundo.*

Também há relatos emocionantes como este que me foi enviado por Benjamin, que “morreu” de hemorragia interna após uma queda. Durante o coma, Benjamin sentiu seu espírito deixar seu corpo e viajar até as estrelas, onde teve visões de um amor universal e arrebatador, mas não incluí essa parte da carta aqui porque é o despertar espiritual após sua EOM que quero destacar.

Valeu a pena morrer?

*Os médicos não conseguiam acreditar que eu havia sobrevivido. Dentro de uma semana estava me sentindo normal de novo, mais esclarecido, embora mais diferente do que nunca. As lembranças da jornada que vivi quando estava em coma começaram a ser filtradas. Não conseguia encontrar nada de errado em nenhum ser humano que eu já tivesse visto. Pensava em mim como um ser humano de novo e estava feliz por isso. Pelo que vi, ficaria feliz em ser um átomo neste Universo. Estou ciente de que grande parte do que falei não parece lógico nem razoável, mas vi que a lógica e a razão, assim como o tempo e a separação e as diferenças entre as pessoas, são ilusões. Eles não são reais. Sei que aquilo que vivi não foi uma ilusão nem um sonho. Foi real. Sei que a única coisa que importa e é completamente real é o amor. O amor completo, aberto, generoso e incrivelmente pleno. Isso é a única coisa que importa. Todo o resto é supérfluo.*

*Estou plenamente consciente de que, para dizer o mínimo, minha história*

*parece uma “viagem ”. Eu a teria ignorado e dito que não passava de uma alucinação se não tivesse acontecido comigo e, por isso, entendo perfeitamente se você não acreditar em mim. Só quero que saiba que, antes de isso ter me acontecido, nunca fui religioso nem espiritualista, mas, depois da minha visão, mudei para sempre. Estou simplesmente mudado. Somos todos um só. Somos o mundo, o Universo, o céu. Não sou especialista, mas pelo que tenho lido e ouvido desde então sobre as experiências de quase morte, embora as pessoas possam descrever o que “viram” em sua própria terminologia religiosa, a religião é imaterial. A mensagem central é o amor universal e unificador, onde quer que você tenha nascido e seja qual for o deus que você adora. Todos somos um. Agora eu me vejo abertamente chorando pela tristeza no mundo e na vida das pessoas. Se puder de algum modo aliviar o sofrimento de alguém dividindo-o, farei isso de bom grado. Mas também me vejo exultante sempre que há alegria e riso no mundo.*

*Em resumo, acho que a pergunta que muitas pessoas querem me fazer é: “Valeu a pena morrer?”. E eu tenho de responder, com alegria: “Sim!”.*

Ler histórias como estas pode ajudar a conscientizá-lo da doce amargura da sua mortalidade e lembrá-lo de que, quando você toma consciência do amor e da compaixão que existem em seu coração e que o cercam, há uma porta para o céu e uma escada para a eternidade. Você vai saber que é mais forte do que a morte. Vai saber que não precisa temer a morte.

Quando retornam de uma EQM, muitas pessoas também dizem que se sentem mais felizes por estarem vivas do que se sentiam antes, e uma razão fundamental para isso é sua absoluta convicção de que o amor é a única coisa que importa na vida. E a razão de sua existência e, como descreve tão poderosamente esta próxima história enviada por Steve, muda toda a sua atitude em relação à vida.

Feliz em sorrir

*Eu costumava ser um sujeito ansioso, deprimido e até mesmo mesquinho, antes de quase morrer. Desconfiava profundamente de qualquer um que tivesse um sorriso no rosto. Mas agora não consigo parar de rir. Costumava me preocupar com o carro que dirigia, com o emprego que tinha, com quem era visto e todas essas coisas que agora sei que realmente não importam.*

*Sou feliz por ser visto com qualquer pessoa. Sou feliz em sorrir para qualquer pessoa porque sei que a única coisa pela qual serei julgado é por quanto eu amei. Também sei que todos são capazes de amar e merecem ser amados e que, em espírito, todos estão conectados.*

Você pode ver nessa história que, além de ter passado por uma mudança de valores, Steve também voltou à vida com uma sensação ou a consciência de que há uma associação ou um vínculo entre toda a humanidade e todas as coisas no Universo. Essa verdade recém-descoberta também aparece na história de Dani.

Tudo sobre mim

*Eu poderia escrever páginas e páginas sobre minha experiência de quase morte e, talvez um dia, quando tiver tempo, ponha tudo isso no papel. Por enquanto, só quero lhe dizer que, após a parada cardíaca que sofri em novembro último, o que posso descrever é simplesmente uma experiência fantástica. Realmente acredito que enquanto os médicos tentavam salvar minha vida eu fui até o céu. Deixei meu corpo e entrei num túnel de luz, e enquanto estava viajando nesse túnel tornei a viver a minha vida. Jvãõ tive nenhuma visão extraordinária, pois tudo dizia respeito a mim. Desejava ver o impacto que a minha vida tivera sobre os outros ou se tinha feito alguma diferença para eles, mas nada disso aconteceu. Eu estava simplesmente ali, e as pessoas não pareciam se importar muito comigo. Também tive um vislumbre do meu futuro, ou do que agora sei que seria o meu possível futuro. Nele, eu me via muito infeliz. Estava em um apartamento ou uma casa, não sei bem, e nessa casa eu tinha todos os luxos, mas estava sozinha, totalmente sozinha. Eu sabia que algo devia ter dado terrivelmente errado na minha vida.*

*Seja como for, para encurtar uma longa história, quando voltei ao meu corpo me recuperei e retornei à minha vida, e tudo aquilo pelo que sempre tinha lutado parecia sem sentido. Antes, meu primeiro pensamento era sempre assim: “O que isso pode me trazer?”, “Qual o impacto que isso terá na minha vida?”, “O que posso ganhar com isso?”. Mas agora eu me sentia entediada comigo mesma, se é que isso faz sentido. Já havia passado tempo demais me colocando em primeiro lugar. Não estava mais interessada nisso.*

*Agora estava interessada em como eu poderia contribuir para a vida dos outros. O que me fazia feliz não era mais eu me fazer feliz, mas ver as outras pessoas sorrir pelo que eu tivesse dito ou feito por elas. Isso parece muito uma historinha de Papai Noel, porém realmente acredito que a minha experiência de quase morte me salvou de mim mesma e de um futuro muito solitário.*

Você pode ver pela história de Dani que ela voltou à vida com uma noção bem clara de como queria viver. Ela mudou totalmente as suas prioridades. Em parte isso pode ter sido causado pela revisão de vida que experimentou, pois descreveu ter visto e sentido não apenas sua própria vida, como também como suas palavras e ações afetavam as outras pessoas. Essa experiência deve ter servido para lembrá-la de que tudo o que ela diz e faz tem um impacto no mundo do espírito e que um dia ela terá de reviver tudo. Você pode pensar que uma experiência assim deixaria Dani paranoica, mas tenho lido muitas histórias similares, e isso nunca acontece porque simplesmente leva a pessoa a reavaliar sua vida e a fazer mudanças para se tornar mais cuidadosa e ponderada. Isso porque, na revisão da vida, damos maior atenção às pequenas coisas que dizemos e fazemos - àqueles atos simples de compaixão que vêm do coração e nos quais raramente pensamos de novo em nosso dia a dia. Por exemplo, um homem me disse que uma imagem ou sentimento que lhe ocorreu muito intensamente foi de um tempo em que viajava diariamente a trabalho para Londres e, mesmo quando estava sonolento, regularmente cedia o seu lugar no trem lotado a uma senhora idosa ou a alguém que parecesse mais cansado do que ele.

Acima de tudo, a EQM tipicamente promove o crescimento espiritual, e com isso não me refiro ao fato de a pessoa se tornar religiosa ou devota. Na verdade, alguns descobrem que não querem mais se declarar seguidores de determinada religião. Isso significa se concentrar no que está se passando em seu coração. A próxima história, enviada por Gary, explica esse processo muito bem.

Muitos caminhos

*Não vou dizer que religião eu tinha antes da minha experiência porque não quero desvalorizar nenhuma delas, já que são muitos os caminhos que conduzem ao céu. Tudo o que quero dizer é que eu era um seguidor devoto*

*da minha religião. Ela estava no centro da minha vida. Mas, depois que “morri” e tive um vislumbre da vida do outro lado, isso não acontece mais. Bem, quando eu estava em espírito, vi uma luz brilhante, e em volta dessa luz havia centenas de caminhos, e cada um desses caminhos representava uma fé ou uma crença. Também vi espíritos simplesmente fluindo para dentro da luz, sem nenhum caminho a guiá-los. Eu sabia que era pelo coração que eles estavam sendo guiados para a luz. Desde essa minha visão, não me descrevo mais como religioso ou como um seguidor da religião na qual fui criado. Eu digo que sou espiritual.*

Talvez mais do que qualquer outro fator, são as mudanças na personalidade após uma EQM que dão validade à experiência. Nem todos os que quase morrem voltam à vida mudados para melhor, mas é muito comum que isso ocorra com as pessoas que tiveram uma experiência mística de quase morte. Elas voltam à vida tendo recém-descoberto o amor e o entusiasmo pela vida e também a determinação de fazer diferença e ser mais compassivas. Em muitos casos, também descobrem dentro de si o desejo de se concentrar no lado espiritual da vida, e, como ilustra a história de Gary, que acabamos de ler, isso não significa necessariamente se tornar religioso.

Todavia, outro fator que pode endossar a validade das EQMs é que elas são relatadas até por crianças pequenas. Embora não seja possível que essas crianças tenham algum conhecimento ou consciência de uma EQM típica, todos os relatos que tenho lido, incluindo os que me foram enviados pelos pais de crianças de 3 ou 4 anos, abrangem a ocorrência de sensações similares, assim como se dá com o depoimento de adultos de todas as culturas, religiões e crenças. Embora essas crianças ainda não possam ter sido influenciadas por informações estereotipadas sobre EQMs ou por imagens culturais, também é típica nessas narrativas a sensação de estar fora do corpo seguida de uma revisão da vida - embora curta —, de um túnel e de encontrar espíritos de parentes mortos. E, assim como acontece com os adultos, com frequência essas crianças retornam a esta vida mais sábias, mais felizes e mais esperançosas do que antes. Tenho certeza de que você achará fascinante esta próxima história, que me foi enviada por Tegan, mãe de Christopher.

Levantando-se

*Quando meu filho Christopher tinha 7 anos ele quase se afogou. Estava*

*numa piscina, tropeçou, caiu desmaiado e deslizou para o fundo da água. Graças aos céus um instrutor de natação percebeu rapidamente o que havia ocorrido e o tirou de lá. Conseguiu reanimá-lo, e acredito que foi a ação imediata desse homem que salvou a preciosa vida do meu filho. Levamos Christopher até o hospital para ter certeza de que não havia nenhum outro dano, e ele foi liberado dois dias depois.*

*Percebi imediatamente uma mudança em Christopher. Ele sempre foi um menino tímido e reservado, asmático e gago, e havia sido alvo de bullying na escola várias vezes, mas tudo aquilo parou de acontecer. Sua asma estava curada, sua fala e seu aproveitamento escolar melhoraram espantosamente, e ele começou a ser um dos garotos mais populares da classe. Também não houve mais nenhum relato de bullying. Seus professores não conseguiam acreditar em como ele havia se tornado tão confiante da noite para o dia. Eu também não conseguia acreditar.*

*De início, achei que o dramático incidente na piscina podia ter sido a explicação, pois o havia tornado uma espécie de celebridade. Mas então, certa noite, quando o estava colocando na cama, dizendo quanto o amava e me sentia orgulhosa dele, ele me contou algo surpreendente. Disse que seu avô também estava orgulhoso dele. Eu achei que estivesse se referindo ao seu avô do meu lado da família, mas ele disse se tratar de seu outro avô - aquele que estava no céu. Contou-me que, quando caiu na piscina, entrou em um túnel repleto de luz e viu lá o seu avô, que lhe disse que o amava e sentia orgulho dele. Seu avô também lhe disse que agora ele precisava se levantar e se defender, porque ele era especial e precisava mostrar isso aos outros.*

*Dez anos depois, Christopher continua a me provar e a todos que o conhecem como ele é especial. Você acha que ele realmente encontrou seu avô em espírito quando quase morreu naquele dia, na piscina?*

Além de relatos fascinantes de pessoas de todas as idades, tenho também recebido muitas histórias igualmente envolventes de pessoas que não vivenciaram propriamente uma EQM, mas estavam presentes quando alguém estava morrendo e testemunharam algo extraordinário. Como você verá pela história de Rodrigo, relatada a seguir, elas também podem passar por uma experiência fora do corpo e entrar em um túnel rumo a uma luz brilhante e então, após a experiência, voltar ao corpo, mas espiritualmente transformadas.

## No estrangeiro

*Estávamos de férias na França, e minha namorada sofreu um acidente. Ela estava pedalando sua bicicleta à minha frente, e um carro em alta velocidade a atingiu. Aquilo foi terrível, e, quando a ambulância chegou, era óbvio que ela não iria sobreviver. Fizeram de tudo para reanimá-la, mas os ferimentos eram muito graves. Enquanto estava ali em pé na rua vendo os paramédicos trabalhar, devo ter entrado em estado de choque, porque de repente tudo começou a girar à minha volta. Perdi o equilíbrio e me sentei. A próxima coisa da qual me recordo é de ter flutuado acima da cena do acidente segurando a mão da minha namorada. Ela estava sorrindo, e eu conseguia sentir sua mão na minha. Flutuamos juntos durante algum tempo e então nos sentimos suavemente atraídos para o que só consigo descrever como uma caixa preta giratória. Eu não me senti amedrontado, e estava muito curioso para ver o que havia dentro dela. Quando chegamos mais perto, pude ver minúsculos pontos de luz na caixa preta, e eles brilhavam como diamantes. Ambos estávamos ansiosos para descobrir mais, porém minha namorada, como costumava fazer na vida, quis ir na frente. Eu a observei flutuar, mas assim que ela foi indo tudo desapareceu, e eu me vi olhando para a rua com a cabeça entre as mãos. A equipe de resgate ainda estava tentando salvar minha namorada para que ela pudesse ser transportada para o hospital, mas eu sabia que ela havia morrido.*

*Praticamente todos os dias eu penso na minha namorada e na experiência que tive com ela no momento de sua morte. Sinto-me incrivelmente privilegiado por ter sido uma testemunha disso e confortado pelo conhecimento de que ela devia ter me amado muito para me permitir compartilhar com ela aquele momento maravilhoso. Sinto muito a falta dela, mas sei que ela está onde precisa estar e sei também que estou onde preciso estar. Ainda não chegou a minha hora.*

Essas histórias são um fenômeno relativamente novo, e os pesquisadores as descrevem como *experiências empáticas de quase morte*. Na minha opinião, essas vivências criam um enorme problema para as pessoas que afirmam que as EQMs são alucinações ou o resultado de mau funcionamento do cérebro. Por que as testemunhas que não estão morrendo teriam uma

experiência similar?

Espero que você esteja começando a entender por que decidi iniciar o livro apresentando a minha defesa da existência de vida após a morte com um capítulo sobre experiências de quase morte. E porque realmente acredito que essas experiências podem oferecer as evidências mais convincentes que temos atualmente da existência de vida após a morte. Elas são testemunhos de que o céu existe.

Então, como é o céu?

Embora eu mesma não tenha tido uma EQM, com base em minha pesquisa consegui reconhecer várias características semelhantes quando se trata de descrever como poderia ser o céu. Algo que é dito com frequência é que as palavras humanas simplesmente não são capazes de descrever o que está sendo visto ou vivenciado. Não há palavras para explicar a beleza, o êxtase, a paz e a intensidade do lugar. Algumas pessoas falam de um campo maravilhoso onde as flores e as árvores têm cores que não existem na Terra. Uma pessoa me disse que as flores estavam cantando, e sempre adorei essa ideia. O murmúrio de riachos, o canto de pássaros, música gloriosa — incluindo música que não se conhece na Terra - são também ouvidos. Borboletas, aves e os amados animalzinhos de estimação que já partiram podem também aparecer para nos dar as boas-vindas. O ambiente parece o de um conto de fadas, e um tema comum a todas essas descrições é que tudo parece mais vivo e mais brilhante do que na Terra. Na verdade, quando algumas pessoas acordam ou se recuperam, às vezes pensam que sua vida na terra é o sonho, porque o céu parecia mais real.

Algumas pessoas se referem a magníficas cidades ou palácios onde há enormes bibliotecas ou lugares de aprendizagem e cura. Parece que a aquisição de conhecimento é extremamente valorizada e há oportunidades para aprender e crescer espiritualmente. Outros falam sobre níveis de realidade espiritual que parecem equivaler à consciência espiritual que a pessoa tinha quando estava na Terra. Em outras palavras, aqueles que viveram com o espírito do amor e da bondade no coração vivem em mundos de incomparável beleza e luz, enquanto aqueles que levaram uma vida de egoísmo e crueldade têm uma existência mais sombria, desfocada e escura. É difícil para esses indivíduos enxergar qualquer coisa com clareza. O que é óbvio é que, na vida após a morte, as realizações materiais desaparecem, e

tudo o que importa é o que aconteceu no coração da pessoa e a maneira como ela tratou os outros. O amor e a bondade são as únicas medidas reais do sucesso e da felicidade. Se alguém foi maldoso ou cruel, não será punido por isso, mas provará do sofrimento que causou aos outros, porque tudo e todos nesta vida e na próxima estão interconectados.

Parece então que na Terra nossos pensamentos, sentimentos e ações determinam o tipo de céu em que habitaremos. Que pensamento mais assombroso! Isso pode transformar nossa vida!

Mas as EQMs são reais?

Se você ainda está lutando para aceitar a verdade de tudo isso, eu entendo. Quando comecei a pesquisar as EQMs, mais de vinte anos atrás, tenho de admitir que não fiquei imediatamente convencida. Embora as pessoas que me enviavam suas histórias estivessem convencidas de que eram reais e eu quisesse acreditar nelas, para a minha própria paz de espírito eu tinha de pesquisar profundamente outras explicações possíveis para as EQMs. Descobri que há várias teorias científicas que tentam desvendar as EQMs, e a principal delas é a que defende a ideia de que se trata de um mau funcionamento do cérebro ou, em alguns casos, de doença mental. Outra hipótese proeminente e citada com frequência é a da alucinação. Então, vamos começar por essa.

A alucinação é um estado mental provocado por estresse, drogas ou falta de oxigênio. Durante a alucinação, a pessoa fica sem contato com a realidade e com o que a cerca, mas relatos de EQMs sugerem que os que têm uma EFC são capazes de descrever com precisão o que se passa em seu ambiente imediato. De fato, muitos médicos, enfermeiros e outros observadores têm se surpreendido com a precisão do relato feito pela pessoa quando volta a si e conta o que aconteceu enquanto esteve inconsciente.

Outro argumento contra a explicação da alucinação é o fato de ocorrer em pessoas que têm o que é conhecido como *EEG plano*. O eletroencefalograma, ou EEG, é uma medida da atividade elétrica do cérebro, e um EEG plano - ou seja, quando a leitura do EEG é uma linha reta — é a definição técnica da morte. Entretanto, há muitos relatos de pessoas com EEG plano que tiveram uma EQM. Em outras palavras, a experiência aconteceu enquanto elas estavam supostamente mortas. Se tivessem simplesmente tido uma alucinação, essa teria sido medida pelo EEG.

Além disso, há a hipótese segundo a qual a EQM tem relação com o mau funcionamento cerebral. Em outras palavras, quando o cérebro está morrendo, ele reage causando um estado delirante. As características do delírio são desorientação, visões de pesadelo e confusão, e após episódios de delírio as pessoas em geral têm lembranças muito confusas do que aconteceu com elas. Entretanto, como vimos, nenhuma dessas características está associada às EQMs, e o delírio não é uma experiência que produz sentimentos renovados de esperança e alegria na pessoa, como com frequência acontece nas EQMs. Em resumo, o delírio não é lembrado como uma experiência positiva, e também não é um momento de mudança espiritual.

No que diz respeito à explicação de uma doença mental, acredito firmemente que a EQM não tem nada a ver com esse quadro, porque é típico da doença mental conduzir à depressão e à incapacidade de enfrentar a vida cotidiana, enquanto as EQMs têm o efeito oposto e têm alta probabilidade de conduzir à renovação do entusiasmo e da paixão pela vida. Embora - como acontece com outras formas de doença mental, como a esquizofrenia — as EQMs não impliquem uma ruptura com a realidade, pois a pessoa pode ouvir vozes ou enxergar coisas ou pessoas que os outros não conseguem ver, quando alguém tem uma EQM, sua vida apresenta uma melhora característica e não é abalada pela experiência. Em suma, a pessoa não perde o contato com a realidade, mas permanece muito conectada a ela.

Infelizmente, por muitos anos no passado, a explicação da doença mental impediu que várias pessoas divulgassem suas histórias por medo de serem rotuladas como “loucas” por seus médicos, familiares e amigos. Na verdade, perdi a conta do número de vezes em que as pessoas me disseram que se sentiam aliviadas por poderem finalmente contar sua história pela primeira vez. É um passo importante que aqueles que atualmente estudam as EQMs estejam pelo menos começando a se distanciar das hipóteses de que essa vivência é um caso de transtorno da saúde mental, uma alucinação ou um efeito da morte cerebral. Em geral, hoje se aceita muito mais que essa é uma experiência espiritual, e isso só pode ser uma coisa boa, porque — como tenho certeza de que vocês vão concordar pelo que leram até agora - as EQMs são evidentemente muito mais do que pesadelos ou sinais de mau funcionamento cerebral. Mas antes de chegarmos à conclusão de que isso significa que elas são reais — que realmente ocorreram gostaria que você desse uma olhada em mais algumas hipóteses.

Uma dessas teses intrigantes é que uma EQM, com suas percepções de túnel e de seres de luz, pode ser uma intensa reprodução mental da experiência do nascimento. Esse argumento também não me convence. É claro que não posso afirmar que tenho alguma lembrança do meu próprio nascimento, mas, se tivesse, não acho que seria uma experiência espiritual e edificante, pois a grande maioria dos nascimentos é repentina, dramática e dolorosa.

Com frequência se imagina que somente pessoas religiosas têm EQMs, devido à menção frequente de seres de luz e da enorme ênfase dada à importância do amor e da compaixão após a experiência. Essa também não é em absoluto uma explicação plausível, porque as pesquisas têm mostrado claramente que as pessoas que têm EQMs nem sempre são religiosas e que muitas delas não acreditavam em nada espiritual antes de sua experiência. Além disso, mesmo as que eram religiosas com frequência voltam da experiência com menor interesse em sua religião e maior interesse por uma espiritualidade desvinculada de seitas.

Um argumento que costumo ouvir sempre que falo sobre as EQMs com meus leitores é o seguinte: se as EQMs são reais, por que nem todos têm exatamente a mesma experiência? Em primeiro lugar, lembro que há vários traços reconhecíveis e incrivelmente similares — menciono os seis mais comuns no início deste capítulo e, embora algumas pessoas possam vivenciar apenas um, enquanto outras podem descrever todos eles, para mim isso não é problema. Talvez eu possa explicar da seguinte maneira: quando vou ao cinema assistir a um filme e outra pessoa assiste ao mesmo filme, ambos saímos da projeção com opiniões e lembranças diferentes, embora, é claro, haja muitos elementos em comum. De maneira muito parecida, duas EQMs dificilmente são iguais. Há similaridades na narrativa, mas elas não são exatamente iguais.

Alguns pesquisadores têm sugerido que uma EQM é a maneira de o cérebro enfrentar um estresse agudo. As endorfinas - os hormônios que produzem a sensação de bem-estar — são liberadas para ajudar a pessoa a lidar com o sofrimento e o trauma, mas até agora nenhuma pesquisa conectou quantidades extraordinárias de endorfinas com os traços identificadores das EQMs. Além disso, essa teoria não explica as experiências extracorpóreas associadas com as EQMs. Outro argumento, baseado nos mecanismos de defesa, sugere que se trata da satisfação de um desejo: a pessoa tenta negar a realidade da morte criando um conto de fadas em que ela sobrevive. Essa tese

pode ser rejeitada porque, se a EQM fosse apenas a satisfação de um desejo, certamente as pessoas teriam lembranças diferentes da de um túnel ou de uma revisão de vida. Certamente elas se colocariam em uma praia no Havaí ou em algum paraíso semelhante.

Há décadas os pesquisadores vêm tentando explicar as EQMs de um ponto de vista físico, religioso ou psicológico, e, embora muitas das hipóteses apresentadas sejam em parte plausíveis, até agora não se pode dizer que tenham sido esmagadoramente convincentes. Nenhuma explicação médica, científica ou filosófica tem-se mostrado completa, e não acho que jamais será. Entretanto, o que continua convincente são os testemunhos de pessoas que realmente tiveram uma EQM. E, na verdade, seria míope e não científico ignorar também a possibilidade de que outra maneira de explicá-las seja dizendo que são reais, que de fato aconteceram.

### A luz no fim do túnel

Embora para as pessoas que passaram por uma EQM haja evidências convincentes da existência de vida após a morte, não há como negar que a única evidência científica que temos para sua validade vem de depoimentos ou do boca a boca. Então, sem uma comprovação científica consistente, as EQMs devem ser consideradas uma evidência de que a vida após a morte é real? Sim, penso que devem.

E acredito nisso por muitas razões. A principal é a notável semelhança de conteúdo entre os relatos de quase morte, independentemente da cultura, das crenças religiosas e das experiências empáticas de quase morte. Além disso, há as EFGs durante uma EQM, quando uma pessoa retorna à vida com a consciência do que aconteceu perto dela enquanto estava “morta”. Como isso é possível? Porém, a evidência mais convincente de todas é o efeito transformador que a EQM tem sobre a pessoa. Aqueles que tiveram EQMs adotam uma atitude totalmente diferente em relação à vida quando retornam. São pessoas mudadas, e sua vida mudou para melhor.

A ciência jamais aceitará plenamente essas histórias como prova até que obtenha algo mais concreto do que aquilo que temos no presente, mas o fato de os cientistas estarem pesquisando essas histórias como evidência de vida após a morte é um enorme salto para a frente (veja as leituras recomendadas no final do livro para mais informações sobre as pesquisas atuais em EQMs e o trabalho dos principais pesquisadores). Quanto mais pessoas se apresentam

para contar suas experiências, mais elas são levadas a sério, e isso na verdade não surpreende, porque, embora a ciência avance e responda a um número cada vez maior de perguntas, a morte permanece um dos últimos e maiores mistérios não resolvidos. Todos querem saber o que acontece quando morremos, e atualmente as EQMs continuam sendo a evidência mais esclarecedora que temos de que a morte não é o fim de tudo, mas um novo começo: a luz no fim do túnel.

Se um número maior de pessoas acreditar na possibilidade da vida após a morte e de um mundo espiritual onde as únicas coisas que importam não são o dinheiro, o poder ou as aparências, mas o amor, a bondade e a compaixão, pense nas implicações disso para a vida de todos nós. O simples fato de ter consciência de um mundo além do nosso muda as nossas atitudes em relação ao nosso corpo, ao mundo em que vivemos e para com todos os que conhecemos. Depois de uma EQM, muitas pessoas falam que seu corpo é o “lar” para seu espírito. Elas se encaram como seres espirituais em um corpo humano e pensam sobre seu corpo de maneira diferente. Gostaria de ilustrar isso com esta breve porém esclarecedora história que me foi enviada por Wayne.

Espelho, espelho...

*Antes da minha parada cardíaca e da experiência de quase morte, eu era um fisiculturista semiprofissional. Eu me definia pela minha aparência, pela beleza dos meus músculos. O espelho era meu melhor amigo. Entretanto, depois de ver o meu corpo na mesa de operação, aquilo não era eu. Não se parecia comigo. Não achava que tivesse qualquer coisa a ver comigo. Eu não tinha nenhuma ligação com ele. Estar fora do meu corpo me deu a sensação de estar em casa.*

*Não sou louco, mas quando quase morri vi meu verdadeiro eu pela primeira vez, e o que vi não tinha nada a ver com minha aparência externa. Atualmente, o fisiculturismo ainda é minha paixão. Ainda cuido do meu corpo, mas apenas porque é o local onde vive o meu espírito. Sei que a verdadeira perfeição e a verdadeira beleza não são uma coisa física, mas espiritual.*

*Por favor, compartilhe a minha história com o máximo de pessoas que puder. Vejo muitos jovens hoje lutando e sofrendo para ter determinada*

*aparência e quero que saibam que, no fim, não é por isso que serão julgados. E o que está dentro deles que é a verdadeira medida da felicidade e do sucesso.*

## O maior presente

Além de nos lembrar da nossa verdadeira natureza espiritual, talvez o maior presente ou luz que as histórias sobre as EOMs podem nos dar é a esperança de que a morte não é um fim, e nos lembrar que, quando uma pessoa amada morre, um dia haverá uma reunião. Não há nada mais doloroso na vida do que a perda de um ente querido, e, embora o tempo e o apoio de amigos e familiares possam oferecer e realmente ofereçam alívio, no decorrer dos anos muitas pessoas têm escrito para me dizer que ler histórias de EQMs é uma grande fonte de conforto. Isso as ajuda a entender que seu ente querido em espírito está sendo cuidado e que não há mais sofrimento. Isso as ajuda a entender que os entes queridos que já partiram estão lá, esperando por elas quando chegar sua vez de realizar a passagem. Um dia haverá uma reunião, e nada pode oferecer maior conforto do que isso.

Aqui este capítulo chega ao fim. Acredito que o primeiro conjunto de evidências que apresentei para provar minha tese de que a vida após a morte é real vai lhe mostrar que o que entendemos como morte é simplesmente uma travessia até o mundo dos espíritos. Talvez depois de lê-lo você tenha menos medo da morte e desfrute mais cada momento de sua vida aqui na Terra. Talvez os relatos verdadeiros aqui apresentados o tenham ajudado a recordar algo que você instintivamente já sabia, mas havia esquecido ao longo do caminho. Há um propósito eterno para sua vida, e esse propósito é lembrar a você a importância do amor.

### 3. Visões no leito de morte

*Quando está bastante escuro, podemos ver as estrelas.*

Dr. Waldo Emerson

Se as experiências de quase morte não são suficientes para convencê-lo de que vivemos depois que nosso corpo terreno morre, talvez as histórias contadas neste capítulo sejam. Muitos destes relatos são similares às EQMs, pois ocorrem quando a pessoa está próxima da morte, mas diferem acentuadamente dessas experiências porque a pessoa não está tecnicamente morta quando elas ocorrem, e, ao contrário do que acontece nas EQMs, a pessoa não se recupera e retorna à vida - ela morre.

#### Visões da partida

Durante centenas de anos, visões de entes queridos que já morreram voltando até os moribundos para oferecer amor, apoio, ajuda, conselhos e orientações quando a morte se aproxima têm sido relatadas por pessoas de diferentes culturas, nacionalidades e religiões. Em uma visão típica do leito de morte - se alguma coisa pode ser descrita como típica quando se trata de experiências sobrenaturais ou místicas —, seres de luz e/ou entes queridos já falecidos surgem para a pessoa que está morrendo alguns dias, horas ou momentos antes da sua morte. Eis a história de Joseph.

#### Aconchegada

*Misericordiosamente, minha esposa morreu durante o sono, e não houve dor nem estresse. Fiquei com ela durante o fim, e, antes que fechasse os olhos pela última vez, ela me perguntou por que havia tantas pessoas ali. Não entendi, pois eu era a única pessoa no quarto com ela, assim simplesmente apertei forte a mão dela para tranquilizá-la, mas não disse nada. Ela então me disse que conseguia ver sua mãe e seu pai e sua melhor amiga, Sally, e que todos eles estavam sentados em sua cama. Minha esposa me perguntou como eu havia conseguido reunir todos e me agradeceu por fazer isso por*

*ela. Fiquei muito confuso, pois sua mãe e seu pai estavam mortos, e Sally havia morrido dez anos antes. Atribuí isso aos efeitos da medicação que ela estava tomando e decidi não questioná-la nem contradizê-la; simplesmente fiquei em silêncio, escutando.*

*Nos dez minutos seguintes, minha esposa “conversou” com seus pais e com Sally. Eu a ouvi perguntar a Sally sobre seus filhos e perguntar a seu pai se ele estava cuidando de sua mãe — ela havia ficado confinada a uma cadeira de rodas nos últimos anos de sua vida. Depois que fazia uma pergunta eu podia vê-la fazer um aceno de cabeça e reagir como se alguém estivesse falando com ela. Foi muito surreal testemunhar essa conversa invisível. Finalmente, minha esposa se virou para mim e disse que seus pais a aconselharam a dormir, pois não queriam cansá-la. Concordei e a beijei no rosto.*

*A última lembrança que tenho de minha esposa é do momento em que ela caiu no sono com um sorriso, como uma criança feliz, aconchegada por pais amorosos. Não sei se ela viu ou se imaginou aquilo tudo. Tudo o que sei é que o que quer que tenha acontecido tornou sua morte um episódio abençoado e pacífico, e por isso sou eternamente grato.*

Samantha teve uma experiência similar.

## Comigo

*Pouco antes de Nan morrer, ela me disse que meu avô estava com ela. Disse que podia vê-lo caminhando de um lado para outro no quarto, como costumava fazer quando era vivo. Contou-me que ele lhe disse que o céu estava esperando por ela e que lá havia muita coisa para ela ver e fazer. Estava ansiosa e impaciente antes de me dizer isso, mas depois serenou, manteve-se calma, e sua morte foi suave.*

Wendy acredita que seu irmão testemunhou algo extraordinário antes de morrer. Nesta história não há entes queridos falecidos, mas seres de luz que algumas pessoas chamam de anjos - que apareceram para facilitar a passagem de seu irmão para o outro lado.

## Com os braços abertos

*Em 2009, meu irmão Steven passou vários meses hospitalizado. Uma vez, quando estava na Unidade de Tratamento Intensivo, disse à nossa mãe que havia visto uma mulher jovem e bela, com um longo vestido branco, de pé do lado de fora de seu quarto. Nenhuma das enfermeiras a viu. Ela sorria gentilmente para ele, mas nunca falava. Ele disse que ela o fez se sentir muito seguro. Steven foi firme ao dizer que não havia sonhado com ela nem a inventara. Ele a viu mais algumas vezes e mais tarde perguntou a mamãe se estava morrendo.*

*Steven morreu em 6 de fevereiro de 2010, logo após seu 52- aniversário. Várias semanas antes ele já não era capaz sequer de erguer os braços, e ficou em coma por vários dias. Mãe deu nenhum sinal de saber que estávamos ali, ainda que conversássemos com ele e lhe disséssemos que sentiríamos sua falta, mas que estaria tudo bem se ele quisesse partir. Pouco antes de morrer, ele ficou inquieto e ergueu os braços. Eu disse a mamãe que parecia que ele estava cumprimentando alguém. Cerca de um minuto depois Steven nos deixou. Quando conversamos com um de seus amigos sobre sua passagem e como ele parecia tranquilo e em paz, ele nos disse que acreditava que, quando uma pessoa morre, um anjo vem recebê-la com os braços abertos e lhe dar as boas-vindas no céu. Sabemos que Steven foi bem recebido por alguém e que estava feliz em partir. Ficamos muito agradecidas, após tantos meses de sofrimento e preocupação, por sua morte ter sido tão incrivelmente calma.*

Katie também tem esta história para compartilhar.

Todo de branco

*Em 1996, meu marido, Graham, foi diagnosticado com um câncer raro, normalmente encontrado em pessoas que haviam trabalhado na indústria de benzeno durante toda a vida, e em geral se manifestava quando a pessoa estava, no mínimo, com 70 anos. Graham tinha apenas 51, e o maior contato que tivera com benzeno em toda a sua vida era quando abastecia o carro com gasolina. Sem que soubéssemos, e a julgar pelo tamanho do tumor, ele já tinha esse câncer havia mais de vinte anos! Graham havia passado por crises de depressão grave e fizera vários tratamentos, tanto médicos como psicológicos, para ajudá-lo a superar esses períodos difíceis. Os médicos acharam que, quando o tumor liberava suas substâncias químicas, a*

*depressão se manifestava.*

*Graham foi internado no hospital na terça-feira, 30 de abril, para um tratamento de menor importância — drenar líquido de um pulmão —, e devia voltar para casa em poucos dias. Quando ficou evidente que havia algo extremamente errado com ele, pois o fluido não ficava claro, o hospital realizou muitos exames e encontrou um tumor em um dos rins. Fomos informados disso no dia 14 de maio. Pouco apouco, Graham foi se tornando mais fraco, à medida que o câncer se espalhava pela coluna e depois invadia o cérebro. Ele dormia a maior parte do tempo, porém quando estava consciente conseguia me fazer perguntas às quais eu achava que não podia responder, mas, quando eu abria a boca para lhe dizer que não sabia, de algum lugar as palavras certas me vinham à mente, e consegui lhe proporcionar o conforto de que ele precisava.*

*Uma semana antes de morrer, ele disse que alguém todo vestido de branco, com uma máscara no rosto, tinha vindo vê-lo e lhe dissera que ele iria morrer logo, mas que não tivesse medo. Eu havia pedido expressamente que Graham não fosse informado de que estava morrendo e, por isso, perguntei à enfermeira quem era o médico que lhe havia contado, pois ela estava sentada a cerca de três metros dele, contudo ela disse que nenhum médico tinha visitado Graham.*

*Graham morreu de repente em 12 de junho. Ele não conseguia aguentar mais, e eu realmente acredito que os anjos sabiam disso e decidiram que seu tempo na Terra devia chegar ao fim. Quando visito seu túmulo, os ramos das árvores no cemitério balançam, mesmo nos dias mais tranquilos, e sinto uma brisa morna à minha volta.*

É sem dúvida impressionante o fato de as pessoas no leito de morte relatarem essas visões e de as testemunhas de tais eventos poderem realmente vê-los em aparente comunicação com o outro lado, percebendo como essa comunicação invisível provoca mudanças notáveis em seu comportamento e em seu estado mental. E, antes que você rejeite tudo isso dizendo que não passa de mera fantasia, insisto para que leve em conta os casos em que não apenas as visões vivenciadas pelos que estão para morrer incluem tipicamente entes queridos que já partiram, mas também que alguns indivíduos recebem visitas de membros da família que, na época, eles não sabiam que tinham morrido. Como isso pode acontecer? Também são espantosos os relatos sobre

a pessoa que está morrendo se despedindo de entes queridos não presentes em seu leito de morte — falaremos mais sobre isso adiante. E ainda há o fato de que, em alguns raros momentos, a pessoa que está tendo uma visão em seu leito de morte pode não ter nenhuma consciência de sua morte iminente.

A pesquisa também tem indicado que muitos relatos de visões no leito de morte realmente não vêm da pessoa envolvida ou mesmo de entes queridos presentes na cena, mas de médicos, enfermeiros e cuidadores que trabalham em hospitais ou casas de repouso. Essas pessoas obviamente têm o dever de cuidar de seus pacientes, porém não têm o mesmo vínculo emocional intenso dos familiares e dos amigos. Então, a pergunta aqui é a seguinte: por que essas experiências ocorrem com elas?

Jack, cuidador de uma casa de repouso com mais de trinta anos de experiência assistindo pacientes em estado terminal, mandou-me este e-mail:

## Estilo de vida

*No meu trabalho, a morte é um estilo de vida. Quando comecei a trabalhar como cuidador em uma casa de repouso, eu era muito jovem e sensível, mas, depois de algum tempo, comecei a me sentir mais à vontade perto de pessoas que estavam morrendo, e uma das razões para me sentir mais descontraído foi uma experiência que tive já no primeiro mês de trabalho. Eu fazia parte da equipe que cuidava de uma senhora que vou chamar de Judith. Ela não era uma paciente fácil, estava sempre se queixando, e muitos dos cuidadores não gostavam de ficar muito tempo com ela. A senhora nunca havia recebido nenhuma visita, e como eu era jovem, e dedicado, achei que podia fazer diferença; assim, sentava-me ao lado dela sempre que podia, durante as horas de visita. Ela não ligava a mínima para o meu gesto e me dizia que a deixasse em paz. Após alguns dias, ela percebeu que eu não sairia dali, então se acalmou um pouco. As vezes, nós dois ficávamos apenas ali sentados juntos, em silêncio.*

*Certa tarde, quando fui ver como Judith estava passando, ela agarrou minha mão e me disse que eu não precisava mais me sentar ali, porque agora eles estavam com ela. Eu lhe perguntei o que ela queria dizer com aquilo, e ela disse que suas irmãs e irmãos - ela vinha de uma família de oito irmãos, e todos haviam morrido, menos ela — estavam cuidando bem dela. Então, tocou o meu rosto e me agradeceu. Foi o primeiro sinal de ternura que ela*

*demonstrou em todo o tempo em que fiquei ali. Eu apenas sorri e lhe disse que naquela noite voltaria para ver como ela estava.*

*Algumas horas mais tarde voltei para ver Judith, e ela estava dormindo calmamente, respirando de maneira ritmada e profunda. Resolvi dar uma ajeitada em seu quarto e de repente senti um silêncio repentino e estranho, que me envolveu totalmente. E difícil descrever, mas tudo ficou quieto — misteriosamente quieto. Eu não conseguia ouvir nem sentir sequer as batidas do meu próprio coração. Então vi que de repente Judith se sentou na cama com os braços estendidos na direção da parede dos fundos. Eu quis ir até ela, mas não conseguia me mexer. Meus pés pareciam enraizados no chão. Vi um raio de luz intensa cair sobre a cama dela. A luz fez o rosto de Judith brilhar, e ela parecia radiante. A luz foi ficando cada vez mais forte e, a certa altura, ficou tão intensa que tive de fechar os olhos. Quando olhei de novo, tudo havia voltado ao normal, e Judith estava de novo deitada em sua cama. Fui até ela e, pela expressão tranquila e calma do seu rosto, soube que ela havia partido.*

*Esse não foi um caso isolado. Cerca de seis meses depois, algo muito semelhante aconteceu no momento da morte de um homem que vou chamar de Jacob, só que dessa vez vi luzes girando e ouvi o som de asas batendo. Eu diria que em média testemunho algo mágico desse tipo umas duas vezes por ano, e essa experiência se tornou tão familiar que nem a questiono mais. Quando ela acontece, sei que um dos residentes vai ' morrer, mas isso não me enche de medo. Muito pelo contrário, faz com que eu me sinta incrivelmente confortado e privilegiado.*

*Quando sinto que isso pode proporcionar alívio aos entes queridos aflitos, tento lhes dizer o que tenho visto acontecer no momento da morte. As reações variam. Alguns ficam profundamente comovidos, enquanto outros acham que sou meio idiota. Problema deles. Eu me vejo como um mensageiro. Nunca pedi para ser capaz de ver o que vejo, mas o fato é que vejo.*

Muitas vezes, Amanda também esteve ao lado de pessoas à beira da morte enquanto trabalhou como enfermeira. Eis o que ela me contou.

Falando durante o sono

*Você ficaria surpresa ao saber quantos enfermeiros têm visto coisas incríveis quando uma pessoa morre. Eu estava num plantão noturno quando isso aconteceu comigo, e nunca vou me esquecer. Certa noite, estava fazendo a minha ronda quando ouvi um paciente falando tranquilamente enquanto dormia. Aproximei-me para checar se ele estava bem, e quando cheguei ao seu lado pude ver que ele definitivamente não estava dormindo. Estava totalmente desperto. Disse-me que estava cercado de anjos. Medí a temperatura dele para ver se estava com febre, mas ele não estava delirando. Ofereci-lhe um copo d'água e pedi que se sentasse para eu poder ajeitar seus travesseiros.*

*Ele estava muito esgotado para se sentar, por isso deixei-o do jeito mais confortável que pude e então me virei para ir embora. No entanto, quando fiz isso, tive uma sensação repentina e inesperada de júbilo e pura alegria. A ala inteira parecia banhada em luz e cores. Era como se alguém tivesse acendido todas as luzes e decorado tudo com lâmpadas coloridas de Natal. Era uma ala comprida e movimentada, e pude ver claramente todos deitados em seus leitos. Então senti meus braços se levantarem lentamente de cada lado do meu corpo, como uma criança que está brincando de avião. Senti-me muito leve e livre naquele momento, como se pudesse realmente voar, e então, um segundo depois, tudo voltou ao normal, e meus braços tornaram a cair ao longo do corpo. A ala estava de novo quieta, silenciosa e escura.*

*Poucos momentos depois, tudo era uma grande e ruidosa confusão. A freira da ala estava puxando as cortinas em torno da cama do homem, e uma equipe de ressuscitação havia chegado. Tentaram reanimá-lo durante um longo tempo, mas eu sabia que não seriam bem-sucedidos. Eu sabia que no céu haviam mandado buscá-lo e ele havia ido para um lugar melhor.*

Embora, em todo o tempo em que trabalhei em uma casa de idosos, eu nunca tenha vivido algo tão notável como o que Amanda conta aqui, não fico nem um pouco surpresa. No final da minha adolescência, entrando na faixa dos 20 anos, passei vários anos trabalhando como cuidadora, e a parte mais triste desse trabalho era que os residentes podiam morrer enquanto eu estava de plantão, ou eu voltava para trabalhar na manhã seguinte e me contavam que um rosto familiar já não estava entre nós. Obviamente, quando chegava a hora da morte, eu, não sendo parente nem médico, não tinha permissão para permanecer no quarto, porém ficava por ali nas horas que antecediam a

passagem. Nessas ocasiões, muitas vezes percebi como a pessoa que estava morrendo ficava calma, e, não tendo havido nenhuma mudança em sua medicação, não havia explicação para ela ficar assim. As vezes, falavam comigo como se eu fosse realmente um ente querido já falecido — na maioria das vezes um cônjuge, irmão ou filho —, e eu embarcava naquela conversa, esperando que isso trouxesse algum conforto. Podiam também começar a falar consigo mesmos, como se estivessem tendo uma conversa com alguém, e de novo eu desconsiderava o fato, atribuindo-o à medicação ou ao processo da morte. Agora, olhando para trás, imagino que talvez aquelas pessoas estivessem mesmo vendo espíritos.

Certa ocasião, testemunhei algo realmente impressionante: em seus momentos finais, um homem chamado Brian, que nunca havia demonstrado nenhum interesse por poesia em toda a sua vida, começou a declamar sonetos de Shakespeare com surpreendente precisão (que eu conseguia avaliar porque, na época, estava estudando literatura inglesa para o vestibular). Desde então, descobri em minhas pesquisas que recitar versos ou cantar quando a morte está próxima não é um incidente isolado e é do conhecimento da comunidade médica. Há muitos relatos similares que, embora não sejam ocorrências tão comuns quanto as EOMs ou as visões no leito de morte, acontecem com frequência suficiente para serem considerados um fenômeno mental e médico ainda a ser esclarecido. Não consigo explicar isso, porém tenho minhas próprias ideias. A poesia e o canto são expressões de sentimentos. Na poesia e na canção, não são apenas as palavras que importam, mas também o modo como elas soam e os sentimentos que expressam. Então, no momento da morte no próprio limiar da vida —, as emoções e os sentimentos vêm à tona.

Em minha opinião, as visões que ocorrem no leito de morte, assim como as EQMs, são evidências incrivelmente convincentes de que há alguma forma de vida após a morte. Em muitos casos, a pessoa que está morrendo não parece estar em um estado alterado de consciência ou sofrendo de alucinações devido à medicação.

Neste ponto, gostaria de chamar sua atenção para um importante estudo realizado na década de 1970 pelo dr. Karlis Osis para um livro chamado *At the Hour of Death* (Na hora da morte). Nesse texto clássico, o dr. Osis arrolou estudos e entrevistas com mais de mil médicos, enfermeiras e parentes que estavam junto com uma pessoa à beira da morte e constatou várias similaridades importantes. Além de chegar à conclusão de que a

pessoa não estava tendo alucinações e tinha consciência do que a cercava quando a experiência ocorria, também descobriu que era irrelevante ela acreditar ou não em vida após a morte. Em quase todos os casos, a pessoa que estava morrendo relatava ver entes queridos que já haviam passado para o outro lado, e eles lhe diziam que estavam ali para ajudá-la a fazer a transição para o mundo espiritual. Invariavelmente, quem estava morrendo se sentia tranquilizado e confortado por essas visões, e em alguns casos, durante algumas horas antes de sua morte, sua saúde podia até ser temporariamente restaurada ou seu sofrimento aliviado.

Recebi dezenas de histórias sobre esse fenômeno da recuperação temporária. Na verdade, quando estava escrevendo este capítulo, chegou à minha caixa de entrada um e-mail de uma senhora chamada Susan. Ela me falava da morte de sua mãe, que sofria de demência. Em sua mensagem, descreveu de forma comovente os momentos finais de sua mãe e como ficou maravilhada ao constatar que ela tinha se tornado repentinamente lúcida. Pela primeira vez em sete anos, a mãe se lembrou de que Susan era sua filha e lhe disse com eloquência quanto a amava e valorizava. Susan descreveu a experiência como “um milagre, um dádiva, algo que jamais esquecerei”.

Muitos cientistas se apegam à teoria de que as visões no leito de morte são simplesmente decorrência da deterioração cerebral - uma espécie de sedativo ou analgésico para facilitar o processo da morte -, mas, como já vimos, só isso não explica os casos em que outra pessoa presente ao leito de morte (em particular alguém não emocionalmente ligado à pessoa, como acontece com quem trabalha em casas de repouso e hospitais) acredita também ter testemunhado algo que não é deste mundo. Assim como não pode explicar experiências notáveis como esta que me foi enviada por Leah.

Nunca é o fim

*Meu pai faleceu em 23 de maio de 2010. JVa semana anterior à sua morte, decidí7nos que deveria haver alguém junto com ele o tempo todo, assim ele saberia que nós o amávamos e não iríamos deixá-lo sozinho. Alguns dias antes de sua morte, era a minha vez de passar a noite no hospital. Sentei-me na cadeira ao lado da cama, segurando sua mão, e embora ele não estivesse consciente, ficava murmurando; eu havia resolvido, não importava o que significassem, escrever todas aquelas palavras incoerentes, achando que ele podia estar nos dizendo algo importante antes de morrer. Essa noite foi*

*particular mente ruim, pois eu tinha ouvido falar do cheiro da morte, mas, a menos que você tenha passado por isso, não há como descrever esse cheiro. Mesmo assim, recusei-me a ceder ao cheiro aflitivo e não saí do lado dele. Até as enfermeiras tentaram me convencer de que cuidariam dele e que eu devia dormir um pouco, mas não dei ouvidos e continuei lá até as 9 da manhã, quando outro membro da família chegou para me substituir.*

*Sentindo-me exausta, fui até um motel próximo para tentar dormir, mas isso foi impossível, pois o tempo todo havia pessoas chegando e partindo. Então, decidi ir até o clube local para almoçar e tomar uma cerveja (a bebida preferida de meu pai). Havia um curral para cavalos nos fundos do clube. Dessa vez eu estava me sentindo pior do que em qualquer outro momento da minha vida. Estava chocada com o comportamento de alguns membros da minha família durante a longa semana que passamos lá. Meu irmão e minha irmã não se falavam havia anos, e suas discussões mesquinhas estavam me deixando deprimida.*

*Fui até onde estavam os cavalos. Ficar perto daqueles animais me fez relaxar e me deu um tempo para me recompor. Tinha acabado de chegar lá quando ouvi o alerta de que uma mensagem de texto havia sido recebida e, achando que muito provavelmente seria da minha irmã, ignorei a mensagem, pois estávamos discutindo muito nos últimos dias, e eu achava que não conseguiria aguentar mais estresse naquele momento. Entretanto, alguns minutos depois a curiosidade me venceu e fui ver o que era: a mensagem era do meu irmão, dizendo-me que voltasse rapidamente para o hospital. Entretanto, quando me virei para correr para o hospital, percebi que não conseguia me mexer e que toda a grama que me cercava havia crescido, impedindo-me de ir a qualquer lugar. Dei um grito e caí na grama, desesperada. Então, de repente, senti uma luz quente me envolver, e meu pai estava ali falando comigo. Eu não conseguia vê-lo, mas ele estava falando comigo.*

*Papai me disse que eu precisava ir com ele. “Caminhei” com ele até o hospital. Vi minha madrasta, fui até ela e lhe disse para não ter medo. Coloquei a mão sobre seu peito e lhe disse que papai queria que ela soubesse que ele a amava de todo o coração e com toda a sua alma. Pude ver que ela ficou absolutamente chocada com o que eu havia acabado de dizer. Continuei tentando assegurar-lhe de que estava tudo bem, e, embora eu não conseguisse ver papai, ele estava ali ao meu lado. Então ele me guiou até*

*meu irmão, e eu lhe disse para não ter medo, porque papai estava ali comigo, e então coloquei a mão sobre a barriga do meu irmão (eu não tinha controle sobre o que estava fazendo, e não tenho palavras para descrever a sensação eufórica e bela que me invadiu durante essa experiência). Então, disse ao meu irmão que ele e minha irmã tinham de pôr suas diferenças de lado para o bem da família.*

*Depois de conversar com meu irmão, fui me sentar no Memorial Rose Garden, ao lado do hospital, e papai continuava uma presença invisível ao meu lado. Ele me perguntou se havia alguma coisa que os médicos pudessem fazer. Durante a semana, ele havia tentado me perguntar algumas vezes se aquele era o fim, mas fui instruída a não lhe dizer que ele estava morrendo. Nosso pai era um homem muito forte; detestava que as pessoas mentissem para ele e sempre sabia quando isso acontecia; então eu lhe disse que o câncer havia tomado agora todo o seu peito e não havia nada que pudesse ser feito, e que tudo bem ele ir embora agora. Continuei dizendo “veja, papai, veja como é lindo” e que tudo estava sendo cuidado. Surpreendentemente, enquanto eu lhe dizia isso, estávamos os dois calmos e até brincando um com o outro, como sempre fizemos na vida. Então, de repente ele não estava mais ali, e a bela luz também havia desaparecido.*

*Finalmente decidi voltar ao hospital, e me sentia incrivelmente refeita e calma. Lá chegando, disseram-me que meu irmão havia acabado de enfrentar sua esposa intrometida (que era a causa do desentendimento entre ele e minha irmã). Ele nunca a havia enfrentado, e aquela atitude fez minha irmã compreender que o irmão a amava. A partir daí começaram a acertar seu relacionamento. No hospital, fui até a cozinha e vi uma enfermeira chamada Paula, que não havia trabalhado a semana toda, e lhe perguntei se todas as pessoas brigam quando alguém está morrendo. Ela disse que isso era muito comum. Não sei o que me fez comentar isso com ela, mas disse que achava que havia enlouquecido e comecei a chorar.*

*Paula me levou para outro aposento, e eu lhe contei o que havia acontecido com papai e sobre o fato de eu estar no curral dos cavalos tentando me desemaranhar da grama crescida etc. Então ela disse que acreditava nas coisas espirituais e que eu tivera uma conexão telepática com meu pai, e talvez a sensação de felicidade que experimentei fosse a que ele teria quando morresse. Fiquei chocada, mas nesse momento o bipe de Paula tocou, e eu voltei para o quarto de papai; vi que ele estava do lado de fora,*

*no corredor, literalmente furioso com meu irmão. Estava lhe dizendo que parasse de brigar. Quando meu irmão e minha irmã brigavam, eles nunca estavam no quarto de papai mas ele sabia o que estava acontecendo, o que em si era impressionante. Havia duas enfermeiras (urna delas era Paula) de cada lado dele, e meu irmão estava na frente dele. Eu também estava sentada à frente da mesa. Depois que papai terminou de chamar a atenção do meu irmão, olhou diretamente para mim e disse: “Eu só quero ir dormir porque é bonito, não é, Buttons?”, um apelido pelo qual papai sempre chamava a mim e à minha irmã. Fiquei impressionada, porém uma sensação mais tranquila me envolveu. Apenas sorri para ele e disse: “É claro que sim, não é, papai?”.*

*No dia seguinte, fiquei afastada do meu irmão e da minha irmã, na esperança de que se entendessem. Naquela noite estávamos no quarto de papai, e meus irmãos caminhavam juntos. Estavam rindo e realmente se entendendo. Eu não conseguia acreditar. Um largo sorriso iluminou o meu rosto. Segurei a mão de papai e lhe disse baixinho: ‘Está vendo, papai? Você conseguiu. Veja, eles estão se entendendo; agora está tudo bem, agora pode ir em paz’- E, embora ele não estivesse consciente, soube que me ouviu porque apertou minha mão.*

*Papai morreu cerca de oito horas depois, como disse que queria: enquanto os filhos dormiam. Ele não queria que o víssemos morrer.*

*No dia em que papai morreu, toda a família e os amigos se reuniram em sua casa, numa noite muito clara. Então, alguém entrou e pediu que todos olhassem para o céu. Fomos lá para fora, e havia uma nuvem no formato de um halo, parecida com a luz que me envolveu quando tive aquela experiência com papai. Ela incidia apenas sobre a casa; cerca de quinze pessoas viram essa mesma nuvem incomum, e todos ficamos assombrados com aquilo. Outra coisa incrível aconteceu durante o funeral. Uma carta para a esposa dele - minha madrasta -foi lida em voz alta, e nela ele dizia: “Eu a amo de todo o coração e com toda a minha alma”. Não admira que ela parecesse tão chocada quando eu lhe disse aquilo no hospital.*

*Espero que você encontre nisto algo que possa ajudar outras pessoas que estão sofrendo com a morte iminente de um ente querido. Nunca é o fim!*

Embora o pai de Leah não estivesse morto quando ela teve seu inexplicável encontro sobrenatural, isso mais uma vez mostra que, quando a

morte está próxima, os limites entre o físico e o espiritual começam a ficar enevoados, permitindo que o céu brilhe através deles.

E, se histórias como a de Leah ou daqueles funcionários de casas de repouso e hospitais não forem convincentes o bastante, então temos de citar a visão de uma pessoa morta aparecendo para entes queridos que não sabem que ela está morta. A próxima história me foi enviada por Ella, e certamente pode contradizer o argumento da alucinação induzida pelo sofrimento como explicação para as visões no leito de morte.

## Afundando

*Quando eu tinha 19 anos, estava noiva e ia me casar com James. Ele era o amor da minha vida. Havíamos combinado de nos encontrar na frente de um cinema para ver Titanic. Eu sabia que aquele tipo de filme não seria do agrado dele, pois James gostava mais de filmes de guerra e suspense, não de romances históricos, mas eu realmente queria vê-lo, pois todos estavam comentando. Marcamos de nos encontrar às 6 da tarde, mas ele não aparecia. Fiquei aborrecida, mas então ele me telefonou para dizer que estava preso no trabalho e não conseguiria chegar lá a tempo. Disse que eu deveria entrar e assistir ao filme sem ele e que iria me encontrar depois para jantarmos. Fiquei irritada, porém sabia que seu trabalho lhe exigia horas extras — ele era assistente em um serviço de bufê — e então lhe falei que estava tudo bem.*

*Ele disse que me amava e eu retribuí, dizendo que também o amava e que lhe contaria o filme todo enquanto estivéssemos jantando. A última coisa de que me lembro é de ele ter rido e suspirado enquanto eu desligava o telefone.*

*Fui assistir ao filme com uma caixa de chocolates como companhia. O cinema não estava muito cheio, então me senti um pouco constrangida por estar sozinha, mas quando o filme começou eu me esqueci de tudo e mergulhei na história. Quando chegou aquela cena em que Jack morre, deixando Rose para trás tentando sobreviver na água gelada, eu não conseguia parar de chorar e queria que James estivesse ali para me abraçar. Eu me sentia realmente deprimida, e foi então que de repente James chegou e se sentou ao meu lado. Fiquei encantada. Ele não disse nada; só segurou a minha mão e me deixou apoiar a cabeça em seu ombro. Eu estava muito feliz e imaginei que ele devia ter terminado o trabalho mais cedo do que*

*esperava, comprara uma entrada e ali estava. Eu podia senti-lo acariciar meu cabelo, e essa foi uma experiência realmente reconfortante.*

*Quando o filme terminou e as luzes se acenderam, eu não poderia ter ficado mais surpresa. James não estava em nenhum lugar à vista. Achei que ele poderia ter ido ao banheiro ou sei lá aonde, então esperei séculos na recepção do cinema. Ele não apareceu. Liguei o telefone para chamá-lo e vi que havia inúmeras mensagens. Logo percebi que todas as mensagens eram da mãe de James, muito aflita, pedindo que eu lhe telefonasse. Aparentemente, James havia saído do trabalho em sua motocicleta por volta das 8 da noite e, em seu caminho para trocar de roupa para ir jantar comigo, tinha morrido num acidente envolvendo um carro e um ônibus.*

Aparições espontâneas de uma pessoa que acabou de morrer não são um fenômeno novo: elas têm sido relatadas há centenas de anos e são tão surpreendentes que quero incluir mais duas histórias aqui. Ambas têm em comum o fato de que as pessoas que me enviaram as histórias *não* estavam presentes quando a morte ocorreu, e às vezes estavam em um local ou país diferente. Apesar disso, no exato momento da morte, todas tiveram uma visão ou algum tipo de experiência que é realmente impossível de explicar. As histórias parecem inacreditáveis, e posso compreender se você tiver dificuldade para aceitá-las como verdade. Posso afirmar apenas que as pessoas que as enviaram me pareceram perfeitamente sensatas e normais. Sua única intenção era que suas histórias fossem compartilhadas com outros, na esperança de que lhes trouxessem conforto. Leia as histórias, veja o que acha e, durante a leitura, escute o que o seu coração lhe diz. Eis a história de Kieran.

### Visita relâmpago

*Minha mãe morreu quando eu estava no meu ano sabático antes de começar a universidade. Estava aproveitando ao máximo a vida e não era tão responsável quanto deveria, não mantendo minha mãe informada do meu paradeiro. Toda vez que eu telefonava para ela, podia perceber que estava preocupada e tentava tranquilizá-la. Na última vez em que nos falamos, eu lhe disse que estava em um apartamento em Paris, com alguns amigos da nossa família, e pretendia ficar lá durante algumas semanas.*

*Três dias depois, eu estava sozinho no apartamento quando a campainha tocou. Abri a porta, e mamãe entrou. Mãe me interprete mal: eu estava feliz por vê-la, mas também fiquei um pouco irritado, pois esse era o ano que deveria significar que eu estava ficando independente. Minha mãe me disse que sabia que não devia ter vindo, porém estava sentindo muito a minha falta. Disse que era uma visita relâmpago, de um dia, e que não queria ficar muito tempo porque ia fazer algumas compras e visitar alguns pontos turísticos antes de voltar para casa. Ofereci-me para ir com ela, mas ela disse que realmente não queria que eu a atrapalhasse — lembro-me de como isso me fez rir naquele momento — e que ela estaria bem. Nós nos abraçamos e ela saiu, e, quando lhe fiz um aceno de despedida, lembro-me de ter pensado quanto a amava e como ela havia sido a melhor mãe do mundo, mesmo sendo às vezes um pouco superprotetora.*

*Cerca de dez minutos depois que mamãe saiu, recebi um telefonema do papai. Ele falava de um modo incoerente. Finalmente entendi que mamãe havia morrido trinta minutos antes, de uma repentina e ainda inexplicável parada cardíaca. Disse a papai que isso era impossível, pois mamãe tinha acabado de me visitar, mas não acho que ele estava entendendo uma só palavra do que eu estava dizendo. Estava totalmente perplexo de tanto sofrimento.*

*Isso aconteceu doze anos atrás, e muitas vezes penso se imaginei aquela cena, mas sempre que isso me ocorre chego à mesma conclusão: eu realmente vi mamãe naquele dia. Ela veio uma última vez para ver como eu estava. O mais impressionante é que ela parecia tão viva! Visitou-me em espírito, porém para mim parecia viva, e até agora ainda sinto sua presença à minha volta.*

Agora, a memorável história de Daisy.

## Cavalos selvagens

*Era uma terça-feira de manhã, durante as férias de verão das crianças. Chovia lá fora — um típico verão britânico — e eu realmente não sabia como ia manter meus filhos entretidos. Eles já estavam subindo pelas paredes, e o nível de ruído estava alto demais. Eram apenas 9h30 da manhã, e peguei um quebra-cabeça de mil peças para nós todos montarmos e eles se quietarem, mas ninguém estava interessado.*

*A campainha tocou, e achei que fosse o carteiro, mas era meu pai. Fiquei muito feliz em vê-lo, pois morávamos a cerca de quatro horas de distância um do outro, e, como ele não estava muito bem de saúde, agora raramente vinha à nossa casa. As crianças ficaram encantadas, pois adoravam seu senso de humor e suas histórias. Ele sempre havia sido maravilhoso com elas. Então fui até a cozinha para fazer um café para nós e providenciar leite e biscoitos para as crianças. Quando voltei para a sala não consegui acreditar no que vi. Meu pai estava sentado em uma cadeira e as crianças sentadas aos seus pés, entretidas separando as peças do quebra-cabeça entre as que tinham lados retos e as que não tinham. A paz e o silêncio na sala eram um verdadeiro paraíso depois da barulheira e da agitação do café da manhã.*

*Meu pai ficou lá a manhã toda, e, com sua ajuda, o quebra-cabeça ficou quase completo. Era uma linda paisagem que mostrava cavalos selvagens correndo em um campo. A certa altura devo ter adormecido, porque quando acordei meu pai havia ido embora e meus filhos estavam assistindo à TV. Perguntei às crianças quando ele havia partido, e elas me disseram que quando o quebra-cabeça ficou pronto ele não quis me acordar e saiu.*

*Naquela noite minha mãe me telefonou para me dar a terrível notícia de que meu pai havia morrido. Eu lhe disse que era impossível, pois ele viera brincar com as crianças naquela manhã.*

*Ainda chorando muito, ambas ficamos completamente chocadas, e mais tarde, naquela mesma noite, quando mamãe veio ficar conosco, mostrei-lhe o quebra-cabeça e pedi às crianças que lhe contassem quem as ajudara a montá-lo. Elas falaram que tinha sido o vovô. Minha mãe de início ficou sem fala e quase desmaiou. Mais tarde fiquei sabendo que a última coisa que papai lhe dissera antes de morrer foi: “Os cavalos estão correndo soltos*

A história de Daisy é fascinante porque, diferentemente das muitas que aparecem neste livro, ela não foi a única testemunha. Seus filhos também passaram algum tempo com o espírito do avô.

Histórias como essa são intensas e dramáticas, porque falam da visão de um ente querido morto, no momento de sua morte. No entanto, esses são relatos extremamente raros. O mais comum são os depoimentos enviados por pessoas que não tiveram uma visão, mas sim uma experiência surreal quando um ente querido morreu. As vezes é a sensação de ter sido beijadas, de sentir

uma brisa ou um golpe de vento, de enxergar um fecho de luz ou alguma outra coisa incompreensível. Em outros casos, eles simplesmente sabiam que alguém que amavam havia morrido, ainda que não houvesse razão para acreditar que isso podia ter acontecido na ocasião. Estas duas próximas histórias ilustram algumas dessas estranhas ocorrências. A primeira me foi enviada por Danielle.

## O beijo

*Eu estava voltando do trabalho para casa quando senti que alguém havia me beijado. Lembro-me do momento exato porque esperava meu trem, que estava dez minutos atrasado, chegar, e eu ficava o tempo todo consultando o relógio. Eram 18h52.*

*Só cheguei à minha casa por volta das 21h30, pois houve muitos atrasos nos trens. Eu estava muito cansada e me encaminhei direto para o chuveiro, e depois fui ver se tinha algo para comer. Eram quase 23 horas quando fui ver ficar se havia alguma mensagem na secretária eletrônica. Quando ouvi os recados, soube que minha irmã havia morrido. Entrei em choque, pois, na última vez que tive notícias dela, ela havia se mudado para Londres para estudar. Ela morreu em um estranho acidente de barco. Foi retirada da água com vida e levada às pressas para o hospital, mas morreu às 18h50.*

*Só alguns dias mais tarde, enquanto ajudava mamãe com os preparativos para o funeral, foi que me lembrei do que me havia acontecido: o beijo na plataforma da estação. Acredito que tenha sido minha irmã se despedindo de mim. Acredito mesmo nisso, e espero que você ache que a minha história mereça ser contada.*

E a segunda história me foi enviada por e-mail, por Misha.

## De passagem

*Dizem que uma mãe tem um vínculo telepático com os filhos, e, quando meu filho morreu no início deste ano em um acidente de carro, eu o senti. Eu o ouvi. Estava dirigindo para o trabalho, eram umas 7 da noite. Eu estava ansiosa e zangada porque um trem se aproximava do cruzamento e as luzes estavam piscando. Eu sabia que tinha de parar, então fiquei sentada ali, fervendo e esperando que o trem passasse. Pareceu demorar horas, mas de*

*repente um sopro de ar me atingiu em cheio no rosto. Foi tão forte que me lembro de ter olhado para ver se as janelas do carro estavam abertas, porém estavam todas fechadas. Verifiquei meu ar-condicionado, que estava desligado. Eu não tinha ideia do que havia causado aquilo e achei que poderia ter sido algo vindo de fora, pois eu era a primeira da fila para atravessar a via férrea, mas então ouvi meu filho, Mica, falando comigo. Não foi uma conversa normal. Eu sabia que ele não estava no carro, contudo o ouvi dentro da minha cabeça — se é que isso faz sentido. Ele me dizia que eu não devia ficar estressada por estar atrasada e que ele estava apenas de passagem e queria dizer que me amava.*

*Achei que estava enlouquecendo e que talvez estivesse ficando doente. Naquele momento, o trem — era um trem de alta velocidade — passou. Foi quando o trem passou voando na minha frente que tive absoluta certeza de que algo terrível havia acontecido com Mica. Naquele instante eu não sabia que ele já havia morrido, mas sabia que algo estava muito, muito errado. Você acha que a voz que ouvi e o golpe de vento à minha volta eram sinais de Mica indo para o céu? O acidente em que ele morreu aconteceu perto das 18h30 daquela mesma noite.*

Outra experiência marcante que pode ocorrer perto do momento da morte é sonhar com um ente querido já falecido. Muitas pessoas entraram em contato comigo desde a publicação de meus livros anteriores para me contar alguns sonhos vívidos e realistas que tiveram com entes queridos já falecidos. Os sonhos sobre vida após a morte — ou, como prefiro chamá-los, as visões noturnas — são uma fonte de grande conforto após a perda de um ente querido, e entendo que eles oferecem ainda mais provas de que a vida após a morte é real; mas, infelizmente, não há tempo ou espaço neste livro para discuti-los.

Gomo vimos anteriormente, muitos cientistas e psicólogos sugerem que as visões de despedida e as sensações ou experiências inexplicáveis no momento da morte são o produto de uma mente enlutada indo em busca de algum tipo de alívio. Embora haja alguma lógica nesses argumentos, acabei acreditando que essas experiências são na verdade mensagens de amor do outro lado. Acredito nisso porque, embora as experiências estejam bem relatadas, nem todas as pessoas que perderam um ente querido ou testemunharam o momento da morte as experimentaram. Certamente, se

fossem experiências induzidas pelo sofrimento, todos os que passaram por um sofrimento intenso não as teriam experimentado? Além disso, atribuir essas vivências a reações induzidas pelo sofrimento ou dizer que são projeções de uma imaginação exacerbada não explicam as experiências em que o indivíduo não sabe que a pessoa morreu. Acho que há mais evidências para desmentir essas teorias do que para prová-las.

Todas as evidências sugerem que as visões no leito de morte são exatamente o que revelam ser às pessoas que as vivenciam. São prova de que há vida após a morte e que, quando chega a nossa hora, os espíritos dos entes queridos e/ou seres de luz estarão ali para facilitar a nossa passagem desta vida para a próxima. Para a pessoa que está morrendo, essas vivências são uma fonte de grande conforto e força e parecem tão reais e tranquilizadoras que podem às vezes se tornar um catalisador para mudanças físicas. Estas podem ser algo tão simples como um sorriso, um rubor na face ou o retorno momentâneo da lucidez e uma sensação de felicidade e contentamento. Em minha opinião, tais momentos de clareza oferecem uma previsão da eternidade do espírito que está sempre ali, mesmo nos corpos mais cansados, doentes e desgastados.

Em meus livros, gosto muito de citar as palavras de William Blake, um poeta que decididamente acreditava na existência da vida após a morte. Para Blake, a morte era tão natural e tão simples como ir de um lugar a outro. Segundo sua esposa, essa forte crença o sustentou e confortou nos dias anteriores à sua morte, e ele se manteve mais feliz do que ela jamais poderia ter imaginado. O filósofo Sorensen Kierkegaard também deixou este mundo com a absoluta convicção de que sua vida não estava terminando e que ele estava iniciando uma viagem maravilhosa. Falando da maneira como Kierkegaard morreu, seu sobrinho teria dito o seguinte: “Nunca vi um espírito romper a casca terrena e sair dela em tal glória”. O sobrinho prossegue dizendo que, depois de Kierkegaard ter se despedido da família, ele lhes lançou um olhar diferente de tudo que eu já tinha visto. Brilhava com um esplendor sublime e abençoado que parecia deixar todo o quarto mais claro. Tudo estava concentrado naqueles olhos como uma fonte de luz e amor sincero, como a dissolução jubilosa da tristeza, uma clareza mental penetrante e um sorriso divertido.

Eu adoro essa descrição, pois mostra o estado deliciosamente feliz em que se encontrava Kierkegaard. Sua crença na vida após a morte era tão poderosa que a perspectiva da morte não lhe causava absolutamente nenhum

medo. Essa total ausência do medo é um tema costumeiro em muitos relatos que li sobre as pessoas em seus últimos instantes. Outro tema é o efeito que essa ausência de medo tem sobre os entes queridos e os familiares que lutam para enfrentar a perspectiva de perder aqueles que amam profundamente. Amy me enviou a próxima história. Ela estava presente no momento da morte de sua mãe e, nas horas finais, testemunhou em sua mãe uma alegria, uma felicidade e um viço de saúde e vitalidade que não apenas amenizaram seu sofrimento como dissolveram toda a ansiedade sobre a morte que ela sentira anteriormente.

### O último presente

*Eu nunca havia visto ninguém morrer. Os médicos me disseram que mamãe só tinha alguns dias de vida e que eu devia esperar o pior. Jamais imaginaria que iria sair daquela experiência esperando o melhor, quando se trata da morte...*

*Mamãe vinha sentindo muitas dores nos meses anteriores à sua morte, e isso me estressava mais do que o fato de que eu iria perdê-la. Ela tomava todo tipo de medicação e morfina para aliviar seu sofrimento, e havia dias em que eu ansiava que ela morresse, para ficar em paz e livre do sofrimento.*

*No dia em que ela morreu eu estava sentada ao lado dela, lendo, quando percebi que sua respiração profunda e pesada havia acalmado e apresentava um ritmo suave. Eu me levantei, e, quando o fiz, ela abriu os olhos, sorriu e piscou para mim. Fiquei tão surpresa que não soube se ria ou se chorava. Ela não conseguia se sentar, mas seu rosto parecia radiante. Seus lábios estavam úmidos, sua face rosada, e seus cabelos - que antes pareciam secos e finos — estavam brilhantes, como eu me lembrava deles quando era criança.*

*Foi o presente mais maravilhoso vê-la assim, e passamos cerca de trinta minutos conversando, rindo e dizendo uma à outra como nos amávamos. Durante essa hora final mamãe continuava luminosa, e eu jamais esquecerá esse último presente que ela me deu. Em vez de me lembrar dela magra, pálida e transtornada pela dor, tenho essa maravilhosa lembrança dela brilhando de saúde. Depois da nossa conversa, mamãe adormeceu e nunca mais acordou. Nos momentos anteriores à sua morte, ela esteve mais viva para mim do que havia estado em anos, e, depois do que vivenciei, realmente*

*acredito que ela ainda vive em algum lugar e que a morte não é o fim da nossa jornada.*

Espero ser inundada por sentimentos de alegria, paz e convicção como as pessoas cujas histórias estão neste capítulo, porém sei que não posso ter certeza disso. Posso não ser abençoada com uma visão da vida após a morte quando minha hora chegar. Posso não ouvir nem ver nada sobrenatural, mas isso não me preocupa, pois, por razões que não entendo, sei que não preciso passar meus momentos finais paralisada pela ansiedade e pelo medo. Enquanto continuar acreditando que a vida após a morte é uma verdade, posso dominar qualquer medo de morrer que eu venha a sentir.

Se você jamais testemunhou o fim de uma vida, ou se esteve presente, mas achou a experiência demasiado perturbadora ou estressante, eu o aconselho a ler novamente as histórias deste capítulo. Todas elas descrevem o inestimável e sacrossanto momento em que o céu toca a terra, e a paz, o amor e o conforto brilham sobre nós. Todos os relatos mostram que a morte pode ser bela e são poderosos lembretes de que ela não é mais forte do que o amor, e que o medo é um obstáculo ao verdadeiro entendimento.

Apesar de tudo isso, pode ser muito difícil não pensar na morte como algo negativo. O instinto de sobrevivência é forte, e a maioria das pessoas tende a pensar na morte como algo que não pode acontecer *conosco* ou com aqueles que amamos. Neste exato momento, nenhum de nós tem nenhuma ideia de quanto tempo ainda nos resta na Terra — podem ser décadas, anos, meses, semanas, dias ou horas. Nós simplesmente não sabemos.

Pensar de vez em quando sobre a certeza da nossa morte não é uma coisa negativa. Na verdade, pode ser algo incrivelmente positivo, pois nos ajudará a viver de maneira mais feliz, mais compassiva e mais enriquecedora.

Há, é claro, algumas almas sábias entre nós que já têm esse entendimento instintivo da morte. Se algum dia você precisar tomar vacina para acreditar na vida após a morte, ouça o que crianças pequenas têm a dizer a respeito. Elas não acreditam na morte da maneira como nós acreditamos. Vou retornar mais adiante ao tema das crianças que veem espíritos, mas acho que este é o melhor lugar para nossa próxima história, enviada por Henry, porque pode ensinar muito a nós, adultos, sobre a realidade da vida e da morte.

Lá em cima

*Sou pai de quatro filhos, mas se você perguntar à minha filha de 2 anos e meio, Emma, ela vai lhe dizer que tem quatro irmãos e irmãs. Tenho-lhe dito repetidas vezes que ela tem duas irmãs e um irmão, mas ela sempre sacode a cabeça, ri e diz que tem dois irmãos. A primeira vez que isso aconteceu foi quando a levamos pela primeira vez à creche. Pediram-lhe que fizesse um desenho da sua família. Ela desenhou a mim e a Suzanne, minha esposa, e depois desenhou a si mesma, suas duas irmãs —Jade e Cordelia -, seu irmão, Jonathan, e depois, voando acima de nós, desenhou outro garotinho. Quando vi o desenho, perguntei a Emma quem era o menino que estava voando, e ela disse que era seu “outro irmão”. Eu lhe disse que ela só tinha um irmão, mas ela balançou a cabeça, apontou para cima e disse que seu outro irmão estava “lá em cima”.*

*Na época não tínhamos dito a Emma que nosso primeiro filho —Jaden - havia nascido morto. Também não a levamos para visitar seu túmulo nem contamos isso aos nossos outros filhos. Todos eles tinham menos de 10 anos, e ainda não nos sentíamos prontos para compartilhar o nosso luto com eles. Emma agora tem 4 anos e ainda insiste com sua professora da creche e com seus amigos que tem quatro irmãos e irmãs. Não a contradizemos mais, e sua convicção nos faz pensar que talvez devamos tomar a decisão de finalmente dizer aos nossos filhos que eles realmente têm outro irmão. Ele se chama Jaden e vive no céu.*

## Mais evidências

Este capítulo, destinado a falar de visões no leito de morte, foi difícil de escrever, pois trouxe lembranças dolorosas da minha mãe e do fato de eu não estar ao seu lado quando ela morreu. Ela morreu sozinha. Eu não estava lá.

Observar alguém que você ama fenecer é a experiência mais estressante e lancinante do mundo. Eu lidava com isso me recusando a aceitar que iria realmente acontecer. Mas aconteceu — às 14h11 de uma terça-feira. E eu não estava lá.

Quando saí de lá no final da manhã de segunda-feira, antes de ela morrer, mamãe estava icterica, fraca e chorosa, mas eu não tinha razões para suspeitar que aquele era o seu fim. Na verdade, em sua última avaliação, o médico me dissera que ela estava um pouco melhor do que ele esperava e que havia

razão para ficarmos mais otimistas do que antes. Então, quando o telefonema me informando que ela havia morrido me pegou no trabalho, fiquei paralisada. A cuidadora me disse que mamãe havia chamado por mim cerca de uma hora antes de morrer. Ouvir isso foi uma martelada no meu coração. Mamãe havia chamado por mim, e eu não estava lá.

Demorou um mês para a notícia da morte de mamãe entrar na minha cabeça. O funeral não parecia real. Eu me sentia como se estivesse observando algo que na verdade não estava acontecendo. No entanto, quando o fim que tudo aquilo representava realmente me atingiu, eu me culpei. Estava convencida de que ela não teria morrido se eu estivesse lá. E, se *era* o momento da sua partida, pelo menos ela teria morrido com uma filha que a amava ao seu lado, e não com uma cuidadora que ganhava por hora. Gomo desejei poder voltar no tempo e não ter tomado aquele trem na manhã de segunda-feira! Como desejei segurar a mão de minha mãe e acariciá-la uma vez mais!

Nos meses e nos anos que se seguiram, jamais parei de me censurar por não estar com minha mãe quando ela morreu. Não conseguia eliminar o sentimento de culpa. Algumas vezes quase consegui me convencer de que não tive escolha e fiz o melhor que pude, mas então a dor desabava sobre mim em ondas das quais eu não conseguia desviar.

Com o passar dos anos, realmente acho que recebi sinais de perdão e amor por parte da minha mãe em espírito, mas isso é assunto para outro livro. A razão de estar mencionando aqui a morte dela e o fato de eu lamentar amargamente não estar presente naquele momento é que não são tanto esses sinais do mundo dos espíritos que me proporcionaram conforto e um sentimento de força e esperança, mas sim as histórias que li ao longo do tempo sobre as experiências de quase morte, as visões no leito de morte e as visões de despedida. Histórias como essas que reuni para você neste capítulo e no anterior.

Na verdade, quando escrevi estes dois capítulos pude sentir a tensão dentro de mim aumentar e, em mais de uma ocasião, tive de parar e soltar um grande grito. O simples fato de escrever as palavras “Eu não estava ao lado dela quando ela morreu” foi muito difícil, mas foi então que algo impressionante começou a acontecer. Enquanto acrescentava história após história aos capítulos, aquelas lágrimas de dor e tristeza pouco a pouco começaram a se mesclar com lágrimas de conforto e alegria. Uma profunda sensação de paz me invadiu, junto com a consciência de que eu estava

finalmente captando uma profunda verdade. Posso não ter estado lá fisicamente, mas estes relatos, com sua ênfase no eterno poder do amor, me fizeram lembrar de que estive com ela a cada passo do caminho. E a razão dessa minha convicção é o vínculo de amor entre mim e minha mãe. Nosso amor uma pela outra foi poderoso o suficiente para transcender a distância física entre nós quando ela morreu. Foi forte o bastante para eu estar ali com ela, segurando sua mão, enquanto ela fazia sua passagem. Minha mãe não estava só quando morreu. Eu estava com ela em espírito, assim como ela está viva em espírito e comigo agora.

Escrever este capítulo me lembrou e me reassegurou uma vez mais de que o céu é real. Ele me ensinou uma vez mais que a morte não é o fim, mas, mesmo que eu esteja me repetindo, que o que penso ou sinto realmente não importa. O que importa aqui é o que  *você*  pensa ou sente e como ler este livro o está afetando. E claro que você ainda pode ter dúvidas e achar que tudo isso é muito difícil de engolir — o que é inteiramente compreensível. Peço apenas que examine as evidências que estou apresentando e reflita se isso pode de algum modo ajudá-lo a reavaliar as prioridades de sua vida. Este é um velho e desgastado clichê, mas ninguém em seu leito de morte jamais disse “eu desejava ter passado mais tempo no escritório”, e, pelo que sei, todos os telefonemas para familiares e entes queridos feitos pelos passageiros dos aviões que fizeram parte da tragédia de 11 de Setembro foram mensagens de amor. Como sempre digo, não estou aqui para convencê-lo, apenas para apresentar minha posição em relação à existência de vida após a morte, para que você possa chegar às suas próprias conclusões e tomar suas próprias decisões sobre o que realmente importa na sua vida.

E, falando sobre apresentar minha posição em relação à realidade do céu, se você ficou intrigado pelas visões no leito de morte, ficará ainda mais intrigado com o conteúdo do próximo capítulo, porque ele contém histórias que me foram enviadas por pessoas que não estavam à beira da morte quando viram espíritos.

Sim, as evidências estão realmente aumentando agora.

## 4. Visitações vindas do outro lado

*Sempre pensei nas visitasões como cartas de amor vindas do infinito.*

Lee Lawson

Uma visitação é um encontro espontâneo com o espírito de alguém que já partiu. Se você continua pensando que as histórias que leu até agora têm explicações físicas ou psicológicas devido ao choque, ao sofrimento, ao luto ou às tensões não resolvidas que normalmente envolvem a morte imediata de um ente querido, então eu gostaria de chamar sua atenção para os relatos apresentados neste capítulo. Todas as pessoas aqui citadas acreditam ter visto ou encontrado, de maneira inequívoca, o espírito de um ente querido já falecido, mas a visitação não aconteceu perto do momento da morte dessa pessoa, mas sim meses, anos ou até décadas depois.

As histórias a seguir talvez sejam rejeitadas como truques dos olhos e/ou da mente. Os olhos realmente nos pregam peças, e a imaginação pode na verdade distorcer o nosso pensamento, mas desde já vou adiantar algumas coisas. Antes de mais nada, todas as pessoas que me enviaram estas histórias me asseguraram que não estavam sob a influência de drogas, álcool ou medicação - foi fácil para elas identificar o que estavam vendo —, e nenhuma delas sofria de algum distúrbio psicológico. Eram pessoas perfeitamente comuns que levavam uma vida comum. Em segundo lugar, nenhuma das pessoas que me escreveu tinha qualquer razão para inventar coisas e, em alguns casos, antes da visitação, consideravam-se céticas e questionavam a existência de vida após a morte. Em terceiro lugar, embora algumas estivessem sofrendo a perda de um ente querido na época da visitação, outras não estavam sequer pensando na pessoa falecida; e, em todos os casos, a visitação foi espontânea — não parecia ter havido nenhum fator desencadeante. Finalmente, mas não menos importante, todos os que entraram em contato comigo me juraram que o que viram, ouviram e sentiram foi real - eles não imaginaram nada. E eu acredito neles.

Vendo espíritos

Este primeiro grupo de histórias vem de pessoas que acreditam que realmente

viram entes queridos já falecidos, e os espíritos lhes apareceram de maneira não indistinta ou enevoada, mas eram presenças sólidas e genuínas. Em outras palavras, os espíritos pareciam concretos e reais, e se os observadores não soubessem que as pessoas que viram estavam mortas no momento da visitação, eles poderiam ser confundidos com pessoas comuns. Além disso, os espíritos pareciam saudáveis e felizes, independentemente de sua idade, mesmo quando avançada, e fosse qual fosse o estado de saúde de seu corpo quando morreram. Na verdade, em muitos casos os entes queridos falecidos pareciam mais contentes em sua forma espiritual do que no final da vida física. Havia neles uma paz e uma tranquilidade que podem não ter exibido em sua forma humana, e essa sensação de calma teve impacto sobre o observador, que tipicamente descreveu a visitação como uma experiência positiva, de cura. Ouvi repetidas vezes como o fato de ver o espírito de um ente querido falecido ajudou o observador a deixar para trás lembranças dolorosas, tensões não resolvidas ou um eventual sentimento de culpa que pudesse ter tido a respeito da perda de alguém que significava muito para ele.

A primeira história me foi enviada por Sophie, e acho que ilustra perfeitamente o efeito curador produzido pelo aparecimento pleno de um ente querido falecido.

### Primeiro os pés

*Quando eu tinha 15 anos, parei de estudar por um semestre devido à morte de meu pai. Nós éramos muito chegados, e chorei durante dias, semanas e meses depois disso. Meu pai havia sido ateu durante toda a vida, e nós lhe demos um funeral humanista, cumprindo sua vontade. Foi um evento bonito e feliz que celebrou sua vida, mas depois eu me senti em frangalhos. Sentia muito a falta dele e não conseguia ver nada de bom à minha frente. Mamãe tentou me fazer retornar à escola, mas minha cabeça e meu coração não estavam ali. Eu simplesmente me arrastava de um dia para outro. O sofrimento diminuía à medida que as semanas se tornavam meses, porém sempre estava ali, pronto para vir à tona. Saí da escola com cinco matérias pendentes e fui trabalhar em um café. Não era um bom emprego, e o trabalho era maçante, mas me proporcionou uma rotina e uma estrutura de vida, além de um alívio temporário para a dor da minha perda. O luto é exaustivo. Ele suga a vida da gente, contudo ter um emprego preencheu um*

*pouco a minha mente, e pouco a pouco comecei a me recuperar. Houve dias em que me sentia muito deprimida, mas depois chegou um momento em que a vida não parecia mais tão ruim. O progresso foi lento, mas eu estava indo em frente.*

*Então, certa noite, eu estava pegando alguns suprimentos na despensa do café e acidentalmente fiquei trancada lá dentro. Bati na porta, mas havia muito movimento e barulho no salão, e eu sabia que iria demorar algum tempo até que alguém viesse procurar por mim. Resignei-me a esperar e me sentei no chão. A paz e o silêncio na despensa eram revigorantes após a agitação do trabalho, e, como meus pés doíam, tirei os sapatos. Acho que foram a paz e o silêncio que me abalaram, e não demorou muito eu estava chorando, pois fazia exatamente um ano e três dias que meu pai havia morrido. Celebramos a data, mas não achei que aquilo tivesse sido útil — muito pelo contrário. Foi então, quando estava esfregando meus pés doloridos, que tive uma experiência sensacional. Vi primeiro um par de botas - as botas de meu pai — e depois suas pernas apareceram, seu corpo e seu rosto. Ele estava de pé, ou melhor, flutuando, bem ali na minha frente. Eu o vi. Realmente o vi. Ele estendeu a mão, e eu a peguei. Estava quente e viva, e ele me ajudou a levantar. Abri a boca para falar com ele, mas naquele momento a porta se abriu e meu chefe entrou. Meu pai havia ido embora. Eu devia estar parecendo muito assustada, pois meu chefe me deu a tarde de folga — algo que nunca faz. Eu não disse nada a ele nem a ninguém sobre o que tinha visto. Não porque achasse que ninguém acreditaria em mim, mas porque não estava pronta para compartilhar aquilo — durante algum tempo, queria manter o ocorrido só para mim. Era a minha experiência, se você entende o que quero dizer.*

*Mamãe e papai nunca me impuseram suas crenças ateístas, mas naturalmente eu era propensa a acreditar no que eles acreditavam, e meu pai sempre foi muito apaixonado e obstinado em suas convicções. Eu adorava papai e achava que ele sempre estava certo. Agora penso diferente. Finalmente contei a mamãe que tinha visto o espírito de papai, e ela não acreditou em mim. Por isso decidi escrever para você. Papai foi sempre um homem tão dogmático e decidido que me faz sorrir pensar em como ele teria reagido quando descobriu que o tempo todo estava errado sobre a vida após a morte. Ele deve ter ficado muito chocado, porém devia ser maravilhoso lá em cima, porque ele engoliu o orgulho e voltou para que eu soubesse que*

*não tinha morrido. Imagino que, se papai pôde fazer isso por mim, é porque também chegou a hora de eu repensar tudo. Ainda não sei o que quero fazer da minha vida e continuo trabalhando no café, mas à noite estou estudando para tirar boas notas. Não quero mais simplesmente me deixar levar.*

Depois que seu pai apareceu, Sophie se sentiu em paz e confortada por saber com certeza que ele estava sempre ao seu lado. Sim, é possível argumentar que sua experiência tinha uma explicação psicológica ou talvez até física — pois ela disse estar esgotada pelo sofrimento -, mas, no início da sua história, Sophie diz claramente que nunca acreditou na vida após a morte até passar por essa experiência. Em outras palavras, ela não estava inconscientemente buscando a experiência quando isso aconteceu; muito pelo contrário, pois ela também disse que estava a caminho da recuperação.

Julie me enviou esta intrigante história.

Claro como o dia

*Minha sogra foi diagnosticada com câncer de pâncreas em 2004. Ficou muito doente em dezembro daquele ano, e todos sabíamos que ela não demoraria muito a morrer.*

*Recebemos um telefonema na noite de 26 de dezembro de 2004 nos informando a hora da sua morte. Fomos vê-la naquela noite para lhe dizer adeus. Na manhã seguinte soubemos do tsunami na Tailândia e descobrimos que ele havia acontecido exatamente na mesma hora em que minha sogra morreu. No dia seguinte ao seu funeral eu estava sentada na sala e vi, claro como o dia, duas pessoas de pé na entrada. Uma delas era a minha sogra, e ela estava com o longo casaco preto que sempre usava no inverno. Estava segurando a mão de um menino pequeno, e ele vestia um short branco, estava sem camisa e com os pés descalços. Achei que estivesse imaginando aquilo, mas era real. Eles não ficaram ali por muito tempo; caminharam na direção do corredor e então desapareceram.*

*De fato acredito que minha sogra estava cuidando de uma criança pequena que havia morrido no tsunami, porque ela era muito chegada ao meu filho e sei quanto o amava; então, acho que ajudava outro menino a encontrar seu caminho.*

Rosemary me enviou esta história breve, porém iluminadora.

## Fugaz

*Meu pai morreu há dez anos, e certa noite eu estava entrando no meu carro quando o vi nitidamente -poderia até descrever o que ele vestia - apenas por um momento fugaz.*

E Naelene me mandou esta história sobre uma visitação de seu falecido marido.

## Bem acordada

*Sou uma senhora de 70 anos e, tempos atrás, quando meu primeiro marido, Basil, morreu, acredito ter tido um encontro com a vida após a morte. Depois da morte dele fiquei muito transtornada e certa noite sonhei que estávamos jogando golfe e que ele atirou a bola na direção de algumas árvores, foi procurar por ela e então desapareceu. Eu não conseguia encontrá-lo mais, e meu choro me acordou. Então, quando já estava bem acordada e deitada do meu lado da cama, de repente ouvi a tosse de Basil, inclinei-me para a frente e senti o cheiro familiar de sua loção pós-barba. Então o vi. Realmente o vi. Não imaginei isso. Ele vestia um short preto e estava sem camisa. Tinha o cabelo comprido e usava barba, o que era incomum, pois sempre tivera o cabelo bem curto e fazia a barba todos os dias.*

*De repente, senti que ele me abraçava e consegui perceber o calor do seu corpo. Ri quando sua barba arranhou meu rosto. Comunicando-se, agora acredito que por pensamento, ele disse que eu devia me casar de novo, mas eu disse que só queria a ele. E com isso ele se foi, deixando-me em prantos. Eu continuei chorando pelo resto da noite.*

Embora as visitas possam ao mesmo tempo fazer com que sentimentos de perda e tristeza venham de novo à tona, como mostra a história de Naelene, elas também podem trazer alegria e a tranquilidade de saber que um ente querido falecido ainda está vivo e continua nos amando como antes, porém em outra dimensão.

Ghristina me enviou esta próxima história. Está claro que ter um vislumbre do espírito de sua filha natimorta Sarah produziu nela e em sua

família uma sensação muito real de paz e esperança.

Ainda viva

*Li alguns de seus livros e achei difícil parar de lê-los. Quero compartilhar com você uma experiência incrível que tive após perder minha filha, Sarah, que nasceu morta.*

*Minhas duas filhas têm pouco mais de um ano de diferença. Madison tem 2 anos, e Sarah deveria ter 6 meses. Certo dia, Madison estava brincando enquanto eu lavava a louça, e ela ficou repetindo: “Olá, coelhinho”. Eu perguntei: “Onde está o coelhinho?”. Madison apontou para a porta de entrada. Então, de novo, ela disse: “Olá, coelhinho”. Eu lhe perguntei onde, e ela apontou para o céu. Perguntei se eu podia dizer alô para ele, mas Madison disse que não, porque ele tinha ido embora. Então ela sorriu e disse: “Olá, volte aqui. Mamãe, posso tomar um pouco de leite?”. Quando ergui os olhos para lhe dizer que sim, vi uma menininha sair correndo da sala. Tinha os mesmos traços de Sarah e parecia ter uns 2 anos. Acho que em Sarah, porque escrevi no seu livro do bebê que ela nasceu no ano do Coelho.*

Outra coisa que percebi ao ler as histórias de visitação é que os entes queridos falecidos parecem ter conhecimento do que está se passando no mundo que deixaram para trás. As vezes, em momentos de crise, eles nos visitam para oferecer orientação, força e coragem. Foi exatamente isso que aconteceu com Ron.

Perdido e encontrado

*Minha esposa morreu quando minhas filhas — Lizzy e Stacey - estavam entrando na adolescência. Tivemos alguns anos infernais, e provavelmente não lidei com as coisas tão bem quanto deveria. Tirei dois meses de licença do trabalho depois do funeral e passei esse tempo com as meninas. Ficamos incrivelmente próximos nessa época, e achei que esse período de dois meses era tudo o que elas realmente precisavam. Quando a licença terminou, mergulhei no trabalho. Achava que tinha duas filhas adolescentes para sustentar e que o que elas queriam de seu pai agora, mais do que qualquer outra coisa, era segurança financeira. Pensei que já eram quase mulheres e*

*que estavam lidando bem com a perda e levando a vida em frente, mas estava muito errado. Elas ainda eram muito jovens e precisavam de orientação.*

*Fazia quase três anos que minha esposa havia morrido quando a escola da minha filha me telefonou pedindo uma reunião comigo. Aparentemente, Lizzy estava atrasada nos trabalhos escolares e sendo mal-educada com as pessoas. Tinha havido um incidente de grave grosseria, e ela recebera uma advertência e três dias de suspensão. Isso não era característico de Lizzy, mas imaginei que todos erram às vezes e que ela não repetiria seus erros depois dessa punição. Eu estava atolado de trabalho e não conseguiria tirar nenhum momento de folga, mas, como ela era uma garota madura de 15 anos, pensei que ficaria bem sozinha em casa.*

*Mais uma vez, eu estava errado. Na hora do almoço, quando voltei do trabalho para ver como ela estava, não consegui encontrá-la. Fiquei louco de preocupação. Liguei para seu celular, porém não houve resposta: fui a todos os lugares que ela frequentava, mas ela também não estava em nenhum deles. Fui até a delegacia para pedir uma orientação, mas disseram que, como ela só estava desaparecida havia algumas horas, eles não poderiam fazer nada. Tentaram me deixar menos preocupado, dizendo que ela provavelmente voltaria para casa à noite e que a melhor coisa que eu tinha afazer naquele momento era ir para casa e estar lá quando ela voltasse.*

*Fui para casa, e a tarde demorou uma eternidade para passar. Stacey chegou às 17 horas e, quando descobriu que sua irmã estava desaparecida, ficou histérica e começou a me xingar e dizer que aquilo era culpa minha. Tentei conversar com ela, mas ela foi para o quarto e bateu a porta na minha cara. Eu me senti um fracasso completo como pai e totalmente perdido, pois não tinha a menor ideia se deveria fazer o que minha intuição dizia e sair procurando por Lizzy ou se devia ficar esperando em casa, como a polícia havia sugerido.*

*Foi então que vi minha esposa sentada no sofá da sala. O tempo parou. Fechei os olhos e tornei a abri-los para me certificar de que não estava sonhando. Aquilo era impossível. Caminhei até ela, e ela virou a cabeça para olhar para mim e me lançou aquele seu sorriso que eu conhecia tão bem. Sua aparência era fantástica. Em seus últimos meses de vida, o câncer havia realmente marcado presença, porém agora ela parecia exatamente como eu me lembrava dela quando nos conhecemos. Estava maravilhosa. Pedi-lhe que me ajudasse, mas ela balançou a cabeça e depois tornou a sorrir —*

*aquele sorriso tranquilizador que sempre costumava me dar quando confiava em mim para fazer alguma coisa.*

*Eu estava prestes a lhe pedir ajuda quando ouvi Stacey descendo a escada. Eu me virei, e, quando olhei, minha esposa havia desaparecido. Stacey entrou e me perguntou se eu estava bem, pois me ouvira gritar. Pelo que me lembro, eu não estava gritando. Estava apenas implorando à minha esposa que me ajudasse. Antes que eu pudesse dizer alguma coisa, Stacey se aproximou de mim e me deu um forte abraço, e enquanto ela me abraçava tive uma ideia brilhante. Eu tinha checado todos os lugares, exceto o mais óbvio: o cemitério.*

*Minhas suspeitas estavam certas, e encontrei Lizzy no cemitério. Ela havia levado um embrulho com lanche e algum trabalho escolar e ficara ali sentada a tarde toda. Estou convencido de que minha esposa apareceu para me guiar até Lizzy o também para me lembrar de que, embora minhas filhas estivessem crescidas, ainda sentiam profundamente a falta da mãe e precisavam de mim perto delas agora mais do que em qualquer outro momento. O tempo pode curar, mas a cura seria um processo longo; e, mesmo que elas parecessem bem, eu precisava estar por perto, realmente presente.*

Também li várias histórias convincentes mostrando que os entes queridos que partiram não querem que a tristeza e o sentimento de perda impeçam aqueles que deixaram para trás de viver a vida plenamente. A história de Goleen é um perfeito exemplo disso.

O aqui maravilhoso

*Mamãe morreu de repente, no ano passado, e demorei muito tempo para me recuperar. Ela sempre fora o meu suporte. A primeira pessoa para quem eu telefonava pedindo conselho sobre qualquer coisa. Havíamos sido sempre nós duas, e o mundo parecia muito ameaçador sem ela. Eu já tinha mais de 20 anos, mas, por dentro, ainda me sentia muito jovem e insegura. Tinha um bom emprego em um banco, e mamãe me deixou seu apartamento e dinheiro suficiente para se certificar de que eu ficaria bem; portanto, não se tratava de segurança financeira, mas de segurança emocional. Eu achava difícil confiar em outra pessoa. Como já disse, havíamos sido sempre apenas*

*mamãe e eu.*

*Não percebi isso na época, mas a maneira como enfrentei meu medo foi me recolher na minha concha. Eu ia de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Quanto mais isolada eu ficava, mais perdia o apetite, e não demorou muito para meu manequim diminuir dois números. Recebi muitos cumprimentos no trabalho por minha perda de peso; portanto, continuei me alimentando pouco e também comecei a me exercitar todos os dias. De início, os exercícios me proporcionaram um enorme estímulo. Eu me sentia forte e poderosa, porém depois de três anos nessa rotina, minha vida estava totalmente dominada por cálculos do pouco que eu comia e do muito que me exercitava. Não pensava assim na época, mas parecia muito doente e esquelética, embora isso não me aborrecesse. Eu queria ser magra, realmente magra. Finalmente havia encontrado algo que eu conseguia fazer bem.*

*Então, quatro anos depois da morte de minha mãe, tive o que só posso descrever como uma revelação. Eram mais ou menos 5 da manhã, e eu estava fazendo meus exercícios habituais na sala quando vi minha mãe sentada diante da mesa da cozinha. Ela parecia ótima. Disse-me que estava muito feliz no céu e que sentia muito a minha falta, mas ainda não era o momento de eu me juntar a ela. Então disse que no céu eles serviam a comida mais maravilhosa que existe, e que a única coisa que a deixava triste era que não conseguia comê-la porque eu não estava comendo aqui na Terra. E me pediu, por favor, para deixá-la comer.*

*A visão terminou abruptamente quando o alarme dos meus exercícios disparou para me lembrar de que estava na hora de fazer a sequência de polichinelos. Eu o desliguei e senti um apetite voraz pela primeira vez em anos. No entanto, em homenagem à minha mãe, não me entupi de qualquer alimento em que pudesse pôr as mãos. Tomei uma ducha, me vesti e tomei um café da manhã em grande estilo em um hotel próximo. Ele me pareceu muito gostoso, e, enquanto comia, imaginei minha mãe no céu também comendo. Este iria ser o primeiro de muitos banquetes, e dentro de poucos meses eu havia voltado ao meu peso normal. E posso, com a mão no coração, dizer que a minha anorexia foi curada. Há muitos depoimentos online sobre curas milagrosas para a anorexia, e imagino o que as pessoas pensariam se eu lhes contasse como foi a minha!*

A mãe de Coleen não queria que sua filha continuasse a destruir a própria vida. Queria que ela soubesse que estava feliz em seu novo corpo espiritual e lhe assegurar que não havia desaparecido. Esta próxima história vai um passo além. Mark não só viu seu pai e conversou com ele, como sentiu seu abraço.

Um momento

*Meu pai morreu quando eu tinha 14 anos. Nós tínhamos um relacionamento maravilhoso, e aquilo foi um golpe terrível. Sempre brincávamos sobre quem era o mais forte, e até sua morte (decorrente de um acidente na estrada) ele sempre foi o mais forte. Conseguia facilmente me vencer nas lutas de brincadeira, porque eu era obviamente menor e tinha músculos mais fracos.*

*Quando fiz 16 anos, tive uma experiência que mudou a minha vida, e até hoje (estou com 53) consigo me lembrar dela nos mínimos detalhes. Acordei certa manhã e percebi que estava ficando mais frio à medida que o inverno avançava. Vasculhei o meu armário e tirei de lá uma velha calça de inverno, mas quando a vesti ela estava pequena demais para mim. Eu devia ter passado por um bom estirão de crescimento. Foi então que ouvi claramente a voz de meu pai dizendo que provavelmente agora eu o venceria. Aquilo não foi nem um pouco assustador, e quando me virei ali estava meu pai. Ele estava rindo e me dizendo como se sentia orgulhoso de mim, e depois me deu um enorme abraço de urso. Foi o abraço mais confortador que jamais recebi, e me encheu de esperança, força e confiança. Nunca esquecerei como me senti. Aquele abraço foi real.*

*Ouvi mamãe me chamar, avisando que o café da manhã estava pronto, e naquele momento meu pai desapareceu. Num instante ele estava ali e no outro tinha ido embora. Ele pode ter partido fisicamente, mas a lembrança daquele abraço permanece.*

Eu adoro a história de Mark porque ela descreve de maneira muito calorosa e real a visita de um ente querido falecido. Mark sabe que o que vivenciou não foi fruto da sua imaginação, e acredito em cada palavra que ele disse. Sua história mais uma vez confirma a existência de vida após a morte.

Vislumbres fugazes

Às vezes as pessoas reconhecem uma aparição incompleta em vez de uma aparição plena de um ente querido falecido. Segundo tais relatos, o ente querido aparece como uma luz brilhante ou só se vê uma parte de seu corpo - normalmente a cabeça e os ombros —, ou às vezes o corpo inteiro parece uma sombra vaga ou uma névoa. Embora a experiência seja menos consistente do que uma experiência plena, tem o mesmo efeito: proporciona um grande conforto ao observador.

A próxima história, enviada por Mandy, descreve a aparição de um ente querido como uma luz intensa e brilhante.

Viva

*Nossa amada filha Charlotte morreu há dezoito semanas devido a uma overdose acidental de paracetamol. Na semana passada, de manhã bem cedo, meu marido deu um pulo e ficou em pé, dizendo que via alguma coisa. Eu também me levantei e consegui ver uma luz muito viva, similar à cor das chamas. Então, ela simplesmente desapareceu. Durante a manhã, nossa outra filha disse que tivera um sonho com Charlotte, e depois urna amiga de Charlotte me passou um e-mail contando que também havia sonhado com ela. Será que tudo isso é coincidência ou foi Charlotte nos informando que está em segurança?*

Respondi a Mandy para lhe dizer que eu acreditava que aquela luz que lembrava uma chama era um sinal de Charlotte. Esta é a história de Denise.

Dizendo adeus

*Meu marido e eu adiamos nossa lua de mel para economizar para uma viagem muito sonhada à África do Sul. Dois dias antes de partirmos, meu adorado avô morreu. Eu queria cancelar a viagem, mas minha avó insistiu que fôssemos. Na ocasião eu estava grávida de catorze semanas, mas estávamos mantendo isso em segredo. Na noite antes de partirmos, em torno das 3h30 da manhã, fui acordada por uma intensa luz laranja aos pés da minha cama. Consegui sentir seu calor e sua intensidade quando ela veio na minha direção. Formou um círculo em torno do meu útero, demorou-se ali durante alguns segundos e depois lentamente desapareceu. Meu marido*

*pulou da cama, gritando que havia algo no quarto, pronto para me defender de um intruso. Consegui acalmá-lo dizendo-lhe que havia sido apenas vovô em espírito vindo se despedir de mim. Na manhã seguinte ele não se lembrava do que havia acontecido. Eu, no entanto, me lembrava de tudo, e senti uma maravilhosa sensação de calma quando vivi aquela conexão tão intensamente. E minha gravidez progrediu realmente bem.*

Katia escreveu da Itália para me contar sua experiência.

Claro

*Há quarenta dias minha mãe morreu inesperadamente e nem sequer tive tempo para me despedir dela. Eu estava grávida e, uma semana depois da morte da minha mãe, também perdi o bebê. Foi o pior período da minha vida, em que a perda da minha mãe superou a da minha filha.*

*Certa noite, enquanto eu dormia, ouvi claramente uma voz feminina me chamando pelo nome. Abri os olhos e vi na minha frente, refletida claramente na parede, uma luz horizontal retangular com cerca de 30 centímetros de comprimento. Naquele momento percebi que a luz não vinha de lugar nenhum e também ouvi minha filha de 6 anos falando enquanto dormia em seu quarto. Acredito que aquela luz era minha mãe.*

Isso acontece com frequência nas histórias sobre o aparecimento do espírito de um ente querido falecido na forma de uma luz brilhante quando a experiência ocorre à noite e a luz brilhante é a única fonte de claridade no quarto. Neste próximo relato, Paula descreve como viu o rosto de seu marido em meio a uma luz brilhante e como a experiência lhe devolveu a vontade de viver.

Esmagada

*Eu não queria mais viver depois que meu Wayne morreu. Mas acredito que ele quer que eu viva. Vou lhe dizer por quê. Certa noite eu estava estendendo a mão para pegar mais uma garrafa de vinho para amortecer o sofrimento quando fui ofuscada por uma luz muito forte, e nessa luz vi claramente o rosto de Wayne aparecer na minha frente. Eu havia bebido, mas não muito. Não estava embriagada, posso lhe jurar. Pude ver Wayne sorrir e piscar*

*para mim. Isso me assustou um pouco; deixei cair a garrafa que havia pegado, e ela se espatifou no chão. Desde então não tomei mais uma gota de álcool. Acho que meu Wayne voltou para me pedir que cuidasse melhor de mim e do nosso filho de 3 anos. Ele não precisa de uma mãe bêbada. Ele precisa de uma mãe.*

Outra categoria de experiências visuais da vida após a morte envolve quadros vivos, fotografias ou reflexos de entes queridos que já partiram olhando através de uma janela iluminada ou de um vidro, da dimensão em que se encontram para a nossa — se é que isso faz sentido. Diferentemente das aparições que provocam uma sensação realística, essas visitas têm um toque sobrenatural. Essas visões podem ocorrer com os olhos abertos ou fechados. As que ocorrem quando a pessoa está de olhos abertos são tipicamente comparadas com assistir a um filme, uma projeção ou um holograma, e as que ocorrem quando os olhos estão fechados são descritas como uma imagem vívida na superfície dos olhos.

Tais visões são uma forma rara mas fascinante de comunicação após a morte. Com frequência se diz que é como se *criassem sua própria luz*, e aqueles que têm essa espécie de visão costumam dizer que sabem intuitivamente que o que estão observando vem do mundo dos espíritos, quer acreditem nele ou não antes da experiência. As vezes, a visão é acompanhada por mensagens telepáticas. Esta próxima história me foi enviada do Brasil. Mais uma vez, vemos como essas experiências oferecem o conhecimento exato de que um ente querido passou para uma vida mais feliz, mais agradável. Neste caso, a história que Laila conta de sua mãe e a certeza de que sua dor e seu sofrimento haviam terminado.

## Finados

*Seu livro me tocou principalmente por uma coincidência: hoje é aniversário da minha mãe; ela faria 85 anos (morreu há quatro).*

*Não sei exatamente o que você sabe sobre o meu país, mas, como é relativamente novo, é uma miscelânea de culturas de muitos países do mundo todo e, é claro, de índios nativos — os poucos que ainda existem. Seja como for, isso significa que sou influenciada por uma grande quantidade de crenças, embora não seja uma pessoa religiosa. Conte isso para situar o*

*contexto de uma visão que tive depois que minha mãe morreu. Ela ficou em coma durante quase dez dias, e eu estava ansiosa para vê-la sorrir de novo, ou pelo menos apertar minha mão naquele leito de hospital. Isso nunca aconteceu, mas no dia 2 de novembro de 2007, nove dias depois de sua morte, decidi ir a uma missa de Finados em uma pequena igreja perto da minha casa. Eu nunca havia entrado lá e, durante a missa, estava olhando para o altar e tive uma visão da minha mãe. Ela estava flutuando ali, e estava linda, com um grande sorriso e uma expressão leve, acenando para mim. Desde então comecei a achar que ela estava feliz e tenho tido vários sonhos com ela, em geral em reuniões familiares corriqueiras. Mais um detalhe: o nome da minha mãe era Linda, uma palavra que em português quer dizer bonita.*

Imagens internas aparecem de repente na mente da pessoa. Em geral, elas ocorrem quando seus olhos estão fechados, mas também podem ocorrer com os olhos abertos. A pessoa sabe que a imagem está apenas na sua mente e não fora, no mundo físico, porém também sabe intuitivamente que a imagem não foi criada dentro de sua mente, mas de alguma forma foi projetada ali a partir de outra dimensão.

A experiência de Paul teve lugar quando seus olhos estavam fechados e ele estava prestes a cair no sono.

## Surreal

*Ouvi meu gato pular para fora da minha cama, e isso me sobressaltou. Abri e fechei os olhos, e estava quase dormindo quando vi um quadro com meu irmão Steven. Ele morreria havia dezesseis anos, mas eu o vi. Não conseguia ouvir o que ele dizia, mas ele movia os braços, conversando comigo, e parecia realmente feliz. Abri os olhos e não consegui vê-lo, mas então os fechei, e ele estava de volta. Foi muito surreal e durou cerca de meia hora.*

*A única maneira de descrever isso é dizendo que é como olhar para um filme que se passa dentro de suas pálpebras. A experiência não me apavorou, muito pelo contrário. Eu adoraria que acontecesse de novo, mas nunca mais aconteceu. Meu irmão cometeu suicídio, e muitas vezes tenho pensado nele e nessa experiência. O que quer que tenha sido (talvez você pudesse me esclarecer, Theresa?), realmente me ajudou a aceitar o que ele fez.*

De tudo o que li ou estudei, parece que não importa se a visão acontece enquanto a pessoa está com os olhos abertos ou fechados, ou mesmo se ela parece consistente e real ou indistinta e transparente, porque em todos os casos o impacto que ela causa no observador é exatamente o mesmo. O observador sai da experiência com a certeza de que seu ente querido está vivo e feliz em espírito e que a vida continua depois que o corpo físico morre.

## Espíritos em filme

De um ponto de vista cético, um enorme problema nas histórias de visitação é que, pelo fato de a experiência em geral ocorrer quando a pessoa está sozinha, nunca há nenhum registro além da palavra do observador. A palavra de uma pessoa honesta é boa o suficiente para mim. E comum as pessoas que me escrevem dizerem que acham difícil acreditar que aquilo aconteceu — mas aconteceu. Na maior parte dos casos, a experiência é tão inesperada e extraordinária que poucos têm a presença de espírito ou o equipamento à mão para tentar registrá-la, mas de vez em quando recebo histórias enviadas por pessoas que acreditam ter sido capazes de criar um registro permanente na câmera.

Quando me mandam fotografias do que parece um espírito, costumam perguntar se a imagem é genuína, pois atualmente é bastante fácil adulterar fotografias. Em muitos casos, a foto foi tirada por alguém que não tinha interesse pela pessoa falecida nem sequer a conhecia. Em outras palavras, isso não foi planejado. Não foi sua intenção captar uma imagem; isso simplesmente aconteceu, e eles ficaram tão chocados quanto todos os que a viram. No decorrer dos anos, tenho recebido fotos de formas humanas sombreadas, cabeças e ombros de pessoas falecidas posando atrás de uma fotografia ou em uma reunião de família e fotografias de rostos enevoados em globos luminosos.

Minha primeira reação quando vejo esse tipo de fotografia é de excitação, mas depois fico frustrada porque não posso responder e dizer à pessoa que me enviou a foto que estou 100% convencida de que as imagens não foram causadas por falhas no filme ou na revelação, por neblina ou pontos de poeira na câmera, por um reflexo de luz na lente ou simplesmente por padrões de luz casuais ou sombras que podem ser criados em ambientes naturais. As fotos podem parecer impressionantemente reais e convincentes, mas nunca posso

ter certeza. No entanto, o que ofereço ao remetente são informações como as da Ghost Research Society (GRS), de Illinois, que tem uma coleção fascinante de fotografias de espíritos cuidadosamente analisadas nos mais minuciosos detalhes por especialistas em fotografia e por cientistas. Segundo os peritos em fotografias de espíritos, cerca de noventa em cem registros de espíritos que eles recebem podem ser explicadas naturalmente, e isso deixa cerca de dez que não podem. Mais ou menos oito dessas dez vêm a ser fotos de sombras e/ou blocos de luz muito difíceis de explicar, e então restam aquelas duas em cem que parecem desafiar todas as explicações naturais e lógicas, e esses raros 2% podem ser registros paranormais. Depois de dar essa informação à pessoa que enviou a fotografia, junto com endereços para os quais ela pode enviar a foto para ser analisada, normalmente lhe digo que, se ela está 100% convencida de que não há possibilidade de uma explicação natural ou lógica, ela pode — e aqui eu enfatizo a palavra *pode* — ter na verdade algo muito raro, que seja uma evidência ou uma prova sólida e tangível de vida após a morte.

Eis a história de Martin.

## Graduação

*Quando eu tinha 17 anos e estava me formando no segundo grau aconteceu algo incrível. Algumas semanas antes da minha formatura, eu estava visitando meu avô e o convidei para ir à nossa casa na noite da cerimônia, pois íamos dar uma festinha. Ele aceitou o convite e disse que iria. Fiquei encantado, pois normalmente era a minha família que ia à casa do vovô. Então, o fato de meu avô dizer que iria significava muito, pois éramos bem chegados. Infelizmente ele morreu dez dias antes da formatura.*

*A morte do meu avô me deixou bastante deprimido, pois eu o amava muito. Minha mãe e meu pai decidiram manter a festinha na noite da minha formatura, e vários amigos meus e outros parentes também vieram. Meu pai tirou muitas fotos, incluindo uma em que estou com a minha namorada da época. Quando elas foram reveladas, ao meu lado, sobre o meu ombro, estava uma imagem do meu avô. Aquilo foi incrível e teve um significado enorme para mim. Meu avô foi à minha formatura.*

Martin está convencido de que a imagem do seu avô foi captada na

fotografia — e quem somos nós para discordar? Adoro ler histórias como a dele e verificar eu mesma as evidências, mas é importante enfatizar que esse tipo de prova sólida — prova que poderia muito bem desafiar qualquer explicação racional - é extremamente raro. Menos raras, no entanto, são fotos de misteriosos globos de luz chamados *orbes*.

Muitas pessoas acham que os orbes indicam a presença de um espírito. Essas bolas de luz nebulosas nunca são visíveis a olho nu quando a fotografia é tirada, mas aparecem na foto revelada, e em geral são muito difíceis de explicar. Relaciono a seguir algumas cartas falando deles para que você possa ter uma ideia.

*Por favor, veja a foto anexada de minha filha Lily; em muitas fotos dela aparecem dois orbes brancos (sempre brancos). Gostaria de saber o que acha disso e se sabe onde posso mandar analisar a foto para descartar a hipótese de partículas de poeira etc. Sei que não pode ser poeira, pois é muita coincidência haver sempre dois em suas fotos.*

*Jenna*

*Enviei uma cópia do anjo orbe para meu irmão, que é fotógrafo, e ele disse que ele é causado pelo flash da câmera, mas já tirei centenas de fotos com essa mesma câmera e isso nunca havia acontecido. Acho que a sua explicação é a certa; quando estudo a foto ampliada do orbe, consigo ver um rosto: os olhos e a boca estão voltados para a direita e olhando um pouco para baixo. Acredito que se trata de um anjo, e experimento uma grande sensação de paz toda vez que olho para ele.*

*Cordialmente,*

*James*

*Só queria informá-la de que meu amigo tem um binóculo de visão noturna e com ele é possível ver orbes voando! E a coisa mais fantástica. O mesmo amigo veio até minha casa outro dia para tentar tirar algumas fotos de orbes. Bem, ele captou um perto da cadeira de minha mãe e outro flutuando acima, do lado da cama em que ela dormia! Fiquei emocionado.*

*Paul*

*No último fim de semana, meus amigos e eu saímos para uma caminhada no*

*campo. Um deles havia acabado de comprar uma câmera digital com o dinheiro que ganhara no Natal e passou a maior parte da caminhada tirando fotos. Quando chegamos em casa, descobrimos alguns orbes nas fotos (anexei algumas delas aqui — realmente maravilhosas). Naquela noite eu estava na cama lendo o seu livro — Como ver seus anjos -, virei a página e topei bem na minha frente com uma seção sobre orbes. Fiquei encantada. Leio tudo a respeito dos orbes, e tudo parece se encaixar. Isso tem acontecido comigo com frequência. Leio toda noite na cama antes de dormir, e parece que todo tema /teoria/ideia espiritual que atualmente ocupa minha mente aparece concretamente na minha frente, e sempre no momento certo. Acho mesmo incrível pensar nas coisas espirituais e depois vê-las esclarecidas ou confirmadas. Isso as toma muito mais poderosas.*

*Carol*

*Acabei de ler o seu livro Como ver seus anjos e achei fascinante. Senti-me atraída pelo livro e fiquei contente por tê-lo lido porque adorei a leitura. Constantemente vivendo sincronicidades e sei que sou guiada e protegida todos os dias. Pensei em lhe enviar a foto anexada, pois você diz que adora ver as fotos de orbes que lhe mandam; tenho muitas e, como você, acredito que elas são algo mais do que defeitos de revelação. Adoraria saber como você interpreta essa que está anexada.*

*Amor e bênçãos,*

*Christina*

*Vou mandar para seu editor a história e o CD de todos os orbes que fotografamos até agora. Como moramos na zona rural aqui na Itália, temos apenas uma conexão de internet antiquada, e isso torna muito difícil e lento enviar fotos. Assim, achei melhor lhe mandar o CD pelo correio.*

*Amor e luz,*

*Terri*

*PS.: Ontem começamos a derrubar a lareira da sala de estar e imediatamente captamos orbes em um aposento onde eles nunca haviam estado antes! Um orbe estava sobre a cabeça do meu mando quando ele derrubava os tijolos, e os outros, dentro da lareira. Parece que assim que decidimos fazer algo em uma determinada parte da casa os orbes aparecem.*

*Na noite passada, como sempre, eu estava lendo sobre temas espirituais antes de ir para a cama e fiquei impressionada ao descobrir a frequência com que estão ocorrendo manifestações de seres celestiais em fotografias! Como você mencionou o desejo de receber cópias de orbes, quero compartilhar um presente que recebi no ano passado. Estávamos na cachoeira onde depositamos as cinzas da minha filha mais velha, que morreu um ano atrás. Mossa família se reuniu para rezar. O lugar transmite paz e muita energia positiva. Muitas câmeras foram usadas para tirar fotos. Fui abençoada por ter captado os orbes com a minha. Espero que goste deles.*

*Cleia*

Em todos os casos, o orbe não é visto quando a fotografia é tirada e só aparece quando o filme é revelado. Se você quiser ter uma ideia de quantas pessoas estão captando orbes em filmes e quanto interesse há atualmente neles como indicação da presença de espíritos, digite simplesmente “espíritos em orbes” ou “orbes fantasmas” em um mecanismo de busca da internet, e ficará impressionado com os milhares de sites que encontra. Há sites de todos os cantos do mundo repletos de fotografias, hipóteses, depoimentos e sugestões.

Os cientistas dizem que os orbes são causados por fraudes ou truques da luz, brilhos da lente, falhas no filme ou pingos de água, e oferecem muitas outras explicações lógicas, e não posso negar que na maioria das fotografias esse pode perfeitamente ser o caso. Entretanto, quando todas as explicações possíveis estão esgotadas, eu apenas gostaria de dizer que se todos os orbes pudessem ser explicados por falhas técnicas, então deve haver milhares de lotes de câmeras em circulação que não foram checadas adequadamente por seus fabricantes (o que me parece extremamente improvável em um mercado tão competitivo e com tecnologia tão avançada). Além disso, os orbes não são necessariamente captados em locais onde se suspeitaria que fosse lógico — por exemplo, cemitérios mas em festas de aniversário ou encontros de família. Em minha opinião, quando surge no filme uma imagem que parece desafiar as explicações racionais, a possibilidade de que ela *possa ser* paranormal deve ser considerada, juntamente com todas as outras explicações. Enfatizo aqui a expressão “possa ser”, porque são palavras muito poderosas. É uma vergonha que os céticos não as incluam mais frequentemente em seu vocabulário!

Alcançando...

Muitas histórias de visitação não envolvem visões de entes queridos falecidos, mas ainda assim são classificadas como experiências de visitação. Embora as pessoas envolvidas na verdade não *vejam* um espírito, elas acreditam que tocaram, abraçaram, beijaram ou falaram com um ente querido em espírito. A próxima história, que me foi enviada por Nicola, tem um lugar especial no meu coração.

Beijos invisíveis

*Minha mãe sempre me disse que não queria que eu visse seu corpo depois que ela morresse. Ouvia que eu me lembrasse dela viva e vibrante. Então, quando o médico me perguntou se eu queria lhe dar um último adeus, respondi que não.*

*Na véspera do funeral, minha tia e meu tio me fizeram a mesma pergunta, e mais uma vez eu disse não. Eles me pressionaram, dizendo que, embora ela tivesse perdido muito peso, parecia em paz, mas eu me lembrei do que minha mãe me dissera. Fui novamente pressionada por meu marido, que me disse que ver minha mãe seria um processo de cura, mas eu já havia decidido. Todos disseram que um dia eu me arrependeria da minha decisão.*

*Cerca de uma hora antes do funeral, fui até o meu quarto para colocar meus pensamentos em ordem. As lágrimas inundaram meus olhos. Pensei em minha mãe deitada, fria e imóvel em seu caixão. Talvez eu devesse ter lhe dado um último beijo. Talvez todos estivessem certos e eu precisasse dar adeus a ela. Naquele momento, senti uma brisa fresca em meu rosto. A brisa era tão forte que varreu parte das minhas lágrimas. A porta do meu quarto estava fechada, assim como todas as janelas. Eu soube que era minha mãe.*

*Durante o funeral, fiquei recordando os momentos felizes que mamãe e eu tínhamos compartilhado e, quando lhe dei meu último adeus, senti lábios invisíveis beijar os dois lados do meu rosto. Fechei os olhos e vi uma imagem de minha mãe sorrindo e dançando, da maneira como ela queria que eu me lembrasse dela. Soube então que havia tomado a decisão certa. A partir desse momento, sempre que eu pensasse nela ela estaria dançando e sorrindo do meu lado.*

Nicola estava pensando intensamente em sua mãe quando passou por sua experiência, mas não foi isso que aconteceu com Mary, que me enviou a próxima história.

## Prostração

*Eu estava tendo um dia realmente estressante no trabalho, e as coisas pioraram quando percebi que estava com a garganta inflamada e também resfriada. Era a semana de provas na escola, e era absolutamente impossível tirar alguns dias de folga; então resisti o melhor que pude. As coisas chegaram a um clímax na hora do almoço, quando me senti absolutamente derrubada. Eu não tinha tempo de comer e nem mesmo de sentar, pois estava muito atarefada. Ponderei como iria sobreviver àquele dia sem ao menos me sentar e, quando estava me perguntando isso, senti meu pescoço e meus ombros sendo suavemente massageados, como meu primeiro marido costumava fazer.*

*Meu primeiro marido havia morrido onze anos antes de câncer, e eu havia ficado com o coração partido na época, mas finalmente encontrei forças para continuar a minha vida e, cinco anos atrás, tornei a me casar. Na ocasião, uma parte de mim sentia que eu havia traído meu primeiro marido casando-me de novo, porém eu sabia que ele teria querido que eu fosse feliz. Sentir de novo seu toque amoroso me energizou totalmente, e encontrei forças vindo de algum, lugar e me permitindo ir em frente. Aquilo me fez parar de me sentir como se eu também fosse sucumbir. Como disse, aquele toque me energizou totalmente. Espero que você ache a minha história interessante. Aquela foi urna experiência realmente extraordinária para mim.*

As experiências envolvendo o toque físico invisível de um ente querido falecido não são um tipo muito comum de comunicação com a vida após a morte. Recebo muitas histórias como essa, mas não tantas como outros tipos de comunicação, e isso talvez aconteça porque em geral essa experiência é muito sutil e facilmente descartada ou confundida com alguma outra coisa. Por exemplo, a experiência pode consistir em um tapinha leve no ombro, algo roçando de leve no rosto, um beijo suave, um braço no ombro ou mesmo um

abraço.

Além das experiências com o toque, temos as que envolvem uma comunicação auditiva vinda do mundo dos espíritos. Esta é provavelmente a parte do capítulo que me deixou mais apreensiva ao escrever, porque uma das minhas missões, quando escrevo sobre a vida após a morte, é mostrar que encontros espirituais acontecem todos os dias com as pessoas comuns. Entretanto, toda vez que dou entrevistas e menciono ouvir as vozes de entes queridos falecidos, estou consciente de que muitas pessoas acham que isso parece um pouco maluco. Sinceramente, espero que as histórias que se seguem deixem claro de uma vez por todas que escutar os espíritos não tem nada a ver com loucura, mas sim com comunicação e orientação vindas do outro lado.

No primeiro capítulo, como você pode se lembrar, mencionei como uma vez ouvi claramente a voz de minha mãe em espírito me instruindo a virar à direita e seguir por outro caminho. Essa mudança de direção, inspirada pelo espírito dela, salvou a minha vida, porque, se eu tivesse virado à esquerda, como pretendia quando iniciei aquele trajeto, quase certamente teria sofrido um acidente que custou três vidas. Também declarei ter ouvido a voz de uma dessas vítimas na própria noite do acidente, e essa voz me disse se chamar Jane e ainda acrescentou que estava bem. Só fui tomar conhecimento dos nomes das vítimas do acidente no dia seguinte. Sim, ouvi vozes do mundo dos espíritos e, embora eu possa às vezes parecer meio estranha — não parecemos todos? —, não sou louca. Tenho a cabeça no lugar. E tenho recebido inúmeras cartas e e-mails de pessoas que passaram por algo semelhante. Que eu saiba, nenhuma dessas pessoas é louca. Como eu, eram pessoas comuns tocando sua vida cotidiana quando algo extraordinário aconteceu e mudou sua existência para sempre. Foi o que ocorreu com Sylvia.

Perfeitamente natural

*Tive uma experiência que você pode achar interessante, mas primeiro quero lhe contar um pouco sobre mim. Eu me preocupo muito com as coisas, e sou assim há anos. Meu marido morreu em 22 de dezembro de 2002, e há uns três ou quatro anos fui me deitar e acordei vendo-o de pé ao lado da cama. Ele parecia perfeitamente natural e normal. A “conversa” que se segue pode parecer estranha, mas era assim que éramos um com o outro. Ele me*

*perguntou com que eu estava preocupada. Eu recentemente havia adotado uma cadelinha que ainda não estava treinada e eu estava preocupada com o fato de ela ter de sair para fazer suas necessidades. Meu marido me disse que a cadelinha estava acordada naquele momento. Eu lhe perguntei por que ele não a levava para passear, e ele pareceu chocado e me disse que eram 3h30 da manhã. Olhei para o meu relógio de pulso, e era essa hora mesmo. Quando tornei a olhar para cima, meu marido havia desaparecido.*

*Theresa, essa conversa me pareceu perfeitamente natural em todos os aspectos. Transcorreu da mesma maneira que nos comunicávamos quando ele estava vivo. Não posso explicar o que foi, mas foi uma experiência maravilhosa, e com frequência sinto que meu marido está por perto.*

Os cientistas têm se apressado em interpretar essas histórias como fruto do cérebro que simplesmente relembra a voz familiar de um ente querido, mas essa tese não explica as histórias em que a pessoa falecida fornece informações desconhecidas por quem as recebe, como aconteceu comigo quando ouvi a voz de Jane. Além disso, há histórias como esta que se segue, vinda de Sasha, em que um ente querido falecido lhe dá um claro aviso.

## A pequena

*Eu estava lavando a louça e me sentindo muito sonolenta, pois minha filha de 10 meses havia me mantido acordada a noite toda, quando ouvi claramente a voz de minha mãe. Ela chamava o meu nome e me dizia para checar minha “pequena”. Mamãe sempre costumava chamar os filhos da minha irmã de “pequenos”, mas infelizmente ela nunca chegou a ver nem segurar no colo a minha Tegan, pois morreu dois anos antes de ela nascer. Achei que estava ouvindo coisas e continuei lavando a louça, então ouvi claramente mamãe me pedindo que fosse lá em cima ver como estava Tegan. Dessa vez aquilo me apavorou, e corri pelo andar de baixo da casa para ver se havia alguém ali. Depois subi, e fico muito contente por ter feito isso, porque havia me esquecido de levantar a grade de segurança do berço de Tegan.*

*Felizmente nada de ruim aconteceu, pois Tegan havia dormido rápido, mas estremeci ao pensar no que poderia ter acontecido se ela tivesse acordado, porque era bem esperta e certamente teria caído. Não sei como*

*pude me esquecer de levantar a grade, mas naquele momento eu estava me sentindo exausta. Acho que mamãe veio me advertir e me fazer saber que ela havia visto a neta.*

As vezes a voz soa como se viesse de uma fonte externa. Ela é ouvida como se fosse uma voz normal, como foi o caso de Sasha, mas outras vezes é uma voz interna - uma espécie de telepatia ou comunicação mental como aconteceu com Denise, que contribuiu com uma história anterior (ver “Dizendo adeus”) e tem outra experiência para compartilhar aqui.

### Ouvindo vermelho

*A mãe de um grande amigo meu morreu muito de repente, enquanto eu estava fora, de férias. Trabalho como massoterapeuta e, quando retornei, convidei o meu amigo para um tratamento.*

*No final da sessão, foi como se uma voz feminina sussurrasse dentro do meu ouvido pedindo que eu dissesse ao meu amigo que ela gostava do vermelho. A mensagem não significava nada para mim, e tentei bloqueá-la. A voz persistiu e me encorajou a transmitir a mensagem ao meu amigo, que estava deitado na maca. Finalmente — e, devo admitir, sentindo-me um pouco constrangida — transmiti a mensagem a ele. Instantaneamente ele ficou muito emocionado, mas, sorrindo, explicou que sua irmã estava comprando um carro novo e não conseguia decidir entre um cinza e um vermelho! Ele estava convencido de que sua mãe tentava se comunicar do outro lado.*

*Atualmente trabalho com pacientes com câncer. É uma honra enorme trabalhar oferecendo cuidados paliativos para ajudar as pessoas em sua jornada. Dou seus livros às pessoas que estão com medo, e eles as ajudam a aliviar o peso e a desabafar.*

Como frequentemente acontece com histórias como essa, Denise ouviu uma voz quando menos esperava. Na verdade, esse aspecto do “menos esperado” é o que caracteriza muitas experiências sobrenaturais. Parece que tentar se conectar com o outro lado tem o efeito contrário. Isso pode bem explicar por que muitas experiências auditivas acontecem quando as pessoas estão dirigindo, caminhando, fazendo tarefas domésticas e outras atividades

repetitivas similares, ou quando estão naquele estágio nebuloso imediatamente anterior a adormecer ou acordar. Elas estão em um estado relaxado, quase meditativo, e parece que nesses momentos as pessoas ficam mais abertas a esses tipos de experiência.

Todos nós temos pensamentos e vozes martelando em nossa cabeça o tempo todo, e outra pergunta que me faço com frequência é como identificar a diferença entre os nossos pensamentos e as comunicações do mundo dos espíritos. Embora não se trate de uma ciência exata, há maneiras de saber se a experiência é sobrenatural. Antes de mais nada, a comunicação auditiva do mundo dos espíritos é tipicamente curta e direta ao ponto, como um telegrama ou uma mensagem de texto. É raro a comunicação ter mais de uma dúzia de palavras. A voz também será instantaneamente reconhecível e soará exatamente como era a da pessoa falecida quando ainda estava viva. Será calma, clara e não ameaçadora. Também será animadora e estimulante e o deixará com uma sensação de certeza e conforto. Se a voz que ouvir o atemorizar, fizer de algum modo com que se sintam inferior ou inseguro, trata-se de um solilóquio negativo, e não de uma fala do céu.

Assim como a visão, o som e o toque, o cheiro tem sido um elemento importante em várias histórias de visitação que me têm sido enviadas. O mais comum é se tratar de um cheiro instantaneamente associado ao ente querido falecido; por exemplo, um perfume familiar, o aroma de uma loção pós-barba, de um tipo de comida ou de cigarro. Mas o cheiro também pode se assemelhar ao de flores recém-cortadas. Em qualquer um dos casos, a pessoa que o sente sabe que a fonte é sobrenatural, porque não há outra explicação para aquele odor.

Eis a história de Emma sobre seu amigo Marcus.

Somente eu

*Perdi meu amigo Marcus vai fazer seis anos no mês que vem. Ele morreu três anos depois de um acidente de carro. Ultimamente tenho sentido cheiro de cigarro, porém ninguém em nossa casa fuma. Somos só minha filha e eu, e ela nunca sente esse cheiro. Somente eu consigo senti-lo. Acabo de sentir uma baforada enquanto estou lhe escrevendo. Isso não me apavora nem me aborrece, mas acho que pode ser meu amigo Marcus vindo me ver e dizer olá. Marcus teria feito 40 anos em junho.*

A maioria dos casos de comunicação após a morte envolvendo odores ocorre dias, semanas, meses ou às vezes anos depois da morte de um ente querido. A história de Amber é incomum, pois ela teve a experiência no aniversário da morte de seu irmão.

Não me esqueça

*Meu irmão era um faz-tudo e sempre cheirava a tinta fresca, mesmo quando não estava trabalhando. Na semana passada eu estava limpando a sala quando de repente senti cheiro de tinta fresca. Meus filhos também estavam lá naquele momento, fazendo a lição de casa, e eu lhes perguntei se eles estavam sentindo aquele cheiro, mas disseram que não. Não pensei muito naquilo, mas à noite, quando me preparava para dormir, senti de novo. Perguntei ao meu marido se ele estava sentindo também, mas ele disse que não. Então aquilo realmente me fez pensar em meu irmão. Comecei a ficar emocionada. E fiquei ainda mais emocionada quando meu marido me lembrou que hoje faz exatamente sete anos que meu irmão morreu. Como pude me esquecer disso? Senti-me muito envergonhada. Não porque havia me esquecido dele. Ele estava sempre no meu coração. Por alguma razão - e isso não se parece comigo - eu acabava de passar alguns dias muito confusos.*

Talvez a forma mais comum de visitação seja aquela que envolve perceber ou sentir a presença de um ente querido falecido. É claro que isso não é tão dramático nem tão espetacular de se relatar quanto uma visão real, e os cétricos rejeitariam o depoimento como algo intangível, mas para as pessoas envolvidas parece assombroso. Elas não conseguem explicar como ou por quê, mas simplesmente sabem que seu ente querido está ali com elas, no mesmo lugar. Sabem que ele ou ela está próximo, quando chega e quando vai embora. Elas sabem porque conseguem sentir sua presença.

A próxima história, enviada por Pam, mostra mais uma vez que nada pode substituir uma expressão de amor de um parente ou amigo falecido. O poder do coração é sempre maior que o poder da morte.

Sentindo no meu coração

*Enquanto eu estava preparando minha homenagem póstuma para o meu pai, senti no coração uma agradável sensação afetiva, quase um abraço. Estou quase certa de que o espírito de meu pai estava caminhando no jardim. Eu podia senti-lo. Também pude ouvir o que parecia ser muitas vozes falando, mas eu não conseguia entender o que diziam. Meu coração ficou repleto de felicidade, e meus olhos se encheram de lágrimas. Tenho certeza de que foi uma energia espiritual.*

Tina me mandou o seguinte e-mail:

Unc

*O evento aconteceu quando fomos ao funeral do tio de meu marido, chamado por todos de Une. Ele não era excepcionalmente próximo do meu marido, mas este e seus irmãos tinham todos grande respeito por ele.*

*Une tinha câncer de fígado e teve apenas um serviço fúnebre ao lado do túmulo. Na época eu estava grávida de três meses do nosso primeiro filho. Quando estávamos de pé perto do túmulo, recuei um pouco para deixar juntos os outros membros da família. Não sei exatamente quando aquilo ocorreu, mas de repente houve algo que só posso descrever como uma descarga de eletricidade e partículas quase faiscantes no ar. Consegui sentir um tipo de eletricidade, pois fez minha pele formigar. Lembro-me de que aquilo me fez sorrir, como se Une estivesse realmente presente ali, e olhei em torno para ver se alguma outra pessoa poderia ter tido a mesma sensação estranha, porém todos estavam inclinados em oração. Aquela sensação passou quase tão rapidamente quanto começou, mas me pareceu realmente algo pacífico.*

*Nunca contei ao meu marido, aliás a ninguém, aquele acontecimento, até alguns meses depois. De algum modo, aquilo veio à tona numa conversa, e achei que meu marido fosse rir de mim e me dizer que eu imaginara tudo aquilo, contudo ele não fez isso. Eu o fiz jurar que não contaria aquilo para ninguém, mas é claro que pouco depois ele mencionou o fato à sua mãe. E ela me disse: “Tudo bem, Tina, eu sinto tio Ray na casa o tempo todo. As tábuas do chão rangem no corredor perto do meu quarto, e parece haver uma presença na casa”. Acontece que a casa em que meus sogros moravam e onde meu marido viveu durante parte da sua infância foi construída por Une.*

Alex também fala das sensações de paz e amor depois da morte de entes queridos.

Em paz

*Em seu livro, você pediu aos leitores que lhe escrevessem se tivessem recebido sinais de entes queridos falecidos, e eu me senti convidado a compartilhar com você minha experiência e a de minha mãe.*

*Eu tinha 16 anos quando minha avó paterna morreu. Ela morava conosco, e tive o privilégio de contar com sua afetuosa presença todos os dias durante minha infância e início de adolescência. Um dia ela sofreu um derrame e ficou hospitalizada por algumas semanas. Ela oscilava entre momentos de consciência e inconsciência. Eu me revezava com minha tia para cuidar dela, e certo dia ela estava muito alerta, conversando conosco e nos dizendo como éramos bons, agradecendo à nossa vizinha, que é enfermeira e que também vinha ver como ela estava passando, e então, no dia seguinte, entrou em coma. Os médicos nos disseram para levá-la para casa, pois ela estava morrendo lentamente e eles já não podiam fazer mais nada por ela.*

*Duas semanas depois minha avó morreu. Eu estava na escola naquele momento, em uma aula muito barulhenta. De repente houve um silêncio absoluto, e uma sensação de leveza e paz tomou conta de mim. Fui atraída por uma borboleta que estava voando na minha frente. De algum modo eu soube que era minha avó e que ela havia morrido. Meia hora depois, quando meu irmão veio me buscar na escola, ele me contou a má notícia e eu simplesmente chorei.*

*Cerca de uma semana depois da sua morte, eu estava chorando na cama, sentindo uma enorme saudade dela, pensando onde ela poderia estar, se sua alma estava em paz, quando de repente ouvi sussurros em meu ouvido. Não conseguia entender o que era dito, mas sorri e me senti tão confortada, feliz e em paz que logo em seguida caí no sono.*

*Minha mãe teve uma experiência um pouco semelhante quando a mãe dela morreu. Ela estava no cemitério pensando em sua mãe, imaginando se eles haviam cumprido corretamente os ritos fúnebres. Estava chovendo forte quando de repente a chuva parou. Um golpe de vento passou por ela, e as vozes de seus irmãos silenciaram. Ela se percebeu envolvida por uma*

*sensação de felicidade e paz e ficou tão leve que parecia estar flutuando; então ouviu uma voz sussurrando em seu ouvido: ‘Ela está em paz’. Depois disso, minha mãe nunca duvidou que minha avó materna estivesse feliz e em paz na vida após a morte.*

*Outra experiência foi muito recente. Esta veio da minha melhor amiga, que morreu em um acidente de carro, cinco anos atrás. Outra grande amiga nossa (nós éramos três amigas muito próximas; éramos como irmãs) e eu continuamos a visitar os pais e as irmãs dela em ocasiões festivas, como costumávamos fazer desde que éramos adolescentes. Certo dia, a caminho da casa da minha amiga falecida, de repente eu me senti muito leve, alegre e em paz, e particularmente feliz por estarmos indo visitar a família dela. E?itão senti que ela estava bem ali, ao meu lado. E eu sabia que ela queria me dizer que estava feliz por ainda nos lembrarmos da sua família e continuarmos a visitá-los nas ocasiões festivas, mesmo que ela já tivesse morrido.*

A história de Jane é semelhante porque relata sentimentos de grande conforto, mas também é diferente porque não envolve a morte de um membro da família nem de um ente querido.

Obrigada

*Há apenas dez dias, a caminho do trabalho, fui desafortunada o bastante para estar ?ia cena de um acidente de carro. Como enfermeira, achei que devia parar para ver se podia ajudar. O motociclista diante do qual me ajoelhei para avaliar seu estado havia claramente morrido, porém eu sabia que tinha de tentar salvá-lo. Então comecei a fazer ali mesmo uma RCP (ressuscitação cardiopulmonar). No entanto não obtive resultado, e ele foi declarado morto alguns minutos depois, quando era levado ao hospital na ambulância.*

*Aquela experiência me traumatizou. Fiquei atormentada pensando no que mais eu poderia ter feito para ajudá-lo. Quatro dias depois, na noite de sexta-feira, continuava incapaz de dormir, pensando nele. Eu havia bebido um pouco e comecei a chorar por ele e por sua família. Cerca de quinze minutos depois de um choro convulsivo, fui envolvida por uma claridade quente e reconfortante. De repente uma sensação de calma epaz me envolveu, e senti uma enorme reverência. Soube sem sombra de dúvida que*

*ele tinha vindo me dizer que estava tudo bem, que ele sabia que eu havia tentado fazer o máximo possível e que eu ficasse em paz.*

*Depois desse acontecimento, sei que o céu existe: ele me ajudou no meu momento de maior desespero, assim como eu havia tentado ajudá-lo.*

Tenha em mente que nenhuma das pessoas que sentiram a presença de um espírito nas histórias contadas aqui se descreveu como médium ou paranormal. Eram pessoas comuns, como você e eu, que por um breve momento sentiram a proximidade do céu.

A maior parte das histórias deste capítulo foi escolhida porque mostra um tipo específico de comunicação com a vida após a morte - por exemplo, um encontro envolvendo odor ou em que se ouvem vozes -, mas é importante destacar que em muitos casos a visitação pode envolver mais de um tipo de comunicação. Por exemplo, a pessoa pode sentir uma presença, ouvir uma voz e reconhecer um odor familiar ao mesmo tempo, ou pode ver seu ente querido falecido em uma visão e também sentir um braço reconfortante em torno dos ombros. A história de Heather, apresentada a seguir, é fascinante, pois a experiência da sua visitação ocorreu em vários canais sensoriais.

## Idênticas

*Tenho tido tantas experiências maravilhosas que as contei à minha irmã gêmea, Hazel. Ela acreditou em mim, mas me pediu que não contasse nada a ninguém, porque as pessoas poderiam achar que eu estava enlouquecendo. Éramos extremamente próximas e sentíamos uma conexão especial entre nós; éramos idênticas na aparência, pois éramos gêmeas univitelinas. Pertencíamos à Pesquisa de Gêmeos do St. Thomas Hospital. Hazel e eu adorávamos passar o dia em Londres. Aquele burburinho da capital nos fascinava, pois éramos as próprias caipiras. Hazel foi diagnosticada com câncer de mama e nos pulmões em 2008. Ela quis ficar comigo nas últimas semanas antes de morrer. Embora estivesse muito fraca, passamos seus últimos momentos refletindo sobre nossa vida.*

*A razão de eu estar lhe escrevendo esta carta é que, de todas as minhas experiências, a mais memorável é uma que tive com Hazel. Certa tarde, em 2011, eu estava descansando no sofá, ainda muito triste e sentindo intensamente a falta dela, querendo que ela ainda estivesse comigo. Então,*

*de repente, ouvi meu nome, Heather, sendo chamado como um sussurro muito suave. Logo meu coração ficou muito aquecido, como se estivesse sendo massageado, e toda a tristeza saiu de dentro de mim. Senti um toque muito brando na mão e um leve aperto no braço. Fiquei sentada ali durante algum tempo, tomada por aquela sensação maravilhosa de calma e também de incredulidade pelo que havia acabado de acontecer. Eu tinha mesmo ouvido o meu nome, Heather. E senti muito amor dentro de mim.*

*No dia seguinte, percebi uma pequena mancha marrom na minha mão, justamente onde eu havia sido tocada na véspera. Aquilo me fez entender que devia ter sido Hazel que viera até mim, porque minha irmã tinha exatamente a mesma mancha na mão oposta, e no mesmo lugar. Eu costumava dizer que ela devia checar aquilo, porque podia ser canceroso. Ela me garantiu que estava tudo bem. Ela já havia checado alguns anos atrás. Quando me sinto deprimida e a falta dela fica muito pesada, basta olhar para a minha mão e ver a mancha, e me lembro de novo daquela tarde maravilhosa.*

*Obs.: Nós nascemos em anos distintos: eu às 23h50 de 31 de dezembro, e Hazel à 00h0 de 1º de janeiro.*

Eu poderia ter incluído aqui muitas outras histórias de visitação, mas o espaço me diz que é chegado o momento de seguir adiante. Espero, no entanto, que as histórias que consegui reproduzir neste capítulo tenham lhe mostrado que todas essas experiências — quer envolvam a visão, o toque, o som, sensações generalizadas, o olfato ou uma combinação de todos eles - são ocorrências extremamente poderosas, que deixam a pessoa convencida de que a vida após a morte é uma realidade, ou pelo menos uma intrigante possibilidade.

## Algo extraordinário

É maravilhoso que tantas pessoas continuem a me escrever e generosamente compartilhem comigo suas experiências, mas também é triste que muitas ainda sintam necessidade de se justificar ou afirmar que não são loucas. Perdi a conta do número de vezes em que elas começam sua comunicação comigo insistindo em dizer: “Estou falando a verdade”; “Não estou inventando isso tudo”; “Não tenho razão para inventar tudo isso - realmente aconteceu”; “Antes dessa experiência eu não acreditava na vida após a morte”; ou “De

fato eu não imaginei tudo isso e não estou ficando louco”.

Para mim é óbvio que todas as pessoas que escrevem ou falam comigo sobre suas experiências com a vida após a morte não são loucas. Elas são simplesmente pessoas comuns, com uma vida comum, que vivenciaram algo extraordinário. Mas há muitas informações fantásticas neste capítulo, e eu não ficaria nem um pouco surpresa se você ainda tiver perguntas e dúvidas triviais - isso faz parte da natureza humana. Na realidade, quase posso ouvir você se perguntar: “Isso é mesmo verdade?”.

Mais uma vez, não posso lhe responder de maneira categórica. No entanto posso lhe dizer que, para as pessoas que vivenciaram visitas vindas do outro lado, a experiência foi real. Também sei que muito poucas pessoas que tiveram uma visão da vida após a morte se preocupam se sua experiência foi real ou não ou se existem explicações alternativas mais plausíveis. Elas não questionam nem duvidam disso da maneira como os outros fazem às vezes, porque a única coisa que lhes importa é que a experiência ocorreu e teve uma profunda importância pessoal para elas. Mudou sua mente e sua vida para sempre, mostrando-lhes que uma parte de nós sobrevive à morte física.

E claro que se você não teve um encontro com a vida após a morte pode achar difícil compartilhar esse tipo de convicção pessoal, mas o fato de achar que algo extraordinário nunca aconteceu com você não significa que jamais acontecerá. Pode simplesmente não ter acontecido ainda. Lembre-se de que as experiências de visita podem ocorrer em qualquer idade ou fase da vida - não há regras. A maioria das pessoas que contribuíram para este livro não previa nem esperava o que aconteceu com elas, e então, do nada, algo aconteceu e lhes provou conclusivamente que há vida após a morte e que nessa vida após a morte nos reunimos com os entes queridos. No dia anterior à sua experiência, essas pessoas acordaram pela manhã sem absolutamente nenhuma ideia de que sua vida estava prestes a mudar para sempre.

O próximo capítulo vai tratar de uma categoria fascinante e relativamente moderna de relatos de comunicação com a vida após a morte, envolvendo telefones e objetos.

## 5. Telefonemas dos mortos

*Se acontece, é possível.*

Lei Anônima do Universo

Relatos de visões de espíritos datam de séculos atrás e são tão antigos quanto a própria humanidade, porém o mesmo não se aplica a muitas das histórias deste capítulo, porque em cada caso a pessoa envolvida está convencida de que recebeu uma comunicação tangível do outro lado, por meio de um telefone ou de outro objeto do dia a dia. Não estamos falando aqui de sensações ou sentimentos, ou mesmo de simbolismo — como faremos no próximo capítulo, que se concentra em sinais ou mensagens mais sutis do outro lado —, mas de ocorrências reais ou eventos observáveis envolvendo coisas comuns e cotidianas que o observador não imaginou nem sequer previu. Você talvez possa dizer que estamos nos referindo às maravilhas ou aos milagres da vida moderna. Algo impossível aconteceu.

Intitulei este capítulo de “Telefonemas dos mortos” porque muitas histórias envolvem telefones, tanto fixos quanto celulares, mas há também histórias sobre outras ocorrências físicas inexplicáveis. Embora o que você está prestes a ler seja um testemunho extremamente poderoso e convincente a favor da existência de vida após a morte, deliberadamente não introduzi este capítulo antes porque, talvez mais do que qualquer outro grupo de histórias deste livro, as que você vai encontrar aqui vão mexer com a sua imaginação. Mais uma vez, não estou lhe pedindo para acreditar no que lê, apenas que abra a mente para a possibilidade de que pode haver uma explicação sobrenatural para eventos inexplicados. Estou tranquila e confiante de que você vai encarar este capítulo com a mente aberta, porque já leu os anteriores e ainda não pôs o livro de lado. Está curioso e quer continuar lendo, e uma mente curiosa é uma mente aberta.

Vamos às histórias sobre telefonemas dos mortos.

Estabelecendo uma conexão

Pode surpreendê-lo (pois me surpreendeu!) descobrir que no último século os telefonemas dos mortos foram levados a sério por muitos psicólogos e

inventores e foi amplamente pesquisado e documentado por respeitados cientistas. O famoso inventor Thomas Edison era fascinado pela ideia de o espírito de uma pessoa sobreviver à morte. Isso se devia à adesão de seus pais ao espiritualismo e também à inspiração e ao encorajamento vindos do trabalho do cientista britânico sir William Crooke, que declarou ter inventado uma câmera para fotografar espíritos. Edison achava que, se fosse possível fotografar espíritos, então deveria ser possível inventar um telefone capaz de permitir a comunicação com os mortos. Em uma entrevista que deu à *Scientific American* em 1920, Edison disse que estava trabalhando exatamente nesse projeto. Ele acreditava que o aparelho seria imprevisível e frágil, mas, apesar disso, poderia oferecer as melhores chances possíveis de comunicação com o mundo dos espíritos. Infelizmente, Edison morreu em 1931, antes de inventar seu telefone espírita, e além de sua entrevista para a *Scientific American* não há registros ou protocolos de pesquisa para provar que ele estivesse realmente trabalhando nisso.

No que se refere à investigação acadêmica, a mais importante pesquisa documentada foi realizada por D. Scott Rogo e Raymond Bayless, em 1979, para seu livro *Phone calls from the dead* [Telefonemas dos mortos], e novamente em 2012, por Callum Cooper, em seu intrigante livro *Telephone calls from the dead*. Esses pesquisadores concordam que as transcrições das conversas telefônicas com frequência apresentam traços similares. O telefone pode tocar quando alguém está realizando uma atividade rotineira, como uma tarefa doméstica, ou pouco antes de a pessoa adormecer. Quando pega o aparelho, a voz que ouve é instantaneamente reconhecida como a de um ente querido que já morreu. A voz pode soar muito clara, mas também pode soar distante, como se a conexão estivesse fraca. Pode ser apenas um “alô” ou pode haver uma conversa curta, um aviso ou uma mensagem, e quando a ligação termina a pessoa não ouvirá o outro desligar. Não haverá nenhum sinal de discagem, apenas silêncio, como se a linha estivesse muda.

John está totalmente convencido de que sua filha, Ann Marie, falou com ele ao telefone.

Isto aconteceu

*Eu estava cortando a grama para meus pais quando eles estavam viajando, visitando amigos na Alemanha. Depois disso, fui tirar um cochilo na sala da minha antiga casa. Foi muito relaxante. De repente, acordei com o ruído da*

*entrega do Evening News sendo colocado na caixa do correio. Levei-o até a sala e coloquei-o no chão. Então o jornal se abriu em uma página sobre igrejas espiritualistas. Sempre quis ir a uma delas para ver se conseguia receber uma mensagem da minha filha, Ann Marie, que agora estaria com 34 anos.*

*Então levantei o fone e tentei discar o número indicado, mas houve apenas um toque, como se a ligação não tivesse sido completada ou eu tivesse ligado para um número errado. Tentei quatro vezes completar a chamada e, então, esperei alguns segundos e tentei de novo. Adas dessa vez, quando levantei o fone, uma voz disse: “Está tudo bem, papai, está tudo ótimo e estou cuidando de vocês”. Era minha filha, Ann Marie, falando comigo. Ela disse seu nome. A propósito, meus pais não têm uma linha compartilhada. Depois que isso aconteceu, coloquei o fone no gancho novamente, e, quando tentei ligar de novo logo em, seguida, a linha estava normal. Consegui marcar um horário na igreja espiritualista e fiquei absolutamente impressionado com a mensagem que recebi. Espero que você também tenha ficado sensibilizada com a minha história, pois ela realmente aconteceu.*

John não estava tendo uma alucinação nem estava sob efeito de medicação, tampouco profundamente triste quando isso aconteceu, e o mesmo pode ser dito em relação a todas as histórias semelhantes que pude incluir neste livro. Na maioria dos casos, o fenômeno aconteceu espontaneamente e pegou as pessoas de surpresa. A próxima, que me foi enviada por Saskia, é uma típica história de telefonemas dos mortos, quer dizer, se algo pode ser típico em se tratando de comunicações com a vida após a morte.

Daisy

*Nunca escrevi a ninguém depois de ter lido um livro, mas tinha de lhe escrever e lhe contar algo que me aconteceu. Realmente valorizo a sua opinião. Estou ficando louca ou o céu falou comigo?*

*Aconteceu em torno das 2 da tarde da última quinta-feira. Eu havia acabado de colocar minha filhinha para tirar um cochilo quando meu celular tocou. Atendi, e era minha amiga Daisy. Havia muitos meses eu não tinha*

*notícias dela e estava ansiosa para ouvir suas novidades. Ela me disse que estivera realmente ocupada no trabalho e pediu desculpas por não ter entrado em contato comigo. Eu lhe disse que estava tudo bem, pois sabia que não era todo mundo que gostava de conversar sobre fraldas e bebês, e prometi contratar uma babá logo para que pudéssemos combinar um almoço só com as amigas, como era nosso costume antes de eu ser mãe. Ela me disse que estava esperando por isso, e sugeri marcarmos uma data. Coloquei o telefone sobre a mesa para pegar minha agenda, mas quando o peguei de volta estava mudo. Não havia sinal de linha, nada. Tentei ligar para ela, mas só caía na caixa postal.*

*Tentei telefonar para Daisy mais tarde naquela noite para marcarmos o almoço, e dessa vez sua mãe atendeu. Pedi para falar com Daisy, e ela caiu no choro. Daisy havia morrido em um acidente de carro dois dias antes!*

*Eu lhe juro, Theresa, que não imaginei esse telefonema e não sei a que horas a pobre Daisy morreu. Você acha que alguém me pregou uma peça de muito mau gosto — o que é improvável, pois a voz que ouvi era sem dúvida dela - ou acha que recebi um telefonema do outro lado?*

Saskia ficou muito surpresa quando recebeu o telefonema porque naquele momento não tinha ideia de que sua amiga havia morrido. Não esperava de modo algum o telefonema e até questionou se teria imaginado aquilo. Lucas também questionou sua sanidade quando recebeu um telefonema do avô.

Ontem

*Certa manhã, quando eu tinha 16 anos, estava em casa sozinho porque mamãe estava visitando vovô no hospital, pois ele estava se recuperando de uma cirurgia. O telefone tocou, eu atendi, e era meu avô. Ele me pediu para cuidar da minha mãe e me comportar bem. Eu lhe disse que o amava e esperava que melhorasse logo.*

*Mais tarde naquele mesmo dia, mamãe voltou do hospital perturbada porque vovô tinha morrido. Eu lhe disse que fiquei muito contente por ter falado com ele antes de ele morrer, mas mamãe me olhou confusa e me disse que havia passado a manhã inteira com vovô e que ele estava fraco demais para fazer qualquer telefonema. Então me perguntou a que horas eu tinha recebido a ligação, e eu disse que fora em torno das 11h30. Meu avô havia*

*morrido às 11h15.*

*Agora estou com 67 anos e com frequência penso naquela manhã. No momento achei que estava enlouquecendo, e mamãe pensou que eu estivesse dizendo aquilo para ela se sentir melhor, mas eu lhe juro que falei com meu avô ao telefone. Posso me lembrar da conversa como se tivesse acontecido ontem.*

Cara também teve uma experiência incrível. Eis sua história.

## Escapulindo

*Minha filha Ruhy morreu há sete anos, e eu penso nela praticamente todos os dias. Ela morreu muito jovem - tinha apenas 17 anos -, e sua morte poderia ter sido facilmente evitada. Ela era uma boa menina, e éramos muito próximas. Ela me telefonava várias vezes por dia, mas começou a andar com um grupo errado de jovens, e os telefonemas foram se tornando cada vez mais raros. Senti que ela estava escapulindo de mim antes mesmo de ela morrer. A polícia me disse que a morte dela foi um acidente terrível e que ninguém deveria ser responsabilizado, mas eu penso diferente. Ruby estava bebendo com seus “amigos” e, de algum modo, ela caiu e fraturou o crânio em um paralelepípedo. Foi levada às pressas para o hospital, mas já não havia nada que os médicos pudessem fazer, e ela morreu três dias depois. Uma parte de mim morreu com ela.*

*Estou lhe escrevendo para lhe contar algo que aconteceu comigo uma semana depois da morte da minha Ruby. Eu estava péssima, chorando o tempo todo e sentindo enormemente a falta dela. Ansiava por ouvir sua voz de novo e lhe dizer como eu a amava. O hospital e a polícia me entregaram a mochila que estava com ela no momento de sua morte, e eu a coloquei sobre a mesa da cozinha. Várias vezes por dia eu me sentava diante da mochila, tirava as coisas que estavam lá dentro — sua carteira, seu celular, seu estojo de maquiagem — e simplesmente as colocava perto de mim. Os objetos ainda pareciam quentes, e eu estava convencida de que conseguia sentir neles o perfume familiar de Ruby.*

*Certa manhã, estava sentada ali segurando o celular dela em uma das mãos e sua carteira na outra, quando ouvi meu celular tocar. Coloquei o celular e a carteira de Ruby sobre a mesa e fui pegar meu telefone. Não consegui acreditar em meus olhos quando vi que o número que estava me*

*ligando era o de Ruby. Acho que entrei em choque por alguns segundos e então atendi o telefone. Ouvi a voz dela - estava muito fraca — dizendo “oi, mamãe”, como sempre costumava dizer. De início achei difícil falar, mas então comecei a lhe dizer como eu a amava e como sentia falta dos telefonemas que ela costumava me dar contando as novidades. Eu a ouvi tentando falar comigo, mas a ligação estava muito, muito fraca. Depois só houve silêncio. Nem sequer um sinal de discagem, apenas silêncio.*

*Voltei até a mesa da cozinha para olhar o telefone de Ruhy. Ten tei ligado, mas a bateria estava descarregada. Theresa, por favor, me responda assim que puder, pois você pode me dizer o que pensa. Sei que a tristeza faz coisas estranhas com as pessoas, e eu dana a minha própria vida para ter minha Ruby de volta, mas isso realmente aconteceu. Não quero falar com meu marido sobre esse telefonema, pois isso o deixaria irritado e ele poderia pensar que eu perdi o juízo, mas quem falar com você. Por favor, me responda.*

Respondi imediatamente à carta de Cara para lhe dizer que ela não está sozinha e que os telefonemas dos mortos são um fenômeno atualmente bem documentado pelas pesquisas sobre a paranormalidade. Também lhe assegurei que eu realmente acredito que Ruby estava tentando entrar em contato com ela para lhe dizer que, mesmo tendo ido para o outro lado, na verdade nunca a deixaria.

A próxima história talvez não seja o melhor exemplo de um telefonema dos mortos, mas a incluí assim mesmo. Esteve nas manchetes dos jornais nos Estados Unidos em 2008 e chamou a atenção da mídia para o tema dos telefonemas de fantasmas. Foram dadas inúmeras explicações, e seguiu-se um acalorado debate. Esse telefonema veio dos mortos? Leia o que foi relatado na época pela mídia norte-americana e em jornais como o *Los Angeles Times* e veja o que acha.

No vale de San Fernando, na Califórnia, em 12 de setembro de 2008, às 16h22, um trem com mais de duzentos passageiros colidiu a uma velocidade de 134 km por hora com um trem de carga da Union Pacific tripulado por três homens. Cento e cinquenta e cinco pessoas ficaram feridas, e 25 morreram.

Uma das pessoas que morreram no que ficou conhecido como a colisão de Chatsworth foi um homem chamado Charles Peck, de 49 anos, funcionário do serviço de atendimento ao cliente da Delta, no Aeroporto Internacional de

Salt Lake City. Ele pretendia se mudar para aquela região para poder ficar mais perto de sua futura noiva, Andréa Katz, e quando o acidente ocorreu ele se dirigia a uma entrevista de emprego no Aeroporto de Van Nuys. A noiva ficou sabendo do acidente pelo rádio, enquanto estava a caminho da estação de trem com os pais e os irmãos de Charles - que moravam em Los Angeles - para se encontrar com ele.

Demorou doze horas para os serviços de emergência resgatarem o corpo de Peck dos destroços, mas durante onze dessas doze horas o celular de Peck ligou para seu filho, seu irmão, sua madrasta, sua irmã e sua noiva. No total, os membros de sua família e sua noiva receberam 35 ligações. Quando atendiam só ouviam estática, e, quando ligavam de volta, a ligação caía direto na caixa postal. Durante esse tempo, aquelas chamadas deram motivo para a família acreditar que Peck pudesse ainda estar vivo e imobilizado em algum lugar dos destroços.

A quantidade de chamadas fez com que as equipes de emergência e busca rastreassem o local do telefone e procurassem uma vez mais nos destroços e no ponto de onde vinham as ligações. O último telefonema aconteceu às 3h38 da manhã, cerca de uma hora antes de o corpo sem vida de Peck ser encontrado. Um relatório da autópsia revelou que ele havia morrido quase instantaneamente depois da colisão.

E claro que explicações racionais, como mau funcionamento do telefone, podem ser dadas para isso, e também é interessante notar que o celular de Peck nunca foi localizado depois do acidente - provavelmente foi esmagado ou danificado. E, embora improvável, isso poderia ter levado o aparelho a chamar repetidamente os números armazenados em sua memória. A menos que o telefone seja encontrado, esse mistério jamais poderá ser solucionado, mas uma coisa é clara: todas as ligações vieram do telefone de Peck, e quando sua família desesperada descobriu que ele estava morto, lembrar que tinham recebido as chamadas lhes trouxe grande conforto.

Na época, a publicação da história de Peck encorajou dezenas de pessoas a entrar em contato comigo com histórias similares envolvendo telefonemas, e em cada caso a pessoa envolvida estava absolutamente convencida de que havia recebido uma ligação genuína de alguém falecido. Na verdade, percebi um aumento significativo nas histórias que me chegavam envolvendo telefonemas, e isso não me surpreende, pois a comunicação por telefone é algo comum e com frequência precede a interação face a face. O simples fato

de ouvir uma voz familiar ao telefone pode proporcionar um grau de certeza e familiaridade que talvez não fosse possível com outras formas de comunicação com a vida após a morte, e é possível que em alguns casos essa seja a razão pela qual os entes queridos em espírito estão começando a escolher os telefones como método preferencial de fazer contato. Em outras palavras, o mundo dos espíritos está em sintonia com o nosso tempo.

## Telefonando para mim

E claro que quando alguém ouve a voz do outro lado do telefone normalmente não há oportunidade de registrar essa voz, pois ela vem sem aviso. No entanto, há ocasiões em que a voz de um espírito pode ser captada e a prova, apresentada. Vou fazer uma pequena digressão aqui e discutir o fenômeno da voz eletrônica.

Várias teorias têm sido apresentadas para explicar os telefonemas dos mortos, e uma das mais proeminentes é o fenômeno da voz eletrônica, ou FVE. Esse é um processo pelo qual as vozes que o ouvido humano não consegue ouvir são captadas por telefones, *MP3 players*, câmeras digitais, secretárias eletrônicas ou outros equipamentos. As vozes nunca são ouvidas durante a gravação, apenas no *playback*. São identificáveis como vozes de homens, mulheres ou crianças, e consta que são razoavelmente claras e falam ou cantam em várias línguas. Se você estiver interessado em ouvir uma ou duas amostras, tente este site: [www.evpsounds.com/evps](http://www.evpsounds.com/evps).

O FVE é a voz de um espírito captada em uma gravação. Os céticos se apressam em dizer que essas vozes são resultado de estática e ruído branco, mas os pesquisadores dos FVEs acreditam que são uma forma de comunicação com os mortos. Como vimos anteriormente, o inventor do fonógrafo e da lâmpada elétrica, Thomas Edison, acreditava que um dia seria possível construir uma máquina por meio da qual os seres humanos poderiam se comunicar diretamente com os mortos. Lamentavelmente, Edison nunca colocou sua invenção em prática, mas desde a sua morte têm sido feitas tentativas repetidas de registrar vozes paranormais.

Há milhares de sites sobre o FVE, como os que citei, e se você os consultar, verá que muitas pessoas no mundo todo realmente acreditam que esses FVEs oferecem evidências diretas da vida após a morte. Mas também há muitas pessoas que acreditam que o fenômeno pode ser explicado racionalmente e que os sons ouvidos são suscetíveis de interpretações

fantasiosas. Apesar de sofrerem duras críticas, os pesquisadores de FVE continuam tentando encontrar maneiras de captar em fita algo que prove incontestavelmente que há vida após a morte, e nas últimas décadas o fenômeno da voz eletrônica se expandiu para outros meios de comunicação, incluindo TV, MP3 e computadores. O campo da pesquisa paranormal, além de instigante, está em constante evolução, e por isso é algo que eu definitivamente acompanho de perto.

Tanto a alucinação auditiva como a psicocinese — quando uma pessoa em estado de crise ou em extrema tristeza, consciente ou inconsciente, usa o controle da mente para fazer um telefone tocar ou, no caso do FVE, projeta seus pensamentos em gravações - têm sido propostas como explicação. Argumenta-se que é uma inclinação humana natural projetar significado em sons inócuos ou aleatórios. Em outras palavras, as vozes vêm do subconsciente da pessoa. Teorias como essa devem ser levadas a sério, mas pelas histórias de FVE que tenho lido isso não parece provável, e até agora nem céticos nem crentes provaram que estão 100% certos. Não há dúvida de que muitos incidentes de FVE apresentados como evidência sólida são controversos, mas, se nenhuma explicação natural satisfatória puder ser encontrada, seria igualmente não científico rejeitar a hipótese da paranormalidade como uma explicação possível. Em minha opinião, embora as evidências captadas ainda precisem apresentar provas definitivas e científicas da vida após a morte, acho que esse estágio inicial da pesquisa proporciona suficientes dados inexplicados para satisfazer aqueles que acreditam, e dá até aos céticos algo em que pensar.

Tenho certeza de que você vai concordar que esta história de FVE enviada por Predag é intrigante.

Alto-falante

*Meu pai morreu de repente de um ataque cardíaco há um ano, e, desde então, muitas vezes desejei que ele fizesse contato comigo de alguma maneira. Eu só queria saber se ele está bem.*

*Hoje me aconteceu uma coisa estranha. Depois do trabalho eu quis ouvir (a cantora) Norah Jones em meu estéreo, e após meia hora ouvi alguém murmurando. Como alguns homens estavam conversando na frente de casa, debaixo da janela da sala, de início não prestei atenção, mas com o passar do tempo o murmúrio ficou mais alto. Parei o CD e, para minha surpresa,*

*percebi que o murmúrio estava vindo do alto-falante da direita. Parecia um homem falando muito indistintamente, e, fosse qual fosse o volume no amplificador, o murmúrio tinha sempre a mesma altura. Então desliguei o toca-CD da tomada, mas o murmúrio continuava a sair pelo alto-falante. Só o toca-CD está ligado à caixa de som, por isso não sei de onde vinha o sinal. Desliguei o amplificador, tomei a ligá-lo após dez minutos e pude ouvir o murmúrio vindo de novo do alto-falante. Desliguei mais uma vez o amplificador e voltei a ligá-lo depois de uma hora. Não havia mais murmúrio. Cinco horas depois liguei de novo o amplificador e não ouvi murmúrio nenhum.*

*Hi-fi e música têm sido meu passatempo nos últimos quinze anos, e jamais tive uma experiência desse tipo. Comprei o amplificador há cinco meses, uma marca nova. Talvez você ache que estou louco, mas penso que talvez fosse meu pai. Não sei. Realmente não sei. A propósito, ele foi músico quando jovem. Tocava violão, violino e trompete e, durante o verão, tocava com uma banda para ganhar algum dinheiro para financiar seus estudos. Isso não aconteceu de novo, e estou certo de que foi meu pai. Obrigado por me ouvir.*

Na absoluta maioria dos casos, acho que casos de FVE como o de Predag são tão convincentes que não podem ser simplesmente descartados como fraude, alucinação ou mau funcionamento de um equipamento. Também acho que, quanto mais a tecnologia avança, maior a probabilidade de eu continuar a receber essas histórias, o que é muito excitante.

Igualmente intrigante e em ascensão é o fenômeno de mensagens de texto vindas dos mortos. Eis o intrigante relato de Lucy.

Desculpe

*Pouco a pouco, nos últimos quatro ou cinco anos, eu me tornei deprimida — suponho que se poderia dizer isso —, porém funcional. Meus pensamentos têm sido bastante sombrios. Nunca me dei bem com minha mãe. Muitos dos meus problemas começaram na infância. Ela agora está idosa, e tenho tido de visitá-la com maior frequência para ajudá-la. Isso piorou ainda mais o meu humor, e em vários momentos me vejo rezando para que um acidente ou uma doença me leve deste mundo de uma maneira respeitável. Minha irmã,*

*que se matou quando eu tinha 12 anos, também tem estado em meus pensamentos. Eu a tenho amaldiçoado por ter tirado a própria vida porque sei o que é ser deixada para trás e não posso sobrecarregar meus filhos e meu marido com isso, embora às vezes eu tenha vontade de fugir.*

*Apesar da minha depressão nos últimos meses, toquei minha vida e meu trabalho o melhor que pude por causa da minha família. Eu estava visitando um casal em função do meu trabalho quando precisei usar o celular. Então vi que a tela estava toda tomada por uma luz branca com a palavra “desculpe” no canto superior esquerdo. Fiquei surpresa com aquilo e comentei em voz alta, achando que de algum modo tinha apertado os botões enquanto o telefone estava no meu bolso. Finalmente, a pessoa que eu estava visitando disse que devia ser um espírito querendo se desculpar por algo que havia feito. Pressionei um botão do aparelho, e a mensagem desapareceu. Tentei todos os botões e não consegui recuperar nem a tela branca nem a fonte em que a palavra foi escrita. Sei que era uma mensagem da minha irmã, pois aquele era o dia do aniversário de sua morte. Normalmente sou muito discreta sobre o meu passado, mas me sinto impelida a contar isso a todos, embora ninguém saiba como meus pensamentos se tornaram sombrios antes de isso acontecer e eu jamais vá contar.*

Além de histórias envolvendo conversas ao telefone ou textos de pessoas que morreram, também tenho recebido histórias sobre telefones que não estão ligados ou estão fora de serviço, ou celulares descarregados que começam a tocar. Esta história de Anthony é fascinante.

## Alma celta

*Sou um homem de 40 anos, nascido em Birmingham, na Inglaterra, filho de mãe inglesa (que eu sei que tinha uma alma celta) e pai irlandês. Mesmo quando criança, sempre senti muito maior afinidade com a Irlanda do que com a Inglaterra e sempre me considerei irlandês.*

*Quando eu tinha 11 anos meus pais e eu nos mudamos “de volta ” para a Irlanda e nos instalamos em Dublin. Morávamos em uma área muito próxima dos primos com os quais eu havia crescido, pois quando criança sempre passei todos os verões e as férias em North County Dublin, à beira-mar, com todos eles. Minha mãe e meu pai tiveram um relacionamento instável durante muitos anos, até que minha mãe finalmente decidiu ir*

*embora e voltar para a Inglaterra, quinze anos atrás.*

*Desde essa época, passei a visitar minha mãe algumas vezes por ano e sempre falava com ela pelo telefone. Minha mãe passou a ter problemas de saúde desde que voltou a viver na Inglaterra e pouco apouco foi piorando, à medida que o tempo passava. Ela morreu aos 71 anos, em 13 de março de 2011, em um hospital de Birmingham. No último ano e meio de sua vida, passou apenas algumas semanas em casa e o restante no hospital. Eu a visitava toda vez que ela era hospitalizada, principalmente nos últimos oito ou nove meses. Estava de permanente prontidão para pegar o próximo voo possível de Dublin para ficar ao lado dela, pois muitas vezes chegamos a pensar que ela só teria alguns dias de vida.*

*Com grande frequência durante aquele período larguei tudo na Irlanda para ir até o hospital na Inglaterra; depois de alguns dias seu estado melhorava e ela ficava suficientemente estável para eu poder voltar para casa, para minha esposa e meu filho, retomar meu trabalho e a nova casa que estávamos construindo no campo, em Roscommon. Consegui equilibrar as exigências de trabalhar em Dublin (a 160 km de Roscommon), ficar longe de casa e da minha família duas noites por semana para reduzir o desgaste e os custos da viagem, e tinha permanentemente uma mala pronta e meu passaporte dentro do carro para a próxima vez que recebesse um telefonema para ir até Birmingham o mais rápido possível.*

*Em 12 de março levei minha esposa para assistir a um show da banda The Script em Dublin. Minha esposa e meu filho gostavam bastante da música deles (eu gosto um pouco), e tenho um amigo que faz a segurança da banda e conseguiu me arranjar as entradas. Era a primeira noite que minha esposa e eu saíamos sozinhos em um longo tempo, e era algo que ambos realmente necessitávamos; na verdade, foi uma noite bem prazerosa. Isso significava que passaríamos aquela noite em Dublin, na casa de meus sogros, a cerca de dez minutos do aeroporto.*

*Por volta das 7h30 da manhã seguinte recebi um telefonema do meu irmão em Birmingham, dizendo que a saúde de mamãe havia novamente deteriorado da noite para o dia e que eu deveria ir para lá o mais rápido possível, embora ele tenha dito que poderia acontecer o mesmo que das outras vezes e que me ligaria de volta com mais notícias. Acordei minha esposa e lhe disse que eu tinha de ir de novo para Birmingham assim que possível, e então nos levantamos e começamos a buscar na internet o*

*primeiro voo para lá. Só então me dei conta de que tínhamos vindo a Dublin no carro da minha esposa, o que significava que minha mala arrumada e meu passaporte estavam no meu carro, em Roscommon, a 160 km de distância. Teríamos de dirigir duas horas até lá para pegar o passaporte, o que significava que o primeiro voo que eu poderia pegar sairia do Aeroporto Knock no condado de Mayo, que fica a 45 minutos de carro da minha casa em Roscommon.*

*O primeiro voo só sairia de Knock às 15h30. Durante nossa viagem para casa, chequei constantemente meu celular para ver se havia mais notícias do hospital, e foi então que uma coisa curiosa começou a acontecer. À medida que o dia passava, meu celular (confiável desde que o tinha comprado) desligava todas as vezes que eu ia checar minhas mensagens. Verifiquei a bateria; estava carregada, e não havia razão para ele ficar desligando. Depois de pegar minha mala e meu passaporte em casa e dar ao meu filho de 8 anos uma rápida explicação sobre a razão de papai ter de viajar de novo tão às pressas, meu sogro me levou de carro até o aeroporto.*

*De novo o celular desligava sem razão todas as vezes que eu tentava checar as mensagens. Fiz o check in, e meu sogro me comprou um sanduíche, pois eu não havia me alimentado direito o dia todo. Então chequei de novo meu telefone e vi que tinha desligado. Quando tornei a ligá-lo havia uma mensagem: eu tinha um recado no correio de voz. Meu coração ficou dilacerado quando ouvi a primeira palavra da mensagem, enviada por um primo meu de Birmingham. Eu sabia que a mensagem iria me dizer que minha mãe havia morrido nos últimos dez minutos. Ela morreu enquanto eu fazia o check in para ir até ela. Há um santuário da Virgem Maria no Aeroporto Knock, onde me sentei para chorar. E enquanto fiquei sentado em silêncio durante toda a viagem, só conseguia pensar por que eu não consegui chegar lá a tempo. Também sabia que, se eu não tivesse levado minha esposa ao show em Dublin ou se pelo menos tivéssemos ido no meu carro, com meu passaporte dentro, eu teria conseguido chegar antes que minha mãe morresse. Nas semanas e meses seguintes frequentemente disse à minha mãe, em pensamento, como eu lamentava não ter chegado até ela a tempo, mas pouco apouco comecei a falar com algumas pessoas sobre o que tinha acontecido com o meu celular naquele dia, como se eu não devesse receber a notícia.*

*Pouco a pouco comecei a acreditar que aquela foi a maneira de minha*

*mãe me proteger de receber a notícia de sua morte, e também que eu devia levar minha esposa ao show em Dublin, como um lembrete de quanto ela é importante na minha vida e que talvez minha mãe não quisesse me ver sofrer, o que certamente teria acontecido se eu estivesse ao seu lado quando ela morreu.*

*Uma última coisa. Na noite de 13 de março meus irmãos, meus primos e eu saímos do hospital e fomos para a igreja em Sutton Coldfield, em Birmingham. Depois da missa fomos todos até o pub que ficava em frente à casa da minha mãe. Enquanto eu estava de pé no bar com meus dois irmãos (que sempre moraram na Inglaterra) para comprar bebidas para toda a família que nos apoiou no momento mais difícil da nossa vida, pousei no meu pé (dentro do pub) uma solitária pena branca. Eu tinha ouvido dizer que a pena branca significava um anjo cuidando de um ente querido que havia morrido, e me deu um grande conforto saber que mamãe estava bem e ainda conosco em espírito e que jamais estaria distante demais.*

*Obrigado por escrever seus livros. Sempre me considere mais espiritual do que religioso, embora seja católico. Acho que livros como os seus fazem sentido e realmente nos ajudam a entender por que algumas coisas, que na época não faziam sentido, acontecem. Chorei de novo ao escrever este e-mail, mas achei muito mais fácil contar essa história agora. Meu celular voltou a funcionar perfeitamente bem por mais uma semana depois que minha mãe morreu e nunca desligou quando não devia. Eu o substituí por outro modelo e não tive outra experiência como aquela.*

*Segue-se o tocante relato de Luke.*

## Inesperado

*Minha esposa morreu uma semana antes de completarmos nosso trigésimo aniversário de casamento, depois de sofrer um ataque cardíaco. Foi tudo muito repentino e inesperado, e meu único consolo foi que os médicos me disseram que ela não sofreu — nem sequer soube o que estava acontecendo.*

*Eu praticamente não tinha nenhuma lembrança da minha vida adulta sem ela. Era a mulher mais maravilhosa do mundo. Eu poderia escrever um livro sobre ela. E uma de suas qualidades mais cativantes era que ninguém nunca conseguia contradizê-la. Era dona de um espírito extremamente jovem e estava sempre me estimulando a buscar a aventura e a magia da vida.*

*Certamente tivemos períodos difíceis, como qualquer casal, mas conseguimos superá-los, e com isso nosso relacionamento ficou fortalecido.*

*Sendo tão unidos, você pode imaginar como minha vida ficou sombria quando passei minha primeira noite sem ela, mas não acho que estivesse sozinho e, depois de ler um dos seus livros, simplesmente tive de lhe enviar minha história. Deviam ser mais ou menos 2 da manhã quando ouvi alguma coisa tocando. Entorpecido pela tristeza, tentei ignorá-lo, mas o som era persistente. Soou mais ou menos umas vinte vezes e então parou por alguns minutos, depois recomeçou.*

*O som foi ficando cada vez mais alto, e comecei aperceber que vinha do meu quarto. Levantei-me e finalmente o localizei debaixo da minha cama. Não sou mais tão ágil quanto era antes e, portanto, demorei algum tempo para me abaixar e olhar lá embaixo, e quando o fiz vi um pequeno embrulho com uma fita vermelha. Eu o peguei, sentei na cama e vi que era um presente da minha esposa para mim. Ela devia tê-lo comprado para meu aniversário de 50 anos, que já se aproximava. Eu o abri, e era um celular. Eu não estava interessado naquilo, estava apenas interessado no cartão que minha esposa havia escrito. Ali ela me dizia que sempre me amaria e que já era tempo de eu deixar de ser tão antiquado e ter meu próprio celular. Minha relutância em usar computadores ou ter um celular havia sido uma fonte de constantes discussões entre nós. Ela adorava a tecnologia. Eu a odiava.*

*Agarrei o celular e o segurei junto ao coração. Finalmente adormeci, mas foi um sono inquieto. Na manhã seguinte, disse ao meu filho que ele podia ficar com o celular, porque eu só queria o cartão. Ouvi-lo tocar durante tanto tempo na noite anterior havia sido o bastante para mim. Meu filho pegou o telefone e me disse que ele não podia ter tocado porque ainda nem havia sido carregado. Enquanto ele falava, tive a impressão de ouvir o toque daquele aparelho. Quando o som parou, olhei para o meu filho, e, naquele instante — não entendo como —, ambos soubemos que essa foi a maneira de minha esposa nos alcançar do outro lado, fazendo-nos saber que, embora não pudéssemos mais vê-la ou tocá-la, ela ainda estava muito perto de nós.*

*Raramente se passa um dia em que eu não sinta conforto com o toque daquele telefone. Ele tem tocado muito atualmente, pois segui o conselho da minha esposa e aprendi a usá-lo. Toda vez que eu o atendo ou uso, sinto-me indescritivelmente próximo dela. Estou consciente de que isso pode não fazer*

*sentido para muitas pessoas, mas para mim faz muito sentido, porque ela sempre me disse para esperar o inesperado.*

Naelene, que anteriormente neste livro falou sobre uma visitação de seu primeiro marido, Basil, também me enviou a história a seguir sobre uma comunicação da outra vida que recebeu de seu segundo marido.

## Ligações

*Quando tornei a me casar, foi com um homem adorável chamado Roy. Ficamos doze anos juntos. Roy ficou no hospital durante algum tempo antes de falecer. Ele estava muito doente, e minha filha me levava para casa para passar a noite com ela. Certa noite eu estava na cama, preocupada. Ao lado da cama havia um telefone antigo que era usado apenas como enfeite. Durante seus anos de vida ativa, Roy trabalhara em uma companhia telefônica, de modo que tinha uma forte conexão com os telefones. Eram 4h45 da manhã quando aquele telefone não conectado tocou duas vezes. Eu não conseguia acreditar naquilo. Não consegui voltar a dormir, e então levantei-me e sentei-me junto a uma janela até toda a minha família se levantar e eu poder lhes contar o que havia acontecido. Doze horas depois, às 16h45, Roy morreu.*

Naelene acredita que o toque do telefone desligado naquela noite foi um sinal do outro lado de que seu marido logo iria morrer, mas que, embora ele estivesse indo para outro lugar, a forte ligação entre eles jamais morreria.

Eu nunca recebi uma mensagem de texto ou um telefonema de uma pessoa morta, mas sou propensa a acreditar que talvez os entes queridos falecidos consigam de algum modo manipular a energia elétrica, as ondas sonoras e a tecnologia moderna para produzir essa forma de conexão. Também têm chegado relatos de pessoas que dizem ter recebido comunicações do mundo dos espíritos em rádios, televisões e, como foi o caso de Louise na história que se segue, em computadores.

Eu a vi

*Depois que minha irmã gêmea morreu, fiquei inconsolável. Fazíamos tudo*

*juntas e sabíamos tudo uma da outra — ou assim eu pensava. Certo dia, cerca de seis meses depois do seu funeral, entrei na internet, e a imagem de minha irmã, Mary, apareceu na tela. Ali estava ela. Era ela. Eu a vi sentada em sua cama, digitando furiosamente no laptop. Fiquei surpresa, pois nós duas éramos pessoas que gostavam de sair, e nunca achei que ela fosse ligada em computadores.*

*Então, de repente a imagem desapareceu e um endereço da web surgiu na tela. Cliquei no link e descobri que minha irmã mantinha um blog. Eu não fazia ideia. Nesse blog ela falava muito sobre a escola, seus amigos, mamãe, papai e eu. Dizia que me amava muito e que queria que eu realizasse meus sonhos. Também falava muito sobre anjos e sobre como sempre se sentiu cercada por eles.*

*Entendi então que tudo aquilo era para me ajudar a saber que ela estava bem e ainda olhava por mim. Antes eu não acreditava em anjos, mas agora acredito. Sei com certeza que Mary não foi embora e que está comigo o tempo todo. Sei disso porque a vi.*

Mais uma vez, temos essa certeza familiar. Louise sabe que sua irmã chegou até ela, vinda do outro lado. O meio que Mary escolheu para se comunicar com sua irmã pode ser moderno, mas o apoio e o conforto que a comunicação do outro lado trouxe à sua irmã têm séculos de idade.

## Acontecimentos estranhos

Agora passemos às comunicações da vida após a morte que envolvem outros objetos físicos e materiais, além de dispositivos de comunicação. Essas histórias são mais comuns do que as comunicações por telefone e, em geral, têm relógios parando, luzes piscando, aparelhos elétricos ligando e desligando, quadros e fotografias se movendo, objetos aparecendo em locais improváveis, portas se abrindo etc. Embora eu não tenha uma experiência pessoal de comunicação por telefone, tenho alguma experiência com esses outros fenômenos e, por isso, sei que tais acontecimentos nem sempre podem ser explicados como coincidência, acaso ou imaginação.

Eu poderia citar muitos exemplos, mas um que se destaca aconteceu no dia do primeiro aniversário da minha filha. Eu estava sentada na cozinha, olhando para seu bolo de aniversário, e, em vez de me sentir feliz por chegar

a esse momento importante da minha vida, só conseguia pensar em minha mãe. Como gostaria que ela estivesse ali, como eu sentia a sua falta! Mais uma vez fui tomada por um enorme sentimento de culpa pelo fato de não estar ao seu lado quando ela morreu. Ela morreu sozinha. Sempre que eu implorava por um sinal de perdão da parte dela e só escutava o silêncio, ficava convencida de que ela estava zangada comigo por tê-la abandonado, por não estar com ela na hora em que mais precisara de mim. No fundo do meu coração eu sabia que minha mãe jamais poderia me odiar, porém não conseguia me livrar da culpa. A dor me inundava em ondas esporádicas. Quando eu pensava que havia chegado a um acordo com meu arrependimento, a culpa voltava como uma enorme onda de tristeza que tirava de mim toda a alegria. E aqui estavam mais uma vez a culpa e a dor, quinze anos depois da morte de minha mãe, no primeiro aniversário da minha filha. Mais uma vez, a dor me atingia duramente e destruía minha autoconfiança.

Eu olhava para o bolo de aniversário da minha filha e pensava nos solitários momentos finais da minha mãe antes de morrer. Eu não estivera lá para segurar sua mão. Mantinha as mãos ocupadas limpando a casa, mas isso não mantinha a mente ocupada, e eu me lembrava da minha mãe chorando nas últimas vezes em que me despedi dela. Por que não fiquei com ela? Eu tentava me controlar, mas imaginar seu rosto lacrimoso e desapontado acabava comigo.

Minha tristeza e minha dor se tornaram tão intensas que comecei a achar difícil respirar. Saí de casa esperando que uma rajada de ar fresco pudesse ajudar a dissolver aquela tensão. De fato, ajudou um pouco, mas quando tornei a entrar consegui toda a ajuda de que necessitava. Ali, no centro da mesa da cozinha, bem ao lado do bolo de aniversário, estava uma caneca com a inscrição “A Melhor Mãe do Mundo”. Não me recordo de tê-la colocado ali e sei que não estava ali quando saí de casa, porque eu a teria notado imediatamente.

Até hoje não sei como ela foi parar ali, pois não havia mais ninguém na casa naquele momento. Meu marido havia me dado aquela caneca mais ou menos um ano atrás, mas nunca a usei, porque no fundo não me sentia merecedora daquela homenagem. Em vez disso, deixei-a em um canto escuro e escondido, em um dos armários da cozinha. Coloquei a chaleira no fogão para fazer um chá e, quando me sentei para esperar a água ferver, comecei a rir. Na minha mente pude ouvir minha mãe dizendo, com um toque risonho

na voz, que a caneca era para ela, não para mim! Naquele instante, eu soube que minha mãe de algum modo fez aquela caneca aparecer ali para me tranquilizar. Ela queria que eu soubesse que estaria conosco em espírito no primeiro aniversário de sua neta.

Esta próxima história, que me foi enviada por Peter alguns anos atrás, é de algum modo semelhante à experiência que eu tive com a caneca que de repente apareceu do nada, porque sugere que nossos entes queridos que estão do outro lado não querem nos ver sofrendo ou crivados de sentimentos de culpa e desespero.

### Quadro perfeito

*Minha esposa morreu porque eu bebi muito em uma festa e ela foi dirigindo para casa em meu lugar, pois não havia bebido tanto. Estávamos no inverno, e ela pisou forte no freio ao desviar o carro para evitar atingir um gato que atravessava a rua. O carro deslizou na direção dos veículos que vinham em sentido contrário, e, embora minha esposa estivesse com o cinto de segurança, ela morreu devido a lesões internas. Eu também me machuquei muito, mas sobrevivi. Se eu estivesse dirigindo, não teria tentado frear para não atingir o gato. Eu devia estar dirigindo naquela noite, mas não estava.*

*O primeiro ano foi o mais difícil de enfrentar, pois não conseguia me livrar do sentimento de culpa, embora meus filhos não achassem que tivesse sido culpa minha. Não conseguia me perdoar tão facilmente por ter tomado a decisão de beber naquela noite, sabendo que minha esposa ficava nervosa ao dirigir quando as ruas ficavam cobertas de gelo. Faz dois anos que ela morreu, e só agora estou começando a me perdoar — e quero lhe dizer por quê.*

*Era o aniversário da morte da minha esposa, e eu estava prestes a irromper em lágrimas de novo. Minha filha que na que eu passasse a noite com. ela, mas eu não quis. Fiquei sentado sozinho na sala de casa. Eu precisava de silêncio, e então ouvi um barulho atrás de mim. Eu me virei e vi que o retrato da minha esposa havia caído. Era uma foto que eu havia tirado dela antes de termos filhos, e ela estava tão linda que mandei ampliá-la e a emoldurei. Olhei para a parede e para as costas do quadro; não havia nada de errado com os ganchos. Assim, tornei a pendurá-lo. Dez minutos depois ele tornou a cair.*

*Eu estava começando a ficar um pouco assustado, então decidi fazer uma experiência. Encontrei uma foto das crianças que estava presa na parede da mesma maneira que a da minha esposa e a pendurei ali. Deixei-a ali durante uma hora, e ela não caiu; então voltei a colocar a foto da minha esposa na parede. Alguns minutos depois ela caiu. Coloquei-a de volta na parede e telefonei para minha filha para lhe dizer o que estava acontecendo. Ela veio ver pessoalmente, mas a foto não caiu mais. Ficou no lugar.*

*Você acha que essa foi a maneira de a minha esposa me dizer que o fato de ela ter morrido não foi culpa minha e que ela ainda continua perto de nós? Minha filha acha que essa foi a maneira de minha esposa me dizer que eu não devia ficar sozinho no aniversário de sua morte e devia passá-lo em companhia da nossa filha.*

A próxima história, enviada por Sandra, também envolve um quadro.

No limite

*Meu pai morreu em 1981 — ele teve um infarto fulminante quando estava com 61 anos. Na noite em que morreu, eu estava com minha mãe e minha irmã em casa, justamente falando sobre papai, quando ouvimos o ruído de algo caindo no corredor. Como você pode imaginar, nossos nervos estavam à flor da pele, e isso fez com que todas nós pulássemos. Fui até o corredor e vi de cabeça para baixo no chão um quadro que meu pai havia comprado. Ele estava pendurado em um gancho, e a única maneira de poder ter saído dali era se tivesse sido fisicamente levantado e retirado do gancho. Não poderia ter simplesmente escorregado, e o gancho continuava firme no lugar. Além disso, apesar da queda, o vidro estava intacto. Acho que papai tentava nos dizer que estava bem.*

Posso entender por que algumas pessoas talvez duvidem desse tipo de história. Quando a foto de um ente querido falecido cai, ou um item perdido é encontrado, ou luzes piscam, ou uma porta se abre sozinha, supõe-se imediatamente que o outro lado está tentando se comunicar, quando isso poderia muito facilmente ser explicado de maneira racional. Entretanto, a qualidade e a criatividade das histórias que tenho recebido no correr dos anos, associadas às minhas próprias experiências, me convenceram do contrário. Não tenho nenhuma dúvida de que os entes queridos que já se foram podem até certo ponto manipular a eletricidade ou os objetos para se comunicar

conosco.

Várias pessoas têm-me escrito para me falar de caixas de música ou outros objetos mecânicos, anteriormente quebrados, que voltam a funcionar, e como elas acreditam que um ente querido falecido usava esse objeto para tranquilizá-las. Segue-se a história de Rnssell.

A força está com você

*Era a manhã da minha prova final de matemática, e eu estava terrivelmente ansioso. Elavia estudado bastante, mas no ano anterior tinha perdido muitas aulas devido a uma infecção pulmonar grave. Fiz o máximo para acompanhar a turma, mas aquilo abalou a minha confiança. Eu queria tentar entrar na universidade e, por isso, precisava pelo menos passar em matemática.*

*Eu sabia que aquela não era a matéria em que eu era mais forte, e meus professores também sabiam. Seja como for, naquela manhã, quando mamãe limpava a mesa do café da manhã, eu tive um ataque de pânico. Comecei a transpirar e me senti realmente mal. Mamãe pôs a mão na minha testa e achou que estava muito quente. Começamos a pensar seriamente em desistir do exame quando de repente ouvi: “A força está com você, jovem Skywalker”, saindo da minha caneca de Star Wars que estava no peitoril da janela e tinha um dispositivo de voz operado por bateria. Nós dois começamos a rir, e instantaneamente me senti melhor.*

*Ganhei aquela caneca há uns seis anos, quando estava totalmente imerso na minha fase Star Wars. Toda vez que a levantava, ela dizia “a força está com você” e tocava o tema de Star Wars. Eu não a usava há anos, e ela simplesmente ficava ali quietinha, no parapeito da janela. Minha mãe disse que foi a luz do sol que ligou o som, mas aquilo nunca havia acontecido antes, e estou convencido de que meu anjo da guarda o provocou para me devolver a confiança com um toque de humor.*

Russell me mandou um e-mail alguns meses atrás para me dizer que conseguiu o resultado de que precisava.

Além dessas, há histórias sobre relógios que param ou recomeçam a funcionar no momento da passagem de uma pessoa ou em outros momentos específicos de grande significado para a pessoa envolvida. Segue-se a história de Frank.

Em algum momento no tempo

*A dor de perder minha esposa para o câncer quando ela estava com apenas 50 anos foi tão intensa que não sei como consegui continuar respirando, que dirá continuar tocando a vida. Minha irmã e meu filho estavam muito preocupados comigo e sugeriram que eu fosse morar com eles alternadamente — um mês com meu filho, um mês com minha irmã - até eu ser capaz de me virar sozinho. Eu não conseguia pensar direito, então deixei que eles tratassem dos detalhes. Nunca fui morar com nenhum dos dois e vou lhe explicar por quê.*

*No funeral da minha esposa eu ainda estava em profundo estado de choque. Não parecia real que ela não fosse continuar mais ao meu lado. Todos se esforçavam muito para me confortar, mas eu estava fora do alcance de sua ajuda. A única coisa que eu queria era minha esposa de volta. Odiei o funeral, e quando aquilo tudo se tornou demais para mim eu simplesmente saí de casa para pegar um pouco de ar fresco. Minha filha saiu correndo atrás de mim e me disse que eu iria me arrepender disso. Eu lhe disse que simplesmente precisava ficar algum tempo sozinho e que iria à recepção às 15 horas. Fui até o parque local e me sentei em um banco.*

*Não sei dizer quanto tempo fiquei sentado ali, mas quando olhei o relógio eram 14h30. Eu não queria deixar minha filha decepcionada, pois sabia que ela estava sofrendo tanto quanto eu, e então, relutante, fiz o caminho de volta até em casa para participar da recepção. Quando cheguei minha filha estava furiosa, pois eram quase 17 horas e todos os convidados já tinham ido embora. Olhei o meu relógio e ele estava parado em 14h30, e aquilo me impressionou. Minha esposa havia morrido exatamente nesse horário. Você acha que ela parou o meu relógio para me dizer que ainda estava por ali e para me poupar da tortura de exibir uma expressão corajosa durante a recepção? Ela sabia quanto eu detestava esse tipo de coisa. Meu relógio nunca parou antes, e no dia seguinte estava funcionando perfeitamente bem. É incrível como um relógio parado me trouxe tanto conforto e está me ajudando a enfrentar o meu luto.*

O aparecimento de objetos perdidos em momentos significativos é outro sinal bastante documentado da comunicação com a vida após a morte. Kathy

me mandou esta história por e-mail

### A colher e os chinelos

*Esta experiência aconteceu na ilha Norfolk. Desde a morte de minha mãe, temos uma casa lá e a usamos nas férias. Temos um conjunto de talheres para crianças que era meu na infância, e quando meus filhos iam passar férias na casa de minha mãe o usavam. Nessa visita em particular, percebi que a colher estava faltando. Perguntei aos meus amigos se eles a tinham visto, pois os membros de sua família haviam usado a casa antes da nossa visita. Não, não a tinham visto. Estávamos lá há alguns dias, e eu estava aborrecida com o desaparecimento dessa colher. Nesse dia em particular havíamos saído pela manhã, toda a louça fora lavada e guardada antes de sairmos, e, quando voltamos, por alguma razão totalmente desconhecida fui direto para a cozinha, abri a gaveta e ali estava, cuidadosamente colocada bem em cima, a tal colher.*

*Outra visita espiritual ocorreu próximo ao fim daquelas mesmas férias. Mais uma vez havíamos saído e, quando voltamos, encontramos um par de chinelos de espuma baratos. Perguntei se alguém havia deixado um par de chinelos na porta dos fundos, mas ninguém se apresentou como dono deles. O estranho é que estavam bem gastos, mas quando os calcei estavam perfeitamente moldados aos meus pés.*

Outra forma bastante relatada de comunicação dos espíritos envolve luzes acendendo e apagando ou dispositivos elétricos que ligam sozinhos. Bill, a seguir, fala de sua experiência.

### Piscando

*Duas semanas depois da morte do meu tio, eu estava lendo na sala da minha casa quando as luzes começaram a piscar. Aquilo me aborreceu, pois não conseguia ler direito. Então levantei-me para ver se havia algum problema no interruptor. Assim que me levantei, as luzes pararam de piscar. Sentei-me de novo, e elas recomeçaram. Levantei e elas pararam. Isso durou mais ou menos cinco minutos e já estava me deixando louco quando me lembrei do jogo da cadeira que sempre brincava com meu tio quando eu era criança.*

*Em cada aposento havia sempre uma cadeira confortável — em geral perto da calefação ou da TV-, e meu tio e eu tínhamos de identificá-la imediatamente, e eu sempre tentava correr para alcançá-la primeiro. Essa era a nossa brincadeira inocente, e nós a compartilhávamos com muitas nsadas. As vezes eu ganhava, às vezes ele ganhava, e às vezes terminávamos sentando juntos na mesma cadeira, eu no colo dele, até que fiquei grande demais.*

*Quando me lembrei dessa nossa brincadeira da cadeira, a luz parou de piscar e desde então não piscou mais. Você acha que essa foi a maneira de meu tio se despedir de mim?*

Em muitos casos, o fenômeno físico é espontâneo, mas também leio muitas histórias de pessoas como a de Joan, cujo relato se segue - que recebem esse tipo de comunicação quando pedem um sinal ou querem muito saber que seu ente querido ainda está com elas em espírito.

Duro de matar

*Charles, meu marido, morreu há três anos, dois meses e cinco dias. Fiquei muito sozinha sem ele. Ele era minha alma gêmea. As noites eram mais difíceis, pois costumávamos assistir juntos à TV, e às vezes ficávamos acordados até muito tarde. Depois que Charles morreu não consegui mais ficar acordada até tarde sozinha, mas a noite passada aconteceu algo que eu tinha de escrever para lhe contar. Ainda estou tremendo com a excitação daquilo tudo.*

*Fui para a cama por volta das 21h30 e tive dificuldade para pegar no sono. Naquele momento eu teria feito qualquer coisa para ter Charles comigo mais uma vez e lhe implorei que me fizesse saber que ele estava por perto. Não vi nem senti nada e dormi chorando, porém mais tarde acordei com o som de de vozes. Gritos. De início fiquei apavorada, pois achei que podia ser um intruso, então percebi que devia ter esquecido a televisão ligada. Saí da cama e fui desligá-la. Sempre fui muito cuidadosa em não me esquecer de desligar a TV à noite e tirar o fio da tomada, mas dessa vez eu devia ter esquecido. Fui até a sala para desligá-la. Estava passando um dos filmes favoritos de Charles, Duro de matar - A vingança. Sentei e comecei a assistir. Enquanto assistia, me senti mais em paz do que em muitos anos.*

*Aquilo me trouxe de volta lembranças felizes, e não me senti tão só. No fim do filme, desliguei a TV e me abaixei para tirar o fio da tomada, mas ele já estava fora da tomada! Como aquilo era possível? Eu havia acabado de assistir a um filme inteiro!*

*Na minha cabeça, repassei várias vezes o que aconteceu nessa noite. Fui eu que tirei o fio da tomada? Todas as vezes eu chegava à mesma conclusão. Eu não havia tirado o fio depois de assistir ao filme e não havia deixado a TV ligada quando fora para a cama. Realmente acredito que Charles tenha alguma coisa a ver com isso e estava ali sentado comigo naquela noite. Ele me ouviu chorar e veio até aqui para me acalmar. Isso fez toda a diferença. Sei que ele não está mais comigo fisicamente, contudo eu o sinto por perto o tempo todo. Isso é maravilhoso, Theresa, simplesmente maravilhoso!*

E às vezes, como aconteceu com Michelle na história a seguir, há uma combinação ou culminação de eventos físicos incomuns que proporciona a convicção inegável de que aqueles que morreram nunca estão distantes de nós.

Ele ainda está conosco?

*Meu pai foi diagnosticado com um câncer incurável em outubro de 2006. Senti meu coração afundar quando descobri, pois tinha apenas 23 anos e a ideia de perder meu pai ainda tão jovem me deixou mal, porque sempre fui muito agarrada com ele.*

*Na época minha gata teve filhotes, e meu pai não gostava de gatos. No entanto, consegui convencê-lo a ficar com os dois gatinhos para confortar a mim e à mamãe nos tempos difíceis que tínhamos pela frente. Alguns meses mais tarde os gatinhos estavam perseguindo um ao outro e um deles pulou e espatifou um dos enfeites preferidos de papai, um índio sobre um cavalo - meu pai adorava John Wayne e sempre assistia a filmes de caubói. O enfeite havia sido um presente meu e de meu irmão em seu aniversário de 50 anos. Na época ele ficou furioso, pois havia custado caro e tinha valor sentimental. Ficou tão zangado que ameaçou se livrar dos gatos se aquilo acontecesse de novo (embora eu não ache que ele pretendesse cumprir a ameaça).*

*Alguns meses depois o estado de saúde de meu pai piorou muito, e finalmente, em outubro de 2007, ele ficou confinado a uma cama hospitalar*

*no térreo da nossa casa, na sala da frente. Nessa época ele já não conseguia falar, apenas murmurava, e mal conseguia enxergar. De repente, certa noite, ele começou a murmurar realmente alto e balançava a cabeça como se estivesse tentando me dizer alguma coisa. Começou a apontar para o alto do armário que ficava perto da sua cama, e lá estava o bibelô quebrado do índio. Era como se ele estivesse dizendo “conserte-o” - embora eu não tenha pensado muito nisso na ocasião.*

*Dois dias depois meu pai morreu. Eu estava arrasada por perder meu pai aos 24 anos, e ele só tinha 56. Nunca me senti tão sozinha, embora tivesse os amigos e a família me apoiando. Na noite após a morte de papai fiquei no quarto da mamãe, e de manhã, quando acordamos, no meio do piso do quarto estava o enfeite do índio. Eu não tinha ideia de como ele havia chegado ali, e ambas nos convencemos de que foi um sinal de papai, para nos dizer que colássemos o enfeite antes do seu funeral, pois não havia como ele pudesse ter caído sozinho, já que havia algo pesado na frente e fazia tempo que ele estava no mesmo lugar. Seja como for, mamãe e eu resolvemos colá-lo antes do funeral.*

*Depois do funeral de papai eu estava dormindo no meu quarto quando de repente, do nada, meu despertador tocou, e tudo o que havia na minha estante caiu. Aquilo me impressionou, pois tudo aconteceu exatamente à meia-noite, e eu não havia mexido no relógio nem o colocara para despertar, especialmente naquela hora. No entanto fiquei calma, como se sentisse uma presença, e acho que isso e o enfeite caído foram sinais do meu pai me dizendo que estava bem e ainda estava ali.*

Joan e Michelle compartilharam a certeza maravilhosa de que um ente querido ainda estava com elas em espírito. Elas realmente acreditam que ele chegou até elas através de um objeto, e isso encheu seu coração de alegria e esperança pela vida eterna. Suas histórias mostram que o céu pode brilhar até mesmo através das coisas mais triviais, como um enfeite, um despertador ou um filme na TV, e em consequência disso a qualquer momento nossa vida pode mudar para sempre.

Estabelecendo contato

Sim, todas essas histórias são difíceis de explicar, e devemos confiar na

integridade das pessoas que as enviam.

Além disso, à medida que a ciência quântica vai empurrando mais adiante as barreiras do entendimento do que é possível, confio que um dia poderemos compreender fenômenos físicos inexplicáveis e até mesmo reconhecê-los como formas legítimas de contato com o outro lado. Neste momento, no entanto, ainda é impossível explicar o fenômeno de ligações telefônicas dos mortos, ou como um despertador pode tocar sozinho, ou como uma TV que está fora da tomada pode ligar sozinha, ou como um objeto pode misteriosamente aparecer no exato momento em que precisamos de apoio. Mas o que sei é que, para aqueles que passaram por essa experiência, ela é inesquecível. Proporciona-lhes a coragem e a inspiração de que necessitam para enfrentar seu luto, assim como a esperança de que um dia eles vão se reunir com o ente querido já falecido.

Também mostra que as comunicações com o outro lado são uma possibilidade muito real e que nossos entes queridos falecidos podem “falar” conosco das maneiras mais inesperadas se abrirmos o coração para escutá-los - e essa possibilidade de uma comunicação vinda do mundo dos espíritos nos leva diretamente ao tema do próximo capítulo: sinais sutis e mensagens do outro lado.

## 6. Sinais

*Não há inverno suficientemente implacável para conter a promessa da primavera.* Karen Kaiser Clarke

Telefonemas dos mortos, visões de entes queridos falecidos e experiências de quase morte são encontros verdadeiramente extraordinários com a vida após a morte, mas, fiel à honestidade com que criei este livro, tenho de dizer que, embora essas comunicações tão diretas e inegáveis possam ocorrer e realmente ocorram, elas ainda são muito raras, e nem todos vão vivenciá-las. Uma experiência muito mais comum, no entanto, são sinais intuitivamente percebidos e entendidos por algumas pessoas como uma comunicação do outro lado e que só têm sentido para elas.

Quais são esses sinais? Será que são mesmo suficientemente substanciais para ser apresentados como evidência da existência da vida após a morte?

Os sinais são mensagens profundamente particulares que podem tranquilizar a pessoa a respeito de o ente querido falecido ainda estar por perto e muito vivo no mundo dos espíritos. Eles podem ser qualquer coisa que você veja, escute, cheire ou sinta e que perceba como uma mensagem da vida após a morte dirigida apenas a você. Muitos dos sinais comumente relatados vêm do mundo natural: penas, arco-íris, nuvens, flores, pássaros e animais, mas podem também ser coisas materiais, como pequenas moedas ou objetos perdidos que são encontrados de repente, assim como sons, palavras e sensações ouvidos, lidos ou percebidos exatamente no momento certo para trazer conforto.

Embora os sinais sejam um tipo bastante comum de comunicação com a vida após a morte, eu deliberadamente não comecei este livro com um capítulo sobre eles porque, no que diz respeito a provas da existência do céu, estou plenamente consciente de que os sinais não têm muito peso; e, devido à sua natureza pessoal, eles certamente não podem se tornar foco de estudo científico da mesma maneira como o são as experiências de quase morte, as visões no leito de morte e os telefonemas dos mortos. Os sinais são uma forma sutil e simbólica de comunicação, e a pessoa envolvida precisa primeiro percebê-los, depois entendê-los e então dotá-los de um significado pessoal. Entretanto, apesar de não terem tanto peso quanto as experiências

anteriormente mencionadas, os sinais podem oferecer a muitas pessoas o conforto e a tranquilidade de que há vida após a morte. E essas histórias devem ser ouvidas.

O principal problema dos relatos sobre sinais é que, embora para a pessoa envolvida eles pareçam mensagens do céu destinadas apenas a ela, para os céticos eles podem ser facilmente descartados como um acontecimento casual ou mera coincidência. A teoria do caos é com frequência apresentada como resposta para qualquer um que acredite que a vida é algo mais do que uma coleção de eventos aleatórios, mas vale a pena apontar que, nas últimas décadas, os cientistas têm descoberto para ela um novo significado, que sugere a possibilidade da existência de padrões sutis para o caos. Considere o milagre do DNA, por exemplo, ou o sistema circulatório humano, ou ainda o desenho intrincado de um floco de neve. Não há nada de aleatório nisso: apenas um projeto perfeito em que tudo tem um lugar, uma função e um propósito, e todas as pessoas que forneceram histórias para este capítulo sentem-se exatamente da mesma maneira com relação aos sinais ou às coincidências que transformaram sua vida.

Esses sinais foram tão oportunos, tão perfeitos e tão profundamente pessoais e significativos para esses indivíduos que eles não tiveram dúvida de que vieram do outro lado, trazendo-lhes clareza, esperança e certeza necessárias para sair do caos, do sofrimento e da dúvida, oferecendo a todos a prova de que necessitavam de que o céu existe. Assim, se os cientistas estão começando a argumentar que nada no Universo é aleatório, eu realmente acredito que as histórias sobre sinais têm valor e merecem um lugar neste livro, já que contribuem para o crescente corpo de evidências de que nossa existência tem um propósito mais elevado e que a vida após a morte é real.

A perda de um ente querido é a prova emocional mais dura que qualquer um terá de enfrentar na vida, mas tenho visto repetidas vezes como essa desafiadora e complexa experiência emocional se torna muito mais fácil de suportar quando a pessoa que está de luto recebe um sinal de que a morte não é o fim, mas um novo começo brilhante. Wendy, que falou no capítulo 3 sobre a morte de seu irmão (ver “Com os braços abertos”, p.73), mostra como as lágrimas podem se transformar em riso quando um sinal sutil aparece.

Peninhas

*Depois do funeral de Steven, encontrei uma minúscula pena branca e*

*imediatamente achei que Steven estava ganhando suas peninhas de anjo e viera mostrá-las para nós. Dei uma grande risada ao pensar nele deixando cair penas por toda parte até se acostumar com elas (e se você pudesse ver meu irmão, com seu 1,83 m de altura, saberia que as penas não são algo com que ele se sentiria confortável).*

*Alguns dias depois eu estava dizendo à minha mãe que tinha encontrado a pena e que achava que havia uma conexão disso com o céu. Havíamos descido a rua até uma loja enquanto conversávamos e estávamos em nosso caminho de volta até o carro, refazendo nossos passos anteriores. Quando terminei de falar com mamãe sobre os anjos, vi uma minúscula pena branca no chão. Parei e a apontei para ela. Então olhamos em torno e vimos centenas de minúsculas penas brancas à nossa volta. Ficamos ali paradas, impressionadas, pois nenhuma daquelas penas estava no chão quando tínhamos feito aquele caminho cerca de dez minutos antes. Elas eram todas muito pequenas, peninhas bebês. Rimos pensando em Steven ganhando suas peninhas. Foi maravilhoso rir de novo após todo o sofrimento e o luto, e saber que Steven estava bem!*

Embora não seja impossível — como mostraram as histórias apresentadas nos capítulos anteriores —, ainda é raro os espíritos se materializarem diretamente para nós, talvez porque isso requeira energia demais. Mas há muitas pessoas, como Wendy, que sabem que eles podem se mostrar para nós de maneiras sutis e profundamente pessoais. A mensagem pode ser uma pena, uma nuvem ou um pássaro saltitando em seu caminho. Pode ser um arco-íris ou a letra de uma canção ouvida no momento exato para lhe dar esperança. Pode ser qualquer coisa. E se você for capaz de reconhecer e apreciar o sinal como comunicação do mundo dos espíritos, o fantástico é que pode começar a enxergar sinais e mensagens em toda parte aonde vá. É um pouco parecido com uma porta: uma vez que saiba como abri-la, pode ver o que está do outro lado.

Gomo os sinais são muito sutis e pessoais, não nos surpreende que não tenham recebido tanta atenção como as formas mais físicas e dramáticas de comunicação com os espíritos, mas, com base em tudo o que já vivenciei nesse sentido, além do que li e ouvi sobre eles, têm tanta capacidade de transformar nossa vida e são tão impressionantes quanto as outras experiências. Eu realmente acredito que somos diariamente cercados por

sinais da vida após a morte. O problema é que a maioria das pessoas não sabe como identificá-los ou reconhecê-los. Com o passar dos anos, cruzei com alguns sinais sutis da minha mãe e do meu pai em espírito em momentos importantes da minha vida, e todas as vezes eles foram uma fonte profunda de inspiração e orientação. Não só me ajudaram apontando a direção certa, como também me transmitiram grande conforto. No entanto, como demorei a me desenvolver espiritualmente, levei mais tempo para perceber esses sinais, entendê-los e ser guiada por eles. Espero que a leitura deste capítulo o ajude a perceber, entender e interpretar os sinais sutis e tranquilizadores que lhe são enviados o tempo todo. Os detalhes e as circunstâncias podem diferir, mas em cada caso a mensagem transmitida é a mesma: nossos entes queridos ainda estão vivos em espírito.

Talvez um dos sinais mais conhecidos do céu seja encontrar uma pena branca. Quando topo com uma pena branca, fico como que hipnotizada. Demoro um momento para pegá-la e refletir sobre a vida eterna que me espera após a morte. Sinto um enorme sorriso interno se abrindo e uma certeza palpitante e ampla que ninguém que já passou por essa experiência pode negar. Muitas pessoas podem achar difícil acreditar que uma pequena pena possa causar um impacto tão profundo, mas, como mostra a história de Clare, as penas podem ser um sinal não só de que aqueles que perdemos e amamos estão à nossa volta, mas de que podem também tocar o nosso coração.

As penas roçam meu coração

*As pessoas têm me dito que não há nada pior do que perder um filho, e estão certas. Posso dizer com certeza porque perdi meu filho quando ele tinha apenas 14 anos.*

*Quem me deu a notícia de sua morte foi um médico do pronto-socorro. O acidente, que envolveu doze pessoas, provocou a morte de três garotos e um adulto, o motorista do ônibus que os levava para um treino de atletismo. Tive que identificar o corpo do meu filho. Eu estava em total estado de choque no necrotério. Era uma sala estéril, profusamente iluminada, e meu filho e seu melhor amigo estavam deitados sobre lençóis brancos. Quando olhei para o corpo dele, tão bonito na morte quanto foi em vida, não tive nenhum desejo de tocá-lo, porque sabia que ele não estava mais ali. Apenas me despedi, silenciosa e cuidadosamente, do corpo que eu havia amado e cuidado com*

*tanto carinho.*

*Depois que meus dois filhos nasceram, tentei lhes oferecer só o que houvesse de melhor — os melhores alimentos, a melhor educação e o melhor lar que eu pudesse prover. Criei-os com produtos orgânicos e os ensinei a amar e respeitar a Terra e seu corpo. Meu filho tornou-se um atleta de alto nível. Na escola era excelente nos esportes, e em pouco tempo começou a competir em âmbito nacional. As prateleiras de seu quarto desarrumado estavam repletas de troféus e prêmios. Quando era pequeno, como as crianças com frequência gostam de fazer, me trazia pequenos presentes do jardim: um caracol, uma margarida, uma rosa e, um dia, uma pena. Eu guardava como um tesouro cada um de seus presentes, e quando ele me trouxe uma pena eu lhe disse que pertencia a um anjo. Seu rosto se iluminou e, daquele dia em diante, estava sempre me trazendo penas que encontrava no caminho da escola. Ele até encontrou uma na manhã em que saiu para sua última viagem. Ela ainda estava no meu bolso enquanto fiquei ali, de pé, olhando para ele no necrotério.*

*Nos dias que antecederam o funeral levei a pena comigo a toda parte aonde ia. Segurá-la de algum modo me confortava. Quando baixaram o caixão dentro da terra, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, soltei delicadamente a pena e a observei rodopiar até pousar na tampa do caixão. Então veio uma lufada de vento, e a pena retornou a mim. Eu a beijei e a deixei ir de novo, e a mesma coisa aconteceu, mas dessa vez ela voou de volta ao meu casaco e pousou bem em cima do meu coração. Soube então que meu filho estava me enviando um sinal.*

*Eu sobrevivi à pior coisa que pode acontecer na vida de uma mãe, mas também tive a experiência do maior presente: o amor infinito do meu filho. Ele é e sempre será a pena que roça o meu coração.*

O e-mail intenso e emocionante que se segue foi enviado por Lucy.

Três penas

*Theresa, eu gostaria de compartilhar com você minha experiência recente. Em dezembro de 2010, perdi meu irmão. Ele estava com pouco mais de 30 anos e era o caçula da família. Foi um enorme golpe para todos nós. Tenho quatro irmãs e outro irmão mais velho. Meu irmão caçula sofreu de uma ansiedade grave nos últimos anos e, mais recentemente, de depressão. Tudo*

*se tornou demais para ele em dezembro passado. Como você pode imaginar, foi uma experiência dolorosa para toda a nossa família enfrentar, especialmente para minha mãe, pois ela era muito ligada a ele. Meu irmão era solteiro e morou a vida toda com meus pais.*

*Os meses após sua morte foram muito difíceis de suportar, particularmente para minha mãe. Ela era uma mulher de muita fé (somos todos católicos) e achou que Deus realmente a havia desapontado. Durante toda a vida mamãe rezou por seus filhos - por seu bem-estar, sua saúde, as provas etc. —, e agora a rocha em que ela havia depositado tanta confiança havia “falhado” com ela. Ela estava arrasada. Meu pai e meus outros irmãos, é claro, também sofriam muito com a ausência de meu irmão, mas conseguíamos enfrentar melhor do que mamãe. Era muito duro vê-la sofrer tanto. Acho que ela temia que meu irmão pudesse não ter ido direto para o céu, e isso a preocupava demais.*

*Todos os dias eu rezava ardentemente para que ela pudesse ter a força necessária para enfrentar cada dia um pouco melhor. Também rezei para que seu anjo da guarda olhasse por ela e a envolvesse em suas asas, com o amor e o apoio de que ela necessitava para ir em frente. Outro dia, depois de ler seu livro, pedi aos anjos que me enviassem um sinal de que meu irmão está bem e de que está seguro e esperançoso no céu. Alguns dias mais tarde, estava caminhando na praia e cruzei com três belas penas brancas, juntas uma da outra. Soube que esse era o sinal que estava buscando. As três penas simbolizavam que a alma de meu irmão estava e ainda está muito próxima de meus pais e que ele agora está feliz e livre do tormento mental que suportou na Terra devido à sua doença.*

*O aparecimento de uma pena branca também trouxe grande conforto para Maureen.*

### *Minha tábua de salvação*

*Meu marido Eric e eu estávamos casados havia 44 anos quando ele foi diagnosticado com câncer de próstata. Não preciso lhe dizer o choque terrível que essa perturbadora notícia representou. Bem, minha história começa com Eric e eu assistindo a um programa de TV sobre como penas brancas podem às vezes aparecer quando alguém morre. Não muito tempo depois, em novembro de 2003, Eric lamentavelmente morreu.*

*Em abril do ano seguinte, minha família disse que deveríamos ir para Tenerife, pois era um lugar ao qual Eric e eu adorávamos ir todos os anos nessa época. Tenho certeza de que aquilo era o que ele teria querido que eu fizesse. E claro que sabíamos que iria ser muito difícil e perturbador estar ali sem ele, e realmente foi. Mas aconteceu uma coisa muito estranha. Eu estava no pátio do nosso apartamento quando uma pequena pena branca pousou na minha mão. Não havia um único pássaro à vista. Realmente acredito que esse foi um sinal da aprovação de Eric às minhas férias. Ainda tenho a pena e nunca vou me separar dela, pois é a minha tábuca de salvação.*

Os sinais na forma de penas com frequência surgem quando menos se espera, e em geral não há uma razão lógica para seu aparecimento. Elas simplesmente estão ali, como se alguém as tivesse colocado para você notar. Quando falo que as penas são os sinais mais comuns do outro lado, há sempre aqueles que dizem que são somente penas, e não uma mensagem divina. Sou bastante receptiva a esse ponto de vista, mas então leio histórias como esta, de Maureen, que acabei de reproduzir, e não tenho dúvida de que são uma comunicação do outro lado. Uma pena branca também trouxe conforto a Cheryl.

Fez-me sorrir

*Em fevereiro passado fez dez anos que minha avó perdeu meu avô. Esse foi um mês muito difícil para ela, pois era também seu aniversário e o mês em que terminaria a quimioterapia para o câncer do intestino. Para lhe fazer uma surpresa, reunimos toda a família, até mesmo aqueles que moravam fora da cidade e seus dois bisnetos, para comemorar seu aniversário e o fim do tratamento.*

*Durante o dia todos falamos sobre meu avô e as férias que passamos juntos e de como ele ficaria orgulhoso da maneira como minha avó estava lutando contra o câncer. Quando cheguei em casa, no meio do sofá estava uma pequena e macia pena branca. Sei que não a trouxemos conosco porque entrei direto na sala, sozinha, e ela não poderia ter entrado pela janela, pois era um dia frio de fevereiro e não havia nenhuma janela aberta. Falei da pena para a minha avó, e nós duas acreditamos que era um sinal do vovô para nos dizer que ele estivera conosco e se sentia orgulhoso da minha avó.*

Siobhan também gostaria de compartilhar sua história.

Tão bonito

*Depois de ler seu livro, decidi lhe contar minha história. Há catorze meses eu estava namorando um rapaz que conhecia desde a infância. Seu nome era John, e ambos havíamos saído de relacionamentos traumáticos antes de ficarmos juntos. John havia me tirado de um estado depressivo, e fiz o mesmo por ele; então economizei, fiz com que ele tirasse seu primeiro passaporte e o levei para Medujorie. Foi lá que John teve uma visão de sua adorada mãe, que havia morrido quando já estávamos juntos. John era muito chegado a ela e não havia superado sua morte. Meu John havia vivido mais nos catorze meses em que estávamos juntos do que em seus 39 anos.*

*Três semanas atrás fui até a casa dele para buscá-lo e, quando entrei na cozinha, vi que ele havia colocado juntas três fotos emolduradas: duas nossas e uma de sua mãe. Havia também uma carta para mim. Foi quando encontrei meu John morto. Ele havia se enforcado. Fiquei totalmente perturbada, porém a razão de estar lhe escrevendo é que, na manhã seguinte, o vidro dianteiro do meu carro estava coberto de gelo, mas não havia gelo em nenhum outro lugar. Quando entrei no carro, percebi que estava cheio de penas. Nunca vi nada tão bonito, e nesse momento eu soube que era John me dizendo que ele estava bem. Tirei uma foto das penas, e, se quiser vê-la, eu a mando para você. Sinto muito a falta dele e não consigo acreditar que ele se foi, mas sei, no meu coração, que ele está perto de mim o tempo todo, me protegendo como disse que me protegeria na carta que deixou.*

*Então, onze meses depois de sua mãe partir, John foi se juntar a ela. Deus a abençoe, e eu lhe agradeço por reservar um tempo para ler a minha história.*

Sinais no céu

Dois outros sinais ou mensagens muito relatadas são os arco-íris e as nuvens. Os arco-íris sempre parecem mágicos. Eles nos fazem parar e olhar. Eles nos atraem, e essa sensação de assombro e inspiração pode abrir linhas de comunicação com o mundo dos espíritos, como mostra a próxima história, enviada por Petra.

## Mágico

*Na manhã do funeral de papai pensei que não conseguiria enfrentar o dia. Saí da cama me arrastando e abri as cortinas. O dia estava bem sombrio e refletia meu estado de ânimo. Meu marido me trouxe uma xícara de chá, e fiquei sentada ali, ao lado da janela, olhando pelo vidro com desinteresse. Não conseguia imaginar a vida sem papai. Não conseguia acreditar que ele havia partido.*

*Finalmente me vesti e desci para tomar o café da manhã. Mal toquei na comida, e então a campainha da porta começou a tocar, pois os parentes e os amigos estavam chegando. Eu devia estar grata por seus cuidados e devoção por mim, mas naquele momento realmente não queria ninguém à minha volta, nem mesmo meu marido. Então esgueirei-me para fora, fui até o jardim e me escondi atrás do galpão. Eu estava usando chinelos e vi que estavam muito úmidos, pois havia chovido e eu não tivera tempo de colocar os sapatos. Comecei a fumar um cigarro e então, enquanto estava ali de pé atrás do galpão, senti um raio de sol no meu rosto. Não era muito forte, mas parecia bem quente. Olhei para cima, e lá no céu estava o mais fantástico arco-íris que eu já vira. Tinha tantas cores ricas e vibrantes que fiquei ali a admirá-lo por pelo menos dez minutos antes de ouvir meu marido me chamar. Eu sabia que era hora de voltar para casa. Apaguei o cigarro e lancei um último olhar ao arco-íris. Foi realmente mágico.*

*Comecei a andar de volta para casa e nesse momento me senti alguns quilos mais leve. A sensação de escuridão e temor também havia desaparecido. Não consigo explicar, mas me senti alegre. Naquele momento eu soube com absoluta certeza que meu pai tinha ido para um lugar melhor. Aquilo foi incrível, e nunca vou esquecer. Em seus livros você fala que os arco-íris são cartões de visita dos anjos, e com frequência penso se aquela foi a maneira de papai se despedir de mim e me ajudar a enfrentar minha tristeza. Contei a alguns amigos o que aconteceu, e eles disseram que era apenas um arco-íris, mas para mim foi muito mais do que isso.*

De todos os símbolos da natureza, os arco-íris estão entre os mais impressionantes, e uma coisa que percebi pela leitura de tantas histórias sobre vida após a morte é que, quando há uma sensação de assombro, o céu nunca

está longe. As nuvens também podem provocar essa sensação com suas formas em constante mutação, suas cores e sua beleza. Quem nunca deitou na grama quando era criança e ficou observando alguma nuvem, procurando imagens? Para algumas pessoas, como Jill, na próxima história, as imagens são tão claras, tão intensas, que só podem ser interpretadas como um sinal do céu.

### Coração grande

*Meu irmãozinho morreu quando eu tinha 7 anos. Ele só tinha 3, e meus pais não quiseram que eu fosse ao funeral, pois achavam que aquilo seria demais para mim. Fiquei com uma vizinha que tinha uma filha da mesma idade que eu. Não me recordo muito bem da tarde do funeral, porém lembro que era um dia ensolarado e bonito e que eu me deitei na grama e observei minha amiga brincando numa cama elástica. Ela queria que eu fosse brincar com ela, mas eu não quis. Lembro-me de ter olhado para as nuvens e ver' a forma de um coração. Meu irmão sempre costumava vestir uma camiseta com um grande coração na frente, e eu realmente achei que ele havia colocado aquela forma no céu para mim.*

### Borboletas e flores

Além dos arco-íris e das nuvens, o aparecimento de borboletas em momentos significativos é outro sinal da vida após a morte que leio em muitas cartas que recebo. Isso não surpreende, na verdade, quando se pensa que as borboletas são um símbolo de crescimento e transformação espiritual devido ao fato de começarem a vida como lagartas que rastejam na terra, para depois se transformarem em belas criaturas que conseguem voar. Para Humberto, elas são um símbolo de esperança.

### Belo dia

*No dia do funeral de minha querida mãe estava quente e ensolarado, mas de repente começou a chover, como se lágrimas caíssem do céu. Depois do sepultamento fomos para a casa de meu irmão, e, do lado de fora, minha namorada e eu encontramos uma linda borboleta. Ela era marrom e tinha*

*uma bela barriga vermelha, mais parecia uma mariposa. A borboleta era muito mansa e chegou a pousar na mão da minha namorada e depois na minha. Não estava com medo e não parecia querer nos deixar: Será que a borboleta podia ser um sinal da minha mãe?*

Várias histórias que me são enviadas também falam sobre organizadores de funerais e coveiros que perceberam borboletas se comportando de maneira pouco usual, ou ainda um número incomum de borboletas voando em torno do caixão, antes ou durante um sepultamento.

Flores que permanecem frescas bem além do que o normal, que florescem em épocas diferentes da habitual ou voltam à vida depois de terem murchado e morrido são outro sinal significativo. Ashley me escreveu este e-mail uma semana após a morte de sua mãe.

### Rosas vermelhas

*Theresa, achei que você poderia se interessar em ouvir minha breve história. E sobre um buquê de rosas vermelhas que me foi enviado depois da morte de minha mãe. O nome dela era Rose, e, portanto, você pode imaginar que recebi muitas rosas em seu funeral, mas algo nesse ramalhete de rosas vermelhas em particular aqueceu meu coração e me lembrou muito minha mãe, por isso decidi guardá-lo.*

*Certa manhã, alguns dias depois do funeral, percebi que aquelas rosas estavam começando a murchar, e isso me deixou muito triste, pois pareciam lembrar que minha mãe havia partido para sempre. Na manhã seguinte, as mesmas rosas estavam de novo belamente abertas e assim permaneceram durante semanas. Foi incrível, e isso realmente me fez sentir que mamãe estava me enviando um sinal para me indicar que não havia morrido.*

### Objetos e números, música e palavras

Pássaros surgindo em momentos inesperados ou se comportando de maneira pouco usual são outro sinal relativamente comum, mas não é apenas o mundo da natureza que pode enviar um sinal àqueles que estão de luto após a perda de um ente querido. Objetos inanimados também podem trazer conforto, como descreve a próxima história, enviada por Jackie. Em muitos relatos

sobre sinais, as pessoas envolvidas em geral não pediram uma mensagem. Os sinais simplesmente surgiram de forma espontânea. Mas, neste depoimento, você vai ver que Jackie solicitou um sinal.

## Trabalhos domésticos

*Ler seu livro me inspirou a compartilhar uma história com você. Foi algo que aconteceu comigo alguns anos atrás. Eu costumava fazer trabalhos domésticos para um senhor idoso, que vou chamar de Lenny. Também costumava fazer o mesmo para um casal que morava subindo a rua, em uma casa que, por dentro, lembrava a dele.*

*Lenny sempre teve medo da morte e de morrer e se recusava a ir aos funerais de seus amigos. Certo dia, quando eu estava passando o aspirador de pó no saguão de entrada da casa de Lenny, vi uma moeda de 1 libra de pé, encostada no rodapé. Eu apeguei, entreguei-a a Lenny e não pensei mais no assunto.*

*Alguns meses mais tarde Lenny ficou doente e morreu no hospital. Mais ou menos uma semana depois de seu funeral, eu estava passando o aspirador na escada da casa do casal que morava na rua de Lenny quando me lembrei de como Lenny tinha pavor da morte e de morrer. Então eu disse a mim mesma: “Se você estiver bem, Lenny, por favor me dê um sinal”, e continuei a fazer o meu trabalho. Quando cheguei ao primeiro degrau da escada, algo chamou minha atenção, e ali estava, encostada no rodapé, uma moeda de 1 libra, exatamente no mesmo lugar daquela que eu havia encontrado na casa de Lenny. Senti um formigamento no alto da cabeça que percorreu meu corpo todo enquanto eu me lembrava da moeda de 1 libra que tinha achado na casa dele. Tive certeza de que esse era o meu sinal.*

Moedas que aparecem de repente, no momento certo, são mais um sinal bastante relatado da vida após a morte, mas também tenho recebido histórias de um raio de luz que aparece ou brilha sobre o caixão, de algum objeto ou até mesmo de uma pessoa, durante um velório ou funeral, assim como de objetos perdidos encontrados e luzes que piscam. O mundo dos espíritos pode também usar maneiras criativas ou até mesmo humorísticas de chamar nossa atenção. Recebi um relato me contando a história de um funeral em que as lágrimas se transformaram em risos quando o celular de alguém tocou “Crazy

Frog”. Quem me enviou a história achou que esse era um sinal, porque a pessoa que estavam enterrando tinha um grande senso de humor e não teria gostado de tanta solenidade em seu funeral.

Entes queridos falecidos também podem optar por falar conosco através dos meios de comunicação. Repetidas vezes, quando estou realmente sentindo a falta da minha mãe, eu ligo a TV ou o rádio e ouço alguém dizer algo que me faz lembrar dela. Ou estou pensando em algum problema e desejando poder falar com mamãe a respeito, quando me vejo inexplicavelmente atraída a comprar um jornal ou uma revista que normalmente não compro e, então, descubro que lá está uma mensagem ou uma orientação para mim. Outra fonte inesperada de conforto são os números. O aparecimento repetido do número 11 ou de múltiplos dele, como 22, 44 ou 55, é um sinal bastante relatado.

O conforto também pode vir pela música. Muitas pessoas têm me contado que às vezes, quando estão muito tristes com a perda de alguém, ligam o rádio ou entram em uma loja e escutam uma música associada ao ente querido falecido, e isso alivia seu pesar. Livros também podem aparecer no momento certo para trazer conforto e nos incentivar a crer na vida após a morte. Fico acanhada sempre que recebo e-mails como este que Faye me mandou.

Hazel

*Em geral sou uma pessoa que gosta de sair, mas hoje não estava absolutamente com vontade de fazer nada. Queria apenas ficar tranquila em casa. Ultimamente tenho enfrentando muito estresse na minha vida e dessa vez só queria ficar sentada do lado de fora de casa, quieta, desfrutando da natureza. Tinha um exemplar do seu livro e o levei para ler no jardim.*

*Não pude acreditar quando cheguei ao capítulo que falava das pessoas extremamente sensíveis. Durante a maior parte da minha vida adulta sofri de problemas nervosos. Quando cheguei à casa dos 40 tornei-me ainda mais sensível e passei a ter sensibilidade a diversos produtos químicos e a campos eletromagnéticos. Aromas de todos os tipos me provocavam enxaqueca, luzes brilhantes e ruídos altos me perturbavam, e eu detestava estarem locais cheios de gente. Estar em meio à natureza, caminhar na praia ou à beira de um rio tornaram-se meus passatempos preferidos. Fiquei muito aliviada*

*quando li que há inúmeras pessoas como eu. Sou atraída por livros espirituais como os seus, e este em particular não tinha apenas uma, mas duas mensagens para mim. Eu estava lendo a história “Terminando num abraço”, sobre alguém que sentia a presença de sua mãe falecida junto dela, e desejei ter algum contato da minha mãe, que morreu há dois anos. Muitas vezes converso com ela mentalmente, mas não pareço receber uma resposta. Não consegui acreditar quando olhei para a página: a primeira palavra que vinha após aquela história era Hazel. O nome da minha mãe era Hazel. Fiquei muito feliz depois de ler aquilo.*

E Andy me enviou o seguinte e-mail.

Andréa

*Pensei em entrar em contato com você para lhe contar a minha história. Minha irmã caçula morreu em outubro último. Ela estava com 39 anos e teve câncer de mama. Nós éramos muito unidas.*

*Bem, para resumir uma longa história, sempre acreditei em anjos, tendo visto um quando tinha 2 ou 3 anos. Na noite passada peguei seu livro (que minha filha caçula comprou para mim no sábado; ela também era muito chegada à minha irmã). Eu vinha conversando com minha irmã, pedindo-lhe que entrasse em contato comigo, quando abri o livro em uma página qualquer e então soube que ela estava por perto, porque a história que aparecia ali era sobre um rapaz que tinha a tatuagem de um anjo da guarda, mas o mais fantástico é que estava escrito que a estrada e o local de onde ele vinha eram Stalls Farm Road, em Droitwich. Minha irmã nasceu em uma casa em Stalls Farm Road, em Droitwich, e, como se isso não fosse suficiente, virei a página e ali estava uma mensagem que havia sido enviada para uma moça, vinda de seu avô: “Não se preocupe, Andréa. Estou bem. Eu a amo muito e sempre vou olhar por você. Cuide-se e lembre-se de que sempre estarei ao seu lado, esteja você onde estiver. Eu te amo”. Eu me chamo Andréa. Gostaria de lhe dizer como me senti. Sempre acreditei que ela estava ao meu lado. Agora sei que está.*

*Cuide-se, e obrigada.*

*Andy (jamais gostei do nome Andréa!)*

Este livro pode ser o seu sinal da vida após a morte. Está em suas mãos

por alguma razão. Muitas pessoas me contaram casos sobre a maneira inesperada como um dos meus livros chegara às suas mãos. Elas o acharam no metrô, ou a capa chamou sua atenção quando não estavam pretendendo comprar um livro. Ou um amigo lhes deu de presente. Acredite-me, você estava destinado a ler este livro.

Na próxima história, um sinal incomum proporcionou a Tracey uma sensação de conforto e alegria que nenhum conselheiro de luto poderia ter-lhe proporcionado após a morte de seu avô.

Bevan

*Em maio de 2008, perdi meu avô após uma semana lutando contra um problema inoperável no intestino. Para explicar a importância da minha história, devo primeiro esclarecer o cenário do relacionamento que eu tinha com meu avô. Ele foi uma parte importante da minha vida desde a infância e, em muitos sentidos, foi mais uma figura paterna do que um avô. Ele era alguém a quem eu podia pedir conselhos, sempre encontrando nele uma riqueza de conhecimento e inúmeras histórias interessantes. Eu podia ficar sentada horas ao lado dele tomando chá e conversando sobre trivialidades, junto com minha avó. Sempre terminávamos lindo. Essas são lembranças felizes. Por outro lado, mais sério, no entanto, após ter sido abandonado quando era um bebê de apenas três dias e ter sido criado por pais adotivos rígidos até entrar na RAF (Força Aérea Real) ainda adolescente, meu avô podia ser um homem rígido e grave, com um senso severo de moral, pronto para colocar você na linha e impor suas regras. No entanto, o que era maravilhoso no vovô era que, mesmo depois de uma reprimenda de sua parte, minutos depois ele estava fazendo uma piada, bancando o bobo e fazendo todos nós rir; era isso que eu mais adorava nele: a sua risada!*

*Ficamos sentados ao seu lado no hospital todos os dias, e segurei forte a mão dele em seus últimos momentos entre nós; nesse dia perdi o chão. Nunca senti tanta tristeza quanto naquele dia e, por mais que eu amasse meus outros avós, jamais senti uma perda emocional tão absoluta desde então. As horas e os dias que se seguiram à morte dele foram um borrão de desespero por uma perda irreparável. Fui consumida pela tristeza e não conseguia de modo nenhum imaginar a vida sem ele. Passei pelos sintomas de negação, raiva e depressão descritos nos manuais de luto, e estava difícil chegar à*

aceitação.

*Na noite de sua morte fui para casa, me encolhi na cama e fiquei perdida em meus próprios pensamentos, lembranças e medos e não conseguia encontrar nenhuma saída. Mais tarde, naquela mesma noite, houve uma batida na porta do meu quarto e então entrou minha melhor amiga de muitos anos, Lindsey, que sem avisar nada tinha viajado 400 quilômetros desde o sul de Gales para estar ao meu lado. Ela ficou comigo durante uma semana e, sem me deixar sozinha um minuto sequer, provou ser minha rocha. Ela também foi uma grande amiga do meu avô.*

*Depois que Lindsey voltou para sua casa, tornei a mergulhar na escuridão do luto e comecei a sentir uma culpa cada vez maior por minha avó, minha mãe e meu irmão, que também ficaram com um enorme vazio em sua vida. Percebi que não estava sendo forte por eles. Tive de consultar meu médico e pedir que ele me desse uma licença do trabalho, pois sabia que não estava em condições de retornar. Ele foi muito compreensivo, e, quando saí, sua recomendação para mim foi: “A pior coisa que você pode fazer é ficar sozinha, enfiada em casa. Saia, vá encontrar seus amigos e sua família.*

*Quando saí do trabalho naquele dia, depois de deixar um atestado médico informando que eu não estava em condições de trabalhar durante duas semanas, a única pergunta que eu me fazia era: “O que devo fazer com minhas duas semanas para melhor seguir o conselho do meu médico?”. Minha primeira ideia foi ir para o sul de Gales e ficar com Lindsey. Eu sabia que ela ajudaria a aliviar meu luto. Mas me sentia muito desconfortável em sair de perto da minha família. Como poderia abandoná-los em um momento tão triste? Eu estava atormentada pelos pensamentos e não sabia o que fazer.*

*Estava sentada no meu carro, esperando o semáforo abrir num cruzamento perto do meu escritório, quando meus olhos focalizaram o caminhão que estava à frente. Bem diante dos meus olhos, na traseira do caminhão, havia dois adesivos: um com o dragão de Gales e, logo abaixo dele, outro com a palavra BEVAN, o sobrenome do meu avô! Instantaneamente senti uma onda de energia me percorrer e soube que era uma mensagem dele me dizendo que eu tinha de seguir a minha intuição e ir para Gales.*

*Desnecessário dizer que fiz isso mesmo e passei uma semana com Lindsey, em Gales. Retornei sentindo-me muito mais otimista com relação ao*

*futuro e até um pouco mais forte e decidida para seguir em frente, encarar meu luto de maneira positiva e ficar com minha família para ajudá-los a enfrentar o deles.*

*No ano seguinte, em homenagem ao meu avô, realizei uma longa escalada no monte Snowdan na região norte de Gales, levantando cerca de 300 libras para os Órfãos de Barnardo, uma instituição de caridade admirada por meu avô, após sua infância difícil. Soltei um balão naquele dia, do alto do monte, com um cartão e um bilhete endereçados ao meu avô. Todos os anos, no aniversário de sua morte, solto um balão para o céu e sinto amor no coração pelo presente que tive por 29 anos da minha vida: meu avô!*

*Sempre fui fascinada pelas histórias de sinais do outro lado, e acho que isso prova que meu avô se comunicou comigo naquele dia, no auge do meu desespero; cerca de três anos depois, eu olho para trás e vejo uma enorme mudança na minha vida.*

Para Kathy, que já conhecemos no capítulo 5 (ver “A colher e o sapato”, p. 179), o sinal e o conforto de que ela necessitava vieram pelas palavras de um poema.

Extremamente chegadas

*Minha mãe e eu éramos muito chegadas. Sou casada, tenho dois belos filhos e um mando maravilhoso, que minha mãe também adorava. Ela entrou em estado terminal, e por isso minha família e eu fomos para a ilha de Norfolk, para cuidar dela até sua morte. Foi um período muito difícil, tanto por vê-la sofrer como por outras questões familiares.*

*Depois que ela morreu passei por todas as emoções, e foi um período extremamente sofrido. Estávamos na igreja, e, em vez de ouvir, eu pensava em mamãe, e as lágrimas escorriam pelo meu rosto. Estávamos no fundo da igreja, e, sem pensar, eu me virei e tirei um livro da prateleira. Nunca havia feito isso no passado e nunca mais tornei a fazer. Abri o livro sem pensar no que estava fazendo, e foi diretamente em um poema chamado “Sinta a minha falta, mas deixe-me partir”, de autor desconhecido. A ilustração atrás do poema era cor-de-rosa, e a cena podia ser típica da ilha de Norfolk, onde minha mãe cresceu e passou toda a sua vida. Quando li o poema, senti que*

*era minha mãe falando comigo. É claro que as lágrimas me escorriam rosto abaixo. Mas, à medida que os dias foram passando, fiquei mais em paz e me tornei mais calma emocionalmente.*

E, em muitos casos, não é apenas um sinal, mas um número ou uma série de sinais extremamente pessoais que nos trazem alívio e conforto. Eis, em suas próprias palavras, a história comovente de Gloria.

## Belas mensagens

*Meu nome é Gloria, sou italiana e tenho 50 anos. Há um ano minha mãe, a quem eu amava muito, morreu, e desde então tenho tido um grande interesse pelo que diz respeito ao espírito, ao amor por Deus.*

*Mamãe me enviou vários sinais para eu saber que ela não me abandonou... Penas brancas caindo do céu... De repente todas as borboletas quase pousam sobre mim, porém o mais extraordinário aconteceu alguns dias depois de sua morte, quando aperta do quarto do hotel onde estávamos se abriu ligeiramente e por ali entrou uma brilhante luz dourada. Eu me levantei de repente, acendendo todas as luzes, apavorada, achando que alguém havia entrado no quarto, no entanto não havia ninguém. Meu marido me garantiu isso e voltei a dormir; contudo esta manhã ele me disse que à noite ele viu a mesma luz entrar pela porta, mas, quando se levantou para fechá-la, ela já estava fechada.*

*Acho que essa foi uma bela mensagem da minha mãe. Deixo meu coração aberto para o que vier: Continuo escutando... Sinto urna imensa alegria, e às vezes choro devido às emoções e ao amor que sinto.*

Helen me enviou a seguinte história sobre sinais que a tranquilizaram.

## Não pare de acreditar

*Minha avó morreu há quase cinco anos, e sinto muito a falta dela. Em 20 de fevereiro de 2012 teria sido seu aniversário, e então decidi sair e conversar com ela. Disse à vovó que a amava, que sentia sua falta e esperava que ela estivesse tendo um bom aniversário. Implorei que me mandasse um sinal de que ela estava bem. Bom, após alguns minutos, olhei para o céu e vi uma nuvem, e no fim dela havia a forma de um coração, mas não totalmente definido em um dos lados. Fiquei impressionada e extremamente*

*desapontada por não ter tirado uma foto. Então a nuvem simplesmente desapareceu, porém quando voltei para casa ouvi minha canção favorita, “Dorit Stop Believing”, tocar no rádio. Ainda penso nisso todos os dias. Norbury acredita que o céu está todo à sua volta.*

*À minha volta*

*Faz pouco tempo que estou solteira e descobri que isso é difícil, sobretudo emocionalmente. Foi decisão minha terminar a relação, mas criar um filho sozinha foi assustador. Constantemente havia brinquedos funcionando que não podiam mais funcionar, batidas na porta quando não havia ninguém, portas se fechando diante de nossos olhos sem nenhuma explicação racional. Sempre achei que fosse um dos meus quatro avós que haviam morrido. Um dia, no jardim de infância onde trabalho, estava falando a uma amiga sobre esses eventos estranhos quando de repente o rádio, que estava desligado, começou a tocar sozinho. Minha amiga ficou apavorada e não sabia o que fazer... Logo depois, uma das crianças se aproximou de nós e nos perguntou o que aquele homem estava fazendo ali. Quando lhe perguntamos que homem era, ela nos disse que ele estava ali perto de nós e sorria. Após outras perguntas, ela descreveu que ele estava vestido exatamente da mesma maneira que meu avô sempre se vestiu! Minha amiga ficou assustada, mas eu também fiquei tranquila por ele estar ali.*

*Sou grata a Carla por compartilhar suas experiências, a seguir.*

*Acredite*

*Estou lhe mandando este e-mail da África do Sul e acho que tenho de lhe contar minhas experiências. Alguns dias atrás, decidi ir até a livraria local. Meu filho estava ocupado lendo uma revista quando me senti atraída por seu livro *An angel spoke to me* [Um anjo falou comigo]. Naquele dia, estava me sentindo um pouco deprimida porque estava se aproximando o meu aniversário e, embora eu devesse achar que era uma data feliz, sempre me sentia triste, pois minha cunhada havia morrido um dia depois do meu aniversário. Quando comecei a ler seu livro, achei que ela me havia guiado para ele. Imediatamente o comprei e não consegui parar de ler, por sentir afinidade com a maioria das histórias.*

*Acredito piamente que os espíritos existem, devido aos muitos incidentes que ocorreram nos últimos anos. Na minha experiência, os espíritos têm se comunicado comigo através do rádio, de placas de carro e de sonhos. Sinto-me bastante afortunada e adoro saber que todos os meus entes queridos que já se foram estão constantemente perto de mim.*

*O primeiro incidente foi quando meu marido foi transferido para a mesma cidade onde morava sua irmã caçula, Fern. Nas primeiras vezes fomos dissuadidos de nos mudar, mas dessa vez minha intuição me dizia que era o momento certo para fazermos isso. Alguns meses depois Fern foi diagnosticada no quarto estágio de um câncer. Certa noite, a caminho de um centro de tratamento, um carro parou na nossa frente, e a placa trazia escrita a palavra ACREDITE. Antes que eu pudesse mostrá-lo à minha cunhada, o carro desapareceu.*

*Durante os meses seguintes, tive uma forte sensação de que ela seria curada. No entanto, no dia 2 de setembro, um dia depois do meu quadragésimo aniversário, Fern morreu. Quando isso aconteceu, fiquei muito zangada com Deus por não a curar, como acreditávamos que aconteceria.*

*Algumas semanas depois fomos transferidos de volta à nossa cidade natal. Acredito que a mãe do meu marido teve alguma influência nisso, para que pudéssemos passar um curto tempo com ela. Um dia depois do funeral de Fern, nossa família se reuniu para um almoço de domingo, e minha outra cunhada mencionou que, em seu leito de morte, Fern dissera que voltaria para nos visitar como uma borboleta. Bem, naquele dia o clima à mesa estava sombrio. Eu me sentia muito emotiva e decidi dar uma caminhada no jardim. Pasmé! Uma borboleta veio pousar no meu braço. Outro incidente ocorreu enquanto passávamos por uma livraria evangélica. Senti um ímpeto de entrar na loja e fui até uma mesa com livros que estavam em liquidação. Para minha surpresa, havia sobre a mesa um caderno cor-de-rosa com borboletas e a palavra ACREDITE escrita na capa. Em outras ocasiões me vi sentada na igreja, pensando em Fern, e o organista tocava o hino que cantávamos quando Fern e eu frequentamos um curso na igreja dela.*

*Quanto ao meu sogro e ao meu pai, ambos eram fumantes, e com frequência eu sentia cheiro de cigarro quando nos recolhíamos à noite. Certa vez decidi perguntar ao meu marido se ele também sentia aquele cheiro, mas ele disse que não. Ontem, no meu aniversário, estava olhando*

*alguns álbuns de fotos antigas e decidi pegar duas fotos de Fern em seu casamento, pois hoje ela estaria completando 70 anos. Alguns minutos depois de eu tirar suas fotos de casamento, a canção “Tou Raise Ale up” começou a tocar no rádio e na T17 Ganhei o dia, pois soube que ela estava comigo.*

*Finalmente, eu com frequência sonho com Fern, e ela me tranquiliza dizendo que está feliz e saudável. Acho que ela sabia como era difícil para mim lidar com sua morte e que eu tinha muita dor e raiva dentro de mim. Alguns meses atrás ela tornou a me visitar, mas dessa vez para me dizer que sena sua última visita. Desde então não sonhei mais com ela. Todas as vezes que sonhava com ela, eu transmitia isso às minhas cunhadas, cpie me perguntavam por que Fern só se manifestava em sonhos para mim e não para elas. E um alívio saber que outras pessoas também experimentam essas visitasões de seus anjos e que eu não sou a única.*

Carla menciona sonhos em seu parágrafo final, e os sonhos com entes queridos falecidos são outra forma bem relatada de comunicação. Adoraria discutir com mais detalhes os sonhos que tenho com entes queridos que já se foram e como eles também são uma forma perfeitamente válida da comunicação com a vida após a morte, mas isso terá de esperar meu próximo livro.

A próxima história, vinda de Karen, também revela a verdadeira magia e o poder das coincidências ou, como prefiro chamá-los, sinais do céu.

Um anjo cantou para mim

*Depois de ler seu tão inspirador livro An angel spoke to me, eu queria compartilhar minha história com você. E a história da minha amiga que morreu e de uma série de “coincidências” ligadas a isso. Começa no final de 2009, quando dei de presente ao meu marido um voo de balão em Costwolds para comemorar seu aniversário de 50 anos. Alguns meses depois de seu aniversário, reservamos um fim de semana em Gloucestershire, com a intenção de fazer o passeio de balão. Entretanto, dez minutos antes de nosso voo, fomos informados que, devido às más condições do tempo, não poderíamos fazer o passeio. Então desfrutamos do restante da nossa curta estadia e planejamos remarcar o voo para uma data posterior, o que nos*

*motivava a voltar outra vez para aquela região que adorávamos.*

*Em junho de 2010, Margaret, uma amiga muito querida, morreu após uma longa doença. Alguns meses antes de sua morte, consegui passar uma tarde maravilhosa com ela. Eu a visitei para lhe dar de presente um óleo de mina que havia comprado no Egito, onde passara as férias alguns meses antes. Ficamos quase quatro horas conversando sobre a vida e a morte. Margaret era uma das pessoas mais espirituais e desprendidas que eu havia conhecido, e sua vida foi dedicada a cuidar de pessoas desabrigadas e fazer outras obras de caridade. Naquela visita também falamos de como ela havia planejado sua passagem, que deveria ser em casa com seus amigos e familiares à sua volta, e seu funeral. Minha lembrança permanente dessa última visita que lhe fiz foi de uma grande sensação de serenidade e paz quando ela se despediu de mim na porta de sua casa.*

*Várias semanas depois uma amiga comum e vizinha dela entrou em contato comigo para me comunicar que Margaret havia morrido em paz, com os amigos e os familiares à sua volta. Infelizmente, a data de seu funeral caía no mesmo dia das nossas férias remarcadas para o passeio de balão. Fiquei muito triste por não conseguir ir ao funeral de Margaret, mas também sabia que ela entenderia e gostaria que eu desfrutasse do meu passeio, como estava planejado. Tinha tomado uma decisão. Ocorreu-me a repentina inspiração de fazer algo diferente, que me levasse a me lembrar dela; então pensei em espalhar pétalas de rosa, do balão, sobre a região rural de Cotswolds.*

*Informei à vizinha que eu não poderia ir ao funeral, acrescentando que queria homenagear Margaret de uma maneira especial, espalhando pétalas de rosa enquanto estivesse no balão. Fiquei impressionada com o que ela ? ne falou em seguida. Sem que eu soubesse, a região de Cotswolds era muito querida de Margaret, pois ela a visitara muitas vezes quando criança. Eu não tinha ideia de que Margaret tivesse alguma ligação com Cotswolds! Perguntei à vizinha se ela poderia, por favor, pegar para mim um folheto com a oração como lembrança do funeral, o que ela imediatamente se prontificou a fazer.*

*Alguns dias mais tarde, saímos para o nosso breve passeio, na esperança de que dessa vez conseguíssemos realizar o tão esperado voo de balão. Na manhã de 6 de julho de 2010 (também a data do funeral de Margaret) estávamos no agradável quarto de uma bela e tranquila pousada em uma*

*fazenda de Gloucestershire, e eu estava no banheiro me arrumando quando uma maravilhosa borboleta vermelha entrou pela janela do banheiro e pousou nas cortinas durante alguns minutos, antes de sair voando pela janela. Eu me lembro de ter sentido uma enorme sensação de paz e assombro quando vi aquela bela criatura, e imediatamente meus pensamentos se voltaram para a amiga que eu havia perdido.*

*Sáimos naquela manhã para uma aldeia próxima a fim de almoçar antes do nosso passeio de balão, e fui até a floricultura, onde o gerente gentilmente concordou em me preparar uma caixa de pétalas de rosas frescas. Naquela tarde o tempo estava bom, e nosso voo de balão transcorreu como planejado. A visão era espetacular a 1,5 km de altura, e, tendo pedido permissão ao nosso “piloto” e com uma taça de champanhe na mão, espalhei as pétalas de rosa sobre aquela linda e serena paisagem de Cotswolds, observando-as flutuar ao vento antes de caírem lentamente na terra. Esse foi um dos momentos mais espirituais da minha vida, e vou guardar essa lembrança comigo para sempre.*

*Quando voltamos para casa, alguns dias depois, tive um ímpeto irresistível de tocar nosso piano, que andava muito esquecido. (Eu não sei ler música; toco de ouvido!) A música que não me saía da cabeça era um hino intitulado “Quão grande Tu és”. Toquei a melodia nota por nota no piano e depois fiquei repetindo o hino várias vezes, sem nenhuma razão aparente, por toda a tarde! No dia seguinte, telefonei para nossa amiga para perguntar se ela havia conseguido pegar um exemplar da oração do funeral. Ela estava com ele e, ao levar o folheto para casa, sentei-me para lê-lo. E foi com lágrimas escorrendo pelo rosto que o abri e vi impressa, em destaque, a letra do hino “Quão grande Tu és”.*

Karen está convencida de que sua amiga querida chegou até ela do outro lado mediante uma série de incríveis coincidências, e o significado da coincidência também não pode ser ignorado na próxima história, que me foi enviada por Lynn.

26 de outubro

*Na última sexta-feira, eu estava no supermercado procurando lanternas para velas quando um rapaz que estava ao meu lado me perguntou se eu achava*

*que elas eram à prova de vento, pois ele queria colocá-las no túmulo da sua namorada. Eu disse que lamentava muito saber que ele havia perdido sua namorada, e ele prosseguiu, dizendo que o nome dela era Laura e que ela havia morrido muito subitamente de um aneurisma no dia 26 de outubro.*

*Fui até o caixa e comecei a conversar com uma mulher de cerca de 60 anos que estava com a neta. Ela me contou que seu neto havia morrido recentemente e que ela estava comprando algumas coisas para consolar a neta. Eu disse de novo que lamentava ouvir uma notícia tão triste. Ela contou que o menininho havia nascido morto no dia 26 de outubro. Eu lhe disse que também havia tido um natimorto vinte anos antes e, por isso, tinha uma ideia do que ela estava passando. Quando acabei de falar, uma voz à minha direita disse: “Olá, Lynn”. Eu me virei e vi meu amigo Mike. Devo ter parecido muito chocada ao vê-lo, pois ele disse: “O que está acontecendo? Parece que você viu um fantasma!”. A razão do meu choque, depois de conversar com a mulher à minha frente, foi o fato de encontrar Mike e sua esposa, que também haviam tido um bebê natimorto naquela mesma data, alguns anos atrás.*

*Quais são as chances de encontrar, no espaço de quinze minutos, três pessoas que perderam alguém no dia 26 de outubro?*

*Segue-se a história de Alison.*

## **Julho**

*Minha mãe morreu devido ao aumento no tamanho de seu coração e à pressão sanguínea elevada, e isso deixou tanto a mim como à minha irmã desoladas. Em abril deste ano, minha família e eu decidimos espalhar as cinzas de minha mãe sobre um antigo castelo em ruínas em Staffordshire. Dali se vislumbrava o lugar onde mamãe havia morrido, e ela com frequência falava desse castelo em ruínas. Minha irmã e eu lhe pedimos algum tipo de sinal. Estava um dia bonito, com o céu azul. Assim que pegamos as cinzas de mamãe e descemos a colina, começou a chover granizo. Foi incrível. Bem, nós rimos durante toda a descida. Eu disse à minha irmã que aquele era um sinal enviado por mamãe. Então ouvimos o estrondo bem alto de um trovão e rimos de novo. Era como se mamãe estivesse dizendo para não ficarmos tristes.*

*Voltamos para casa, e, por alguma razão, eu queria ver uma imagem do*

*castelo em ruínas, embora tivesse uma foto. Achei isso estranho, e então aquela voz dentro da minha cabeça me disse para olhar no meu calendário. Todos os anos eu comprava um calendário com paisagens inglesas. Achei estranho pensar naquilo, pois eu não iria comprar um calendário até o ano seguinte, e sabia que aquela imagem não estava no calendário que eu tinha. Folheei com relutância o meu calendário, e ali, no mês de julho (o mês seguinte), havia uma foto enorme do castelo em ruínas de que minha mãe falava. Não conseguia acreditar em meus olhos e tive de olhar para as costas do calendário para me certificar de que era o mesmo lugar. A melhor coisa é que julho é o mês do meu aniversário. E incrível que, após tanta tristeza, essa mensagem me tenha feito sentir de novo. Algumas pessoas podem achar que eu sabia que a foto estava ali, mas eu honestamente não sabia.*

Sim, os sinais podem ser facilmente rejeitados como coincidência ou acasos aleatórios, mas, mesmo que permitíssemos ao nosso lado racional rejeitá-los como sinais, sempre há uma parte de nós que sabe que eles são muito mais do que isso. Não faço absolutamente nenhuma objeção às explicações dadas aos sinais, porque todos têm o direito de ter sua opinião, contanto que essa opinião não exclua a possibilidade igualmente viável de que os espíritos podem falar e de fato falam conosco, mediante sinais e a magia das coincidências.

## Peça um sinal

Este capítulo cobriu um campo muito amplo, mas minha intenção foi lhe dar uma visão geral de alguns sinais ou símbolos comuns — ou eu deveria dizer incomuns? — da vida após a morte. Se você quer uma prova da vida após a morte, um modo é começar pedindo um sinal. Então, da próxima vez que tiver um problema ou quiser conforto ou alívio, preste atenção ao que acontece à sua volta. Você pode ver uma pena, um formato de nuvem, uma palavra significativa, uma expressão ou um número repetido várias vezes, ou pode ouvir e ver sinais que têm importância e significado apenas para você.

Nos anos que se seguiram à morte da minha mãe, eu com frequência lhe pedi que me enviasse um sinal do outro lado, mas demorou muitos anos até que eu conseguisse me permitir renunciar à minha mente analítica e ao controle da natureza e acreditar que aquela experiência que eu estava tendo era enviada pelo céu. Eu precisava abrir a mente para os sinais sutis da vida

após a morte que me cercavam e, antes que eu conseguisse fazer isso, precisava parar de alimentar as ideias preconcebidas sobre como ela poderia se revelar para mim. Eu tinha de entender que não há uma maneira certa ou errada de se comunicar com o mundo dos espíritos e que provavelmente eu não iria ter a experiência de uma visita plena. Eu tinha de entender que ela iria se revelar a mim de maneiras extremamente pessoais e que eu não precisava ser paranormal, clarividente ou médium para me comunicar com ela. E ela de fato se comunica comigo, através de sinais sutis e suaves, como o aparecimento de penas brancas, nuvens, sonhos reveladores ou coincidências, exatamente no momento certo para me orientar e me inspirar.

Como vimos no início deste capítulo, quando se trata de evidências ou provas definitivas da existência de vida após a morte, os sinais não estão exatamente no mesmo nível que as experiências de quase morte. Mas aqui estou me referindo à prova científica ou a algo que pode ser provado sem sombra de dúvida. O que acontece no coração de uma pessoa é diferente. O coração não precisa de uma razão para tudo o que sente. O coração simplesmente sabe. E em todas as histórias que você leu neste capítulo o coração dessas pessoas falou, deu todas as provas necessárias de que há outra realidade além desta vida e de que somos seres espirituais em forma humana. As nuvens do materialismo, do medo e da dúvida se dissolveram, permitindo-lhes captar um vislumbre de uma verdade profunda que lhes proporcionou uma segurança e um conforto que nunca haviam experimentado.

Talvez tenha havido um momento similar na sua vida em que essa grande consciência da verdade espiritual despontou em você. Se você não acha que vê espíritos nem tem uma evidência real da vida após a morte, lembre-se de que muitas das pessoas aqui citadas realmente não viram seus entes queridos falecidos. Algo tão simples como uma pena, um pássaro, uma pequena moeda ou uma fantástica coincidência foi o catalisador de sua transformação espiritual. E, se você olhar para o mundo com a mente e o coração abertos, cada momento poderá ser uma chance de captar um vislumbre dos singulares sinais vindos do outro lado. O mundo dos espíritos está sempre aqui. Pode não ser visível, mas ainda assim está aqui se você procurar por ele e começar a perceber os sinais. E lembre-se de prestar muita atenção às sensações de assombro, porque, quando você sente isso, o céu está muito próximo de você.

Esperamos que agora você esteja próximo de aceitar que este mundo tem mais coisas do que se pode ver. Você vai admitir que coisas estranhas e maravilhosas podem acontecer neste mundo, e, se alguma coisa pode

acontecer, é porque ela existe. Ela é real. E se ainda estiver pensando que a única explicação possível é o acaso, talvez possa considerar a possibilidade de a coincidência ser a língua pela qual o céu se expressa.

## Amigos invisíveis

Há uma categoria de histórias que eu preciso mencionar antes de encerrar este capítulo, pois o livro ficaria incompleto sem elas: trata-se das histórias contadas por crianças. Já mencionei as experiências de quase morte envolvendo crianças, e neste ponto também gostaria de falar sobre crianças que parecem ter a capacidade de ver, ouvir ou sentir os espíritos. Pesquisas sugerem que pelo menos uma em cada cinco crianças tem um amigo imaginário. Estou bem consciente de que muitos de vocês, leitores, estão pensando que os amigos imaginários são apenas isso — imaginários — e não discordo de que a imaginação seja a explicação mais provável em alguns casos. Mas há casos extraordinários em que essa explicação não é suficiente - histórias como esta que me foi enviada por Grace.

## Uma pitada de sal

*Eu tive vários abortos, e cada um deles me marcou profundamente. Eles afetaram minha mãe ainda mais, pois ela ansiava por um neto. Estava também muito preocupada comigo, e acho que uma parte dela queria que eu parasse de tentar ter um filho. Veja, sua irmã mais moça, minha tia, havia morrido ao dar à luz, e minha outra tia — sua irmã mais velha — ficou seriamente doente e quase morreu durante a gravidez. Ela sobreviveu, mas o bebê nasceu com vários problemas e precisava de cuidados 24 horas por dia. Então, quando anunciei que estava grávida de novo, não tinha certeza de como minha mãe e minha avó receberiam a notícia.*

*No entanto, em vez de parecer ansiosa, minha avó apenas sorriu e me disse que a gravidez era uma bênção, e a razão pela qual as coisas acontecem da maneira como acontecem algum dia ficaria clara para mim. Quando comecei a ter sangramentos no início da gravidez, o médico me pôs de repouso. Eu tinha um enjoo matinal bastante desagradável, mas finalmente superei a marca mágica dos três meses. Nunca antes conseguira passar das dez semanas. Algo parecia diferente nessa gravidez. Eu podia*

*sentir isso. Quando estava quase completando cinco meses, minha avó ficou doente, e em poucas semanas sua situação se tornou crítica. Minha mãe ficou com ela, e eu a visitava quando podia, mas não era fácil, pois qualquer estresse ou tensão poderia representar um risco significativo para o bebê que estava crescendo dentro de mim.*

*Quando eu estava com 34 semanas passei por um susto terrível. Achei que havia entrado em trabalho de parto. Corri para o hospital com meu marido, mas me disseram que estava tudo ótimo. Que havia sido um alarme falso. Quando cheguei em casa, a notícia mais triste do mundo estava esperando por mim na secretária eletrônica: vovó havia morrido. Abalada pela dor, pois eu amava muito minha avó, e no estágio final da gravidez, carreguei meu bebê por mais quatro semanas.*

*Monica — assim chamada em homenagem à minha avó — nasceu saudável e bonita e tinha o maior par de olhos que já se havia visto em um bebê. Eles imediatamente me lembraram os olhos da minha avó. Quando tinha 2 anos, Monica estava comigo um dia na cozinha enquanto eu preparava um espaguete à bolonhesa e fiz a seguinte observação: “Uma pitada de sal”. Eu lhe perguntei o que ela queria dizer, e ela me disse que a babá que cuidava dela à noite sempre lhe dizia que tudo ficava mais gostoso com uma pitada de sal. Fiquei muito chocada, pois me lembrei de Linda Watson-Brown sempre me dizendo isso quando eu era criança e costumava observá-la cozinhar, e acabei derramando o molho à bolonhesa no chão. Monica morreu de rir.*

*Cerca de uma semana depois, quando eu estava arrumando a casa, Monica me pediu para colocar alguma música dos beetles (Trocadilho com as palavras beetle [inseto] e Beatles). Lenta para entender e pensar sobre insetos, de início eu não soube o que ela queria dizer, mas, quando perguntei, Monica explicou que sua babá gostava de ouvir os beetles. Então me lembrei de que minha avó, quando arrumava a casa, costumava ouvir músicas dos Beatles. Intrigada com essa babá noturna, pedi-lhe que me falasse mais sobre ela. Ela me disse que era uma senhora muito engraçada, tinha um enorme sorriso e era sua amiga especial, porque tinham o mesmo nome e haviam nascido no mesmo dia.*

*Elouve tantos momentos como esse nos meses e anos seguintes que me convenceram de que Monica estava se comunicando com minha avó. Tudo parou quando ela estava perto de completar 6 anos. Não tenho certeza do*

*que tudo isso significa, pois obviamente as crianças vão ter alguns traços que se assemelham aos de seus avós e bisavós, porém na época ela parecia saber coisas sobre vovó que eu nunca havia contado.*

Linda me enviou esta história realmente maravilhosa.

### Moça dançarina

*Quero lhe contar algo que meu marido e eu vivenciamos há mais ou menos seis anos e meio. Minha irmã, Jackie, era uma mulher muito doente, e foi assim durante vários anos. Nunca conseguiu ter filhos, o que a deixava arrasada, pois adorava todos os seus sobrinhos e sobrinhas. Minha filha deu à luz uma bela menina chamada Alix. Ela nasceu em novembro de 2001. Devido à saúde deficiente de minha irmã, ela nunca pôde visitar o bebê, mas disse-me que quando se sentisse melhor seria a primeira coisa que faria. Então, em 2 de março de 2002, infelizmente minha irmã morreu, aos 40 anos. Ela nunca chegou a visitar Alix.*

*Certo dia, quando Alix tinha cerca de 13 meses, ela estava em seu cadeirão na cozinha enquanto meu marido e eu almoçávamos e cuidávamos dela. Ela perdeu o interesse pela comida e começou a olhar para o teto. Nós lhe perguntamos o que estava olhando, e ela disse: “Veja, vovô, a moça bonita dançando. E continuou dizendo que a moça estava sorrindo e acenando para ela. Isso aconteceu várias vezes durante as semanas seguintes. Então, três meses mais tarde, quando minha filha e eu levamos Alix à cidade, nós lhe demos alguns doces em um saquinho para ela segurar. De repente ela disse que precisávamos dar alguns doces também à moça dançarina.*

*Alix fez 8 anos este ano, e nada aconteceu desde então. Eu me esqueci de mencionar que coloquei uma grande foto de Alix dentro do caixão da minha irmã, e realmente acredito que foi minha irmã que Alix viu durante todos esses anos. Ela veio visitá-la como me havia prometido que viria. Conforta-me muito pensar que minha irmã está dançando na vida após a morte — algo que ela raramente conseguiu fazer nesta vida devido aos seus problemas de saúde.*

Norbury, que já encontramos anteriormente (ver “A minha volta”, p. 209), também me enviou esta história.

Oi, oi, então

*Tive duas experiências que desejo compartilhar com você. Em primeiro lugar; meu avô morreu quando meu filho tinha cerca de 15 meses, e, como morávamos longe, nunca consegui visitá-lo muito. Algum tempo depois da sua morte, meu filho começou a observar ficando paralisado) algumas partes da casa, totalmente absorvido no que havia ali. Nosso filho tem autismo, e houve muitas vezes em que teve amigos imaginários com os quais falava. Nessa ocasião particular, enquanto estava brincando, ele olhou para mim e me disse simplesmente “oi, oi, então”, com o maior sorriso no rosto. Meu marido e eu olhamos um para o outro, embaçados. Essa era a maneira de meu avô dizer como vai e até logo quando visitava alguém. Meu filho não tinha como saber nem, certamente, se lembrar disso!*

Segue-se agora um relato de Michelle.

Acenando

*Dois anos depois de meu querido pai falecer, dei à luz meu primeiro filho (uma menina). Até então, sempre senti a presença de meu pai junto a mim, e quando ela nasceu era como se ele tivesse desaparecido, como se eu não precisasse mais dele. No entanto, em inúmeras ocasiões em que estou na casa da minha mãe, minha filha acena para a velha cadeira de meu pai (em que ninguém jamais se sentava, exceto ele) e sorri, como se pudesse ver alguém que ela conhece. Quando chamamos seu nome ela sequer nos nota. E como se estivesse em transe e fixada em um ponto. Meu pai sempre costumava dizer que adoraria ter netos e o que ele faria com eles. Ele adorava crianças e costumava brincar com elas.*

*Minha filha agora está com 2 anos, e já faz bastante tempo que não acena para a cadeira, mas com frequência ainda vai a um mundo de sonhos e se fixa num ponto, sem ouvir quando falamos com ela, ou tagarela comigo sobre um homem que eu suponho que ela esteja dizendo que vê ou conhece. Mas é óbvio que eu não consigo entender tudo o que ela diz, pois é muito pequena ainda. Outra coisa estranha que percebi é que, quando a colocamos em seu quarto por estar sendo desobediente, ela faz um enorme escândalo, gritando e chorando, e no minuto seguinte está rindo, falando e dizendo “olá”, como se estivesse conversando com alguém.*

Os psicólogos dizem que ter amigos invisíveis na infância é uma fase pela qual algumas crianças passam porque se sentem solitárias, mas histórias como as narradas acima mostram que há uma possibilidade muito real de elas estarem realmente vendo alguém que os adultos não conseguem ver. E não são apenas as crianças pequenas que têm a capacidade de ver espíritos: muitas mães escrevem para me contar que acham que seus bebês estão vendo coisas que os adultos não conseguem ver. Elas falam sobre o fato de seus bebês abrupta e inexplicavelmente pararem de comer, mesmo quando estão famintos, para olhar fixamente para uma parede nua ou “conversar” alegremente com um ponto fixo no teto.

Natalie me enviou esta curta mensagem sobre seu filho.

"Olá"

*Isso começou quando ele tinha mais ou menos 6 meses. Ele sorria para espaços vazios no quarto e parecia estar conversando com alguém, pois eu conseguia ouvi-lo balbuciar e rir pela babá eletrônica. Já mais velho, quando então conseguia formar melhor as palavras, nós nos mudamos para um novo apartamento, e a mesma coisa também acontecia ali. Ele está com quase 2 anos agora e olha para o teto do meu quarto, onde fica a luz, acena e diz “olá”.*

Segundo as leis da física, há muitas coisas no nosso mundo que não conseguimos perceber com os nossos sentidos, mas sabemos que estão ali. Muitos cientistas agora aceitam que a existência é multidimensional e que o que vemos, ouvimos e sentimos não é tudo o que existe. Por esse ângulo, é muito possível que as crianças pequenas, com a mente e os ouvidos receptivos, tenham a capacidade de perceber dimensões da existência que os adultos se recusam a aceitar, porém mais tarde, quando ficam mais velhas e repetidamente lhes dizemos que estão imaginando coisas, em seu esforço para se adequar e nos agradar elas perdem a capacidade de ver o mundo através dos “olhos dos anjos”. Em vez disso, devemos encorajar as crianças a confiar em sua intuição e imaginação, assim como deveríamos tentar manter viva a nossa criança interior, porque eu realmente acredito que a natureza aberta, confiante, espontânea e amorosa da criança que existe dentro de nós é o nosso vínculo direto com o céu.

## Amigos de quatro patas

Por falar em natureza aberta e confiante, eu também não penso que este livro estaria completo sem pelo menos mencionar brevemente uma categoria singular de encontros após a morte: os que envolvem animais de estimação. Para muitas pessoas — inclusive eu perder o amor incondicional de um animal de estimação pode causar um grande sofrimento e deixá-las tão sozinhas como quando morre um membro da família. Assim, o conforto proporcionado pela visita em espírito de um animal de estimação já falecido pode ser profundo. No entanto, mesmo aqueles que acreditam em vida após a morte para os seres humanos podem rejeitar os fantasmas ou espíritos de animais. Frequentemente se diz que os animais não têm alma nem espírito e, portanto, não podem sobreviver à morte assim como os seres humanos, porém os animais são feitos da mesma energia que nós e têm a mesma centelha de luz que nós, e não consigo pensar em nenhuma razão por que eles não sobreviveriam à morte da mesma maneira.

Lynette me enviou a seguinte história.

### Tigerlily

*Tive alguns gatos na vida, mas a gata que era mais chegada a mim definitivamente tinha uma conexão psíquica comigo. Ela sempre sabia quando eu estava voltando para casa, embora meus horários fossem irregulares. Ela ficava inquieta quando eu não estava em casa; nós compartilhávamos um vínculo muito próximo, e ela me proporcionava muito conforto e alegria. Ter gatos me ajudou muito a superar o fim do meu casamento de vinte anos.*

*Oito anos atrás uma amiga me deu dois gatinhos, um gato e uma gata da mesma ninhada. Eram ambos adoráveis, e eu os chamei de Tigerlily e Freddie. Tigerlily era uma gatinha com listras de tigre, e ela e eu nos tornamos inseparáveis. Ela foi minha companhia constante durante sete anos, e os dois gatos foram comigo quando me mudei da Austrália para a Nova Zelândia. Dois meses depois que cheguei à Nova Zelândia, Tigerlily de repente ficou doente e morreu (apesar dos esforços dos veterinários), e eu nunca senti tanta tristeza. Mesmo agora, dez meses depois, ainda choro a sua*

perda.

*Desde que a perdi ela me apareceu várias vezes em sonhos, e passamos algum tempo juntas nesse nível onírico. Uma vez acordei e a senti deitada sobre meus pés, embora ao olhar não houvesse nada. Também senti uma parte mais funda na cama, como se ela tivesse pulado ali, como costumava fazer quando chegava a hora de dormir. Ela parecia estar me tranquilizando de que está em outra forma agora, está bem e quer me confortar. Ainda tenho meu Freddie cinzento e malhado, e ele é um grande conforto para mim. Ele também sentiu muito a perda de Tigerlily, pois nunca se haviam separado desde que nasceram. Perder Tigerlily fortaleceu o nosso vínculo, e era isso que ela teria desejado.*

Andrew certamente acredita que seu amado gato, Poe, não disse adeus nem nunca vai dizer. Eis sua história.

## Morrendo

*Eu estava atraindo problemas quando decidi chamar um gato preto de Poe. Mas, diferentemente do felino da arrepiante história “O gato preto”, do mestre das histórias macabras Edgar Allan Poe, meu Poe veio para me consolar e inspirar.*

*Longe de ser sombrio e taciturno, Poe foi meu pequeno raio de sol. Ainda estou para encontrar um gato mais amigável e agradável. Só fiquei quinze curtos meses com ele. Um verão e um Natal compartilhados e guardados no coração como um tesouro — isso foi tudo. Ele morreu em meus braços depois de ser atropelado por um carro, e rapidamente estava tudo acabado. Desesperado, vi a luz desaparecer de seus olhos. Meu Poe havia ido embora.*

*Ou assim eu pensei! A vida pode ter acabado com Poe, mas Poe não acabou com a vida! Chorei dia e noite, mal conseguia falar, as palavras ficavam entaladas na minha garganta, como que paralisadas pela dor. Então algo maravilhoso e totalmente inesperado aconteceu. Meu Poe voltou para mim na forma de espírito. Eu estava na estufa, consumido pela tristeza, quando aquele lugar de repente se encheu com a presença de Poe. Foi como se ele tivesse entrado ali. A sensação foi tão forte que me inclinei para a frente, meio que esperando tocar seu pelo. De imediato me senti animado e encorajado. Eu não estava esperando por isso; não havia desejado que acontecesse. O próprio Poe escolheu esse momento para voltar para mim,*

*para aliviar minha tristeza. Eu devia saber que um gato tão adorável não iria me deixar sofrendo.*

*Algo me disse para ir até o jardim. Quando o fiz, fiquei pasmo diante da força da presença de Poe. Rapidamente percebi que meu anjinho havia se tomado parte da natureza. Ele agora estava em tudo o que me cercava. Estava na grama, nas flores, no sol, na chuva, no vento que balançava a cevada e nas árvores sussurrantes. Eu soube naquele instante que, quando quisesse me sentir próximo de Poe, bastava ir até algum lugar na natureza e ali estaria ele.*

*Sempre mantive a mente aberta com relação aos fenômenos paranormais. Interesse-me por eles e sempre reconheci que coisas inexplicáveis acontecem com pessoas comuns, mas quanto ao que está por trás disso tudo, nunca tive certeza. Os eventos dos meses que se seguiram à perda do querido Poe me convenceram além de qualquer dúvida de que há vida após a morte e que os espíritos de nossos entes queridos nos visitam regularmente; não há dúvida quanto a isso.*

Obrigada, Andrew e Poe, do fundo do meu coração, pois sei que essa história vai calar fortemente nas pessoas de toda parte que amaram e perderam seus preciosos animais de estimação.

Não há dúvida de que as histórias sobre espíritos ou encontros com animais são notavelmente similares às que tratam de encontros com pessoas falecidas. Tendo pesquisado tanto histórias de espíritos de seres humanos como de animais, não hesito nem um minuto em declarar que as histórias sobre os espíritos de animais são tão comuns quanto as dos seres humanos. Já li centenas de relatos de pessoas que viram, cheiraram, perceberam, ouviram ou sentiram o espírito de seus animais de estimação recentemente falecidos. Alguns relatam visitas repetidas de seus animais em espírito, mas a maior parte dos encontros tende a acontecer somente uma vez, como se os animais retornassem apenas para um último adeus. De um modo muito parecido com as histórias que envolvem os espíritos de entes queridos apresentadas neste livro, todas as pessoas que me escrevem dizem que o encontro, embora breve, lhes proporcionou grande conforto, ajudou-os a superar a tristeza e lhes permitiu tornar a olhar para a frente. Sandra me enviou esta história.

Seguindo em frente

*Com relação às experiências da vida após a morte com animais, fui visitada por minha pequena jack russell, Ginny, algumas semanas após sua morte. Fiquei com o coração em frangalhos quando ela morreu, embora soubesse que, assim como os seres humanos, os animais “partem”.*

*Acordei certa manhã e estava pensando em me levantar para me aprontar para trabalhar, embora meus olhos continuassem fechados. No entanto, eu estava completamente desperta. De repente senti o impacto familiar de Ginny pulando na cama. Eu podia vê-la muito claramente de olhos fechados, e seu focinho ria para mim. Estendi a mão e a senti fisicamente, e realmente acariciei seu corpinho quente. Durante uns trinta segundos continuei deitada e a acariciei, e então sua presença física pouco a pouco desapareceu. Devo enfatizar que, embora mantivesse os olhos fechados, eu estava totalmente acordada.*

*Outra adorável experiência que tive o privilégio de vivenciar aconteceu quando a moça que me aplicava reiki, Tracy, perdeu Charlie (uma cadela, apesar do nome!). Eu nem sabia que ela tinha um cão, mas, quando fui até lá para minha sessão mensal, ela me disse que estava um pouco perturbada, pois um dos seus clientes lhe havia mais ou menos dito que os animais não sobrevivem à morte. Era claro que tínhamos pontos de vista bem diferentes! Alguns dias depois, eu de repente decidi dar a Tracy um livro sobre animais na vida após a morte. Escolhi um porque gostei da capa — uma foto de um golden retriever. Seja como for, levei o livro comigo, mas comecei a duvidar um pouco se deveria ou não dá-lo a Tracy. Será que era muito cedo? Será que ela ficaria ofendida? Decidi seguir minha intuição e lhe dei o livro ao final da sessão.*

*Ela olhou fixamente a capa por um momento e então disse: “Espere um minuto”, e desapareceu da sala de atendimento. Quando voltou, entregou-me uma fotografia, dizendo apenas: “Essa é Charlie”. Bem, os cabelos da minha nuca se arrepiaram. A foto da sua cadela era uma imagem exata da foto da capa do livro! Eu nem sabia que Charlie era uma golden retriever — e a foto era uma reprodução exata dela, até mesmo a expressão dos olhos e a posição da cabeça. Tracy mostrou o livro para a filha, que estava sofrendo muito com a perda da cadela com a qual havia crescido, e aparentemente tinha rezado pedindo um sinal de que Charlie estava bem. Tanto Tracy como eu acreditamos que Charlie me deu uma cutucada para eu escolher aquele*

*livro, sabendo que ele ajudaria sua família a enfrentar a perda.*

Os céticos naturalmente descartam a experiência da visitação de animais de estimação, considerando-a um pensamento gerado pelo desejo, mas mais uma vez eu digo que, se fosse assim, todos os que amaram e perderam um animal de estimação adorado e queriam muito vê-lo de novo não estariam relatando que seu animal voltou do túmulo para visitá-los? Algumas pessoas que me escreveram contam que amaram diferentes animais de estimação no correr dos anos, mas nenhum retornou, embora elas tivessem desejado ansiosamente que o fizessem. E às vezes recebo histórias de animais de estimação que voltam para visitar pessoas que não têm absolutamente nenhuma conexão com eles e tampouco acreditavam na paranormalidade antes dessa visita.

O amor, seja ele na forma humana ou animal, pode cruzar os limites do espaço e do tempo, e muitas pessoas que perderam seus animais de estimação tão queridos estão convencidas de que eles continuam a visitá-las em espírito. Depois que minha gata Crystal morreu, eu com frequência sinto sua presença ou o roçar de seu corpo nas minhas pernas. Essas experiências nunca me alarmaram, muito ao contrário: elas me pareceram ser a coisa mais natural e reconfortante do mundo. E, quanto mais eu ouço histórias de pessoas com experiências similares, mais me convenço de que é possível o contato com um animal de estimação em espírito.

Talvez o aspecto mais consolador da visitação de um animal de estimação seja a promessa que ela traz de que a morte não é absolutamente um adeus e que um dia haverá uma reunião na vida após a morte. E, embora neste livro eu não tenha abordado em profundidade a perda de animais de estimação, se você tem um, espero que o que leu tenha lhe mostrado que quando nosso animal querido finalmente morrer, embora você não possa mais tocá-lo fisicamente, o vínculo entre você e ele não foi quebrado nem nunca será. Você simplesmente sentirá a presença dele de uma maneira diferente. Seu animal continuará vivo em seu coração e na crença de que na forma de espírito ele pode estar com você mais intensamente do que antes.

Vire a página

E, agora que discutimos os sinais, mencionamos brevemente as crianças que conseguem ver espíritos e falamos da visitação de animais de estimação,

chegou a hora de eu começar a resumir para você todas as evidências que reuni até hoje. No próximo e último capítulo, pretendo apresentar argumentos conclusivos para defender minha inabalável convicção de que a morte não é o fim e o céu é real. Então, se você está pronto para abrir a mente e escutar seu coração, por favor, vire a página.

## 7. O céu é real

*A morte é como tirar um pesado sobretudo de inverno na primavera, quando não precisamos mais dele.*

Elizabeth Kubler-Ross

Ao longo de todo este livro tentei da melhor maneira possível apresentar argumentos em defesa da existência muito real de vida após a morte. Nos capítulos iniciais ofereci minhas evidências - ou provas - talvez mais fortes, junto com uma exposição das experiências de quase morte, e depois passei para os testemunhos de pessoas comuns que acreditam ter realmente visto, ouvido ou tido encontros com espíritos. Mostrei que os encontros com a vida após a morte podem acontecer a qualquer momento, mas é mais provável que ocorram quando a pessoa está de luto pela perda de um ente querido, e quando uma experiência dessas acontece torna-se fonte de enorme conforto e alívio. Também mostrei que, na maioria dos casos, esses eventos são espontâneos. Em outras palavras, a pessoa não buscou ativamente fazer contato com um ente querido falecido.

Espero ter deixado claro que os encontros com a vida após a morte podem acontecer com qualquer pessoa, independentemente de sua idade, suas origens ou suas crenças espirituais ou religiosas. O céu não discrimina, e as experiências paranormais são mais disseminadas e comuns do que você pode imaginar. Então, se você vivenciou o que acredita ter sido um encontro com a vida após a morte e está preocupado com o fato de os outros poderem rir de você, pensarem que está louco ou perdendo o juízo, espero que entenda que não está sozinho. Na verdade, está em muito boa companhia.

### Evidências científicas

Estou consciente de que a maioria das evidências que apresentei vem de depoimentos e baseia-se em relatos de testemunhas, e isso porque acredito que os depoimentos pessoais são as provas mais poderosas e convincentes que temos. Mas quero dar um pouco mais de consistência à minha argumentação, resumindo brevemente algumas das últimas evidências científicas da existência de vida após a morte.

Para começar, quero apontar que há muito mais comparações sólidas da existência do céu do que você pode imaginar, e elas vêm de vários estudos de caso, projetos de pesquisa e relatos bem documentados de diversas fontes. Vários cientistas vencedores do prêmio Nobel, incluindo Marie Curie, Max Planck, Erwin Schrödinger, Charles Richet e Brian Josephson, examinaram essas evidências e concluíram que alguns fenômenos sobrenaturais são reais e simplesmente não podem ser validados pelas explicações científicas convencionais.

Já dediquei um capítulo às experiências de quase morte, mas talvez não tenha enfatizado suficientemente quanto os cientistas têm tentado e falhado ao querer explicar o fenômeno de uma pessoa que deixa seu corpo morto ou em coma e descobre informações que não poderiam sequer ter sido detectadas pelos sentidos normais, e posteriormente se constata que essas informações eram 100% corretas. A ciência e a medicina não conseguem explicar essa e outras experiências de quase morte características, que apontam todas claramente para a notável conclusão de que a mente, ou a consciência, pode existir sem o cérebro. A ciência convencional sempre acreditou que a mente e o cérebro são a mesma coisa, mas as últimas pesquisas sugerem algo diferente. Um número cada vez maior de médicos e cientistas tem admitido a incrível possibilidade de que a consciência possa existir de modo independente da realidade e, com isso, reconhece a possível existência de uma dimensão espiritual. Os cientistas também não conseguem explicar como, perto do momento da morte, os espíritos dos mortos apareceram em diferentes locais para pessoas que, às vezes, nem sequer sabiam que eles haviam morrido ou corriam o risco de morrer. Além disso, há casos documentados de visões compartilhadas no leito de morte em que alguém no recinto vê os mesmos espíritos que a pessoa que está morrendo, isso sem mencionar evidências tangíveis de formas fantasmagóricas captadas em câmeras e também em registros de FVE (ver “Telefonando para mim”, capítulo 5, p. 159).

E, como se tudo isso não fosse suficiente, também há vários estudos científicos sobre o fenômeno da mediunidade. Um médium é alguém que afirma ser capaz de se comunicar diretamente com os mortos. Tomei a decisão consciente de evitar histórias sobre médiuns ou paranormais neste livro, pois o tema é demasiado vasto e não achei que conseguiria apresentá-lo devidamente aqui. Também levei em conta a enorme pressão negativa que os médiuns vêm sofrendo no correr dos anos, devido ao fato de haver muitas

peessoas explorando o luto dos crédulos para obter vantagens financeiras. No entanto, há alguns raros indivíduos que parecem de fato ter poderes extraordinários, e alguns se deixam testar cientificamente.

Gomo você pode imaginar, a ideia de que uma pessoa pode se comunicar à vontade com os mortos foi rotineiramente rejeitada pelos cientistas nos séculos passados, porém nos últimos anos a mediunidade pouco a pouco começa a se tornar tema válido para experimentos controlados e pesquisas acadêmicas. Cientistas de prestigiadas universidades do mundo todo começaram a estudar o trabalho de alguns médiuns, e suas investigações têm produzido resultados predominantemente positivos.

Um importante pesquisador da mediunidade é o professor Gary Schwartz, do Laboratory for Advances in Consciousness and Health [Laboratório para progressos nos campos da consciência e da saúde], da Universidade do Arizona. Em um artigo de Danny Penman sobre paranormais publicado em [www.news-monster.co.uk](http://www.news-monster.co.uk), Schwartz declarou que acredita que “alguns médiuns são reais [...], nós provamos isso experimentalmente [...] esses médiuns obtêm informações precisas. Nós descartamos de modo convincente cada uma das explicações convencionais céticas [...] alguns médiuns realmente obtêm informações precisas, e apenas as pessoas que não conhecem a pesquisa ou ignoram as evidências podem chegar a qualquer outra conclusão”. Patrícia Robertson e o professor emérito Archie Roy, astrofísico da Universidade de Glasgow, que conduziram pesquisas separadas para avaliar se os médiuns podiam conversar com os mortos, concordaram com a avaliação de Schwartz. Nas palavras de Robertson, “não há dúvida quanto a isso. A mediunidade funciona. Estamos convencidos de que alguns médiuns podem transmitir informações sobre pessoas que morreram, às quais não poderiam ter acesso de nenhuma outra maneira normalmente aceita”. Robertson acrescentou que isso não significa sugerir que as informações estão vindo dos mortos, mas em sua opinião essa é a explicação mais plausível. Também concorda com essa conclusão o dr. Peter Fenwick, neuropsiquiatra da King’s College de Londres, para quem a explicação mais lógica para o trabalho dos médiuns com um alto nível de precisão em experimentos controlados é que eles genuinamente se comunicam com os mortos. E isso para citar apenas alguns estudos.

Os céticos estão convencidos de que é possível encontrar outras explicações e que os cientistas que estudaram os médiuns e chegaram à conclusão de que o trabalho deles é genuíno estão equivocados em sua

interpretação dos eventos. Apesar disso, um crescente número de acadêmicos e cientistas está na verdade chegando a conclusões bastante diferentes, e há muitas pessoas que encontraram um inigualável conforto e alívio depois de visitar um paranormal. Pessoas como Joy, cuja história transcrevo a seguir.

## Mensagens

*Um coágulo levou papai, o que foi uma bênção, pois sua morte sem dúvida não teria sido de modo algum agradável. O funeral foi na igreja onde mamãe e papai se casaram. O vigário era novo na igreja e não conhecia papai suficientemente bem. A cerimônia parecia destituída de sentido. Mamãe e eu decidimos visitar a Igreja Espiritualista na primeira oportunidade.*

*Quando fomos à Igreja Espiritualista e tivemos um encontro com uma médium, meu avô se manifestou primeiro, com uma mensagem para minha mãe. Ela e eu somos muito emotivas — essa foi a nossa primeira experiência com médiuns e com mensagens vindas do mundo dos espíritos — mas, apesar disso, somos extremamente calmas. A médium disse a mamãe: “Na noite passada você estava procurando papéis em uma caixa de madeira entalhada, perguntando-se: ‘Por que o meu marido? Por que não alguém que fosse horrível e merecesse morrer?’ Você jogou a tampa da caixa em cima da cama e chorou muito”. Minha mãe fez que sim com a cabeça e disse “sim” e “não”. Estou pensando em uma caixa de madeira entalhada e, também, que mamãe é muito educada para dizer “Não, essa mensagem não foi para mim”. Embora eu tenha gostado da tranquilidade, da cordialidade e do clima da reunião, que era quase como estar na sua própria sala de estar e de modo nenhum em uma igreja cheia de gente com a expressão impassível, não pude deixar de pensar que a mensagem não fora dirigida a mamãe. Tomamos chá e conversamos com algumas das pessoas que estavam lá, dizendo que as veríamos no domingo seguinte.*

*Sentei no carro, virei-me para mamãe e lhe perguntei o que ela pensava a respeito. Ela me disse que a médium havia acertado em cheio e que havia procurado papéis na noite anterior. Havia chorado e perguntado “por que o meu marido?”, e atirara a tampa da caixa de madeira entalhada em cima da cama. Perguntei que caixa entalhada era aquela, e mamãe me disse que meu pai a fizera quando era aprendiz e que guardavam ali um pouco de dinheiro, apólices de seguro etc., e a caixa ficava debaixo de uma tábua, em um*

*armário na frente do qual havia um conjunto de gavetas com rodízios (colocados por papai para facilitar a abertura). Durante muitos, muitos anos depois disso, recebemos dos médiuns outras mensagens maravilhosas do mundo dos espíritos, o que nos ajudou a aceitar a perda tão precoce de papai.*

*Essa foi minha primeira experiência com a mediunidade. Tive várias outras, mas uma das mais intensas foi quando minha mãe morreu. Depois da morte dela, fiquei extremamente perturbada e achei que a havia desapontado por não ter ficado junto dela no fim. Não conseguia tirar aquilo da cabeça e decidi ir com meu marido à Igreja Espiritualista.*

*Já fazia um bom tempo que eu não ia lá, mas fui recebida de braços abertos, o que me fez chorar de novo. Segundos depois de a médium entrar em contato com o espírito ela se dirigiu ao meu mando, explicando que falaria com ele, pois eu estava visivelmente muito perturbada. Ela não me perguntou se mamãe havia morrido; ela intuitivamente sabia. Disse que mamãe queria me agradecer e à família por terem cuidado dela e pelas belas flores colocadas no caixão. Foi então que a ficha caiu: sem pensar no assunto, escolhi flores de verdade, que mamãe teria adorado, para o caixão.*

*Embora isso tivesse ajudado, eu ainda achava que havia desapontado mamãe. Tomei uma xícara de chá depois de terminado o serviço. A médium ainda estava em seu lugar tomando o dela quando levei a xícara e o pires para a cozinha. Ao passar por ela, ela me pediu para ir até lá e me sentar um minuto, porque ainda estava com minha mãe. Disse que eu estava compreensivelmente muito perturbada porque havia perdido mamãe, mas que devia parar de ficar me recriminando. Então contou que meu pai estava falando sobre um charuto. Eu disse que estávamos arrumando as quinquilharias e tínhamos encontrado um charuto que havíamos comprado para ele trinta anos antes nos Estados Unidos, mas que o charuto havia desmanchado e por isso tivemos de jogá-lo fora.*

*A médium então disse: “Você já ouviu pessoas contar que toda a família se reúne em torno do leito do parente que está morrendo, em casa ou no hospital, e depois de um tempo alguém vai até o banheiro, outro vai fumar um cigarro, outro vai tomar uma ducha ou alimentar as crianças ou os animais, enquanto a pessoa que está morrendo cai no sono, e quando retomam seu ente querido morreu? Sua mãe está dizendo que uma coisa foi estar à disposição dela, morar com ela, alimentá-la, amá-la, rir com ela,*

*chorar com ela, mas ela não queria que você tivesse a experiência de vê-la dar o último suspiro”.*

*Naquele momento uma enorme carga foi tirada dos meus ombros. Agradeço ao Universo por me introduzir na espiritualidade. É claro que nunca esquecemos aqueles que perdemos nem deixamos completamente de lamentar sua ausência, mas, no que me diz respeito, seria insuportável se eu não acreditasse que um dia estaremos todos juntos de novo.*

Visitei um médium apenas uma vez e foi uma experiência frustrante, mas tenho muitos amigos que visitaram médiuns e estão convencidos de que receberam evidências reais de que um ente querido está perto deles, porque o médium disse tudo certo e sabia de coisas que não poderia saber. E, quando isso acontece, como Joy mencionou em sua história, nada pode ser mais reconfortante.

Você pode estar se perguntando por que visitei um médium apenas uma vez, dada a natureza do meu trabalho como escritora de temas paranormais, e a razão disso é que não sinto necessidade. Não duvido que haja vários médiuns que poderiam me dar mais provas de que a comunicação com a vida após a morte é possível, mas a mensagem de todos os meus escritos é que você não precisa contatar um deles para falar com os que já partiram. Todas as histórias apresentadas em meus livros mostram que há evidências abundantes corroborando a ideia de que pessoas comuns — como você e eu, que não se acham dotadas de grandes poderes psíquicos - podem fazer contato com entes queridos em espírito sem consultar um suposto especialista nem fazer nada fora do comum. Isso não significa que eu esteja condenando os médiuns, porque não estou, já que vi os milagres que às vezes eles podem realizar. Só estou dizendo que isso não é para mim nem é algo que eu normalmente recomendaria, pois a minha paixão é o contato direto e pessoal com o outro lado, sem a necessidade de intermediários.

Antes de sair do tema da mediunidade, gostaria de acrescentar que não são apenas as pessoas comuns que consideram extremamente úteis as informações recebidas através de um paranormal: também têm sido documentados casos de médiuns que ajudam detetives quando os assassinatos não conseguem ser resolvidos pelos métodos usuais. Há igualmente um grande número de relatos e estudos de mediunidade coletados por cientistas e pesquisadores que não são totalmente levados ao conhecimento do público. A única razão de eu não discutir mais sobre esses estudos neste livro é que não

sou cientista e não conduzo experimentos. No entanto, se você quiser dar uma olhada no tema de um ponto de vista científico e acadêmico, vai descobrir, como eu, que as evidências da existência de vida após a morte são esmagadoras. (No final do livro você vai encontrar muitas sugestões de leituras e pesquisas adicionais sobre mediunidade, assim como de pesquisas acadêmicas, e os estudos de caso que mencionei antes.)

Mesmo com as evidências científicas, não tenho dúvida de que alguns de vocês ainda podem achar extremamente difícil aceitar a ideia de que o céu existe e de que o espírito humano sobrevive à morte. Respeito completamente sua opinião. No entanto, tenho certeza de que você vai concordar que muitas histórias reproduzidas neste livro são muito difíceis de explicar e que, na maioria dos casos, o estresse, o sofrimento intenso, o desejo ou a imaginação não são explicações definitivas. Também seria muita arrogância nem ao menos considerar a possibilidade de que alguma parte de nós talvez seja capaz de transcender as barreiras do tempo e do espaço e sobreviver à morte corporal — e nem mesmo considerar a possibilidade de que a centelha de vida que há dentro de nós seja eterna ou que haja forças espirituais em ação dentro de nós e à nossa volta.

Na verdade, quando começamos a acumular todas as evidências do trabalho dos médiuns, das experiências de quase morte, das experiências extracorporais, das visitas, das visões no leito de morte e de outras formas de comunicação com a vida após a morte, tudo começa a apontar para uma conclusão que transforma nossa vida: a morte não é o fim. Quando considerar todas essas evidências impressionantes, pergunte a si mesmo se é mais fácil acreditar que cada uma dessas experiências foi um erro, uma fraude ou uma alucinação ou se realmente é mais lógico e razoável acreditar que pode haver vida após a morte.

Mais uma vez, como este livro está próximo do fim, repito que não posso lhe oferecer provas definitivas, mas posso dizer que todas as pessoas cujas histórias estão neste livro — e todos os milhões de pessoas no mundo todo que relatam experiências semelhantes — não têm dúvida nenhuma de que o que vivenciaram foi genuíno. Elas sabem que vislumbraram um mundo que era tão real e tão profundo quanto sua vida cotidiana e que esse vislumbre do espírito foi um marco — uma virada - em sua vida. Deu-lhes esperança e conforto saber que o espírito continua vivo e, assim sendo, ajudou-os a aceitar a perda de um ente querido e seguir em frente, superando seu luto.

## Período de luto

Aqueles que vivenciaram um encontro com a vida após a morte acham que isso os ajudou a estabelecer um novo relacionamento com seus entes queridos falecidos. Também lhes proporcionou grande conforto e esperança, ajudando-os a levar a vida adiante. Entretanto, estou bastante consciente de que muitas pessoas que estão lendo este livro podem não ter tido uma visitação ou um encontro com a vida após a morte e podem ainda estar de luto pela perda de um ente querido. Se esse é o seu caso, espero que ler este livro o tenha ajudado a mudar o seu entendimento da vida e da morte e o tranquilize para que, quando estiver pronto, você possa entrar em um novo relacionamento com o ente querido que já partiu. Embora você não possa mais tocá-lo fisicamente nem abraçá-lo, pode ainda senti-lo de uma maneira diferente. Ele pode permanecer vivo no seu coração e na sua mente e estar com você ainda mais intensamente do que antes. No entanto, antes que essa transformação ocorra, é preciso haver um período de luto.

Muitas pessoas que perderam recentemente um ente querido me perguntam por que não conseguem ver ou sentir essa pessoa por perto. Minha resposta é que, antes que os espíritos possam nos alcançar, é preciso viver o período de luto e aceitar a passagem. O espírito acha difícil transpor sentimentos intensos de culpa, medo, dor e raiva. Esses sentimentos agem como uma barreira, e, para muitas pessoas, só quando elas forem capazes de aceitar a perda física e se sentir mais fortes emocionalmente é que os espíritos poderão aparecer. Mas como se atinge essa aceitação?

Não sou conselheira de pessoas de luto, mas sei que o primeiro passo é vivenciar esse período. E preciso suportar, sofrer e prantear. E preciso entender que sofrer a perda de um ente querido não significa que você não tenha fé na vida após a morte. Só significa que você é humano e sente falta do contato físico e da maneira como era a sua vida antes de alguém que você amava morrer. Assim como a mãe sofre as dores do parto antes da alegria do nascimento, você deve passar pelo sofrimento do luto antes de poder experimentar a alegria de uma reunião em espírito.

Entender o processo do luto pode ajudar. Isso não detém o sofrimento, mas reduz o medo, porque você vai saber que é comum ter uma série de emoções explosivas e amargas. Vai entender que a resposta inicial é a negação e o choque, seguidos por raiva, culpa, desamparo e inutilidade: raiva do seu ente querido por tê-lo deixado, culpa porque você não acha que fez ou

disse tudo o que queria fazer ou dizer; desamparo e inutilidade porque percebe que há algumas coisas na vida que você nunca poderá controlar. Por mais terríveis que sejam esses sentimentos, tente se lembrar de que eles não são bons nem maus; são apenas uma medida do seu sofrimento. Se você não elaborar esses sentimentos - não permitir que eles existam —, podem ocorrer sintomas físicos como insônia e cefaleias, e assim aumentam as chances de você vir a ter uma depressão séria. Se esse for o seu caso, é indispensável que converse com seu médico ou com um conselheiro de luto.

Embora haja reações comuns ao luto, é importante ter em mente que todos nós passamos de maneira diferente por seus vários estágios e que, para alguns, o período de luto pode ser bem mais longo do que para outros. Não há uma maneira certa ou errada de vivenciar o luto, e você deve dar a si mesmo o tempo de que precisa, porque o luto não pode ser apressado. Um coração partido — assim como um osso partido — tem seu próprio tempo para se curar. Não há nenhum remédio ou cura rápida, e às vezes você pode até duvidar se algum dia vai superar isso, mas deve permitir que seu coração sofra. Lembre-se: não há problema em chorar ou sentir raiva. Se precisar gritar, grite bem alto. Você não está ficando louco. Você é um ser humano e está vivenciando uma perda dolorosa.

A menos que sempre tenha sido incrivelmente autossuficiente e encontre conforto apenas em sua própria companhia, obter a ajuda e o apoio de entes queridos ou de amigos pode ser fundamental quando se está em processo de luto. Se você estivesse doente, seria tratado pelos amigos, pela família ou por seu médico; portanto, nunca tenha medo de pedir ajuda àqueles que se importam com você, ou, se achar que precisa buscar apoio fora da família e dos amigos, há profissionais que podem ajudá-lo. Não é preciso dizer que cuidar de si mesmo com uma boa alimentação, exercitando-se, dormindo o suficiente e tratando-se da maneira como seu ente querido o teria tratado se estivesse vivo pode não só aliviar sua dor como mantê-lo em contato com o mundo que o cerca.

Se você se sentir inútil e culpado porque está vivo e seu ente querido não está, tente se lembrar de que para ele era chegado o momento de fazer a passagem e que ainda não é o seu momento de deixar esta vida. Você é uma pessoa singular e maravilhosa, e há uma razão e um propósito para a sua vida na Terra. Talvez um dia você vá ajudar alguém a enfrentar e superar seu luto. O sofrimento que experimentou pode fortalecê-lo e torná-lo mais solidário, gentil e compreensivo em relação aos outros. Sua maneira de encarar a vida

pode melhorar, e incidentes triviais e preocupações materiais podem perder o poder de perturbá-lo. Por isso, seu sofrimento pode ser encarado como uma experiência que o obriga a crescer espiritualmente e a levar sua vida de maneira mais plena e significativa. Afinal, o crescimento é a razão da sua existência, tanto nesta vida como na próxima. Você está aqui para crescer em entendimento e em amor. Você está aqui para desenvolver a espiritualidade.

A elaboração do seu luto vai requerer tempo, às vezes muito tempo, mas confie em mim, porque já perdi pessoas sem as quais eu achava que não conseguiria viver. O sofrimento diminui e vai ficar mais suportável. Pouco a pouco, sua vida acabará voltando ao normal, e quando você se sentir tomado pela tristeza esse sentimento não vai mais enchê-lo de pânico e terror, porque você sabe que vai sobreviver. Você terá mais dias bons do que dias ruins e vai entender que existe vida após a morte, mas será uma vida nova para você e um novo relacionamento com seu ente querido em espírito. Vai saber que seu ente querido vive para sempre no seu coração e que, quando o chamar, ele vai ouvi-lo alto e bom som. Esperar que as coisas voltem ao que eram não é realista, porque sua vida mudou para sempre depois da perda desse ente querido. Agora cabe a você optar por fazer essa mudança de maneira positiva ou negativa. Você pode escolher viver na tristeza e na dor ou pode optar por viver a vida plenamente. É óbvio que seria melhor encarar a vida da maneira como seu ente querido teria preferido que você a encarasse, e que melhor tributo a ele do que celebrar a vida que vocês compartilhavam? E tenha em mente que, assim como você tem de viver, aqueles que estão vivendo em espírito também têm de se ajustar a essa vida, e, se você ficar muito obcecado com eles e não conseguir enfrentar a existência, eles também não conseguirão seguir em frente em espírito. Isso não significa que você nunca deva pensar neles — o que seria terrível —, mas apenas que o maior amor tanto nesta vida como na próxima é o amor que um espírito livre pode manifestar.

Lembre-se de que ir além do luto não significa negar, e sim lembrar-se do ente querido sem que sentimentos de intensa dor abalem a sua vida. Significa chegar a um ponto em que as lembranças do seu ente querido se tornem doces e suaves. Significa retomar aquela parte de você que você doou. Quando você ama alguém, dá uma parte de si àquela pessoa, e essa “entrega” é uma das coisas mais mágicas do amor, contanto que você não a leve a extremos. Se se entregar demais, isso não será saudável para o outro nem para você, porque você estará confundindo amor com carência. O verdadeiro amor, como já vimos, é o amor que um espírito livre pode manifestar, e

quando um ente querido morre, apesar de toda a dor, ele está lhe dando a oportunidade de tomar de volta aquela sua parte que você entregou. Isso não acontecerá da noite para o dia, mas, se você der a si mesmo tempo suficiente para vivenciar o luto, vai enfim descobrir que a paixão e o amor que você entregou retornam a você. Vai redescobrir o que é o verdadeiro amor e como ele pode fazê-lo sentir-se inteiro de novo.

Pode ser difícil entender, mas a morte de um ente querido pode conduzir a uma maior autoestima e a um despertar do espírito, se você vivenciar seu luto. Certamente foi isso que aconteceu comigo. Só vários anos depois que minha mãe morreu — quando superei todos os estágios do luto - compreendi que a única coisa que ficou foi esse sentimento impressionante de que o amor que eu sentia por minha mãe e o amor que ela sentia por mim não morreram. Esse amor estava vivo e zelando por mim do outro lado.

### Quando você está pronto

Se você não teve uma comunicação com a vida após a morte, pode estar se questionando a essa altura por que não. Toda semana recebo cartas ou e-mails de pessoas me perguntando por que não viram, sentiram ou ouviram um amigo muito amado ou um membro da família que já morreu. Elas questionam se isso é de alguma forma culpa delas ou se seu ente querido não se importa o bastante com elas para estabelecer contato. Estão desesperadamente necessitadas de conforto e alívio, porém acham que não estão recebendo nada disso.

Há algumas raras pessoas com poder paranormal que são capazes de ver o mundo dos espíritos com facilidade, mas, como sempre digo em meus livros, nunca fui uma delas, e desconfio que haja muita gente por aí como eu, achando que o céu está muito distante. Foi isso que aconteceu quando minha mãe morreu, e, por mais que eu tentasse, não consegui fazer contato com ela. Não sabia o que havia de errado comigo, e isso foi especialmente difícil, porque cresci em uma família de espiritualistas, e muitos de meus amigos estão acostumados a ter experiências paranormais.

Há uma escola de pensamento para a qual os intensos sentimentos de culpa e perda dificultam o contato dos espíritos conosco, e esse provavelmente foi o meu caso quando minha mãe morreu, contudo em minhas pesquisas tenho descoberto que nem sempre é isso que acontece. Algumas pessoas me escrevem contando encontros que tiveram ainda no

auge do luto. Outras sugerem que tentar insistentemente pode ser o problema. Mais uma vez foi o que aconteceu comigo, mas também tenho ouvido histórias de pessoas que imploraram por um sinal após a morte de um ente querido e o receberam. Tampouco é essencial que as pessoas acreditem na vida após a morte, porque há muitas histórias de céticos que, antes de sua experiência, não acreditavam em nada.

Realmente não sei por que é mais fácil para algumas pessoas do que para outras captar um vislumbre do céu. Só posso dizer que, no meu caso, precisei de uma espécie de choque para ver a luz. Depois da morte de minha mãe, atingi o fundo do poço. Questionei e duvidei de tudo aquilo em que sempre acreditei, e então, quando menos esperava e nem mesmo tinha mais nenhuma expectativa, comecei a ouvi-la chamar o meu nome. Ela começou a aparecer para mim em sonhos vívidos e em rápidos momentos de *insight* e inspiração. Por alguma razão precisei de um choque para desencadear a percepção de uma premência, e esse choque se manifestou na forma de dúvida e depressão. Duvidei de tudo o que eu pensava, conheci a depressão e as sensações de escuridão e vazio que vieram depois. Realmente vivi e respirei as palavras do filósofo Albert Camus quando escreveu: “Na profundidade do inverno descobri que havia em mim um invencível verão”.

Para outras pessoas pode não ser a perda de um ente querido ou um questionamento das crenças que estimula a reavaliação da vida. Pode ser o fim de um relacionamento, a perda de um emprego ou qualquer coisa que convide a uma intensa reflexão sobre o que realmente importa para elas. Mas a luz, o crescimento espiritual e o entendimento nem sempre vêm das profundezas da escuridão. Como vimos neste livro, a consciência e o crescimento espirituais podem ser inspirados por uma coincidência maravilhosa, a beleza da natureza, o sorriso de uma criança, o abraço de um ente querido, o som de uma bela música ou qualquer momento particular de magia que desencadeia a profunda constatação de que *tem* de haver mais nesta vida do que a dimensão física.

Seja qual for o fator desencadeante no seu caso, fique certo de que, quando estiver pronto, você verá, ouvirá ou sentirá o mundo dos espíritos e entrará em contato com aqueles que você amou e perdeu. Se acha que não pode ver nada, seja paciente, porque um dia verá. Talvez o seu espírito precise aprender mais e ter mais experiências antes de captar um vislumbre do céu. Não tente pressionar nem se apressar: apenas viva a sua vida com amor, bondade e honestidade. Isso não significa se tornar religioso nem tentar

ser perfeito, o que é impossível, porque o ser humano é imperfeito; significa apenas viver de uma maneira que você sinta que aqueles que cruzaram para o outro lado aprovariam.

Frequentemente me perguntam se há alguma coisa que uma pessoa possa fazer para aumentar as chances de um encontro com a vida após a morte. Um estado de espírito relaxado e aberto, que esteja disposto a superar a descrença, pode certamente aumentar essa probabilidade. Algumas pessoas conseguem atingir esse estado por meio de meditação ou técnicas de relaxamento, enquanto outras o conseguem através de atitudes simples como caminhar ao ar livre ou realizar um trabalho criativo. Outras ainda podem simplesmente atingi-lo realizando o trabalho que amam ou cercado-se das pessoas que amam. E durante períodos de calma, contemplação e dedicação como esses que as pessoas com frequência descobrem que são mais do que apenas o corpo físico. Elas intuitivamente entendem que não são o corpo e a mente que as definem, e nem mesmo os sentimentos e os pensamentos. Elas têm uma identidade que existe independentemente de sua humanidade, e a consciência dessa identidade espiritual lhes proporciona uma sensação de profunda paz interna e bem-aventurança. Intuitivamente, sabem que os bens e objetivos materiais — conseguir dinheiro, riquezas e poder — não são o caminho para a verdadeira felicidade, e que não é o que você tem que importa, mas sim quem você é e o que faz da sua vida. Outra maneira de aumentar as chances de comunicação é pedir um sinal e então esperar pacientemente e observar o que acontece. Esse sinal pode ser uma pena, um arco-íris, um sonho memorável, ou pode ser algo profundamente pessoal, que só você entende.

E você pode não perceber, mas o simples fato de ler este livro pode agir como catalisador. Se achou as evidências que apresentei intrigantes e excitantes, então seu coração e sua mente estão se abrindo, e as chances de você mesmo ter um encontro vão aumentar significativamente. Se conseguir pensar que este livro é sua flecha para o céu, eu não me surpreenderia se você recebesse uma mensagem, um sinal ou mesmo uma visão do outro lado num futuro próximo. E quando receber, por favor, escreva-me contando os detalhes sobre como fazer isso estão na página 265. Vou adorar receber notícias suas.

O grande desconhecido

*A morte encerra uma vida, não um relacionamento.*

Jack Lemmon

Desconfio que uma das razões de temermos a morte é o fato de ela ser o grande desconhecido, o mistério final. Embora eu sempre tenha acreditado firmemente na vida após a morte, estou disposta a admitir que o pensamento da morte ainda me apavora, mas as muitas histórias maravilhosas que tenho lido no decorrer dos anos sobre as experiências de quase morte e as visões do céu, assim como as que falam de uma comunicação com entes queridos em espírito, têm me tranquilizado e neutralizado o aguilhão da morte. Passei a entender que não é da morte que eu tenho medo, mas da maior mudança de todas: o medo de deixar meu corpo físico para trás e viver uma nova vida em espírito. Entretanto, quando fico ansiosa em relação à morte, simplesmente releio as histórias maravilhosas que incluí neste livro e outras como elas, e toda incerteza e medo que sinto são substituídos por uma renovada sensação de esperança e paz. Tenho certeza de que a morte não é algo a ser temido, porque há uma parte de nós que não morre. Existe vida após a morte. Estamos apenas passando por aqui. Há sempre mais do que os olhos conseguem ver.

Ao longo dos séculos, os cientistas e pesquisadores têm tentado entender ou definir a vida. Têm estudado organismos vivos e não vivos e tentado destacar as diferenças, e parece que as paredes celulares e os cromossomos que podem se reproduzir ou replicar são as características definidoras. Então tentam criar formas de vida artificiais com paredes celulares e cromossomos transportados usando choques elétricos e outros dispositivos. O problema é que essas formas de vida artificial nunca podem ser classificadas como “vivas” no sentido de terem inteligência e sentimentos. Há algo não visto ou invisível que dá vida aos organismos, e isso os cientistas não conseguem criar em laboratório. Para mim, esse poder ou força não visível é a força do espírito - a parte de nós que simplesmente não pode morrer.

Se você pensar a respeito, as tentativas fracassadas dos cientistas de criar vida artificial podem ser a melhor prova de todas de que a morte não existe. Sim, seu corpo físico pode morrer quando seu coração para de bater, mas a parte invisível de você permanece, aquela sua parte que existe no coração das outras pessoas. Por isso a morte não é o fim da vida, é apenas o seu espírito que deixa o corpo. A sua essência sobrevive, e, se você tiver perdido alguém que amava, uma parte de você já saberá que isso é verdade. É difícil descrever, mas em algum lugar bem no fundo de você essa pessoa ainda está

viva e à sua volta. Se você algum dia viu o corpo de um ente querido falecido, isso fica particularmente evidente. Lembro-me de quando eu trabalhava como cuidadora em uma casa de repouso. Com frequência me encontrava no quarto após a morte de um residente. Eu olhava para o corpo daquela pessoa e parecia mesmo que sua essência tinha ido embora. Aquele corpo morto parecia um traje ou roupas conhecidas que não estavam mais sendo usados. O residente de quem eu me lembrava e com quem tinha interagido havia partido. Seu corpo não era ele.

A morte é algo sobre o que não gostamos de pensar ou falar e por isso é cercada de mistério, mas espero que este livro tenha lhe mostrado que ela é um processo natural e pode ser um evento tão belo e mágico quanto o nascimento. É simplesmente outra fase da existência; a vida continua do outro lado. Vista sob essa luz espiritual, a morte não é algo a ser temido. O que mata é o ódio, o medo, a raiva e a culpa, não a morte. A morte é um coração desprovido de amor, de compaixão e de bondade, e para aqueles que vivem em espírito ela não pode existir, porque o amor e a bondade mantêm seu espírito vivo.

Vista sob essa luz espiritual, a morte não deve ser uma ocasião de grande tristeza ou angústia. É claro que sentimos falta do contato físico e choramos por isso, contudo também devemos nos regozijar, porque o espírito de um ente querido aprendeu as valiosas lições da existência aqui e, agora, está pronto para continuar a vida em espírito. Em algumas culturas, os funerais não são momentos melancólicos como tendem a ser no Ocidente, mas ocasiões de grande celebração, e todos nós poderíamos aprender com isso. Tenho recebido algumas histórias de pessoas que viram entes queridos falecidos comparecer ao próprio funeral, e muitas delas contam que os espíritos prefeririam ver os amigos, os familiares e os entes queridos presentes no funeral sorrindo e celebrando a vida. Eles não gostam de ver lágrimas, como bem ilustra a próxima história, enviada por Jessica.

Eu não morri

*Depois de ler seu livro esta semana, quis lhe escrever para contar algo mágico que aconteceu comigo no funeral do meu filho John. A cerimônia fúnebre foi bonita, e eu estava banhada em lágrimas. A morte dele não foi inteiramente inesperada, pois sabíamos há anos que um dia o câncer o tiraria de nós, mas nunca se consegue estar realmente preparado para*

*enterrar um filho, não é mesmo?*

*Eu me sentia perdida e sem saber como seria a vida sem ter de pensar em cuidar de John. No último ano ele ficou tão doente que todos os meus pensamentos eram dedicados a ele. Chegamos a um ponto da cerimônia em que o poema “.Não chore diante do meu túmulo” foi lido pelo irmão de John, e eu lhe digo, Theresa, que vi John de pé, ao lado do irmão. Ele estava acenando com a cabeça e sorrindo para mim. Parecia radiantemente feliz e saudável e estava tão vivo que me virei para minha irmã e lhe perguntei se ela também via John. Ela balançou a cabeça e colocou o braço em torno dos meus ombros. Acho que pensou que fosse a dor que me fazia ver coisas, mas não. John estava ali — em seu próprio funeral. Assim que o poema terminou, ele desapareceu lentamente: primeiro os pés, depois os braços, e por fim estava ali apenas seu rosto sorridente; e então ele desapareceu.*

*Não estou dizendo que não tenha tido dias sofridos desde que John morreu, e ainda choro muito, mas quando estou muito deprimida, penso no que vi no funeral, e isso me dá muita força.*

A história de Jessica não inclui a versão completa do famoso poema que ela mencionou, mas vou transcrever aqui uma versão dele (há várias), pois no meu arquivo de pesquisas tenho dezenas de histórias dizendo que esse poema foi lido no funeral e que os presentes à cerimônia têm uma sensação profunda de entendimento, conforto e ternura quando estas palavras são lidas.

*Não chore diante do meu túmulo,  
Eu não estou ali; eu não durmo.  
Sou mil ventos que sopram,  
Sou o brilho do diamante na neve,  
Sou a luz do sol no grão maduro,  
Sou a chuva suave do outono.  
Quando você acorda no silêncio da manhã,  
Sou a rápida e súbita ascensão  
Dos pássaros quietos voando em círculo.  
Sou as estrelas suaves que brilham à noite.  
Não chore diante do meu túmulo,  
Eu não estou ali; eu não morri.*

Em minha opinião esse poema, supostamente de autoria de Mary Frye, deveria ser leitura obrigatória em todos os funerais, porque continua sendo uma das mais simples e poderosas expressões de conforto e esperança para aqueles que estão sofrendo a perda de um ente querido.

Lembre-se, você não precisa ter uma visão de entes queridos falecidos ou uma experiência de quase morte para descobrir o significado espiritual da vida. Como provavelmente percebeu neste livro, há muitas oportunidades na vida cotidiana para você chegar à percepção ou ao entendimento profundo de que você é mais do que o corpo físico dentro do qual está. Esse entendimento pode lhe ocorrer por causa de uma tragédia pessoal ou de uma crise, mas pode também chegar de maneiras mais sutis, suaves, como uma música celestial ou as palavras de um belo poema, como esse acima transcrito, um sentimento ou pensamento inesperado, uma resposta a uma prece, um sonho revelador; ou pode chegar por uma onda de alegria ou um sinal que fala pessoal e diretamente ao seu coração e o lembra da proximidade daqueles que já se foram e do verdadeiro significado de sua vida. Com frequência é por meio de sentimentos e experiências simples e inexplicáveis que o céu brilha e nos lembra de algo que podemos ter esquecido ao longo do caminho: que esta vida não é tudo o que existe. Experiências singelas como esta, descrita de maneira tão simples, mas tão profunda, por Olivia.

### Chorando e sorrindo

*Eu estava sentada em um carro que seguia o caixão do meu mando em seu caminho até o túmulo. Num momento eu estava em lágrimas e no momento seguinte - vinda do nada -fui tomada por uma onda de alegria e paz que nunca senti antes ou desde então. Naquele momento, eu me senti aquecida e confortada. Aquilo me deu forças e esperança. Eu sabia que veria meu amado mando novamente. Achei que nunca mais seria capaz de sorrir de novo, mas sair me pareceu a coisa mais natural do mundo.*

Quando um momento de profundo entendimento da verdade eterna da vida chega até você, como aconteceu com Olivia, você se torna uma fonte de esperança e conforto para os outros. Você se torna o significado e as mensagens que os outros estão consciente ou inconscientemente buscando, porque eles veem força e luz espiritual em você, e isso fica gravado em seu coração, tornando a despertar o espírito dentro deles.

Então, se as histórias deste livro sobre o contato com entes queridos falecidos falaram diretamente ao seu coração, você agora tem uma escolha clara. Pode duvidar e questionar o que leu ou pode deixar que isso mude para sempre sua vida e também a de todos aqueles afortunados o bastante para cruzar seu caminho. Você pode se afastar da luz ou pode se aquecer no calor, na alegria e na certeza de que há vida eterna no espírito. E, se escolher a luz - como espero que faça —, pode não perceber, mas estará desempenhando um papel vital na transformação do mundo para melhor.

Infelizmente, o mundo em que vivemos hoje está tumultuado e, com frequência, é injusto e violento, e muitas pessoas se sentem impotentes para mudá-lo, mas, quanto maior a crença na vida após a morte e no fato de que todos nós estamos juntos em uma jornada espiritual, mais entendimento, respeito e tolerância teremos em relação uns aos outros. Quanto mais as pessoas entenderem que a vida é eterna e que o amor vence o medo, o ódio, a raiva e a morte, mais pacífico e iluminado se tornará este mundo. E isso tudo pode começar com você e com as escolhas que você faz com o seu coração. Tudo começa quando você se torna a mudança que quer ver no mundo.

Todas as histórias deste livro nos ensinam que a única coisa que importa na vida é o que se passa no seu coração, e, pelo que tenho lido e entendido, parece-me que o único propósito da nossa vida na Terra é aprender o verdadeiro valor do amor e da compaixão incondicionais por nós mesmos e pelos outros. Qual é, então, o propósito da morte? Por que pessoas inocentes ou crianças têm de morrer, enquanto outras, talvez menos merecedoras, vivem uma vida longa e produtiva? Talvez o propósito desta vida seja aprender as lições espirituais, e talvez algumas almas necessitem de apenas alguns dias, meses ou anos para aprender suas lições — ou ensinar lições aos outros —, enquanto outras precisam de um pouco mais de tempo.

Não tenho todas as respostas, e talvez seja melhor que não saibamos a razão de tudo o que acontece na Terra, porque se soubéssemos por que algumas pessoas sofrem ou por que existem injustiça e crueldade no mundo, não estenderíamos a mão um para o outro. Pense nisso. Sabemos por que uma mulher chora de dor quando dá à luz um filho e, porque sabemos a razão do seu sofrimento, não ficamos muito interessados ou preocupados. Se soubéssemos por que os outros sofrem, talvez fôssemos menos compassivos, e, em termos do nosso desenvolvimento espiritual, essa seria uma existência abominável — a morte no seu mais verdadeiro sentido.

Mantendo isso real

*A vida e a morte são uma coisa só, assim como o rio e o mar são uma coisa só.*

*Nas profundezas de nossas esperanças e de nossos desejos está o nosso conhecimento silencioso do que está além; e, como as sementes que sonham sob a neve, seu coração sonha com a primavera.*

*Confie nos sonhos, pois neles está oculto o portão para a eternidade.*

Kahlil Gibran

Obrigada por ler este livro. Espero que ele o tenha convencido de que a vida após a morte é real, mas, se não o convenceu inteiramente, pelo menos espero que tenha aberto um pouco sua mente para a possibilidade de que uma parte de nós sobrevive quando morremos. Lembre-se: manter a mente aberta é essencial, porque só quando nossa mente está aberta é que podemos progredir e evoluir como raça humana. Na verdade, não faz tanto tempo que a maioria das pessoas realmente acreditava que a Terra fosse plana. Pensava-se que, se alguém se aventurasse a ir muito longe, cairia da beirada do mundo. Só quando alguns corajosos questionaram essa suposição e retornaram com histórias do que haviam visto além do horizonte, as pessoas pouco a pouco começaram a aceitar que o fim do mundo só existia em sua cabeça. Hoje em dia, muitas pessoas ainda temem navegar além do horizonte da vida rumo à morte. Elas pensam na morte como o fim da existência, mas as histórias contadas neste livro provam que isso não é verdade. Elas mostram que, após a morte, uma nova e maravilhosa vida nos aguarda e que a morte é algo que existe apenas dentro de nossa mente. Precisamos apenas parar de acreditar nela para remover o medo que ela provoca.

Se você leu este livro com o coração e a mente abertos, vai saber que a morte não existe. Tudo o que acontece é uma transformação, uma mudança de um estado físico para um estado espiritual, mais parecido com a maneira como a lagarta se transforma em borboleta. Uma parte de você sempre soube dessa eterna verdade, mas pode tê-la esquecido em meio ao caos e à confusão do mundo material.

Por isso, quando chegamos às linhas finais deste livro, você pode estar achando que o que leu parece de algum modo familiar, pois já sabia disso tudo. E porque as histórias contadas neste livro oferecem vislumbres de uma dimensão espiritual real que você já vivenciou e para onde um dia retornará,

quando o seu tempo na Terra estiver completo. Elas oferecem vislumbres de um mundo de maravilhas e beleza, onde todos os que para lá foram antes de você estão vivendo em eterno amor, alegria e paz. Elas lhe revelam um lugar que o seu coração intuitivamente reconhece como seu verdadeiro lar espiritual.

Escute o seu coração.

Ele sempre sabe o que é real.

## Um convite

Quanto mais falarmos abertamente sobre os encontros após a morte, mais conforto e esperança isso trará aos que passam pelo luto após a perda de um ente querido. Então, se você recebeu uma visitação ou teve uma visão de uma pessoa ou de um animal querido, ou teve um encontro após a morte ou uma experiência de qualquer tipo e gostaria de compartilhar a sua história, por favor, entre em contato comigo. Vou adorar receber notícias suas e, se possível, incluir sua história em um futuro livro. Para me enviar uma história ou simplesmente entrar em contato, você pode visitar meu site, [www.theresacheung.co.uk](http://www.theresacheung.co.uk). ou me escrever aos cuidados de Simon and Schuster, 1st Floor, 222 Gray's Inn Road, London WC1X 8HB.

### Leituras e pesquisas adicionais

A seguir estão listados livros, pesquisas, estudos de caso e artigos escritos por cientistas, psicólogos, médicos, parapsicólogos e pesquisadores, assim como algumas proeminentes organizações e sites de pesquisa sobre a vida após a morte. Todos eles proporcionam evidências sólidas, científicas e estudos de caso que podem ser apresentados para corroborar a conclusão a que chegamos neste livro: existe vida após a morte. Se você decidir ler mais a respeito, verá imediatamente que eu poderia ter incluído neste livro muito mais evidências científicas indiscutíveis e estudos de caso bastante conhecidos. Sinto claramente que as evidências mais poderosas e convincentes da vida após a morte são as histórias verdadeiras que me foram enviadas por pessoas comuns.

**ALLEN**, Edward. *The survival files: the most convincing evidence yet compiled for the survival of the soul* (Moment Point Media, 2007).

**ALMEDER**, Robert. *Beyond Death: evidence for Life after Death* (Thomas, 1987).

**BARRETT**, William. *Deathbed visions* (White Crow, 2011).

**BAYLESS**, Raymond. *Apparitions and survival after death* (University Books, 1973).

**BROWNE**, Mary. *Life after death* (Ivy Books, 1997).

**CALVI-PARISSETTI, Piero.** *21 Days into the afterlife* (e-book gratuito disponível em [www.openmindsite.com](http://www.openmindsite.com)).

**CHEUNG, Theresa.** *The element encyclopedia of the psychic world* (Harper Element, 2006).

**COOPER, Callum.** *Telephone calls from the dead* (Tricorn, 2012).

**CROOKES, William.** *Researches into the phenomenon of spiritualism* (Forgotten, 2012).

**FONTANA, David.** *Is there an afterlife? A comprehensive review of the evidence* (O Books, 2005).

. *Life Beyond Death: what should we expect?* (Watkins, 2009).

**GAULD, Alan.** *Mediumship and Survival: a century of investigations* (Flamingo, 1983).

**GROSSO, Michael.** *Experiencing the next world now* (Pocket, 2004).

. “The survival of personality in a mind-dependent world”, *Journal of the American Society for Psychical Research*, 73, 1976, pp. 367-80.

**GURNEY, Edmund.** *Phantasms of the living* (Cambridge Library Collection: Spiritualism, 2001).

**HUDE, Anna.** *The evidence for communication with the dead* (e-book gratuito disponível em <http://openlibrary.org>).

**HYSLOP, James.** *Contact with the other world: the latest evidence* (Forgotten, 2012).

**IVERSON, Jeffrey.** *In search of the dead: a scientific investigation of evidence of life after death* (BBC, 1992).

**KEEN, Montague.** *The scale report: an account of an investigation into the genuineness of a range of physical phenomena associated with a mediumistic group in Norfolk, England* (Saturday Night, 2011).

O respeitado pesquisador paranormal Montague Keen também reuniu uma lista de vinte casos que ele considera provas conclusivas da existência da vida após a morte. Sua lista foi baseada em outra similar, originalmente publicada pelo professor Archie Roy em *The Paranormal Review*, uma revista da Society of Psychical Research. Segue-se essa lista.

1. The Watseka Wonder. **STEVENS, E. W.** “The watseka wonder, Chicago”, *Religio-Philosophical*, 1887 e Hodgson, R. , *Religio-Philosophical Journal*, 20 de dezembro de 1890, investigado

pelo dr. Hodgson.

2. Uttara Huddar and Sharada. **STEVENSON, I. & PASRICHA, S.** ‘A preliminary report on an unusual case of the reincarnation type with xenoglossy’, *Journal of the American Society for Psychical Research* 74, 1980, pp. 331-48 e **AKOLKAR, V V** “Search for Sharada: report of a case and its investigation ’; *Journal of the American Society for Psychical Research* 86, pp. 209-47.
3. Sumitra and Shiva-Tripathy. **STEVENSON, I. PASRICHA, S. & MCLEAN-RICE, N.** “A case of the possession type in India with evidence of paranormal knowledge”, *Journal of the Society for Scientific Exploration* 3, 1989, pp. 81-101.
4. **JASBIR LAL, Jat; STEVENSON, I.** *Twenty cases suggestive of reincarnation.* 2 ed. (University Press of Virginia, 1974).
5. The Thompson/Gifford case. **HYSLOP. J. H.** “A case of veridical hallucinations”, *Proceedings of American Society for Psychical Research?*», 1909, pp. 1-469.
6. Past-life regression. **TARAZI, L.** “An unusual case of hypnotic regression with some unexplained contents ”, *Journal of the American Society for Psychical Research*, 84, 1990, pp. 309-44.
7. Gross-correspondence communications. **BALFOUR, J.** “The palm Sunday case: new light on an old love story”, *Proceedings of the Society for Psychical Research* 52, 1958-1960, pp. 79-267.
8. Book and Newspaper Tests. **THOMAS, G. D.** “A proxy case extending over eleven sittings with Mrs. Osborne Leonard”, *Proceedings of the Society for Psychical Research* 43, 1935, pp. 439-519.
9. “Binds” book-test. **GLENCONNOR, Lady.** *The Earthen Vessel* (John Lane, 1921).
10. The Harry Stockbridge communicator. **GAULD, A.** “A Series of drop-in communicators”, *Proceedings of the Society for Psychical Research* 55, 1966-1972, pp. 273-340.
11. The Bobby Newlove case. **THOMAS, C. D.** “A Proxy case extending over eleven sittings with Mrs. Osborne Leonard”,

*Proceedings of the Society for Psychological Research*, 43, 1935, pp. 439-519.

12. The Runki missing-leg case. **HARALDSSON, E. & STEVENSON, I.**<sup>†</sup> A communicator of the drop-in type in Iceland: the case of Runolfur Runolfsson”, *Journal of the American Society for Psychological Research* 69, 1975, pp. 33-59.
13. The Beidermann drop-in case. **GAULD, A.** ‘A series of drop-in communicators”, *Proceedings of the Society for Psychological Research*, 55, 1966-72, pp. 273-340.
14. The death of Gudmundur Magnusson. **HARALDSSON, E. & STEVENSON, I.** ‘A communicator of the drop-in type in Iceland: the case of Gudni Magnusson”, *Journal of the American Society for Psychological Research* 69, 1975, pp. 245-61.
15. Identification of deceased officer. **LODGE, O.** *Raymond, or Life and Death* (Methuen, 1916).
16. Mediumistic evidence of the Vandy death. Gay, K. “The case of Edgar Vandy”, *Journal of the Society for Psychological Research* 39, 1957, pp. 1-64; **MACKENZIE, A.** ‘An Edgar Vandy proxy sitting”, *Journal of the Society for Psychological Research* 46, 1971, pp. 166-73; **KEEN, M.** “The case of Edgar Vandy: defending the evidence”, *Journal of the Society for Psychological Research* 64, 2002, pp. 247-59; Letters, *Journal of the Society for Psychological Research* 67, 2003, pp. 221-4.
17. Mrs. Leonore Piper and the George “Pelham” communicator. **HODGSON, R.** “A further record of observations of certain phenomena of trance”, *Proceedings of the Society for Psychological Research*, 13, 1897-8, pp. 284-582.
18. Messages from “Mrs. Willett” to her sons. **CUMMINGS, G.** *Swan on a black sea* (Routledge & Kegan Paul, 1965).
19. Ghostly aeroplane phenomena. **FULLER, J. G.** *The airmen who would not die* (Souvenir, 1981).
20. Intelligent responses via two mediums: the Lethe case. **PIDDINGTON, J. G.** “Three incidents from the Sittings”, *Proceedings of the Society for Psychological Research* 24, 1910, pp. 86-143; **LODGE, O.** “Evidence of

classical scholarship and of cross-correspondence in some new automatic writing”, *Proceedings of the Society for Psychical Research*, 25, 1911, pp. 129-42.

**KUBLER-ROSS**, Elizabeth. *On death and dying* (Routledge, 2009).

**LAGRAND**, Louis. *After death communication finalfarewell: extraordinary experiences of those mourning the death of loved ones* (Llewellyn, 1997).

**LODGE**, Oliver. *Life and death: evidence for survival after death* (Biblio Bazaar, 2010).

**LONG**, Jeffrey. *Evidence of the afterlife: the science of near-death experiences* (Harper Element, 2010).

**MOODY**, Raymond. *Life after life: survival of bodily death* (Rider, 2001).

**MORSE**, Melvin & **TERRY**, Paul. *Closer to the light: learning from the near-death experiences of children* (Ivy, 1992).

**MYERS**, F. W. H. *Human personality and its survival after death* (Forgotten, 2012).

**NEWTON**, Michael. *Journey of souls: case studies of lives between lives* (Llewellyn, 1994).

**Osis**, Karlis. *At the hour of death* (Hastings House, 2006).

**RADIN**, Dean. *The conscious universe: the scientific truth of psychic phenomena* (Harperone, 1997).

**RAUDIVE**, Konstantin. *Breakthrough: an amazing experiment in electronic communication with the dead* (Colin Smyth, 1971).

**RICHEL**, Charles. *Thirty years of psychical research* (Kessinger, 2003).

**RING**, Kenneth. *Life at death: a scientific investigation of near-death experiences* (William Morrom, 1982).

**ROGO**, D. Scott. *Life After death: the case for survival after bodily death* (Guild, 2006).

**SABOM**, Michael. *Recollections of death: a medical investigation* (Corgi, 1982).

*. Light and death: one doctor’s fascinating account of near-death experiences* (Zondervan, 1998).

**SAGE**, Michael. *Mrs. Piper and the society of psychical research* (Tredition, 2012).

**SCHWARTZ**, Gary & **BEISCHEL**, Julie. “Anomalous information reception by research mediums demonstrated using a novel triple-blind protocol”, *Explore*,

3-1-2007, 1 ed. pp. 23-7.

**SULLIVAN**, Robert. *Angels on the night shift: true stories from the ER* (Harvest House, 2012).

**THOMAS**, Charles. *Life beyond death with evidence* (Read, 2006).

**TYMM**, Michael. *The afterlife revealed: what happens after we die* (White Crow, 2001).

**UNDERWOOD**, Peter. *Ghosts and how to see them* (Anaya, 1994).

**WALLACE**, Alfred. *Miracles and modern spiritualism* (Cambridge University Press, 2009).

**ZAMMIT**, Victor. *A lawyer presents the case for the afterlife* (e-book gratuito no site [www.victorzammit.com](http://www.victorzammit.com)).

Organizações (em inglês)

**Association for the Scientific Study of Anomalous Phenomena** ([www.assap.org](http://www.assap.org)): organização que adota uma abordagem aberta e científica ao estudo de fenômenos inexplicáveis; os resultados de todas as investigações são publicados. Oferece um programa de treinamento para encorajar os membros a realizar suas investigações de maneira disciplinada e responsável.

**College of Psychic Studies** ([www.collegeofpsychicstudies.co.uk](http://www.collegeofpsychicstudies.co.uk)): essa faculdade foi fundada há 125 anos por um grupo de eminentes pesquisadores e cientistas, com o propósito de investigar formalmente fenômenos psíquicos e mediúnicos. Atualmente a faculdade expandiu e incluiu a pesquisa mais geral da existência de uma consciência além da matéria e oferece vários cursos, conferências e *workshops* sobre questões espirituais.

**Cruise Bereavement Care** ([www.cruisebereavement-care.org.uk](http://www.cruisebereavement-care.org.uk)): não está de maneira nenhuma conectada com a espiritualidade ou com a pesquisa da vida após a morte, mas trata-se de uma instituição beneficente destinada a promover o bem-estar de pessoas enlutadas e ajudar qualquer pessoa que sofra a perda de um ente querido a entender seu luto e enfrentar essa perda. Oferece aconselhamento confidencial e apoio, bem como conselhos sobre aspectos práticos.

**Para.Science** ([www.parascience.org.uk](http://www.parascience.org.uk)): este grupo se dedica ao estudo sério de todos os tipos de fenômenos paranormais e faz uso dos mais modernos equipamentos e técnicas para realizar suas pesquisas. Todos os resultados das investigações realizadas podem ser acessados pelo público.

**Society for Psychical Research (SPR) ([www.spr.ac.uk](http://www.spr.ac.uk), na Inglaterra, e [www.aspr.com](http://www.aspr.com), nos Estados Unidos):** o objetivo da SPR é investigar cientificamente e entender os eventos e as habilidades tipicamente descritas como psíquicas ou paranormais. A sociedade promove e apoia as pesquisas acadêmicas e publica jornais acadêmicos. Também organiza eventos educacionais e promove uma conferência anual. Além disso, produz o *Journal of the Society for Psychical Research*, uma publicação trimestral com pesquisas acadêmicas e estudos de caso. **Spiritualist Association of Great Britain ([www.sagb.org.uk](http://www.sagb.org.uk)):** o principal propósito dessa associação é oferecer, através da mediunidade, evidências da continuação da personalidade após a morte física e aliviar o sofrimento mediante a cura espiritual.

Sites (em inglês)

**After Death Communication Research Foundation ([www.adcrf.org](http://www.adcrf.org)):** dedicado a experiências da vida após a morte e à busca do seu significado após a perda de um ente querido. **Near Death Experience Research Foundation ([www.nderf.org](http://www.nderf.org)).**

**Out of Body Experience Research Foundation ([www.oberf.org](http://www.oberf.org)):** dedicada a relatar e pesquisar EQMs e EFGs e outros eventos espiritualmente transformadores.

Dois outros sites que vale a pena consultar para a pesquisa de EQM são: [www.aleroy.com](http://www.aleroy.com) e [www.near-death.com/evidence.html](http://www.near-death.com/evidence.html).

E finalmente...

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos sugerem que a maioria dos médicos acreditam que existe vida após a morte e dizem que suas crenças espirituais influenciam a maneira como praticam a medicina. Em um levantamento realizado com mais de mil médicos, 76% disseram acreditar no céu, e 59% disseram acreditar em algum tipo de vida após a morte. Ver [www.msnbc.msn.com/id/8318894](http://www.msnbc.msn.com/id/8318894).

E, ao contrário da opinião popular, outro estudo indica que quanto mais instruída e inteligente é a pessoa, maior a probabilidade de ela acreditar na existência da vida após a morte. Ver [www.msnbc.msn.com/id/10950526](http://www.msnbc.msn.com/id/10950526).

*A morte não é a extinção da luz; é apenas o apagar da lâmpada porque raiou*

*a aurora.*

Rabindranath Tagore

## Agradecimentos

No adverso clima econômico atual, conseguir a publicação de um livro - especialmente um livro voltado para o aspecto espiritual de nossa vida - parece um milagre. Por isso sou profundamente grata à minha maravilhosa agente, Clare Hulton, e à minha entusiástica editora, Kerri Sharp, por se empenharem na publicação de *Existe vida após a morte*. Também agradeço a todo o pessoal da Simon & Schuster por ser tão prestativo e empenhado durante o processo de preparação para a publicação deste livro — é realmente uma alegria ser uma autora da Simon & Schuster.

Como sempre, meus sinceros agradecimentos à minha linda família - Ray, Robert e Ruthie —, por seu amor, paciência e apoio quando me exilei para concluir este projeto.

E agradeço em especial a todos os que contribuíram com suas histórias para este livro. Quero que saibam que, compartilhando suas experiências, estão levando conforto e esperança a muitos outros. Estão realmente fazendo a diferença ao ajudar a difundir a mensagem de que a vida após a morte é uma realidade. Vocês podem não perceber isso, mas estão mudando e salvando vidas com suas palavras.